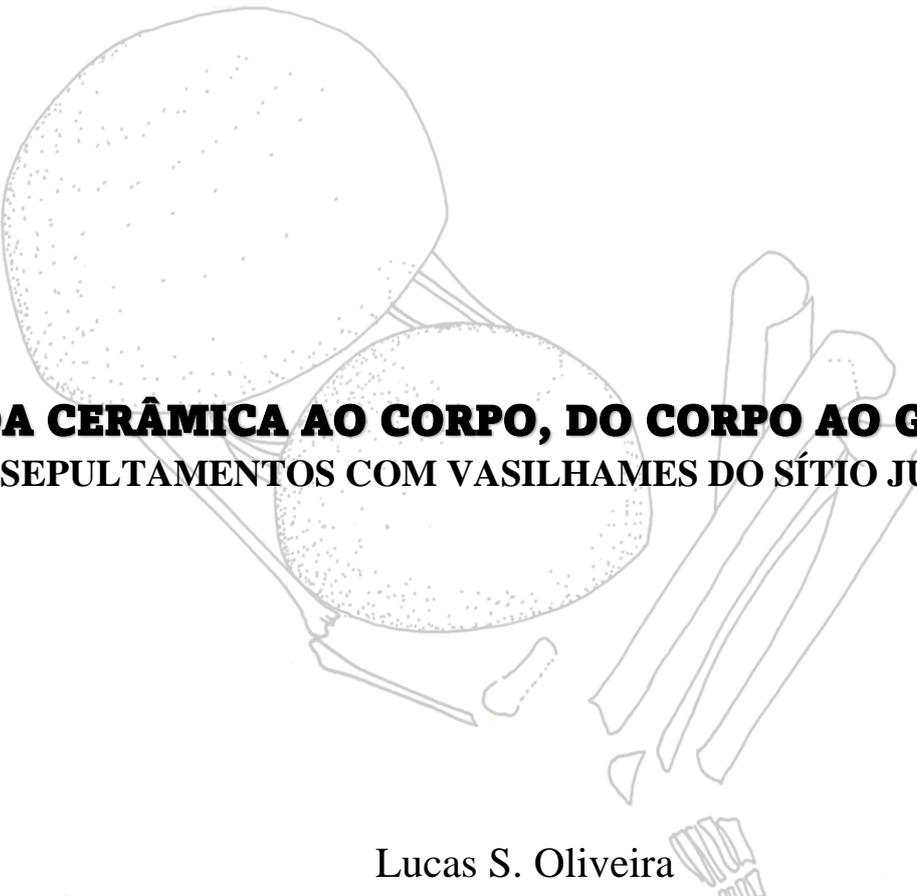




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA



**DA CERÂMICA AO CORPO, DO CORPO AO GÊNERO**  
SEPULTAMENTOS COM VASILHAMES DO SÍTIO JUSTINO

Lucas S. Oliveira 

Laranjeiras - SE  
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**DA CERÂMICA AO CORPO, DO CORPO AO GÊNERO  
SEPULTAMENTOS COM VASILHAMES DO SÍTIO JUSTINO**

Lucas S. Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Arqueologia, pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Klokler

Linha de pesquisa: Arqueologia, Patrimônio e Sociedade

Agência Financiadora: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior)

Laranjeiras - SE  
2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Oliveira, Lucas Santos  
O48d Da cerâmica ao corpo, do corpo ao gênero: sepultamentos com  
vasilhames do sítio Justino / Lucas Santos Oliveira; orientadora  
Daniela Magalhães Klökler. - Laranjeiras, 2023.  
171 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal  
de Sergipe, 2023.

1. Arqueologia e história. 2. Cerâmica. 3. Ritos e cerimônias  
fúnebres. 4. Levantamentos arqueológicos - São Francisco, Rio.  
5. Indígenas da América do Sul - Brasil. I. Klökler, Daniela  
Magalhães, orient. II. Título.

CDU 902(813.7)

LUCAS S. OLIVEIRA

**DA CERÂMICA AO CORPO, DO CORPO AO GÊNERO  
SEPULTAMENTOS COM VASILHAMES DO SÍTIO JUSTINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Arqueologia da Universidade  
Federal de Sergipe.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Magalhães Klökler  
Orientadora – Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Maria Dulce Gaspar – membro externo  
1ª examinadora – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida – membro interno  
2º examinador – Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia – membro suplente  
Universidade Federal de Sergipe

À todes que não se sentem representades pelas narrativas  
arqueológicas produzidas.

## **AGRADECIMENTOS**

---

Construir uma dissertação, especialmente durante um período pandêmico, não foi das melhores experiências. Justamente por conta dos obstáculos travados durante essa etapa, preciso, mais do que nunca, agradecer uma porção de pessoas que passaram por mim e agregaram, mesmo que indiretamente em alguns casos, com esta pesquisa.

Para iniciar os agradecimentos, não poderia deixar de mencionar a ajuda exacerbada dos meus familiares (pai, mãe e irmã), principalmente o apoio financeiro que me permitiu chegar até aqui. Vocês foram tão essenciais que não conseguiria descrever em poucas palavras tal relevância!

À Dani que desde o início da minha formação em Arqueologia foi uma grande parceira, para além de orientadora, me ajudando a pensar de forma mais profícua uma pesquisa arqueológica, mas sobretudo me permitindo alçar voos em temas e possibilidades na Arqueologia: da zooarqueologia aos estudos de gênero em contextos funerários. Se consigo expressar pensamentos e desenvolver pesquisas arqueológicas, você foi o diferencial nisso tudo!

Ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e todo o seu corpo docente por acreditarem no meu potencial e permitir que a pesquisa fosse desenvolvida. Em especial, preciso agradecer aos professores Bruno Sanches e Lorena Garcia pelas discussões e sugestões que em muito incrementaram na realização dessa pesquisa.

Aproveito para agradecer a Profa. Dra. Verônica Wesolowski do MAE/USP por ter aceitado participar da minha qualificação, sendo os seus comentários extremamente relevantes para a confecção do texto. Também agradeço pelo convite de participar da disciplina de Estruturas Funerárias no MAE. Todas as discussões referentes a análise de contextos mortuários e as sugestões teóricas foram levadas em consideração com muito carinho.

Um obrigado especial ao Prof. Dr. Fernando e a Profa. Dra. MaDu por aceitaram participar da minha banca. Suas sugestões para o enriquecimento dessa pesquisa valeram a pena e tornou tal dissertação mais robusta e satisfatória.

Ao PROBASÃO e todos os seus integrantes por me proporcionarem o estímulo e o profundo conhecimento sobre a arqueologia do baixo São Francisco, especialmente aquela voltada para a compreensão das populações ceramistas de tal região. Os trabalhos de campo e em laboratório, sobretudo com a escavação dos sepultamentos em casulos, elucidaram em demasia a minha relação com esse meu objeto de estudo.

Aos amigos que acompanharam todo esse processo de perto e que me ajudaram com a angústia e o medo de não dar conta: Adriana Schuster, Caroline Marques, Enderson Rodrigo, Ênia Ravena, Gabi Alves, Gabriel Silva, Larissa Oliveira, Maryana Gonçalves, Priscyla Viana, Raul Henrique, Sérgio Henrique e Silvia Seixas, o apoio de vocês foi surreal para a realização da pesquisa. Aqui também agradeço os parceiros e colegas do mestrado: Amanda Barreto (que cedeu o mapa incrível da localização do Justino), Francisco Gonzaga, Eliezer Botelho, Iriz Hirooka, Julia Xavier, Larousse Magalhães, Sofia Nascimento, e, por fim, Beatriz Velozo e

Emanoel Teixeira que trocaram informações super proeminentes acerca das suas avaliações com sítio Justino.

Aos amigos e companheiros de estrada/contrato: Aline, Devanir, Grazi, Julimar, Letícia, Rowsy, Sheila, Tamires e Vanessa. Agradeço imensamente pelas oportunidades de campos e por me mostrarem que a Arqueologia Preventiva pode e deve ser séria ao mesmo tempo que divertida, mesmo com os perrengues associados.

Gratidão também a toda a equipe do Museu de Arqueologia de Xingó, especialmente Edmarques, pela permissão de realizar a pesquisa com os arquivos e materiais alojados na Reserva Técnica, sobretudo em um período que as portas ficaram fechadas por conta da pandemia. Muito obrigado!

Aos vivos que enterraram seus mortos no espaço que hoje denominamos enquanto sítio Justino. Aos remanescentes desses mortos que, durante milhares de anos, “sobreviveram” aos inúmeros processos tafonômicos e que hoje nos permitem acessar diversas questões sobre as histórias dos ocupantes mais antigos do baixo São Francisco.

Por fim, agradeço à CAPES pela concessão da bolsa que me ajudou na realização da pesquisa e na conclusão dessa dissertação.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (Chimamanda Ngozi, 2019, p. 32)

## RESUMO

---

Desde a identificação e escavação do sítio Justino no início da década de 1990, o conjunto de sepultamentos foi alvo de inúmeras pesquisas que avançaram de forma pertinente na compreensão das práticas funerárias que ali ocorreram ao longo de milhares de anos (entre 9.000 anos AP até o séc. XVII). Dentre as diferentes formas de sepultar os mortos, a deposição de vasilhames cerâmicos sobre partes específicas do corpo, que serviram como envoltório funerário ou que simplesmente foram colocados próximos aos falecidos, intrigaram os pesquisadores em avaliações anteriores, no entanto tais pesquisas não aprofundaram nos aspectos sócio simbólicos que tais associações poderiam ter para com os mortos, apresentando apenas as descrições tecno-tipológicas desses artefatos e, em poucos casos, demonstrando que os indivíduos que receberam vasilhames apresentar-se-iam em vida com algum tipo de *status* elevado. Diante das possibilidades, buscamos extrapolar tais inferências através das abordagens de Gênero e da História Indígena para compreendermos se esses bens fúnebres poderiam demarcar performatividades de gênero. Com o levantamento de dados sobre os corpos dos falecidos (sexo, idade, patologias), das formas de sepultar os mortos (posição do corpo, membros, crânio e face, dos tipos de inumação e das covas) e, por fim, dos acompanhamentos, todos esses aspectos subsidiados com informações etno-históricas e etnográficas, conseguimos compreender que algumas partes específicas do corpo do morto seriam simbolicamente mais relevantes e que, pelo número de indivíduos que receberam esses vasos mortuários perpassarem apenas 16% dos enterramentos do Justino, identificamos que essas pessoas teriam funções sociais de destaque, como xamãs, musicistas e/ou instrumentalistas, guerreiras e guerreiros, líderes, dentre outros. Tais resultados demonstram não ser cabível pensar que essa relevância social fosse atribuída unicamente a uma única categoria sexual e que outras formas de identidades estivessem atreladas nas performatividades de gênero no passado do baixo São Francisco.

**Palavras-Chave:** Arqueologia Funerária; Vasilhames Mortuários; Estudos de Gênero; História Indígena no Baixo São Francisco.

## **ABSTRACT**

---

Since the identification and excavation of the Justino site in the early 1990s, the group of burials has been the subject of numerous researches that have advanced pertinently in the understanding of the funerary practices that took place there over thousands of years (between 9.000 years BP to the 17th century). Among the different ways of burying the dead, the deposition of ceramic vessels on specific parts of the body, which served as a funerary wrapping or which were simply placed next to the deceased, intrigued researchers in previous assessments, however, such researches did not delve into the socio-symbolic aspects that such associations could have towards the dead, presenting only the techno-typological descriptions of these artifacts and, in a few cases, demonstrating that the individuals who received vessels would present themselves in life with some kind of high status. Ahead the possibilities, we seek to extrapolate such inferences through the approaches of Gender and Indigenous History to understand whether such accompaniments could demarcate possible gender performativities. With the collection of data about the bodies of the deceased (sex, age, pathologies), the ways of burying the dead (position of the body, limbs, skull and face, types of inhumation and graves) and, finally, the good graves, all of these aspects subsidized according to ethno-historical and ethnographic information, we were able to understand that some specific parts of the dead body would be symbolically more relevant and that, in front of the number of individuals who received these mortuary vases, which permeated only 16% of Justino's burials, we identified that these people would have prominent social roles, such as shamans, musicians and/or instrumentalists, warriors, leaders, among others. These results demonstrate that it is not appropriate to think that this social relevance was attributed solely to a single sexual category and that other forms of identities were linked to gender performativities in the past of the lower São Francisco.

**Keywords:** Funerary Archeology, Mortuary Vessels, Gender Studies, Indigenous History in the Lower São Francisco.

## **LISTA DE QUADROS**

---

<b>Quadro 1.</b> Cemitérios e fases de ocupação do Justino.....	46
<b>Quadro 2.</b> Relação de sepultamentos com contas de vidros ou contas isoladas do Justino.....	47
<b>Quadro 3.</b> Novos intervalos de enterramentos entre as decapagens 14-4.....	48
<b>Quadro 4.</b> Dados sobre as análises dos remanescentes esqueléticos do sítio Justino.....	62
<b>Quadro 5.</b> Posição dos remanescentes esqueléticos nas suas estruturas funerárias.....	63
<b>Quadro 6.</b> Informações acerca da distribuição espacial-temporal dos sepultamentos com cerâmica do Justino levantadas na literatura.....	65
<b>Quadro 7.</b> Aspectos morfológicos das cerâmicas associadas aos mortos do sítio Justino.....	71
<b>Quadro 8.</b> Formas dos vasilhames cerâmicos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino.....	71
<b>Quadro 9.</b> Formas dos vasilhames associados aos mortos.....	72
<b>Quadro 10.</b> Outros acompanhamentos funerários presentes nos sepultamentos amostrados.....	73
<b>Quadro 11.</b> Artefatos e seus respectivos nomes para o grupo Kariri.....	84
<b>Quadro 12.</b> Descrição das tradições ceramistas relacionadas aos povos Macro-Jê.....	89

## **LISTA DE TABELAS**

---

<b>Tabela 1.</b> Quantitativo de sepultamentos e elementos cerâmicos por cemitérios do Justino. ....	50
<b>Tabela 2.</b> Tipos de adornos recuperados nos sepultamentos amostrados. ....	123

## **LISTA DE GRÁFICOS**

---

<b>Gráfico 1.</b> Totalidade dos sepultamentos do Justino com aqueles que apresentam vasilhames cerâmicos. ....	97
<b>Gráfico 2.</b> Estimativa de sexo e idade dos indivíduos com vasilhames cerâmicos do Justino. ....	99
<b>Gráfico 3.</b> Proporção de patologias ósseas identificadas na amostragem averiguada. ....	100
<b>Gráfico 4.</b> Proporção na orientação do crânio e da face dos sepultamentos com cerâmicas do Justino. ....	109
<b>Gráfico 5.</b> Dimensões dos vasilhames cerâmicos (identificados pelos seus números de tombo e sepultamentos no eixo vertical) associados aos enterramentos. ....	118
<b>Gráfico 6.</b> Proporção da tipologia de adornos associados aos sepultamentos com vasilhames do sítio Justino. ....	122

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

<b>Figura 1.</b> Localização dos sítios com contextos funerários estudados através das abordagens de gênero. ....	23
<b>Figura 2.</b> Localização do sítio Justino na Área Arqueológica de Xingó (Fonte: Barreto, 2020). ....	36
<b>Figura 3.</b> Setores de escavação do sítio Justino. ....	38
<b>Figura 4 e 5.</b> Escavação do Justino e sepultamentos em processo de exumação (Fonte: Acervo do MAX). ....	39
<b>Figura 6.</b> Formas de associação cerâmica com os mortos do sítio Justino. ....	52
<b>Figura 7.</b> Alterações na face da sínfise púbica de acordo a idade (Fonte: Buikstra e Ubelaker, 1994). ....	60
<b>Figura 8.</b> Diferenças sexuais através de partes específicas dos ossos (Fonte: Buikstra e Ubelaker, 1994). ....	61
<b>Figura 9.</b> Conglomerado de grupos indígenas no baixo são Francisco e localização do sítio Justino em vermelho. (Adaptado de Nimuendaju, 1949). ....	76
<b>Figura 10.</b> Abrangência de populações Macro-Jê nas terras baixas sul-americanas (Fonte: Andrey Nikulin, 2020). ....	78
<b>Figura 11.</b> Área ocupada pelos Kariri no século XVII (Fonte: Ferrari, 1957). ....	79
<b>Figura 12.</b> Demonstração da patologia infecciosa (treponematose ) que acometeu o indivíduo do sepultamento 118. (Fonte: Acervo do MAX; Carvalho, 2007). ....	101
<b>Figura 13.</b> Demonstração da patologia traumática identificada no indivíduo do sepultamento 109 (Fonte: Acervo do MAX; Carvalho, 2007). ....	102
<b>Figura 14.</b> Sepultamento 116 que se apresentou com sacralização da L5. ....	103
<b>Figura 15.</b> Sepultamento 166 e a disposição dos ossos no interior da urna. (Fonte: Acervo do MAX). ....	105
<b>Figura 16.</b> Demonstração da movimentação da mandíbula no sep. 116. (Fonte: Acervo do MAX). ....	106
<b>Figura 17.</b> Sep. 116: à esquerda sem o vasilhame e à direita com o vasilhame. (Fonte: Acervo do MAX). ....	107
<b>Figura 18.</b> Sepultamentos do Justino em decúbito lateral esquerdo e direito (Fonte: Acervo do MAX). ....	108
<b>Figura 19.</b> Distribuição espacial dos sepultamentos com cerâmicas do sítio Justino no plano horizontal. ....	110
<b>Figura 20.</b> Distribuição espacial dos sepultamentos com cerâmicas do sítio Justino no plano vertical. ....	111
<b>Figura 21.</b> Sepultamento 118 com vasilhames sobre a cabeça e o abdômen (Fonte: Acervo do MAX). ....	113
<b>Figura 22.</b> Sepultamento 142 e 132 com a presença dos vasilhames mortuários. (Fonte: Acervo do MAX). ...	114
<b>Figura 23.</b> Vasilhame 21.996 identificado no sep. 119. Nota-se a presença de furos próximos a borda. ....	115
<b>Figura 24.</b> Tratamento de superfície escovado do vasilhame encontrado no sep. 132. ....	116
<b>Figura 25.</b> Vestígios de fauna nos sepultamentos com cerâmicas. (Fonte: Carvalho, 2006; Acervo do MAX). ....	120
<b>Figura 26.</b> Flautas identificadas nos sepultamentos estudados (Fonte: Jesus, 2014). ....	121
<b>Figura 27.</b> Contas de vidros identificadas nos sepultamentos averiguados (Fonte: Silva, 2017). ....	124

# SUMÁRIO

---

<b>PREFÁCIO</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
I. OBJETIVOS	20
II. A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	22
<b>CAPÍTULO I - GÊNERO, ARQUEOLOGIA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS</b>	<b>12</b>
1.1. O SURGIMENTO DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO	16
1.2. MAIS DOS QUE MULHERES NA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO	18
1.3. E NO BRASIL?	21
1.3.1. GÊNERO, ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E O PASSADO PRÉ-COLONIAL...	22
1.4. OUTRAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA AMÉRICA INDÍGENA	29
<b>CAPÍTULO II - UMA NECRÓPOLE DE LONGA DURAÇÃO NO BAIXO SÃO FRANCISCO</b>	<b>35</b>
2.1. DAS OCUPAÇÕES E CRONOLOGIAS DO JUSTINO	39
2.1.1. CEMITÉRIOS	40
2.1.2. ENTRE OS CEMITÉRIOS, OUTRAS FUNCIONALIDADES?	42
2.1.3. OCUPAÇÕES MAIS RECENTES	47
2.2. DAS PESQUISAS COM AS CERÂMICAS E OS SEPULTAMENTOS	49
<b>CAPÍTULO III - MORTOS COM CERÂMICAS E A ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA</b>	<b>55</b>
3.1. BIOARQUEOLOGIA E OS REMANESCENTES ESQUELÉTICOS HUMANOS	59
3.2. DAS FORMAS AOS ESPAÇOS DE SEPULTAR OS MORTOS	63
3.3. DAS CERÂMICAS AOS OUTROS BENS FUNERÁRIOS	68
<b>CAPÍTULO IV - POVOS E CULTURA MATERIAL NO BAIXO SÃO FRANCISCO</b>	<b>75</b>
4.1. OS FALANTES MACRO-JÊ E OS SEUS MARCADORES CULTURAIIS	77
4.2. UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE OS KARIRI	82
4.3. CERÂMICA, POVOS MACRO-JÊ E OS KARIRI...	88
4.4. CERÂMICA, CORPO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO	92
<b>CAPÍTULO V - CERÂMICA, CORPO E GÊNERO: RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>97</b>
5.1. O CORPO BIOLÓGICO DAS/DOS FALECIDAS/DOS	98
5.2. TIPOS DE SEPULTAMENTOS E A POSIÇÃO DO CORPO ENTERRADO	104
5.3. VASILHAMES, SUAS FORMAS E OUTROS ACOMPANHAMENTOS	116
5.4. DA CERÂMICA AO CORPO, DO CORPO AO GÊNERO: ALGUMAS INFERÊNCIAS!	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>151</b>

## PREFÁCIO

---

De uma família oriunda do sertão baiano cujo objetivo almejava melhores condições em São Paulo, nasci e tive os meus primeiros anos vividos na periferia de Guarulhos. Meu pai, como dizem os mais velhos, se juntou com a minha mãe, esta que havia saído de um casamento bastante abusivo e que, após, trabalhava como doméstica na casa de familiares próximos ao meu pai. Durante seus trabalhos, já separada, conheceu meu pai que já morava em São Paulo à época, e com o falecimento do meu avô, retornou a Bahia para ajudar a família enlutada naquele momento. Foi nesse período que minha mãe engravidou do meu pai e gerou a minha irmã mais velha.

Início dos anos 1990, sendo uma mulher separada, isto certamente não seria bem-visto pela sociedade de Candiba. Minha mãe, para tanto, se viu na possibilidade de ir para São Paulo, não somente com o sonho de trabalhar, mas de abafar os comentários que, porventura, poderiam surgir com a gravidez inesperada de um homem que, apesar de conhecer desde a infância, não era, até então, oficializado como seu esposo. Guarulhos, dessa forma, foi a cidade escolhida para morar por minha mãe, visto que alguns parentes já viviam ali.

Em 1994 fui gerado e nasci. Apesar desse primeiro momento vivendo em Guarulhos, posso dizer, com convicção, que minha construção cultural é baiana, mais precisamente no sertão, do qual cresci conhecendo de perto a dura realidade de ser um sertanejo. Nessa região histórico-cultural e política denominada como Alto Sertão, iniciei o meu processo de aprendizagem, já que em 1999, quando tinha por volta de 4 a 5 anos, ‘mainha’ resolveu voltar a Bahia enquanto meu pai permanecia trabalhando em São Paulo e nos enviando dinheiro para nos manter com o mínimo de dignidade.

Foi durante os primeiros anos escolares que comecei a aprender sobre as Histórias Indígenas. Lembro que na quarta-série, em 2004, uma professora nos ensinou sobre as divisões de papéis entre homens e mulheres nas sociedades indígenas. Tais atribuições me chamaram a atenção: por que as mulheres, dentro do que eu entendia, eram colocadas em papéis tão inferiores frente as atividades masculinas? Claro que naquele momento, eu nunca havia sido ensinado sobre feminismo, sobre os movimentos ligados a eles e as suas indagações. Mas certamente, o fato de ter sido criado por uma mulher forte que, de segunda a segunda, carregava em sua bicicleta várias sacolas de roupas para vender, não me deixava pensar que as

experiências das mulheres nas sociedades indígenas seriam apenas relacionadas aos cuidados das crianças e da aldeia, embora minha mãe não fosse uma mulher indígena.

Talvez este fosse o meu primeiro problema para com os estudos de gênero que resolvi, mais de uma década depois, já na graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, pesquisar. Ao adentrar o curso, o conhecimento prévio que eu tinha era quase nulo, às vezes até pensava se não seria possível também estudar os dinossauros, mesmo sabendo que não era a Arqueologia que se preocupava com esses grandes animais pré-históricos. Vindo de uma outra graduação (Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia, Campus VI – Caetitê-Ba), da qual eu só fiz os dois primeiros semestres, tinha uma ideia limitada de que a arqueologia seria apenas um campo de conhecimento técnico que somente servia para tonar acessível e complementar outros campos de conhecimentos, como a própria História e a Antropologia.

Logo de cara fui desconstruído: Fundamentos de Arqueologia e Teorias da Arqueologia, disciplinas essas ministradas pelo Prof. Dr. José Roberto Pellini que, não somente trazia discussões pertinentes sobre o que seria a Arqueologia, mas de uma série de subsídios que extrapolavam o entendimento da Cultura Material tão cara aos estudos arqueológicos. Fui ali entendendo que, para além das escavações dos vestígios atrelados as sociedades do passado, a Arqueologia também seria capaz de criar suas próprias narrativas, seja dos artefatos, da paisagem, dos corpos humanos, dos animais, das plantas e apresentar reflexões muito mais robustas do que somente assinalar os seus aspectos tecno-tipológicos.

Foi com essas desconstruções que fui compreendendo o real papel da Arqueologia. Nesse primeiro momento de vida acadêmica, iniciei uma pesquisa como voluntário no plano de trabalho intitulado ‘Etnoarqueologia, História e Arqueologia de Sambaquis’ orientado pela Profa. Dra. Daniela Klokler. O objetivo, inicialmente, seria compreender a relação humana para com os moluscos e como que a captação desses recursos impactaria no banco natural desses animais invertebrados. Apesar do intuito inicial ser de uma pesquisa quase que etnográfica, nossa investigação se deu através da medição de conchas para compreendermos se, ao longo das camadas estratigráficas de sambaquis do sul e sudeste do Brasil, as valvas diminuía, algo que havia/há bastante discussão, mas que não tinha sido, até aquele momento, avaliado. Uma única vez tendo contato com a comunidade pesqueira de Laranjeiras (Zona 14), observei que a prática de coletar moluscos é feminina e que seus trabalhos são árduos e depende de um

conhecimento técnico e força que extrapolaria as noções sexistas que temos sobre as atividades das mulheres.

Foi com esse *insight* que escrevi um projeto para a minha orientadora quando estava cursando o quarto semestre da graduação, objetivando um estudo de gênero sobre as sociedades sambaqueiras. Ela, com prontidão, aceitou, e assim, começamos a pensar como realizaríamos tal pesquisa, visto que não havia coleções arqueológicas oriundas de sambaquis em Sergipe para concretizarmos essa investigação. Em um campo que fizemos em Canindé do São Francisco, esse realizado pelo PROBASÃO<sup>1</sup>, Daniela me levou até uma sala da Reserva Técnica do MAX que havia uma série de remanescentes esqueléticos e comentou “que tal pensar sua pesquisa com o sítio Justino, visto que temos os materiais acessíveis para serem analisados?”. Bom, eu aceitei, ainda que, como todos que já trabalharam com o Justino, ter sido anteriormente apresentado a uma falsa noção de que as investigações com tal sítio já haviam se esgotado, além é claro, minha “paixonite” por sambaquis até aquele momento.

De todo modo, realizei a pesquisa de TCC com os remanescentes esqueléticos do sítio Justino, bem como os acompanhamentos funerários, uma pesquisa que considero preâmbulo dessa dissertação. Com a aprovação no Processo Seletivo de Mestrado em 2019.2 com o projeto intitulado ‘Ritual funerário, gênero e performance social à luz dos contextos funerários do baixo São Francisco’, busquei complementar os estudos que realizei com a monografia apresentada em 2018 sob o título ‘Gênero e suas nuances: abordagens através dos contextos funerários do sítio Justino, SE’ e que posteriormente foi publicado em forma de artigo na Revista *Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*<sup>2</sup>.

Com o desenvolvimento da pesquisa anterior com o sítio Justino, agora buscávamos reavaliar os dados apresentados na monografia, incluir fontes etno-históricas na discussão e utilizar o sítio São José II, outro cemitério pré-colonial localizado no baixo São Francisco, com a finalidade de percorrermos de forma mais profícua o entendimento do ritual funerário e as possibilidades de gênero dentro de uma contextualização regional, algo que não foi possível de ser realizado, visto que o São José ainda não apresentava dados robustos acerca dos remanescentes esqueléticos e das práticas funerárias. Desse modo, seguimos com o sítio Justino

---

<sup>1</sup> Projeto Baixo São Francisco, cujo objetivo é, por meio de uma abordagem interdisciplinar, produzir dados que contribuam para a compreensão das histórias das populações ceramistas do baixo rio São Francisco.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Lucas; KLOKLER, Daniela. Corpos, oferendas, rituais e gênero no sítio Justino, baixo São Francisco. *Rev. Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*. Goiânia, 16, n. 1, p. 103-124, jan./jun. 2018.

e, repensando a presença das cerâmicas nos sepultamentos enquanto possíveis demarcadores de identidade e de performatividade de gênero, decidi, em conjunto com a minha orientadora, que conseguiríamos alcançar melhores resultados se fizéssemos esse recorte.

A ideia de utilizarmos os sepultamentos com vasilhames cerâmicos do Justino se deu a partir de leituras que contemplavam a relação simbólica entre os grupos indígenas para com os artefatos. Entre as populações indígenas da Amazônia, artefatos de argila são concebidos enquanto corpos, sendo as suas morfologias e decorações pensadas para elucidar, não somente características do corpo humano, mas de uma série de subsídios que destacariam as faculdades subjetivas desse corpo de barro em consonância com os mitos e crenças dessas sociedades. No restante da América do Sul, apesar desses corpos de barro não aparecerem tão rebuscados no que tange às morfologias e decorações, como é o caso das tradições ceramistas ligadas ao tronco linguístico e cultural Macro-Jê, foi possível observar que os antiplásticos, o alisamento da superfície interna e externa e a associação desses vestígios em sepultamentos, também deixavam claro a percepção simbólica de que vasilhames também seriam corpos. Nesse sentido, chegamos ao consenso de que tais perspectivas poderiam embasar as possíveis identidades de gênero dos mortos, bem como apresentar como seriam as construções de gênero no passado pré-colonial e do contato no baixo São Francisco.

Até a qualificação ocorrida em janeiro de 2021, tal ideia (avaliar os sepultamentos com cerâmicas) continuava sendo o guia da pesquisa, ainda que a pandemia tivesse tomado parte significativa do tempo necessário para as avaliações do acervo cerâmico presente na Reserva Técnica do MAX. Assim como tantas outras pesquisas realizadas nesse período pandêmico, nossas investigações foram, por muitas vezes, travadas com os obstáculos relacionados aos acervos e bibliotecas que se encontravam fechados por conta do *lockdown*.

Importante salientar que parte da amostra de vasilhames cerâmicos descritos para os enterramentos do sítio Justino foi encontrada de forma fragmentada e, por sua vez, não havia descrições acerca de como se apresentavam nas estruturas fúnebres, o que nos colocou na “saia justa” de buscar na Reserva Técnica do MAX as documentações referentes aos sepultamentos e os acompanhamentos funerários, algo que se tornou impossível, nesse primeiro momento, visto que o acervo se encontrava fechado. Outrossim, as análises tecno-tipológicas também não haviam sido realizadas de forma aprofundada. Nesse sentido, seria indispensável buscar nas documentações de campo toda e qualquer informação acerca da localização desses artefatos

junto aos mortos, bem como realizar uma análise sobre tais, o que, pensando no tempo restante para concluirmos a pesquisa, não seria possível.

A sugestão da banca de qualificação composta pelas professoras Dra. Lorena Garcia (PROARQ-UFS) e Dra. Verônica Wesolowski (MAE-USP), que em muito contribuíram com a confecção dessa pesquisa, se deu para a avaliação dos sepultamentos que foram possíveis compreender, com o levantamento bibliográfico, a localização dos artefatos cerâmicos nas estruturas funerárias, sendo estes recuperados preservados e/ou inteiros sobre ou próximo aos corpos dos falecidos e aqueles que tiveram função como urna funerária. Dessa forma, houve uma redução do número de enterramentos a ser averiguados: de 95 para apenas 17. Inicialmente, esta redução na amostra me causou certo incômodo, visto uma amostragem relativamente baixa para compreender os rituais funerários no sítio Justino e consequentemente apresentar narrativas de gênero. Como eu poderia compreender as construções de gênero com uma amostra tão pequena? Seria possível destacar as possíveis performatividades desses indivíduos mortos com relação às práticas funerárias, sendo que tal amostragem era mínima frente ao quantitativo de sepultamentos do sítio Justino?

Com o ‘afrouxamento’ das medidas preventivas no segundo semestre de 2021 e a boa vontade do diretor do MAX e meu colega de mestrado, Edimarques Almeida, tive a possibilidade de acessar as documentações (croquis, relatórios, cadernos de campo, fotografias) e os vasilhames cerâmicos para realizar o levantamento de dados. Essa oportunidade, sem dúvida, ampliou os horizontes de discussões que estava desenvolvendo com os subsídios recuperados em revisão bibliográfica e, com certeza, tornou as nossas inferências mais satisfatórias, além de ter diminuído um pouco aquele incômodo mencionado.

Com o levantamento de dados relacionados aos corpos dos falecidos e do conjunto artefactual com eles encontrados, além das informações etnográficas e etno-históricas coletadas a partir de leituras intensivas, especialmente sobre os povos Kariri, conseguimos alcançar resultados interessantes para que pudéssemos discorrer sobre tal amostra e apresentar narrativas sobre questões relevantes, não somente sobre gênero, mas também valiosas contribuições para a compreensão da história de longa duração nessa porção do rio São Francisco.

Ainda que com as dificuldades travadas pela pandemia, pela documentação carente de maiores informações e, muitas vezes, contraditórias, de não ter tido acesso a todos os materiais cerâmicos e remanescentes esqueléticos, acredito que, de certo modo, tal dissertação possa ampliar o debate de gênero, cada vez mais pesquisado na Arqueologia, embora incipiente se

compararmos com outras abordagens. Espero que com os resultados apresentados, muitos grupos conhecidos enquanto minorias de gênero e de sexualidades possam se identificar com as narrativas que aqui consigo expressar.

## INTRODUÇÃO

---

Os estudos arqueológicos realizados em contextos mortuários do passado têm evidenciado uma série de questões necessárias para a compreensão das práticas funerárias, mas também têm demonstrado uma série de sistemas sociais, econômicos e de crenças que conduziam as sociedades do passado (BINFORD, 1971; CHAPMAN *et al.*, 1981; PARKER PEARSON, 2000; RIBEIRO, 2007). Desse modo, temáticas relacionadas aos estudos de gênero, aspecto central dessa pesquisa, têm tido reconhecido avanço no que tange a apresentação dos sujeitos que constantemente foram colocados em segundo plano nas narrativas arqueológicas.

Levando em consideração que as pesquisas arqueológicas até pouco tempo eram realizadas por homens cis, héteros e brancos, é compreensível observar que esses estudos somente esclareciam as noções sexistas e que pouco refletiam sobre a diversidade cultural do passado, dos fenômenos sociais, da agência dos sujeitos, dentre tantos outros aspectos que, categorizados enquanto subjetivos, foram (e continuam) sendo deslegitimados, apesar dessas subjetividades, quando relacionadas aos grupos dominantes, não terem sido tratadas da mesma maneira (CONKEY; SPECTOR, 1984; SOFFER *et al.*, 2008).

A partir do advento do pós-processualismo no final dos anos 1970, gênero como instrumento analítico, definido pela historiadora Joan Scott (1984), começa a ser cada vez mais explorado para, finalmente, apresentar narrativas que possam trazer para o debate, não somente a presença feminina no registro arqueológico, mas seus papéis sociais (CLAASSEN, 1992; CONKEY; GERO, 1997; GERO, 1992, 1998). Igualmente, outras minorias de gênero e de sexualidades foram incluídas em tais reflexões, demonstrando que as ideias euro-ocidentais que conduzem as identidades humanas no presente não podem ser aplicadas a contextos de outros tempos e espaços (ALBERTI, 2001; GELLER, 2009; GILCHRIST, 2009; VOSS, 2009).

Voltando aos contextos funerários e as pesquisas que buscam compreender os remanescentes esqueléticos, bem como toda a estrutura mortuária, resultados extremamente relevantes foram apresentados no que concerne às teorias de gênero. Entretanto, uma série de fatores dificultam na realização de inferências, visto que os esqueletos, quando de uma boa preservação, só nos apresentam os marcadores dos sexos; os acompanhamentos funerários também ficam à mercê dos processos tafonômicos, sendo que muitos elementos, especialmente as tecnologias perecíveis, se perdem no registro arqueológico; e, quando da escavação dos

sepultamentos humanos, as estratégias precisam ser alinhadas para que nenhuma informação se perca durante a exumação desses corpos e de toda a sua estrutura.

Ainda que com tais obstáculos, inúmeras pesquisas que objetivaram essa possibilidade, elencando aquelas realizadas em contextos funerários do período pré-colonial, trouxeram resultados interessantes, como Escórcio e Gaspar (2005, 2008, 2011), Lima (2012, 2019), Oliveira e Klokler (2018), Schaan (2001, 2003) e Sene (2007, 2017), onde tais autores conseguiram apresentar reflexões sobre padrões (ou não) de associações funerárias, tratamentos mortuários e dados relacionados à dieta e patologias, sendo esses cruzados com subsídios dos remanescentes esqueléticos (sexo e idade). Nesses casos, é possível observar questões relacionadas às singularidades dos sujeitos e, muitas vezes, demonstrando arquétipos que não nos permitem universalizar as categorias de ‘homens’ e ‘mulheres’, tal qual fazemos no contemporâneo.

Diante das possibilidades mencionadas, buscamos compreender os sepultamentos que contém vasilhames cerâmicos como acompanhamento mortuário do sítio Justino, uma necrópole onde as práticas funerárias, de acordo as datações alcançadas e os recentes achados de materiais históricos, demonstram ter sido realizadas em um longo espaço de tempo, entre aproximadamente 9.000 anos AP até o século XVII (VERGNE *et al.*, 2002; SILVA, 2017). No caso dos enterramentos com peças cerâmicas aqui estudados, tais práticas podem ser compreendidas no lapso temporal entre aproximadamente 3 mil anos AP até o século XVII.

As escolhas, para tanto, de utilizarmos dos enterramentos com cerâmicas do sítio Justino se deram pelas seguintes perspectivas:

- a) Objetos, incluindo potes, associados aos mortos indígenas, tendem a um determinado tipo de representação, seja por meio das identidades culturais e sociais, como também para demarcar a posição social do indivíduo dentro da aldeia (BARRETO, 2009);
- b) Em diversos grupos indígenas das terras baixas da América do Sul, os artefatos cerâmicos são produzidos como uma metáfora ao corpo humano (ALBERTI, 2016; BARRETO, 2009; CARMO; GOMES, 2017; SCHAAN, 2003);
- c) Através dos elementos decorativos e iconográficos, os estudos com vasilhames cerâmicos nos permitem acessar os aspectos relacionados aos símbolos e os comportamentos sociais, bem como compreender aspectos da decoração corporal em sociedades específicas (GOSSELAIN, 1999; LAGROU, 2007; VELTHEM, 2003, 2010; VIDAL, 2000).

Para além das representações e relações para com os corpos na ontologia indígena, utilizamos das prerrogativas que colocam as mulheres como referências na produção de cerâmicas, sendo elas as detentoras desse conhecimento técnico (LEVI-STRAUSS, 1985; RIBEIRO, 2000). Ressaltamos, para tanto, essa realidade, pois como bem mencionam Watson e Kennedy (1991) e Wichers (2017), as narrativas arqueológicas, quando produzidas sobre esses artefatos, geralmente excluem o protagonismo das mulheres nesses processos.

Outro fator relevante na construção dessa dissertação foi a conexão entre povos, cultura e língua, onde buscamos compreender a relação entre os grupos Kariri para com os falantes Macro-Jê e a possibilidade do Justino enquanto um espaço importante para destacar a História de Longa Duração desses povos. Também utilizamos dos dados alcançados na revisão etnográfica e etno-histórica como complemento para as interpretações acerca dos comportamentos sociais e performatividades de gênero observadas nos contextos mortuários do Justino. Apesar dos relatos sobre tais sociedades elencarem a divisão binária entre os sujeitos, acreditamos que tais realidades dizem mais respeito sobre como tais cronistas compreendem a divisão de papéis e os seus entendimentos acerca das identidades de gênero, do que necessariamente como tais populações organizam-se socialmente e se identificam no âmago das relações de gênero.

## I. OBJETIVOS

Buscamos discernir como que os vasilhames cerâmicos, associados de diferentes maneiras aos falecidos, estão representando (ou se tornam) os corpos, bem como apresentam subsídios para discorremos sobre as formas de identidade de gênero na necrópole do Justino. A premissa, ainda que inédita para a região nordeste do Brasil, apesar de trabalhos diversos na região Amazônica (SCHAAN, 2003; BARRETO, 2009; CARMO; GOMES, 2017), desenrola questionamentos acerca dos rituais funerários e performatividade de gênero que atenda, não somente as relações binárias, mas todas as possibilidades que, porventura, possam ser consideradas dissidentes daquelas que nós, ocidentalmente culturais, consideramos como normas.

Pesquisas que foquem na dissidência de gênero (expressão que rompe com os estigmas atribuídos aos sexos) na Arqueologia Pré-Colonial e Funerária não tem tido o mesmo avanço, apresentando inferências de gênero que dizem respeito mais como compreendemos o gênero em um sistema binário do que de fato representaria para outros grupos culturais e de outros tempos (GONTIJO; SCHAAN, 2017). Dessa forma, estudos bioarqueológicos, muitas vezes,

compreendem que os dados referentes às estimativas de sexo produzem, necessariamente, o parâmetro mais indicado para tecer considerações de gênero, tornando-se assim gênero e sexo enquanto sinônimos.

Dessa maneira, este trabalho busca através dos dados bioarqueológicos (sexo, idade e patologias), dos tratamentos mortuários (forma de deposição do morto na cova, manipulação do corpo, dentre outros), da distribuição espaço-temporal dos sepultamentos, da variabilidade cerâmica identificada como urna, próxima ou cobrindo o morto, dos outros bens funerários associados, bem como os relatos históricos e antropológicos acerca das populações linguísticas Kariri, compreender a possibilidade de que as performatividades de gênero poderiam ser bem mais amplas do que aquelas assinaladas pela construção social que vivemos, dos quais os papéis e as formas que nos apresentamos socialmente são designados ao nascer através de aspectos biológicos/sexuais.

Nossos objetivos específicos são:

- a) Buscar na literatura produzida sobre o Justino e na documentação de campo os sepultamentos que contém cerâmicas enquanto enxoval funerário e a localização precisa desses artefatos nas estruturas fúnebres;
- b) Realizar levantamento acerca dos dados bioarqueológicos dos indivíduos sepultados com cerâmica, como sexo, idade e patologias;
- c) Arrolar, quantificar e (re)avaliar o material cerâmico de forma a compreender os aspectos relacionados à ‘aparência’ dos vasilhames, como forma, tratamento de superfície, decoração e suas dimensões;
- d) Compreender a relação entre o corpo dos falecidos, os tratamentos mortuários, a distribuição espacial, bem como as possíveis ligações acerca dos vasilhames, suas morfologias e as formas que foram encontrados junto aos mortos;
- e) Apresentar a relação dos corpos humanos com os corpos cerâmicos para com outros acompanhamentos funerários;
- f) Oferecer discussões mais amplas, através da possível variabilidade do ritual funerário, que possam representar os grupos de gêneros que foram histórica e socialmente marginalizados.

## II. A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está organizada em 05 capítulos onde buscamos apresentar sobre os estudos de gênero e suas possibilidades; uma contextualização do sítio Justino e as pesquisas desenvolvidas, sobretudo no que tange aos períodos de ocupação e dos sepultamentos com cerâmicas; também demonstramos as abordagens da Arqueologia Funerária e os dados acerca dos enterramentos averiguados; refletimos sobre as Histórias Indígenas, especialmente se tratando dos povos falantes Macro-Jê e os grupos Kariri; e, por fim, proporcionamos os resultados e as discussões que foram possíveis de serem alcançados com os dados do sítio Justino e a relação com a História Indígena.

**Capítulo I – Gênero, Arqueologia e os seus desdobramentos:** buscamos apresentar algumas perspectivas sobre esse aspecto social de relevância nas Ciências Humanas e o impacto nas produções arqueológicas. Especificando sobre os contextos funerários do passado pré-colonial, apresentamos alguns estudos de casos que objetivaram compreender gênero a partir das práticas funerárias e, por fim, demonstramos a diversidade de gênero observada em contextos etnográficos. Todas essas discussões demonstram para a potencialidade de tais estudos na Arqueologia Funerária e refletem para as possibilidades que não necessariamente colocam gênero enquanto uma categoria biológica.

**Capítulo II – Uma necrópole de longa duração no baixo São Francisco:** apresentamos o decorrer das pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas 03 décadas com o sítio Justino, perpassando para os aspectos relacionados à identificação e escavação e dos dados publicados acerca das diversas ocupações do sítio e suas possíveis funcionalidades. Também apresentamos, ao final, os resultados obtidos em pesquisas anteriores com os sepultamentos com vasilhames cerâmicos e as possibilidades de exploração com essas pesquisas.

**Capítulo III – Mortos com cerâmicas e a Arqueologia Funerária:** demonstramos as abordagens relacionadas à compreensão das práticas funerárias, perpassando pela avaliação dos remanescentes esqueléticos, dos tratamentos mortuários e dos acompanhamentos fúnebres, em especial os vasilhames cerâmicos. Aqui, temos a apresentação dos dados que foram levantados na bibliografia produzida sobre o sítio Justino e com a pesquisa realizada no acervo da Reserva Técnica do MAX, evidenciando as informações bioarqueológicas dos esqueletos, da forma que tais corpos foram preparados e enterrados, da distribuição espacial, como também dos aspectos relacionados à aparência dos vasilhames cerâmicos.

**Capítulo IV – Povos e Cultura Material no baixo São Francisco:** buscamos compreender os marcadores linguísticos e culturais dos povos falantes Macro-Jê, as suas proximidades com os grupos Kariri e a possível relação com o passado pré-colonial do baixo São Francisco, especialmente no que tange as características da cultura material do sítio Justino. Neste capítulo também apresentamos algumas noções acerca das ontologias indígenas no que concerne à produção e utilização de vasilhames cerâmicos, bem como a percepção dos vasilhames enquanto corpos.

**Capítulo V – Cerâmica, Corpo e Gênero: Resultados e Discussão:** demonstramos através da quantificação dos remanescentes esqueléticos, do tratamento mortuário e da distribuição dos sepultamentos no sítio Justino, bem como da presença dos vasilhames e outros acompanhamentos funerários, que a associação da cerâmica nos enterramentos poderia exercer extensões corporais para aqueles indivíduos em que os corpos foram “moldados” por patologias, que a localização desses artefatos sobre o crânio e o abdômen indicaria que essas partes anatômicas tinham valor simbólico para as comunidades que realizaram tais práticas fúnebres e que, o fato de um número reduzido dos sepultamentos do Justino terem recebido esse tipo de acompanhamento, bem como flautas e adornos, sugere tratar-se de indivíduos que apresentar-se-iam socialmente com papéis sociais relevantes, demonstrando que as performatividades de gênero foram bem mais amplas do que aquelas assinaladas pela polaridade dos sexos.

## **GÊNERO, ARQUEOLOGIA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS**

---

“(…) the existence and facticity of the material or natural dimensions of the body are not denied, but reconceived as distinct from the process by which the body comes to bear cultural meanings.” (Judith Butler, 1988, p. 520)

Os estudos de gênero vêm sendo debatido de forma intensa na medida que esses instrumentos analíticos, como bem pontua Scott (1989), têm sofrido adequações para melhor compreender as distintas relações humanas e a maneira que se desempenha pelos diversos agentes sociais no passado e no presente. Apesar do avanço nas perspectivas de gênero, muitos pesquisadores, confusos na relação entre sexo e gênero, corriqueiramente atribuem inferências acerca do aspecto mais cultural e social (o gênero) através de subsídios fenotípicos/biológicos (o sexo).

Este aspecto biológico tem sido fundamentado e difundido desde o século XVI através de correntes científicas específicas, sendo utilizado para evidenciar os feitos inatos da anatomia humana e a diferença entre os sexos. Tais explicações pautam-se nas características físicas e cognitivas dos sujeitos binários, dos quais os homens sempre foram reconhecidos com vantagens em comparação às particularidades das mulheres, apresentam Citeli (2001) e Parisotto (2003).

É a partir do reconhecimento crítico acerca dessa visão biológica sobre os corpos que em meados do século passado surgem as primeiras constatações de que as diferenças sexuais não produziam desigualdades, ao contrário, seriam utilizadas pelas sociedades para naturalizá-las. Através desta prerrogativa, Simone de Beauvoir, importante teórica do feminismo e pioneira nesse debate, menciona que “ninguém nasce mulher: torna-se” demonstrando que nenhum destino biológico define as mulheres e sim uma série de fatores/atos sociais (BEAUVOIR, 1980).

No momento que desenvolvia suas reflexões filosóficas, Simone de Beauvoir tinha como principal objetivo emancipar as mulheres da dominação masculinista e sexista, pois, de acordo com a teórica:

A mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e, ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes esse a prejudica consideravelmente. (BEAUVOIR, 1980, p.14)

Embora necessária a reflexão sustentada pela ‘Segunda Onda Feminista’<sup>3</sup> e ainda a forte incidência desse pensamento nos fóruns de debate nos quais Simone de Beauvoir é referência, diversas pesquisadoras questionam sobre a universalidade do pensamento ‘*beauvoriano*’ para com a categoria ‘mulher’. Butler (2003), nesse sentido, constrói críticas acerca de como esse momento do feminismo, mesmo buscando romper com a natureza biológica, continuou reproduzindo um discurso essencialista para o sujeito feminino com base nas características fenotípicas. Para a autora, essa presunção política acompanha com frequência a ideia de que a opressão para com as mulheres possui uma forma singular na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina, opressões essas que perpassariam necessariamente às características biológicas do ser feminino.

Essas críticas, inicialmente, tinham como intuito criar intersecções entre as categorias de classe, raça e gênero, pois como menciona Scott (1989), este interesse assinalava o compromisso para com os grupos socialmente menos favorecidos, bem como o fato de que as desigualdades do poder se organizam de acordo esses três eixos. Destarte, gênero que até então era compreendido em relação às construções sociais que decorreriam sobre os corpos sexualmente binários, começa a ser pensado através de uma série de categorias sociais. Assim, as pautas relacionadas às identidades surgem como uma possibilidade para tornar o debate acerca do feminismo ainda mais amplo.

Importante nesse movimento do debate feminista, Judith Butler, filósofa estadunidense de orientação pós-estruturalista, publica em 1990 a obra ‘*Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity*’, uma referência inicial para tais inquietações. Nessas reflexões, há questionamentos sobre corpo, gênero, desejo e discursos, com revisões críticas acerca da grande diversidade existente nas categorias “mulher”, “sexo” e “sexualidade”, demonstrando que não há uma identidade comum, muito pelo contrário, as normas exigidas nos cerne de gênero e desejo são compulsórias e não refletem a grande diversidade do ser.

---

<sup>3</sup> O movimento feminista, bem como as suas vertentes, é dividido em diferentes etapas que demarcam o desenvolvimento do debate e das reflexões relacionadas às experiências das mulheres. Costa (2005) faz um levantamento interessante sobre o desenvolvimento do feminismo no Brasil, bem como pontua as diferentes vertentes desse movimento, desde as sufragistas (século XIX) até os debates mais recentes que discutem as relações entre corpo, normas sociais, sexualidades, dentre outros aspectos.

Para a teórica, em ressalva ao feminismo oriundo da segunda onda, as ficções que se baseiam em estruturas empíricas, logo confiáveis, que sustentam a noção de sujeito se encontram na suposição de que o termo mulher denote uma única essência (BUTLER, 2003).

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendem a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2003, p. 20)

Anos antes dessa publicação, Judith Butler (1988) discorre que o gênero não é de forma alguma uma identidade estável ou local da agência a partir da qual vários atos se procedem; ao contrário, é uma identidade tênue constituída no tempo através de uma repetição estilizada de atos e operado através do desenvolvimento do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana que os gestos, movimentos e encenações corporais de vários tipos constituem a ilusão de um gênero permanente. É a partir dessa definição que surge o termo *performance* para explicar o gênero e, pensando na estilização repetitiva dos atos constituintes do corpo, a *performatividade* de gênero (BUTLER, 1988).

Ainda nesse ensaio, Butler (1988) menciona que somos forçados a performar o gênero em polaridade, pois existe uma agência que construiu o sistema binário de gênero como determinado, mas se o gênero não é tão constante quanto parece, há espaço para uma repetição diferente de atos que necessariamente produziriam performatividades de gênero diferentes. Assim, a filósofa demonstra que qualquer ato que se desvincule desse sistema binário está sujeito à punição e, por isso, a explicação das nuances de gênero serem restringidas pelas convenções históricas disponíveis: os atos performativos que constituem o gênero podem aparecer como uma escolha pessoal, contudo sempre funcionam em uma estrutura existente de sanções e proscricções culturais de uma estrutura social compartilhada (BUTLER, 1988).

Para tornar o debate ainda mais profícuo, Butler publica em 1993 a obra ‘*Bodies That Matter: on the discursive limits of sex*’ que objetiva considerar algumas declarações sobre os corpos “impensáveis, abjetos, invisíveis e não dotados de vida” já demonstrados nas publicações mencionadas. Para Butler (1993), o discurso da “construção” que circulou principalmente nas argumentações beauvorianas não é adequado para compreender os corpos que não se configuram nessas atribuições vinculadas aos sexos e que, como observado em obras

citadas anteriores, ficam à mercê de punições, visto o não seguimento da estruturação social que deve ser compartilhada e é exigida como norma.

Para Butler (1993) não é possível pensar “sexo” como estabelecimento de uma referência estável sobre o qual, ou em relação ao qual, se realiza a constituição cultural do gênero. Afirmar que o sexo já está *generificado* não explica de que modo se produz forçosamente a “materialidade” do sexo e, para tanto, Butler (1993) lança as seguintes perguntas: quais são as forças capazes de materializar os corpos como “sexuados”? Como devemos entender essa “matéria” do sexo e dos corpos como a circunscrição repetida e violenta da compreensibilidade cultural?

Para Butler (1993) não é possível assimilar essa materialização do sexo, a não ser pelas práticas discursivas, visto que o corpo, definição baseada nas discussões de Merleau-Ponty, é apenas uma ideia histórica, mas também um conjunto de possibilidades a serem continuamente aplicadas. Para tanto, o corpo não é uma materialidade idêntica a si próprio ou fáctica, mas seria uma materialização de possibilidades, onde inúmeros corpos, deslegitimados pelas sociedades que configuram o sexo como gênero, pudessem ser reconhecidos, apesar das práticas políticas ainda os considerarem como abjetos (BUTLER, 1993).

Tais questionamentos proferidos por Butler (1993) se fazem pertinentes na Arqueologia e enquadram-se perfeitamente na discussão que propomos com este trabalho: (re)pensar as narrativas produzidas sobre as materialidades dos corpos e das identidades de gênero de um outro tempo e de culturas para além da visão ocidental baseada no sistema binário, onde o gênero precisa estar de acordo com a norma discursiva e exigida no presente e que se fundamenta nas características fenotípicas dos polos masculinos e femininos.

É válido ressaltar que os pensamentos filosóficos apresentados foram refletidos de e para as sociedades contemporâneas, e que as problemáticas identificadas tanto por Simone de Beauvoir como por Judith Butler acerca das opressões podem não ser realidades em contextos outros, especialmente àqueles de períodos longínquos no tempo. Apesar de serem reflexões colocadas como contrapropostas, é importante destacar que não há uma ruptura nessas ponderações e que o ponto de partida da discussão butleriana busca extrapolar o que não foi considerado na vertente beauvoiriana. O sexo, como fator anatômico, possui funções biológicas importantes em sociedades do passado e do presente e é utilizado como demarcador cultural em diversas populações, como demonstrado nas discussões decorrentes. No entanto, esses fenótipos que categorizam ‘machos’ e ‘fêmeas’ não produzem identidades de gênero, como é

plausível de se observar nas críticas da Butler, e, para tanto, sexo não pode ser compreendido como um agente comum que vai caracterizar homens e mulheres na mesma essência em todas as sociedades.

### 1.1. O SURGIMENTO DA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

A Arqueologia é área cujo objeto central estudado é a cultura material, sendo esta utilizada para compreender as sociedades humanas tanto do passado como também do presente. Para Meneses (1983), a cultura material pode ser entendida enquanto o segmento do meio físico socialmente apropriado pelo ser humano, uma ação que pode ser realizada desde os artefatos, estruturas, modificações da paisagem e, também, o próprio corpo, na medida que este é manipulado e espacialmente arranjado em detrimento de certas funções. Desse modo, conforme Meneses (1983) complementa:

a Arqueologia não precisa mais ser definida como a disciplina que se ocupa dos artefatos, das coisas materiais e seu contexto (isto é, das manufaturas e das relações espaciais nas quais elas se apresentam), mas poderia ser recebida no convívio das demais ciências sociais . Em outras palavras, também a Arqueologia estuda os sistemas sócio culturais, sua estrutura, seu funcionamento e seu comportamento ao longo do tempo, sua mudança. A particularidade está em que, para essas operações, ela conta exclusiva ou preponderantemente com informação derivada dos restos materiais a cultura material. Não hesito, pois, em considerar a Arqueologia como História da cultura material. (MENESES, 1983, p. 113).

Neste sentido, o objeto de estudo arqueológico é entendido de diferentes maneiras, de acordo inúmeros pressupostos teóricos e abordagens, porém temáticas que poderiam ocupar posição essencial nas discussões da disciplina foram marginalizadas por serem subjetivas e, assim, uma gama de inferências se perderam nos tópicos considerados mais relevantes/objetivos (CONKEY; SPECTOR, 1984). A noção de ciência, tomada emprestada de Ribeiro (2017), seria o corpo de conhecimento que fornece explicações para o mundo e, neste modo, objetividade é um conceito chave para a ciência moderna, sendo essa a explicação que denota o caráter da arqueologia científica de invisibilizar os aspectos subjetivos das relações humanas com o universo material.

Somente com o advento do pós-processualismo na década de 1970, vertente que critica e transforma os pensamentos processuais e histórico-culturais, que a Arqueologia vem tornar suas avaliações ainda mais diversas com influências relacionadas às antropologias neomarxistas, estruturalismo, teorias literárias e culturais, feminismo, ciência social pós-positivista, hermenêutica, fenomenologia, dentre outros (SHANKS, 2008), embora trabalhos

com caráter mais processual já apresentarem-se com alguns questionamentos iniciais (vide Buikstra e Cook, 1978).

É neste período de questionamento acerca dos aportes teórico-metodológicos da Arqueologia que surgem as primeiras indagações de gênero na disciplina, sobretudo com as críticas feministas. De acordo Berrocal (2009), esse debate emerge seguindo os pressupostos da segunda onda do feminismo que evidenciava a disparidade entre sujeitos femininos e masculinos no registro arqueológico e de como a disciplina construía suas interpretações com base nas ideias masculinistas. Para Soffer *et al.* (2009) essa diferença nas narrativas arqueológicas não acontecia por acaso, muito pelo contrário, o fato das mulheres terem sido relegadas se deu pela razão da disciplina ter sido dominada por homens, afirmam os autores.

(...) a maioria masculina de arqueólogos encontrou quase que exclusivamente utensílios e armas feitas de pedra e julgou que o mundo do Pleistoceno e de antes havia sido dominado por homens. As mulheres foram copiosamente ignoradas. Até recentemente, alguns arqueólogos não eram sequer treinados para se preocupar por algo além de instrumentos de pedra e osso, de forma que tendiam a não notar (ou desprezar) qualquer testemunho do papel da mulher que tivesse sobrevivido. (SOFFER *et al.*, 2009, p. 35)

Apesar de ser um trecho um tanto quanto masculinista e sexista, isto pois, mesmo com a crítica acerca da produção arqueológica ter sido dominada por homens, ainda existe uma certa concepção que, naturalmente, os homens no passado detinham o domínio sobre os artefatos “feitos de pedra”<sup>4</sup>. Contudo, na avaliação desse território de produção científica da Arqueologia, fica nítido que a relação de poder e a marginalização da mulher no registro arqueológico está atrelada, sobretudo, à ausência de representatividade feminina nesses espaços acadêmicos (CONKEY; CLASSEN, 1984; CLAASSEN, 1992; CONKEY; GERO, 1997). Essa realidade, no entanto, é bastante diferente aqui no Brasil, onde as mulheres sempre tiveram a frente de inúmeros trabalhos arqueológicos desde meados do século passado, embora o impacto dessa representatividade é mínima nos meios acadêmicos (RIBEIRO *et al.*, 2017; PASSOS, 2017).

Essa realidade só começa a tornar-se diferente com a publicação de Margareth Conkey e Janet Spector em 1984 intitulada em ‘*Archaeology and the Study of Gender*’, uma das primeiras tentativas de apresentar essa invisibilidade do papel feminino no registro

---

<sup>4</sup> Gero (1992) apresenta uma crítica contundente sobre essa associação. A autora expõe que atividades ligadas ao universo feminino também eram realizadas com as ferramentas líticas, logo as mulheres também detinham as habilidades para produzir os instrumentos que utilizavam em seus trabalhos.

arqueológico, bem como na prática arqueológica de contextos norte-americanos e europeus. Deste modo, as pesquisadoras buscaram apresentar caminhos/métodos para tornar a disciplina um campo fértil para a discussão feminista e de gênero.

Essa primeira indagação de gênero, bem como outras que se seguiram (CLAASSEN, 1992; CONKEY; GERO, 1997; GERO, 1992, 1998) tinham a preocupação central no sujeito feminino e nas funções que estas desempenhavam nas sociedades do passado, sendo estas abordadas dentro do espectro funcionalista e economicista, apesar da extrema relevância no que tange a ampliação de narrativas sobre as sociedades recuadas no tempo e das experiências femininas nessas sociedades.

Para Berrocal (2009), o debate feminista na Arqueologia de Gênero, para tanto, perpassa questões relacionadas a 3 eixos:

1. “Feminismo analítico” que busca compreender as mulheres no passado dentro de um parâmetro científico (mais neutro e objetivo);
2. “Feminismo hermenêutico” que considera o pensamento científico como um campo voltado exclusivamente para os homens e clama por uma ciência que introduza as experiências femininas no debate;
3. “Feminismo crítico” que tenta destacar o machismo no presente, especialmente na academia, com o objetivo de insurgir as relações de poder existentes.

Dentro desse cenário, os estudos feministas na Arqueologia refletiam, portanto, questões atreladas às revisões historiográficas e literárias para tornar as mulheres visíveis no registro arqueológico, aspectos voltados às tecnologias e análises ideológicas e, por fim, o ensino da arqueologia e apresentação do passado (BERROCAL, 2009). Tais interesses foram (e continuam sendo) de extraordinária importância, porém outros aspectos imbuídos na Arqueologia de Gênero, como os gêneros para além do sistema binário, sexualidades, padrões de masculinidades, dentre outros, só receberam certo destaque a partir da terceira onda feminista, como exposto a seguir.

## 1.2. MAIS DOS QUE MULHERES NA ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

Como já apresentado no prólogo deste capítulo, os estudos de gênero apresentam-se com variadas vertentes que buscam entender como os sujeitos se relacionam e se identificam dentro de certas convenções sociais e em conjunto com outras categorias sociais: idade, raça,

classes, dentre outros. As distintas perspectivas, agora englobando o viés da terceira onda do feminismo, também tiveram um impacto significativo nos estudos que lidam com as materialidades humanas do passado, como apresenta Gilchrist (2009, p. 4).

Third wave feminism is a collective term for theorists who reject the idea that women's (or men's) experience can be reduced to a common measure. (...). The impact of third wave feminism can be seen in the more comparative approach to gender in archaeological analysis: rather than highlighting the feminine solely, gender archaeology evaluates the relative experience of men and women in the past.

A perspectiva mencionada ampliou o debate arqueológico anteriormente focado nas mulheres, para entender a pluralidade existente dentro desta categoria e, não somente amplificou a discussão sobre as relações entre os sujeitos femininos e masculinos, mas também formou-se um campo no qual as performatividades de gênero não normativas para o pensamento ocidental fossem consideradas, além de questões envolvidas às sexualidades, inseridas nos debates da Teoria *Queer* (ALBERTI, 2001; GELLER, 2009; GILCHRIST, 2009; VOSS, 2009).

Nesse sentido, Arqueologia de Gênero, dentro dessas novas tendências, ocupou-se sobretudo diante dos eixos idade, orientação sexual e etnicidade para explicar a diversidade no registro arqueológico e como, inseridos em um mesmo coletivo, as distinções de tratamento e *status* eram possíveis de serem alcançados, como menciona Claassen e Joyce (1997). Contudo, temáticas acerca das masculinidades, socialização dos gêneros e até mesmo aspectos relacionados às sexualidades também se tornaram proeminentes nos estudos arqueológicos, tal qual observados nos trabalhos de Alberti (2006, 2012), Hollimon (1996) e Schmidt e Voss (2005).

Estudos referentes às performatividades de gênero em contextos arqueológicos estão presentes dentro da chamada *Queer Archaeology*. De forma breve, esta tem como característica desmitificar os moldes sexuais modernos que são frequentemente associados aos registros culturais sobre as práticas sexuais e identidades de gênero do passado. Para Voss (2008), este campo de estudo tem aumentado de forma proeminente os estudos arqueológicos no cerne sexual e contribuído para romper com o estigma sempre relacionado aos sexos e gênero. Entretanto, a Arqueologia *Queer* nem sempre é sobre sexualidade, e a pesquisa da sexualidade na arqueologia nem sempre é *Queer*, mas o foco *Queer* na 're teorização' da política sexual e das identidades sexuais aproxima as duas (VOSS, 2008).

É acerca dos estudos sobre representações de corpo e sexo que a *Queer Archaeology* tem tido maior sucesso, explica Voss (2008). Para a autora, apesar do enorme desafio intrínseco às categorias sexuais binárias e heteronormativas, um consenso emerge em torno das análises acerca dessas representações com imagens sexuais presentes nas materialidades: essas figurações não representam apenas questões acerca do erotismo e/ou das práticas sexuais, mas expande para temáticas acerca das percepções sobre corpo e gênero, para além daquilo que os demarcadores de sexo podem demonstrar (VOSS, 2008; ALBERTI, 2012).

Essa relação entre corpo e artefatos e as abordagens de gênero se torna relevante para as discussões acerca das performatividades no passado, como possível de observar em Dobres (2010).

(...) ancient technicians were sensual and experiential beings who made sense of the world—and made sense of themselves—as they made and used material culture during the mundane routines of everyday practice. This body was a mindful, sensual and a gendered conduit through which technicians materialized, negotiated, and transformed their world—and through such means made things meaningful. (p. 108)

Essa apresentação sobre o corpo realizada por Dobres (2010) é de extrema relevância para os estudos acerca das tecnologias antigas, bem como da relação com as performatividades de gênero dos artesãos. Além disso, outros trabalhos que se referem acerca da produção tecnológica, corpo e gênero versam exatamente para as variadas relações entre os sujeitos do passado, bem como isso é mantido numa série de agências sociais que vão delineando os comportamentos e, nesse sentido, as performatividades de gênero (DOBRES, 1993, 1995, 2008; DOBRES; HOFFMAN, 1994).

Pesquisas que lidam com o corpo não são algo novo na literatura arqueológica, entretanto é a partir da década 1990, com a ênfase da teoria pós-processual, que este tema começa a ganhar maior visibilidade no estudo sobre o passado, como apresenta Joyce (2000). Para a autora, todavia, o aumento de publicações referentes ao corpo, incluindo no campo da bioarqueologia, não acompanhou as tendências em que esta nova perspectiva arqueológica buscava: agência humana e aspectos de identidade, como gênero.

É neste sentido que Joyce (2000) apresenta que avaliações sobre corpos sexuais e de gêneros precisam estar vinculados à outras categorias, como já apresentado anteriormente: idade, classe, etnia, raça e *status* sociais. Somente dessa maneira que podemos moldar uma prática mais ampla acerca das personalidades materializadas através de uma série de subsídios,

como o corpo, vestimentas, gestos, dentre outros aspectos e, por fim, criar possibilidades mais abrangentes sobre as performatividades de gênero.

Traçar a performatividade de corpos, como expõe Joyce (2000) pode ser realizada arqueologicamente através da reflexão entre as representações e o uso nas práticas corporais dos objetos que lhes representam. Nesse sentido, a autora apresenta uma série de possibilidades existentes no registro arqueológico, especialmente para os contextos funerários, que permitem um exame mais profícuo para compreender que as performances se relacionam igualmente a outras categorias do ser, relacionadas às idades dos indivíduos, classe social, grupos étnicos e que não apenas a correlação entre artefatos e sexo dos indivíduos serão suficientes para explicar a performance do corpo e as dimensões de gênero.

### 1.3. E NO BRASIL?

Apesar de atualmente termos um aumento expressivo de estudos de gênero na arqueologia produzida no Brasil<sup>5</sup>, essa realidade só se torna presente de forma ampla nos anos que antecedem a virada do século XXI, já que investigações referentes aos períodos históricos haviam sido efetivadas, tal qual o estudo de Andrade Lima (1997). Na investigação mencionada, a autora faz reflexões interessantes sobre o consumo de chá e as práticas envolvidas, sem descartar as materialidades resgatadas em pesquisas sistemáticas das habitações urbanas, semirurais e rurais do Rio de Janeiro oitocentista.

As válidas discussões de Andrade-Lima demonstram o espaço ganho pelas mulheres em relação a esta nova prática de socialização (cerimônia do chá) que foi implementada no Rio de Janeiro e, por fim, deixada de lado, como é possível observar na citação a seguir.

Os novos papéis assumidos pela mulher na ordem capitalista foram pouco a pouco tornando obsoleta – porquanto agora de todo desnecessária – a cerimônia do chá. Tendo sobrevivido até o pós-guerra, ela sucumbiu no último quartel do século XX, pelo seu anacronismo e inutilidade. Esgotada enquanto estratégia, perdeu a função. As antigas baixelas caíram em desuso e assumiram um caráter meramente ornamental nas residências. A arena foi descolada da sala de visitas para as instituições financeiras, para os cargos públicos, para a esfera política, onde a mulher agressivamente vem disputando e conquistando espaços, consolidando posições, acumulando poder em todos os domínios. (ANDRADE LIMA, 1997, p. 118)

---

<sup>5</sup> No Congresso Nacional da SAB (2015), um simpósio temático foi realizado com pesquisas de Arqueologia de Gênero. Além disso, dossiês sobre o tema foram publicados nos últimos anos, como na Revista de Arqueologia da SAB (2017), Revista do IGPA-Habitus (2018) e na Revista de Arqueologia Pública (2019/ 2021).

Se por um lado, os estudos de gênero se encontraram coerentes para os períodos coloniais e mais recentes, nos registros pré-coloniais a lacuna é mais evidente, embora já tenhamos estudos realizados. Em estudo posterior, Andrade Lima (2003) demonstra a necessidade de começarmos a incluir os estudos de gênero na arqueologia e ressalta que são nos contextos mais recuados no tempo que as investigações se encontram por fazer, um campo que, de acordo as palavras da autora, “permanece ainda obscuro” (2003, p. 135-136).

Em crítica embasada no feminismo, Ribeiro (2017) apresenta que, apesar da arqueologia realizada no Brasil, discrepante de outros locais, ter muito mais mulheres como referência desde meados do século passado, as narrativas construídas ainda são bastante masculinistas e colonialistas. Ainda para a autora, as assimetrias de sexo e gênero tendem a ser “naturalizadas, reificadas e reproduzidas na nossa prática cotidiana de modo involuntário e inconsciente” (p. 227-228).

Interessante notar que, mesmo com trabalhos já realizados no campo da Arqueologia de Gênero em períodos pré-coloniais desde a publicação de Andrade Lima (2003), a lacuna existente encontra-se, especialmente, na relação entre o sexo e gênero, sendo esses utilizados como sinônimo. Gontijo e Schaan (2017), em revisão literária, demonstram como o sexo tem sido empregado como um fator importante para essas inferências e problematizam que essas associações dizem respeito, não necessariamente as identidades de gêneros nas populações do passado, e sim como classificamos essas categorias na atualidade.

### 1.3.1. GÊNERO, ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA E O PASSADO PRÉ-COLONIAL...

Os sepultamentos, ao conterem remanescentes esqueléticos e acompanhamentos funerários, são contextos oportunos para arqueólogas e arqueólogos debaterem a complexidade e a fluidez de identidades de gênero, não apenas na primazia assinalada entre masculino e feminino, mas também dentro das categorias não-heterossexuais e não-binárias (ARNOLD, 2006; PEARSON, 1999). É neste sentido que a Arqueologia das Práticas Funerárias se torna um dos campos essenciais para a obtenção de resultados satisfatórios em relação às performances e performatividades dos gêneros no passado.

Para Sørensen (1991), o gênero, de importância central na estruturação das sociedades do passado, é construído e mantido através da cultura material, sendo essa relação, quando em contextos mortuários, possíveis indícios das performatividades de gênero desses falecidos. Adicionalmente, estudos que lidam com os gêneros das populações do passado também são

realizados nos grafismos rupestres, como possível de observar nos estudos desenvolvidos por Justamand e Funari (2016) e Colling *et al.* (2019).

No que se refere à Arqueologia das Práticas Funerárias no Brasil realizadas em sítios diversos do Brasil (Figura 1), temos algumas publicações que discorrem acerca dos gestos mortuários: tratamento dado ao corpo, posições e tipos de inumações, os artefatos associados aos falecidos e suas relações com os remanescentes esqueléticos e seus dados, tais como sexo e idade dos indivíduos, patologias ósseas e dentárias, marcas de violência, dentre outros, como aqueles desenvolvidos por Denise Schaan (2001, 2003) com urnas marajoaras; a tese de Gláucia Sene (2007) com a Gruta do Gentio; os trabalhos originados da dissertação de Eliana Escórcio (2008) sobre os grupos sambaquieiros; a relação entre dois sítios funerários do Nordeste por Lima (2012); os trabalhos realizados com o sítio Armação do Sul em Florianópolis, SC, por Gabriela Opptiz (2015); e o trabalho preâmbulo deste que foi publicado em 2018 por Oliveira e Klokler.



**Figura 1.** Localização dos sítios com contextos funerários estudados através das abordagens de gênero.

Os estudos de Denise Schaan buscam compreender as representações de gênero nas cerâmicas marajoaras em consonância com aquelas oriundas dos contextos mortuários. Em 2001, a pesquisadora publica que a representação de gênero em vasilhames cerâmicos é bastante presente nos contextos marajoaras, ainda que (partindo) de uma avaliação mais sexual e biológica (representações de genitálias, robustez do corpo, dentre outras características).

Desta forma, de acordo as averiguações das estatuetas desses contextos, Schaan (2001) demonstra que o corpo feminino foi frequentemente representado, ainda que sobre um suporte falomorfo. Contudo, outras representações desse corpo biológico também foram possíveis de serem indicados, como em algumas estatuetas que morfologicamente aproximar-se-iam do ventre protuberante de uma mulher grávida. Além dessas representações, a pesquisadora demonstra para uma série de estatuetas que não se apresentaram com marcadores sexuais, inferindo assim para outras dimensões de gênero.

O trabalho mencionado torna-se interessante para nos fazer pensar como reproduções subjetivas nos artefatos cerâmicos podem nos dizer, de certo modo, as maneiras em que os indivíduos se organizavam socialmente (para outros aspectos além dos mais essencialistas), bem como uma nuance bem mais significativa das identidades de gênero. Neste quesito, a variabilidade das estatuetas, seja de tamanho, decoração e forma sugere as “várias dimensões de gênero que não nos permite essencializar homem e mulher como categorias distintas e homogêneas” (SCHAAN, 2001, p. 57).

Já em 2003, Denise Schaan concentra-se em discutir, especialmente, a questão da ceramista, os vasilhames e as vestimentas identificadas no Teso de Belém (PA-JO-15: Camutins). Para a pesquisadora, as mulheres marajoaras, além de serem responsáveis pela produção da cerâmica, visto as associações desses artefatos em áreas domésticas e com as vestimentas femininas (tangas vermelhas), eram também possuidoras de *status* sociais diferenciados, sendo que mulheres menos elitizadas poderiam exercer funções consideradas para o universo masculino, exemplificando a pesca.

Ainda que uma interpretação binária sobre a relação artefactual e gênero, Schaan (2003) parece tomar os cuidados para não “cair” nos mesmos comodismos de pesquisadores mais essencialistas. Sua conclusão final sugere que “ainda que gênero fosse importante, as diferenças sociais entre a elite e pessoas comuns seria o princípio de organização social mais importante” (p. 40).

Apesar de não ter alcançado uma interpretação sobre gênero para além das essências biológicas constatadas, a autora demonstra que esses outros aspectos do gênero poderiam se fazer presentes em outros tópicos das vivências sociais e outras materialidades que não se preservaram no registro arqueológico, além de apresentar que funções sociais não necessariamente seriam pensadas para grupos de pessoas sexualmente diferentes, mas que

outras classificações sociais estariam imbuídas na organização daquelas comunidades amazônicas.

No sítio Gruta do Gentio II, situado na região Noroeste de Minas Gerais, Gláucia Sene (2007) compreende os rituais funerários realizados para pessoas do sexo masculino e feminino, além de considerar fatores etários em suas avaliações. Sua abordagem partiu, inicialmente, do reconhecimento das estruturas funerárias, do perfil biológico dos remanescentes esqueléticos, bem como de todos os aparatos relacionados aos tratamentos dos corpos e acompanhamentos funerários, possibilitando-se assim discernir possíveis elementos mortuários associados aos “homens” e “mulheres”.

Apesar de alcançar resultados positivos em sua proposta e seu trabalho ser uma referência, sobretudo tratando-se de metodologias, Sene (2007) não consegue desvincular suas inferências das categorias naturalizadas no cerne do sistema binário de gênero. Mesmo diante dessa lacuna, os dados produzidos demonstram que para os horticultores que fizeram uso da necrópole estudada, as construções de gênero poderiam estar atreladas às questões sexuais e, no interim dessa discussão, as materialidades diversas, bem como toda a preparação do morto em seu último destino (o sepultamento), aconteciam como um aspecto central para operar as diferenças entre os sexos dos mortos durante o ritual funerário, visto a clara intenção de associar materiais específicos para sujeitos masculinos e femininos.

Dessa tese também se originou uma publicação interessante sobre a relação gênero e infância, tema pouco explorado na arqueologia brasileira. Para Sene (2018), assim como gênero, a idade é também uma construção social marcada por uma série de fatores que vão moldando as identidades individuais e coletivas. Nas crianças da Gruta do Gentio, as pesquisas bioarqueológicas realizadas pela autora indicam uma série de estágios da infância compreendidas por aqueles que estavam realizando tais enterramentos, demonstrando que os aparatos funerários funcionariam como demarcadores dos desempenhos sociais desses indivíduos não-adultos, sobretudo com a presença de peças de tembetás que, em consonância com estudos etnográficos, se fazem presente em momentos importantes nos ciclos vitais de meninos e meninas.

Em relação aos sambaquis litorâneos do Rio de Janeiro, Eliana Escórcio e MaDu Gaspar (2005, 2007, 2010, 2011) discorrem sobre as relações entre gênero e idade dos mortos sepultados nesses sítios, bem como o conjunto artefactual encontrado nesses enterramentos. Para as autoras, as materialidades, incluindo as pontas ósseas e os adornos confeccionados a partir

de dentes de animais, estão distribuídos de maneira muito equilibrada entre os sexos. As inferências realizadas pelas pesquisadoras demonstram que a maneira pela qual as materialidades foram encontradas nos enterramentos “coadunaria melhor como expressão de papéis sociais não rígidos, e/ou com a existência de parcerias entre os gêneros” (GASPAR *et al.*, 2011, p. 23).

É com esta falta de padrão que as autoras destacam suas inferências de gênero. Se por um lado, os indivíduos sambaquieiros não-adultos estivessem associados com um maior número de artefatos em relação aos adultos, tais associações não são claras para compreender se papéis rígidos, tal qual vivenciamos na atualidade, faziam parte das vivências masculinas e femininas (ESCÓRCIO; GASPAR, 2005). Essa indiferença no ritual funerário constatada pelas autoras tem como embasamento a ideia de que grupos sambaquieiros, ao contrário de grupos que regiam suas tarefas segmentada entre os sexos, pudessem ser mais cooperativos, especialmente quando os artefatos associados aos mortos fossem de atividades cotidianas (GASPAR *et al.*, 2011).

Ainda em relação a falta de padrão, é interessante demonstrar que os gêneros construídos no âmbito das sociedades sambaquieiras poderiam ser concretizados de maneira que não perpassassem o sexo desses indivíduos e sim por outros elementos que não podem ser observados no registro arqueológico. Além disso, é válida a afirmação de cooperação entre os sujeitos sexuais dessas populações costeiras que, mesmo na instância dos rituais funerários, não houvesse qualquer tipo de diferenciação no tratamento mortuário.

Outro trabalho realizado com o sambaqui Armação do Sul, em Florianópolis-SC, e desenvolvido por Oppitz (2015), apresenta uma série de marcadores espaciais e de acompanhamentos funerários que permitem observar a diferenciação no ritual funerário de sujeitos masculinos e femininos adultos e crianças. Para a autora, durante as mudanças internas que ocorrem no sambaqui em questão, sepultamentos com presença de sujeitos masculinos passam a receber um maior quantitativo de oferendas, dentre pontas ósseas e fusiformes, sendo que os sepultamentos com corpos femininos e infantis passaram a receber quantidade mais ínfima de materialidades.

Segundo Oppitz (2015), o aumento da variabilidade no número e nos tipos de acompanhamentos entre os adultos do sexo masculino, com presença mais frequente de aparatos funerários, permite considerar a possibilidade de emergência de uma maior diferenciação social entre os homens do sítio Armação do Sul. Para a autora, dessa forma, é

possível conjecturar que essa diferenciação esteja associada ao desenvolvimento de uma hierarquia social mais complexa ou, pelo menos, mais claramente observável no registro arqueológico.

No Nordeste brasileiro, o trabalho de Lima (2012) apresenta resultados de gênero para dois sítios arqueológicos: o Justino (alvo desta dissertação) e Furna do Estrago, localizado em Pernambuco. As premissas das análises de Lima estão, especialmente, em dados biológicos, sobretudo na relação entre sexo, idade e patologias dentárias; e em menor grau, os acompanhamentos funerários. Em suma, a pesquisadora assume que no Justino, o gênero, para além dos *status* e idade, poderia ser um fator estruturante durante os rituais funerários ali realizados, sendo que nesse sentido, indivíduos masculinos gozassem de maiores privilégios.

Caso interessante desse estudo está atrelado às patologias dentárias identificadas nos remanescentes esqueléticos do Justino e as possibilidades de inferências acerca da dieta dessas populações. Para Lima (2012), as hipoplasias e cáries indicariam diferenciação na dieta entre masculinos e femininos e, através desse resultado, a autora interpreta que, durante a infância e em tempos de escassez, meninos tivessem maior privilégio alimentar nos grupos de Xingó. No entanto, apenas uma avaliação quantitativa das patologias dentárias torna-se questionável, já que o diagnóstico das estimativas sexuais dos indivíduos do Justino é maior para sujeitos masculinos, sendo que a alta frequência de hipoplasias e cáries reflete, ao que podemos observar, na proporção de indivíduos masculinos e femininos do sítio e, não necessariamente, em um fator de privilégio dado aos “homens”, como a pesquisadora conclui. A utilização de métodos estatísticos e qualitativos poderiam auxiliar na complementação das interpretações.

Já para a relação com os acompanhamentos funerários, Lima (2012) indica certa predominância de oferendas em um grupo de sepultamentos com sujeitos masculinos, apresentando que esses pudessem ter *status* diferenciado, apesar de dois sepultamentos com sujeitos femininos também apresentarem-se com uma parafernália funerária instigante. No entanto, como a própria autora menciona, esses enterramentos com sujeitos femininos poderiam relacionar-se aos masculinos que ocupariam uma posição central, inferência esta que projeta a primazia masculina do presente para o passado e não admite a possibilidade de que alguns indivíduos com sexo feminino pudessem assumir performances e performatividades comumente associadas aos indivíduos masculinos nessas sociedades

Para o Furna do Estrago, apesar de não haver dados contundentes para as patologias dentárias, Lima (2012) demonstra que a estruturação das organizações sociais para aquelas

sociedades dava-se através de grupos etários. Para a pesquisadora, o tratamento mortuário era diferenciado apenas em relação às crianças e os adultos, sendo que apenas os adultos foram sepultados de forma secundária. Em trabalho mais recente, Lima e colegas (2019) reafirmam que a diferenciação existente para o tratamento mortuário em Furna do Estrago estaria envolvida em questões etárias, no entanto, em relação aos adornos, é plausível identificar algumas distinções entre indivíduos masculinos e femininos: mulheres apresentavam variedade de matéria-prima nos colares, como a presença de contas feitas de ossos, conchas e dentes. E para os homens foi verificado o predomínio de colares com contas de material ósseo com morfologia cilíndrica ou anelada, e contas feitas de concha no formato de pequenos discos.

Em revisão à bibliografia produzida sobre o Justino, bem como avaliações pontuais dos sepultamentos e das documentações produzidas durante as escavações do sítio, Oliveira e Klokler (2018) apresentam novas leituras para as questões de gênero na necrópole. Desta maneira, os pesquisadores buscaram compreender como os dados biológicos (sexo, idade e patologias) se relacionavam com a forma em que o corpo foi tratado no ritual funerário e as associações funerárias.

Apesar de um estudo preliminar, os resultados foram interessantes: acompanhamentos fúnebres estão presentes de forma muito proporcional aos sexos e, em relação aos indivíduos femininos, foi possível destacar 5 que tiveram abundantes aparatos associados e tratamentos de corpos diferenciados ao restante da amostra. Além, outros dois sepultamentos com sujeitos femininos chamaram a atenção pela forma em que as suas estruturas mortuárias foram preparadas, além da expressiva presença de adornos e outros objetos que acompanhavam tais indivíduos, demonstrando que esses, possivelmente, teriam funções sociais como guia xamânicos, possíveis mulheres xamãs (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018).

Os trabalhos mencionados demonstram, de certa forma, como as construções de gênero e performatividades foram sendo empregadas no passado pré-colonial brasileiro. Relevante perceber que, diferente da maneira em que nós comumente identificamos gênero no presente, essas questões faziam-se distintas em cada um dos contextos funerários, o que nos indica e reforça que os corpos '*generificados*' não experimentavam algum tipo de rigidez cultural, especialmente concebido por fatores biológicos, como sexo e idade. Além disso, tais estudos demonstram que precisamos estar atentos na maneira que avaliamos nossos objetos de pesquisas e como o conjunto artefactual e os tratamentos dos mortos operam nessas relações e deixavam intrínsecos às identidades de gênero.

## 1.4. OUTRAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA AMÉRICA INDÍGENA

Dentre as mais conhecidas performatividades de gênero que não se enquadram nas construções ocidentais sobre corpo, sexo e gênero, e que resistiram (mesmo com os inúmeros desafios) à colonização europeia, temos os *Two-spirit* na América do Norte (desde a porção central do México até o Canadá). De acordo com Callender e Kochems (1983), cerca de 113 grupos culturais, amplamente registrados desde meados do século XIX (Quadro 1), apresentavam performances de gênero distintas daquelas que conhecemos na atualidade. Para os pesquisadores, sujeitos identificados pelos cronistas enquanto *Berdaches* assumiam comportamentos, vestimentas e ocupações do outro sexo para efetuar uma mudança do seu *status* de gênero (CALLENDER; KOCHEMS, 1983; GOULET, 1996).

**Quadro 1.** Sociedades nativas da América do Norte que contemplam à mudança no *status* de gênero.

1. Achumawi (Voegelin 1942: 134–35)	40. Kansa (Dorsey 1890: 386; Say in James 1823: 129)	79. Quapaw (St. Cosme in Kellogg 1917: 360)
2. Acoma (Hammond 1882: 346)	41. Karankawa (Newcomb 1961: 74)	80. Quileute (Olson 1936: 99)
3. Aleuts (Bancroft 1874, vol. 1: 92; Dall 1897: 402–3)	42. Kaska (Honigmann 1954: 129–30)	81. Quinault (Olson 1936: 99)
4. Arapaho (Kroeber 1902: 19–20)	43. Kato (Driver 1939: 347; Essene 1942: 31)	82. Rogue River (Barnett 1937: 185)
5. Arikara (Holder 1889: 623)	44. Kitanemuk (Harrington 1942: 32)	83. Salinan (Harrington 1942: 32; Mason 1912: 174; Hester 1978: 502)
6. Atsugewi (Voegelin 1942: 134–35)	45. Klamath (Spier 1930: 51–53; Voegelin 1942: 134–35)	84. Santa Ana Pueblo (Gifford 1940: 66, 168)
7. Assiniboine (Lowie 1910: 42)	46. Kutenai (Spier 1935: 26–27; Turney-High 1941: 128)	85. Santee Dakota (Landes 1968: 32, 57, 66, 112–13)
8. Bannock (Steward 1943: 385)	47. Laguna (Parsons 1923: 272; 1939: 53)	86. Sauk (Catlin 1973, vol. 2: 214–15; Keating 1825: 216)
9. Bella Bella (McIlwraith 1948, vol. 1: 45–46)	48. Lassik (Essene 1942: 31, 65)	87. Shasta (Holt 1946: 317; Voegelin 1942: 134–35)
10. Bella Coola (McIlwraith 1948, vol. 1: 45–46)	49. Lillooet (Teit 1906: 267)	88. Shoshoneans (Steward 1941: 252–53; 1943: 338)
11. Blackfoot (Turney-High 1941: 128)	50. Lipan Apache (Gifford 1940: 66)	89. Shoshoni (Shimkin 1947; Steward 1943: 271)
12. Caddo (Newcomb 1961: 301)	51. Luiseno (Boscana 1978: 54; White 1963: 146–47)	90. Sinkaietk (Cline 1938: 137, 149)
13. Carrier (McIlwraith 1948, vol. 1: 45–46)	52. Mandan (Bowers 1950: 272, 296, 298)	91. Sinkyou (Driver 1937: 347)
14. Cheyenne (Grinnell 1962, vol. 2: 39–42; Hoeber 1960: 77)	53. Maricopa (Drucker 1941: 163; Spier 1933: 242–43)	92. Siuslaw (Barnett 1937: 185)
15. Chilula (Driver 1939: 347)	54. Mattale (Driver 1939: 347)	93. Southern Paiute (Driver 1937: 90, 129; Drucker 1941: 173; Lowie 1924b: 282; Stewart 1944: 405)
16. Chiricahua Apache (Opler 1965: 111)	55. Menomini (Skinner 1913: 34)	94. Teton Dakota (Hassrick 1964: 122; Mirsky 1937: 416–17)
17. Choctaw (Bossu 1962: 169; Romans 1962: 82–83)	56. Miami (Trowbridge 1938: 68)	95. Thompson (Teit 1900: 321)
18. Chumash (Costanso 1910: 137; Harrington 1942: 32)	57. Miwok (Gifford 1926: 333)	96. Timucua (Le Moyne du Morgues 1878: 7–8)
19. Coahuiltecans (Cabeza da Vaca in Katz 1976: 285)	58. Modoc (Ray 1963: 43)	97. Tipai (Drucker 1941: 173)
20. Coast Salish (Barnett 1955: 149; Teit 1900: 321)	59. Mohave (Devereux 1937; Kroeber 1925: 478–79; Drucker 1941: 173)	98. Tolowa (Driver 1939: 347; Gould 1978: 131, 134)
21. Cocopa (Drucker 1941: 163; Gifford 1933: 294)	60. Natchez (Swanton 1911: 100)	99. Tubatulabal (Driver 1937: 90; Voegelin 1938: 47)
22. Costanoan (Harrington 1942: 32)	61. Navaho (Hill 1935; Mathews 1897: 70)	100. Ute (Gifford 1940: 55, 136; Lowie 1924b: 282–83; Stewart 1940: 298)
23. Crow (Denig 1961: 187–88; Holder 1889; Lowie 1935: 48, 312–13; Simms 1903)	62. Nez Perce (Holder 1889: 623)	101. Washo (Steward 1941: 485)
24. Eyak (Birket-Smith and de Laguna 1938: 206)	63. Nisena (Beals 1933: 376)	102. Winnebago (Lurie 1953)
25. Flathead (Teit 1930: 384; Turney-High 1937: 85)	64. Northern Paiute (Gayton 1948: 174; Lowie 1924b: 283; Stewart 1933: 238; Stewart 1941: 405)	103. Wintu (Voegelin 1942: 134)
26. Fox (Michelson 1927: 257)	65. Nootka (Drucker 1951: 333)	104. Western Apache (Gifford 1940: 66, 136, 168)
27. Gabrieleño (Harrington 1942: 32)	66. Nomlaki (Goldschmidt 1951: 387)	105. Wishram (Spier and Sapir 1930: 229–21)
28. Gros Ventre (Holder 1889: 623)	67. Ojibwa (Coues 1897: 163–65; Kinitz 1947: 155–57; McKenney 1827: 314–15)	106. Wiyot (Driver 1937: 347; Elsasser 1978: 159)
29. Haisla (Olson 1940: 200)	68. Omaha (Fletcher and La Flesche 1911: 132–33; Dorsey 1890: 379)	107. Yana (Sapir and Spier 1943: 275)
30. Hidatsa (Bowers 1965: 166–68, 323–27)	69. Osage (Fletcher and La Flesche 1911: 132–33)	108. Yankton (Dorsey 1890: 467)
31. Hopi (Beaglehole and Beaglehole 1935: 44; Fewkes 1892: 11)	70. Oto (Irving 1888: 120–33; Whitman 1969: 50)	109. Yokuts (Gayton 1948: 66, 106, 236; Wallace 1978a: 455; 1978b: 466)
32. Hupa (Driver 1939: 347)	71. Papago (Drucker 1941: 163; Underhill 1969: 186–87)	110. Yuki (Foster 1944: 183, 186; Powers 1877: 132–33)
33. Illinois (Liette 1947: 112–13; Marquette 1900: 129)	72. Patwin (Kroeber 1925: 293; 1932: 272)	111. Yuma (Forde 1931: 157; Gifford 1931: 56)
34. Ingalik (Osgood 1958: 219, 261–63)	73. Pawnee (Dorsey and Murie 1940: 108)	112. Yurok (Kroeber 1925: 46)
35. Iowa (Lurie 1953: 711)	74. Pima (Drucker 1941: 63; Hill 1938)	113. Zuni (Parsons 1916; Stevenson 1902: 37–38)
36. Ipai (Drucker 1937: 27)	75. Plains Cree (Mandelbaum 1940: 256–57)	
37. Juaneño (Kroeber 1925: 647)	76. Pomo (Gifford 1926: 333)	
38. Kalkau (Essene 1942: 31, 65)	77. Ponca (Dorsey 1890: 379; Howard 1965: 142–43)	
39. Kaniagmiut (Bancroft 1874, vol. 1: 82; Dall 1897: 402–3)	78. Potawatomi (Landes 1970: 190–91, 195–96)	

Fonte: Callender; Kochems (1983).

O reconhecimento desses indivíduos se dava na infância quando havia um interesse, no caso dos ‘garotos’, por atividades específicas do universo feminino (CALLENDER; KOCHEMS, 1983; HEMMILÄ, 2005). De forma geral, as atividades domésticas foram notavelmente descritas por pesquisadores e informantes que demonstraram que os *Two-spirit* detinham tais habilidades, além disso, em ocasiões de guerras, esses indivíduos poderiam assumir a linha de frente e em outros casos, não lutavam, mas exerciam papéis significativos: acompanhar os guerreiros e transportar suprimentos, tratar os feridos, tornavam-se responsáveis pela guarda dos escalpos (um tipo de troféu de guerra feito através da cabeleira arrancada juntamente com a pele do crânio) e faziam danças para afastar os invasores (CALLENDER; KOCHEMS, 1983).

Outras ocupações dos *Two-spirit* estavam associadas diretamente ao ritual funerário, apesar de não haver vasta literatura acerca dessa realidade (UNDERHILL, 1965; HEMMILÄ, 2005). Em outros casos, tais indivíduos alcançavam papéis também significativos como guias espirituais para as suas comunidades, sendo reconhecidos enquanto xamãs. Para Hemmilä (2005), a maneira pela qual esses indivíduos eram relacionados a essas práticas são bastante similares a outros grupos tradicionais mais antigos, inclusive da América do Sul, onde a alteração no seu *status* de gênero e na orientação sexual seria um claro fator espiritual para essas sociedades nativas da América do Norte.

De forma ontológica, a explicação da existência de indivíduos *Two-spirit* também pode ser aos aspectos espirituais e simbólicos, o que possibilitaria elucidar a participação dos *Two-spirit* em diversas ocupações sócio simbólicas, como nos eventos funerários ou até mesmo no reconhecimento de tais pessoas enquanto guias xamânicos (CALLENDER; KOCHEMS, 1983; ROSCOE, 1991; GOULET, 1996; HEMMILÄ, 2005). Para Williams (2010), símbolos presentes nos sonhos e visões e as mitologias em que deuses específicos intermediam dois lados sexualmente distintos são orientadores nesse ato performativo do gênero.

Se etnograficamente os *Two-spirit* têm sido amplamente registrados, remanescentes arqueológicos também podem apresentar dados significativos para compreender tais performatividades de gênero, apesar de Hollimon (1996) não ter alcançado resultado proeminente. No entanto, como Roscoe (1991) apresenta, sujeitos masculinos e femininos foram frequentemente sepultados com acompanhamentos que indicariam suas ocupações: indivíduos femininos, por exemplo, foram sepultados com ferramentas de produção de cerâmica ou bolas de argilas não queimadas, oferendas similares encontradas, em pelo menos

um sepultamento de indivíduo masculino, podem sugerir uma pessoa que se identificasse enquanto *Two-spirit*. Igualmente sugestivas são as cestarias, relacionadas às práticas femininas nessas sociedades da América do Norte, que podem ser encontradas em enterramentos com sujeitos masculinos e possivelmente *Two-spirit* (ROSCOE, 1991).

Diferentemente da imensidão de dados provenientes sobre os *Two-spirit*, estudos para o território sul-americano são mais escassos, apesar do enorme quantitativo de documentações que descrevem a variabilidade no comportamento de gênero e orientações sexuais não-heteronormativas (FERNANDES, 2015). Ainda que pouco explorado, alguns registros etnográficos e etno-históricos são capazes de demonstrar a diversidade de gênero em grupos nativos da América do Sul e, especialmente, no território brasileiro.

Como bem indicado por Fernandes (2015), é possível conceber as performatividades de gênero distintas das quais nós compreendemos através de uma série de termos colonizadores acerca das práticas sexuais e comportamentos de gênero, como ‘sodomia’, ‘pecado nefando’ e ‘pederastia’. No entanto, há relatos que retratam essas práticas de maneira mais ampla, demonstrando que alguns indivíduos indígenas do sexo feminino não só pegavam em armas, mas também realizavam outras funções consideradas para o universo masculino. Além disso eram ‘casadas’ com mulheres e “chamá-las de mulheres era a maior injúria que lhes poderia ser feita”, Amantino (2011) sobre a Carta de Pero Correia (1551).

Em outra citação baseada no relato do padre Gandavo de meados do século XVI, Amantino (2011) apresenta que “algumas índias”, além de não se interessarem por relações sexuais com homens, também se dedicavam às tarefas masculinas, cortavam os cabelos da mesma maneira que os homens, iam às guerras com seus arcos e flechas e caçavam sempre na companhia deles. Para completar, cada uma tinha uma mulher que servia e com quem dizia ser casada e se comunicavam e conversavam como marido e mulher, apresenta Amantino através da citação do padre.

Apesar de não haver nesses relatos a identificação quanto aos grupos linguísticos e culturais, é instigante pensar que os comportamentos (e as performatividades) de gênero para as sociedades indígenas fossem mais amplos. Ainda nesse sentido, em interpretação realizada por Amantino (2011) acerca desses relatos, tais comportamentos, visto como desregrado, colocavam em perigo o processo de colonização, na medida que esses estavam diretamente ligados às concepções culturais dos nativos e não aos padrões tidos como corretos dos europeus cristãos. Tal inferência torna explícito que as imposições de gênero e sexualidades fizeram parte

desse processo colonizador e, para tanto, a utilização de percepções contemporâneas para com o registro pré-colonial é também uma forma de colonizar o conhecimento acerca do nosso passado.

Igualmente para os Xavante, pertencentes à família linguística Jê do Brasil Central, Melatti (2007) menciona que alguns indivíduos do sexo feminino, ao tornarem-se sodalícios, rompem com os estigmas do gênero que lhes são atribuídos e, em determinados casos, trocam seus respectivos nomes por nomes masculinos, além de poderem participar de certos ritos específicos para os homens, ficando apenas de fora do conselho da aldeia, uma atividade exclusiva aos indivíduos do sexo oposto. Nesse contexto, é plausível identificar que as performatividades de gênero estão atreladas aos diversos âmbitos da sociabilidade dos Xavante e que a diferenciação entre os sexos, como considerada por Melatti (2007), não é inflexível.

Mencionando a relação artefactual e gênero, Clastres (1978) apresenta o universo sócio simbólico referente aos artefatos que acompanham a construção de gênero dos homens e mulheres Guiaiqui. Para o autor, uma oposição muito clara organiza e domina a vida dessa sociedade: a dos homens com seus arcos e das mulheres com os seus cestos, onde as atividades marcam a divisão sexual das tarefas e constituem dois campos nitidamente separados e complementares. Ao refletir sobre a função simbólica do arco e do cesto na construção social de homens e mulheres, Clastres (1978) menciona que:

Os homens só existem como caçadores, e eles mantêm a certeza da sua maneira de ser preservado o seu arco do contato da mulher. Inversamente, se um indivíduo não consegue mais realizar-se como caçador, ele deixa ao mesmo tempo de ser homem: passando do arco para o cesto, metaforicamente ele se torna uma mulher. Com efeito, a conjunção do homem e do arco não se pode romper sem transformar-se na sua inversa e complementar: aquela da mulher e do cesto. (CLASTRES, 1978, p. 75-76)

Como exposto acima, enquanto materialidades e corpos operam no cerne dessas práticas, a variabilidade é mencionada por Clastres (1978). Dois casos específicos confrontam tais construções, sendo um considerado Panema (caçador e/ou pescador infeliz; que não é afortunado – azarado) e outro considerado como sodomita. A diferença existente entre esses indivíduos e os tratamentos que recebem nas relações sociais está para o fato do primeiro, com o azar na caça e conseqüentemente o insucesso para com as mulheres, a rejeição pela própria comunidade. Esse indivíduo, apesar de se considerar homem, não participa das atividades vinculadas ao universo masculino, ficando à mercê dos trabalhos destinados às mulheres.

Para o segundo caso, Clastres (1978) apresenta que o tratamento pela comunidade é totalmente diferenciado e, inclusive, respeitado. Para o pesquisador, o sujeito outrora considerado sodomita, apresentava-se com uma performance que estaria mais próxima daquela destinada as mulheres. Para esse último, Clastres demonstra que tal indivíduo se tornara socialmente reconhecido, como possível de observar na citação abaixo, e, além disso, certos caçadores faziam desse indivíduo seu “parceiro” sexual em total libertinagem ao invés de perversão, mas nunca ocorrera por parte da comunidade qualquer sentimento de desprezo para com esse sujeito.

Krembégi era na verdade um sodomita. Ele vivia como as mulheres e, à semelhança delas, mantinha em geral os cabelos nitidamente mais longos que os outros homens, e só executava trabalhos femininos: ele sabia "tecer" e fabricava, com os dentes de animais que os caçadores lhe ofereciam, colares que demonstravam um gosto e disposições artísticos muito melhor expressos do que nas obras das mulheres. Enfim, ele era evidentemente proprietário de um cesto. Em suma, Krembégi atestava assim no seio da cultura guaiáqui a existência inesperada de um refinamento habitualmente reservado a sociedades menos rústicas. Esse pederasta incompreensível vivia como uma mulher e havia adotado as atitudes e comportamentos próprios desse sexo. Ele recusava por exemplo tão seguramente o contato de um arco como um caçador o do cesto; ele considerava que seu lugar natural era o mundo das mulheres. (CLASTRES, 1978, p. 76)

A partir dessas breves menções, temos não somente uma descrição sobre como tais performatividades eram vistas e atribuídas aos gêneros, mas também algo essencial para a Arqueologia: as materialidades representadas pelos arcos, flechas, cerâmicas, cestos, vestimentas e adornos, sendo essas muitas vezes interpretadas como indissociáveis ao universo limitado do sexo. Tais colocações, apesar de se encontrarem numa discussão mais essencialista, são interessantes para nos fazerem refletir de forma mais profícua sobre questões que fogem do binarismo sexual e, finalmente, sugerir narrativas mais amplas, inclusivas e representativas daquelas e daqueles que sempre se encontram às margens, tanto na nossa sociedade ocidental, quanto nas pesquisas mais aplicadas da Arqueologia.

\*\*\*\*\*

Os estudos de gênero realizados na Arqueologia impactaram de forma significativa a compreensão do passado e instigou os pesquisadores a reformular muitos dos pressupostos sexistas e masculinistas que norteavam (e continuam norteando) as pesquisas arqueológicas. A ideia inicial buscou apresentar as mulheres no registro arqueológico, visto que as narrativas produzidas sempre atribuíam a presença e importância masculina em tempos longínquos, como

se as mulheres não fizessem parte desses contextos ou que não fossem importantes nos sistemas sociais desses períodos.

Após o surgimento de novos debates sobre gênero, sexo, sexualidade, corpo, dentre outras temáticas, a Arqueologia de Gênero se tornou mais ampla ao discutir, não somente sobre as mulheres no registro arqueológico, mas também sobre outras minorias de identidades, inclusive com discussões relacionadas sobre masculinidade. É nesse momento que trabalhos imbuídos dentro das Teorias *Queer* ganham força na Arqueologia.

No Brasil, diferente de outros países, a participação feminina em trabalhos arqueológicos desde meados do século passado (quando começam as investigações mais científicas) é enorme. Nomes como Betty Meggers, Annette Laming-Emperaire, Anna Roosevelt, Niede Guidon, entre outras, não somente se destacam como mulheres que iam à campo, mas que produziram diversas possibilidades (metodológicas e teóricas) para o entendimento do passado e solidificaram a arqueologia brasileira. Apesar do pioneirismo delas, a Arqueologia Brasileira ainda mantém com as noções sexistas e masculinistas em suas produções arqueológicas.

Com o surgimento da Arqueologia de Gênero, trabalhos que seguiram tais vertentes começaram a ser realizados em contextos arqueológicos do Brasil. Inicialmente, investigações no campo da Arqueologia Histórica abriram os caminhos para que essas possibilidades pudessem também ser averiguadas em contextos pré-coloniais e, nesse sentido, a Arqueologia das Práticas Mortuárias tiveram êxito em tais abordagens com algumas pesquisas já realizadas, demonstrando não somente que mulheres tinham importante destaque nessas sociedades que ocuparam o território antes da colonização, mas que as performatividades de gênero seriam bem mais diversas do que aquelas assinaladas pelos polos masculinos e femininos.

Em uma breve busca por essas possibilidades de gênero em contextos etnográficos, identificamos que, apesar das construções sempre serem baseadas a partir de divisões dos sexos, a diversidade também é constatada em toda a América Indígena. Homens e mulheres que, para além de se colocarem em posições e papéis considerados para o universo do outro sexo, muitas vezes consideravam-se enquanto um gênero que não necessariamente teria relação com o gênero pré-definido ao nascer através da diferenciação biológica. Tais subsídios demonstram que precisamos desvincularmos das noções de gênero que temos no presente e começarmos a pensar em outras possibilidades de identidades.

## **UMA NECRÓPOLE DE LONGA DURAÇÃO NO BAIXO SÃO FRANCISCO**

---

“O S. Francisco, como um oasis no deserto, através dos sertões adustos da Bahia ao Ceará, de Pernambuco ao Piauí, é, na verdade, a terra da promessa e o refugio daqueles povos assolados pela secca prolongada e periódica.” (Theodoro Sampaio, 2002[1905], p. 11)

O São Francisco é uma das bacias mais importantes que banham a América do Sul, situada especificamente no Brasil. O rio nasce em Minas Gerais, na Serra da Canastra, e atravessa boa parte dos estados do Nordeste, desaguando no oceano Atlântico, entre os estados de Alagoas e Sergipe. Partindo do Sudeste para o Nordeste do Brasil, o rio tem uma função essencial ao passar por regiões que enfrentam, quase que o ano todo, duras secas, sendo um recurso de subsistência para as populações que margeiam o mesmo, tal como mencionado por Theodoro Sampaio (em citação acima) ainda em 1905.

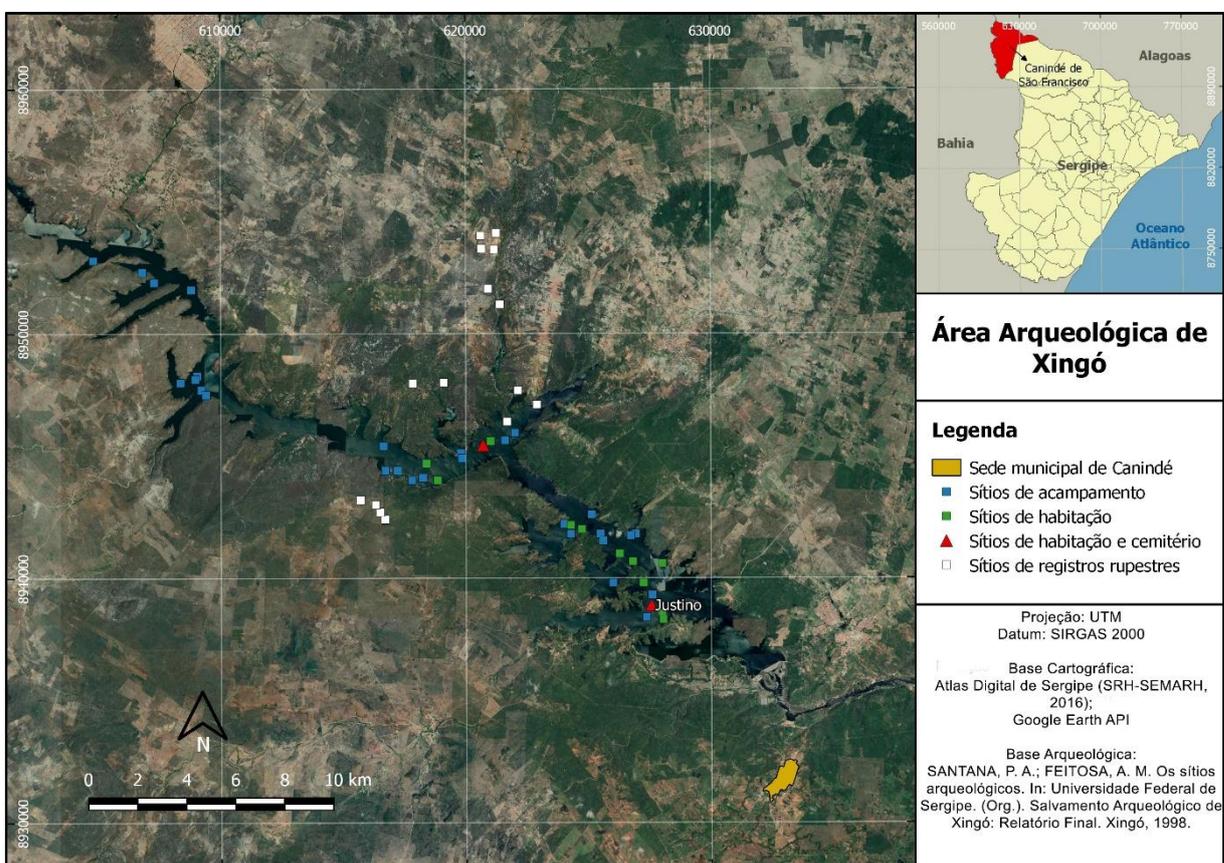
Esta característica parece ter sido fundamental também para as sociedades que ocuparam essas regiões antes da colonização portuguesa. Segundo Martin (1998), esta grande bacia foi um centro de atração e caminho natural para as populações nativas que já se encontravam ali no final do Pleistoceno. Desta maneira, não há dúvidas que o São Francisco foi (e continua sendo) palco para as diversas ocupações, sobretudo por se tratar de um manancial importante para subsidiar as demandas necessárias da sobrevivência humana.

O baixo São Francisco, área no qual o sítio Justino se encontra, é a região que compreende o elo entre o interior e o litoral, a extensão que a bacia, a maior em dimensão exclusivamente brasileira, atinge a sua foz. Esta porção, que se inicia na cachoeira de Xingó prosseguindo até o oceano Atlântico, se estende em aproximadamente 200 km, sendo que nestes espaços, populações humanas pré-coloniais desenvolveram suas culturas: caçaram, pescaram, pintaram em abrigos e painéis rochosos e sepultaram/celebraram seus mortos (MARTIN, 1998, VERGNE, 2004).

No caso das ocupações pré-coloniais da área, o sítio Justino é a ‘cereja do bolo’ dentre as centenas de espaços arqueológicos identificados e registrados na região, visto a grande abundância de sepultamentos humanos, de materiais lito-cerâmicos e faunísticos, dentre outros.

Este foi descoberto em 1990 durante o projeto de salvamento na área que foi descaracterizada com a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (UHX). Neste sentido, o Programa Arqueológico de Xingó objetivou o resgate dos sítios arqueológicos identificados na região e, mais do que isso, teve como finalidade contribuir para o conhecimento do período pré-colonial do Nordeste brasileiro (VERGNE E AMÂNCIO, 1992).

O sítio Justino foi localizado na fazenda Cabeça de Nego, às margens sergipanas do rio São Francisco, no município de Canindé de São Francisco (Figura 2) e encontrava-se próximo a uma cachoeira e curva do rio (FAGUNDES, 2010) que, antes da hidrelétrica, era reconhecida por sua piscosidade: um local estratégico para pesca e que, possivelmente, serviria como um marco paisagístico e simbólico para celebrar os mortos.



**Figura 2.** Localização do sítio Justino na Área Arqueológica de Xingó (Fonte: Barreto, 2020).

No terraço que o sítio foi identificado, havia uma roça de plantação de milho e feijão e na superfície a presença de inúmeros vestígios de cerâmicas que, de acordo Vergne *et al.* (2002), já se apresentavam bastante degradados por ações antrópicas. Destarte, a borda do terraço também havia sofrido alterações pela dinâmica do São Francisco em toda a sua extensão, ocasionando perda de materiais arqueológicos e, conseqüentemente, informações pertinentes sobre as ocupações humanas que ali ocorreram (VERGNE *et al.*, 2002).

Assim, com a identificação de materiais cerâmicos e líticos na superfície, foi realizada uma sondagem para verificar a presença de materiais em subsuperfície e, após tal verificação, Vergne (2004) informa que a área foi escavada obedecendo os procedimentos metodológicos: a) limpeza de toda a área com vestígios; b) realização da curva de nível do terreno; c) quadrículas de 5 x 5 m e de 1 x 1 m; d) denominações de letras para o eixo horizontal e número para vertical; e) primeira retirada de superfície em 10 cm para evitar a coleta de materiais degradados; f) escavação por níveis artificiais.

A partir do levantamento topográfico, a área do sítio foi delimitada em 23 m por 55 m, totalizando 1.265 m<sup>2</sup> e atingindo uma profundidade de 6,40 m com 64 camadas artificiais escavadas (VERGNE, 2004). Algo importante de ser ressaltado e pouco apresentado na literatura produzida sobre o Justino é que duas áreas relativamente próximas sofreram intervenções arqueológicas. Inicialmente, tais locais foram considerados como sítios distintos, todavia ao final das escavações, foram estimados como um mesmo sítio, sendo, então, dois setores escavados (SILVA, 2017).

Desses setores, os métodos aplicados para a escavação se deram da seguinte maneira (CARVALHO, 2006):

- I. Setor I: a escavação foi realizada através de camadas artificiais em superfícies amplas com espessura de 10 cm e usando as camadas naturais como referencial para compreender as ocupações, sendo escavado até a camada mais estéril ou a base rochosa, alcançando uma profundidade de aproximadamente 6 metros. Este setor foi escavado em sua totalidade.
- II. Setor II: assim como para o Setor I, a escavação nesta área do Justino também foi realizada através de camadas artificiais com espessura de 10 cm, no entanto, nem todas as quadras de delimitação foram escavadas, demonstrando que diferente do que se é apresentado nas produções sobre o sítio (VERGNE *et al.*, 2002; VERGNE, 2004), este não tenha sido escavado em sua plenitude. Não foi possível encontrar nas documentações de campo, até o presente momento, quais os blocos que não sofreram intervenções.

Utilizando-se de imagens apresentadas em Vergne (2004) e Carvalho (2006) e da documentação sobre o Justino no acervo da Reserva Técnica do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), conseguimos reproduzir os setores escavados (Figura 3).

# ÁREAS ESCAVADAS DO SÍTIO JUSTINO

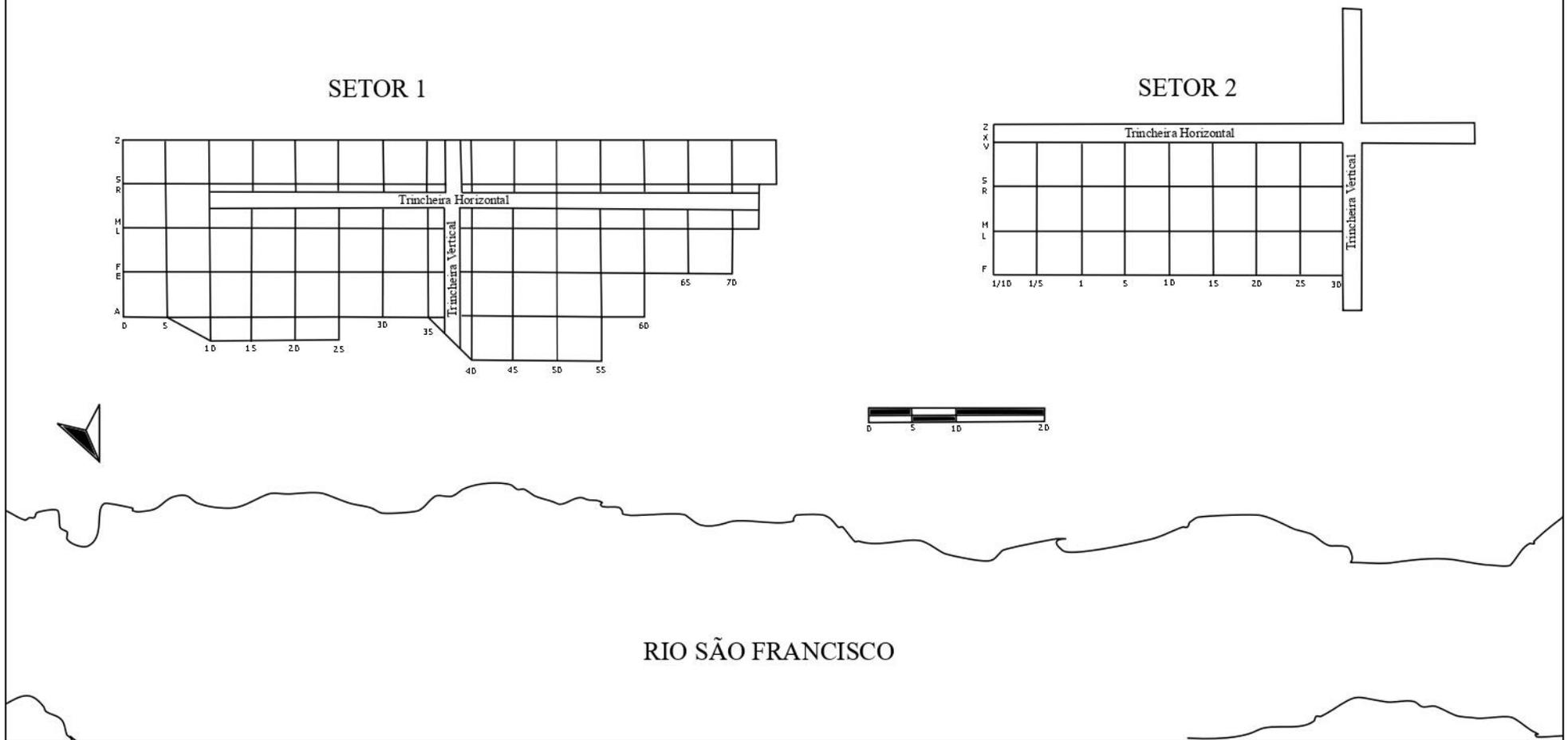


Figura 3. Setores de escavação do sítio Justino.

Dessa maneira, nas 64 camadas escavadas, os esqueletos apresentaram-se em 26 delas, sendo um número aproximado de 185 remanescentes distribuídos ao longo de milhares de anos (CARVALHO, 2006; OLIVEIRA; KLOKLER, 2018; VERGNE *et al.*, 2002; VERGNE, 2004), além de uma quantidade expressiva de outros elementos culturais, totalizando 55 mil peças como cerâmicas, líticos e adornos (LUNA, 2001; FAGUNDES, 2007; SILVA, 2013, 2017). Ademais, também foram identificadas dezenas de estruturas de combustão como fogueiras que perpassam por um total de 30 (SANTOS, 2018). Ao final das escavações, foram coletados 2.320,45 Kg de sedimentos.

Abaixo (Figuras 4 e 5) demonstramos as atividades de escavação do sítio Justino, bem como sepultamentos em processo de exumação.



**Figura 4 e 5.** Escavação do Justino e sepultamentos em processo de exumação (Fonte: Acervo do MAX).

## 2.1. DAS OCUPAÇÕES E CRONOLOGIAS DO JUSTINO

A primeira publicação apresentando a cronologia das ocupações foi realizada durante a primeira divulgação científica em 1992 pelas pesquisadoras Cleonice Vergne e Suely Amâncio. De acordo com as hipóteses preliminares levantadas pelas autoras sobre as instalações no sítio, haveria períodos específicos para tais ocupações, sendo estas correspondentes as datações alcançadas na camada 3 de  $1280 \pm 45$  AP, camada 6 de  $1780 \pm 60$  AP e, por fim, camada 13 de 3270 AP. Essas datas foram obtidas através do método de Carbono-14 pelo Laboratório da Universidade de Lyon, França (VERGNE; AMÂNCIO, 1992).

Anos mais tarde, em uma nova publicação, Vergne (1996) publicou uma nota sobre o PAX apresentando novas datações. A autora sugere longa ocupação pré-colonial do Justino e

demonstra que duas ocupações teriam acontecido na área: uma ceramista e outra pré-ceramista, sendo a última iniciada há aproximadamente 9000 anos, dados esses alcançados através do método de C<sup>14</sup> pelos Laboratórios de Lyon, França, e Laboratório de Geociências da Universidade Federal da Bahia.

Ao passo em que mais datações foram obtidas, as hipóteses de ocupação do sítio Justino enquanto habitação e cemitérios foram levantadas. Para Vergne *et al.* (2002), o Justino tinha duas funções principais: a de habitação, no qual seria possível observar as organizações residenciais de forma circular no espaço e, por fim, os cemitérios que Vergne *et al.* (2002) e Vergne (2004) se atentam. Contudo, Oliveira e Klokler (2018), em avaliação dos croquis produzidos durante as escavações, explanam que não foi possível observar esse formato através da localização dos sepultamentos e outros vestígios materiais mapeados durante as escavações.

Tal observação também foi realizada durante o desenvolvimento dessa dissertação, especialmente para as camadas referentes aos cemitérios C, B e A (descritos adiante) e, novamente, não foi possível compreender demarcadores explícitos que indicassem delimitação habitacional. O que é possível de ser notado é a grande concentração de sepultamentos em todas as camadas e quadras escavadas do sítio em seus dois setores e uma grande quantidade de materiais lito-cerâmicos nos mesmos espaços dos sepultamentos, em camadas acima e abaixo, sendo plausível indicar que todo o conjunto arqueológico do Justino fizesse parte de uma única função: de cemitério, embora sejam necessários estudos mais aprofundados para confirmar essa hipótese.

### 2.1.1. CEMITÉRIOS

Com uma publicação de 2002, Vergne, Carvalho e Queiroz apresentam de forma mais específica as fases de enterramentos no sítio Justino e em 2004 Vergne aprofunda as discussões sobre a distribuição espacial e cronológica dos sepultamentos, além de apresentar as primeiras inferências sobre as práticas funerárias. Segundo a pesquisadora, a organização espacial das estruturas funerárias a partir da leitura vertical do sítio permitiu a divisão total dos enterramentos em quatro cemitérios: D, C, B e A.

Cemitério D: identificado entre as camadas 52 e 39 nas quadrículas AE21/25 e AE-FL 41/50, tem datação mais antiga de  $8890 \pm 70$  AP proveniente de uma fogueira localizada na decapagem 40. Para este, os materiais arqueológicos são representados por 5 sepultamentos e 2 concentrações de ossos (sem especificações em relação as origens e setores escavados), além

de líticos, conchas e machas que, segundo Vergne e colegas (2002), estariam associadas aos restos alimentares, no entanto essas foram observadas abaixo e acima dos sepultamentos, chegando “a formar pequenas concentrações em diferentes partes do terraço, tendo a sua maior ocorrência entre as camadas 28 e 43” (VERGNE *et al.*, 2002, p. 258).

Cemitério C: localizado entre as camadas 28 e 16 e distribuindo-se entre as quadrículas AE-FL 11/41 e MS 31/41, onde os fragmentos de materiais cerâmicos mais profundos foram identificados e relacionados ao período de transição entre as populações caçadoras-coletoras para ceramistas (VERGNE *et al.*, 2002). Há ainda o acréscimo no número de sepultamentos, um total de 36 sepultamentos e 5 concentrações de ossos (também sem maiores especificações) que estão presentes ao longo da estratigrafia desse conjunto. Uma fogueira na camada 30, abaixo dos enterramentos, ofereceu uma datação de  $5570 \pm 70$  AP e outra fogueira na camada 20, posicionada de forma intermediária na estratigrafia, foi datada em  $4380 \pm 70$  AP.

O conjunto artefactual do cemitério C é vasto e aumenta conforme as camadas estratigráficas, apresentando-se com um rico acervo de materiais líticos e cerâmicos, além de conchas, fogueiras e manchas que, novamente, Vergne *et al.* (2002) associam aos restos alimentares, sendo esses encontrados em camadas abaixo ou acima dos sepultamentos. Sobre a presença de acompanhamentos nas estruturas fúnebres desse cemitério, há dois casos notáveis, os enterramentos de número 162 e 157 que apresentam material cerâmico, incluindo cachimbo.

Cemitério B: contém 61 sepultamentos e 10 concentrações inespecíficas de ossos e claramente faz parte de uma ocupação ceramista (VERGNE *et al.*, 2002). Localiza-se nas camadas 15 e 9 dentre as quadras FL-MZ21/35, FL41/45 e 51/55 e AE-FL11/20. As datações para este período de ocupação foram alcançadas a partir de duas fogueiras, sendo a primeira na camada 13 com  $3270 \pm 135$  AP e a segunda situada na camada 10 datada em  $3560 \pm 160$  AP.

Os remanescentes arqueológicos são representados por artefatos lito-cerâmicos e, assim como nos cemitérios descritos anteriormente, conchas, fogueiras e manchas estariam associadas aos restos alimentares (VERGNE *et al.*, 2002). Os pesquisadores ainda mencionam que a organização espacial dos remanescentes esqueléticos e outros elementos sugerem um formato circular delineado pelo contorno das habitações, no entanto, a grande diversidade de cultura material plotada nos croquis não demonstram nenhuma delimitação habitacional, como buracos de estacas relacionados aos pisos habitacionais ou algum alinhamento que denotaria áreas específicas para enterrar os mortos, como observamos durante a coleta de dados.

Cemitério A: sendo o conjunto funerário mais recente, está localizado entre as camadas 8 e 4 e possui cerca de 51 enterramentos, 2 cremações e 13 concentrações de ossos situados no quadrante leste, entre as quadrículas AE-FL-RO 06/30 (VERGNE *et al.*, 2002). Três fogueiras dão a referência cronológica: uma na camada 8 datada em  $2530 \pm 160$  AP e que corresponde a base deste cemitério, outra na camada 6 datada de  $1770 \pm 60$  AP, e a última na camada 3 datada em  $1280 \pm 45$  AP que está estratigraficamente acima dos enterramentos.

Sobre os materiais arqueológicos do Cemitério A, Vergne e colaboradores (2002) demonstram que esses são representados primariamente por artefatos líticos e cerâmicos, conchas, além de fogueiras e manchas que, assim como nos cemitérios descritos anteriormente, foram associadas aos restos alimentares. Esses vestígios, ainda em conformidade com a pesquisadora, estão presentes em todas as camadas desse conjunto e aumentam significativamente até a superfície do sítio.

Como uma primeira tentativa de compreender as fases de enterramentos no Justino, Vergne e colegas (2002) inferem para quatro momentos distintos de acordo a localização dos sepultamentos nas camadas estratigráficas, sendo estas coerentes a um grupo não ceramista e outra ceramista. A leitura vertical e horizontal do sítio que os autores oferecem, evidenciou os diferentes momentos de sepultar os mortos, no entanto, apesar de alguns apontamentos interessantes para inferências acerca da funcionalidade do sítio, os pesquisadores interpretaram seus dados a partir de um viés que não considera as possibilidades simbólicas da paisagem e das materialidades que, certamente, marcaram as instalações que se fizeram presente, algo que certamente necessita de mais atenção em pesquisas futuras sob o sítio.

#### 2.1.2. ENTRE OS CEMITÉRIOS, OUTRAS FUNCIONALIDADES?

Tais resultados sobre as ocupações do Justino permaneceram (e permanecem) guiando diversos estudos sobre aqueles que ocuparam e sepultaram seus mortos as margens do São Francisco. Neste caso, vale ressaltar os estudos de Fagundes (2007, 2010) que apresentam cinco ocupações através da variabilidade lítica do sítio, das fases de enterramentos propostas por Vergne e colegas (2002), além de outras pesquisas pontuais, como a de Luna (2001). Para o autor, o Justino tinha diversas funcionalidades e, por conseguinte, poderia ser um assentamento base para os grupos pré-coloniais que viveram na região de Xingó.

Para Fagundes (2007, 2010), as distintas ocupações só foram possíveis de serem compreendidas através da distribuição espaço-temporal dos remanescentes culturais e aliadas às associações e estruturas no solo ocupacional do referido sítio, tal como demonstrado a seguir.

Fase 1: localizada abaixo do até então nível atual do rio, entre as decapagens 60 e 43, o que levou o autor a fazer inferência acerca de uma possível mudança no curso do São Francisco e/ou volume das águas ao longo do tempo. Ainda nesse sentido, o pesquisador explica que esse dado pode estar associado diretamente à quantidade ínfima de cultura material, um total de 84 líticos, sendo 51 modificados por ação humana e 33 de origem natural, sendo os últimos representados em sua maioria por seixos de diferentes matérias-primas. Além disso, foram evidenciados dois sepultamentos: enterramentos 159 (camada 52) e 161 (camada 51).

Para tanto, Fagundes (2007) continua inferindo que houve dois momentos de ocupações nesta fase, sendo uma primeira ocorrendo entre as camadas 59 e 51 que a frequência artefactual é baixa, demonstrando que grupos permaneceram pouco tempo no sítio e, entre as camadas 50 e 43, uma segunda ocupação que apresenta aumento no número de manchas escuras, o que o fez interpretar que seria um período em que o terraço passa a ser mais visitado, sem excluir as condições naturais do solo.

Como nesta fase não foram identificados estruturas de fogueiras, não há datação absoluta, indicando que as ocupações no terraço do Justino tivessem sido ainda mais recuadas, já que os carvões para alcançar a datação mais antiga do sítio só ocorre na decapagem 40, datada em  $8950 \pm 70$  AP (FAGUNDES, 2007). Destarte, esses dados demonstram que a utilização dos terraços às margens do São Francisco na área em questão possa ser ainda mais antiga, tal qual enfatizado por estudo de Santana (2013) que alcança resultados de até  $12220 \pm 50$  AP.

Assim sendo, o autor lança algumas suposições em relação a esta primeira ocupação, apresentando que o terraço foi pouco povoado, hipótese decorrente da baixa frequência de peças líticas, bem como de outros remanescentes culturais. Ainda acerca das instalações humanas no espaço e as concepções funcionais para os grupos caçadores-coletores, Fagundes (2010) conclui que o Justino nesta fase deve ter sido utilizado como acampamento temporário, sendo o seu uso relacionado à subsistência.

Fase 2: inicia-se na camada 42 e finaliza na 35 e tem a datação absoluta mais antiga alcançada para o Justino de  $8950 \pm 70$  AP. Segundo Fagundes (2007), nesse período houve uma ocupação mais densa, conseqüentemente pelo maior número de vestígios, cerca de 699 peças líticas e um número significativo de outros elementos culturais: 5 estruturas de combustão

organizadas e com presença de carvão, 40 manchas escuras associadas aos vestígios faunísticos. Outro aspecto de relevância sobre este período relaciona-se com a inexistência de sepultamentos, no entanto, como explana Fagundes (2007), as sepulturas evidenciadas por Vergne e colegas (2002) do Cemitério D são provenientes desta fase ocupacional, isso se deve ao fato, conforme considerado pelo autor, dos enterramentos serem intrusivos (através de escavações de covas) nos pacotes sedimentares.

De acordo com avaliação dos materiais líticos desse momento de ocupação, Fagundes (2007) sugere que esses passaram a ser produzidos no próprio terraço e, em relação aos enterramentos e as outras tantas estruturas mencionadas (fogueiras e manchas), a hipótese concebida demonstra que é nesta fase que se inicia as primeiras práticas funerárias do Justino e que, por conseguinte, a área do sítio passa a ser percebida pelo grupo como um lugar persistente, partindo do pressuposto que “nenhum grupo enterra seus mortos em um local aleatório, sobretudo quando este local serviu de “cemitério” em um período que segue de 8.950 AP até aproximadamente 1200 AP” (FAGUNDES, 2010, p. 460).

Fase 3: localizada entre as camadas de número 34 e 16 coincide com o Cemitério C descrito por Vergne *et al.* (2002). De acordo com Fagundes (2007), este momento é marcado por períodos de curtas ocupações que podem estar associadas ao uso do sítio como acampamento temporário e/ou de visitação aos mortos. No entanto, há ocasiões em que o sítio se torna aparentemente abandonado pelos grupos que viveram na região, hipótese proposta a partir da baixa densidade de remanescentes culturais entre as camadas 30 e 20.

Diante desses resultados, o pesquisador menciona que este momento de ocupação possa ser dividido em três ocasiões distintas, a saber:

- I. A primeira ocupação ocorre em um intervalo de 60 cm, entre as camadas 34 e 29. É marcada pela presença de poucos remanescentes culturais, evidenciando o uso do sítio na quadra AS 1/35, fora da área de sepultamentos, dado que corrobora com a hipótese de uso como acampamento temporário, datado de  $5570 \pm 70$  A.P. Materiais líticos estão representados por 36 peças e, nesse período, ocorrem os primeiros materiais cerâmicos (6 fragmentos). Além disso, nota-se um número elevado de manchas escuras no solo;
- II. A segunda ocupação ocorre entre as camadas 28 e 22 em um intervalo de 70 cm, não havendo datações absolutas para esse período (algo entre 5570 e 4790 anos AP, aproximadamente). Há uma diminuição dos remanescentes culturais no sítio,

evidenciando um uso sazonal, relacionado aos acampamentos temporários e de novos enterramentos;

- III. A terceira ocupação ocorre entre as decapagens 21 e 16 e há um aumento de materiais lito-cerâmicos e de sepultamentos humanos. Há também uma nova realidade no uso do espaço no tocante aos locais que os enterramentos foram realizados, passando-se a concentrar nas áreas delimitadas em FL 10/35 e PR 35/39. Entre as camadas 18-16 ocorre uma “explosão” de artefatos, tanto líticos quanto cerâmicos, sendo esses associados ou não aos sepultamentos. Esses dados sugerem que o terraço se tornou mais utilizado pelos grupos, tanto para a execução de suas práticas cotidianas, quanto para as práticas funerárias.

Em suma, Fagundes (2007) expõe que a Fase 3 é marcada por diferentes níveis e tipos de ocupação do espaço do Justino, desde seu possível abandono (ou de menos utilização) nos primeiros momentos de ocupação. Para o pesquisador, o entendimento desta fase foi de extrema importância, pois foi plausível mapear características acerca do assentamento em seus diversos fatores, incluindo a transição de uma ocupação temporária para outra mais permanente, especialmente no que tange ao surgimento da cerâmica.

Fase 4: situado entre as camadas 15-09, é o momento que o sítio se apresenta com a maior densidade de cultura material e, por conseguinte, maior uso do espaço, afirma Fagundes (2007). Os dados referentes a este período de ocupação estão estimados em  $3270 \pm 135$  AP (camada 13) e  $2650 \pm 150$  AP (camada 10) e, conforme a distribuição dos remanescentes culturais, pesquisador observou que não houve intervalos de abandono, sugerindo atividades ininterruptas no Justino.

Ainda sobre este período de ocupação do Justino, é possível observar o maior número de sepultamentos, no qual coincide com o cemitério B, apresentado por Vergne e colegas (2002). Para Fagundes (2007), os enterramentos exumados nesta fase podem ser concentrados em 03 segmentos distintos:

- I. Nas camadas mais profundas (14 e 13) foram evidenciadas 09 estruturas e 03 concentrações ósseas nas quadrículas MZ 21/35. A datação alcançada foi de  $3270 \pm 135$  AP e foi proveniente da fogueira de número 9, sendo situada na camada 13;
- II. Entre as camadas 12 e 11 foram evidenciados 13 sepultamentos e 3 concentrações de ossos, entre as quadrículas FZ 21/32;

III. Entre as camadas 10 e 09 ocorre o maior número de indivíduos exumados em todo o sítio, totalizando 39 sepultamentos e 5 concentrações de ossos, datados em  $2650 \pm 160$  AP com base no carvão da fogueira 19 localizada na quadra FZ 21/35.

Fase 5: último momento de ocupação do Justino, localiza-se entre as camadas 08 e 01 e apresentou duas datações: a primeira de  $1780 \pm 60$  AP (camada 06) e a segunda de  $1280 \pm 45$  AP (camada 03). Neste período de instalação, Fagundes (2007) considera duas ocupações, sendo a primeira referente à concentração de enterramentos (entre as camadas 08 e 04) e outra que não há presença desses, no entanto, com os artefatos bastante regulares até a superfície do sítio.

O quadro abaixo demonstra as fases de ocupações destacadas por Fagundes (2007, 2010), os cemitérios elencados por Vergne *et al.* (2002) e Vergne (2004) e as datações.

**Quadro 2.** Cemitérios e fases de ocupação do Justino.

CEMITÉRIOS	FASES	NÍVEIS	DATAÇÕES
D	01	59-43	Sem datação
	02	42-35	$8950 \pm 70$ A.P.
C	03	34-16	$5570 \pm 70$ A.P. até $4790 \pm 80$ A.P.
B	04	15-9	$3270 \pm 135$ A.P. até $2530 \pm 70$ A.P.
A	05	8-1	$1780 \pm 60$ A.P. $1280 \pm 45$

Fonte: Vergne (2004) e Fagundes (2007).

Com estudo dos remanescentes líticos e levantamento de dados provenientes das análises cerâmicas realizadas por Luna (2001) e do ritual funerário por Vergne *et al.* (2002) e Vergne (2004), Fagundes (2007) menciona que, mesmo com a grande quantidade de sepultamentos e artefatos associados nas 3 últimas fases, é necessário levar em consideração os demais remanescentes culturais encontrados nestes momentos de ocupação, corroborando com a ideia de que o terraço seria utilizado como assentamento-base da região de Xingó, em outras palavras: teria função de um sítio habitação.

Entretanto, é possível estabelecer, mesmo com as estruturas e artefatos não diretamente relacionados ao enxoval funerário, que o sítio, ao menos nas fases 3, 4 e 5, poderia ter uma função exclusivamente fúnebre e que os vestígios localizados em outros setores distanciados dos sepultamentos, mesmo não sendo possível de serem associados com exatidão aos mortos, poderiam ter sido utilizados para celebrações mortuárias ou alguma relação cosmológica para com os falecidos.

Vale mencionar que a presença de manchas próximas ou sobre os sepultamentos humanos e associados aos restos alimentares, como expõe Vergne (2004) e as fogueiras também próximas aos corpos (FAGUNDES, 2007; SANTOS, 2018; VERGNE, 2004) podem ser

indicativos das celebrações e banquetes funerários que ali ocorreram ou fazer parte de uma outra realidade que necessita ser melhor explorada. Outrossim, os trabalhos de Dantas e Lima (2014) e Luna (2001), ambos expostos posteriormente, mesmo não aprofundando nesse caráter mais simbólico do sítio, corroboram com a tal prerrogativa que as cerâmicas, ao menos as inteiras recuperadas com os mortos, foram confeccionadas para atender as demandas relacionadas aos eventos associados aos rituais funerários.

### 2.1.3. OCUPAÇÕES MAIS RECENTES

Ainda em relação aos períodos ocupacionais do sítio Justino, o estudo de Silva (2013) demonstra elementos que não são compatíveis com a realidade cronológica até então creditada às ocupações do sítio: adornos em vidro encontrados em alguns sepultamentos (Quadro 3). Os adornos confeccionados a partir de vidro foram encontrados inicialmente em três esqueletos e, com o estudo para a sua tese de doutorado, a presença em mais um indivíduo (SILVA, 2017).

A forma que esses artefatos acompanhavam os mortos fez com que Silva sugerisse a possibilidade de novas datações (2013) e leituras diferenciadas na concentração dos sepultamentos por intervalos ocupacionais (2017), demonstrando que o sítio Justino teria ocupações ainda mais recentes, após o século XVI, e que a presença de contas de vidro nos sepultamentos pode demonstrar o intercâmbio entre diferentes culturas.

**Quadro 3.** Relação de sepultamentos com contas de vidros ou contas isoladas do Justino.

Sepultamento ou conta	Unidade de escavação	Nível base da sepultura
55	MR 30/35	100 cm
137	MR 6/10	100 cm
147	MR 6/10	100 cm
Conta 5861	AE 16/20	120 cm
Conta não identificada	P31	100 cm

Fonte: Silva (2017)

Utilizando-se das classificações de Vergne e colegas (2002) e Vergne (2004), Silva (2017) apresenta novos intervalos para os enterramentos do Justino distribuídos entre os conjuntos funerários A e B. Para a pesquisadora, quando houve a classificação dos cemitérios, somente foi considerado a distribuição vertical e horizontal dos sepultamentos, sendo que quando da utilização de pesquisas já realizadas acerca do assentamento e artefatos líticos, das ocupações ceramistas da região, da caracterização bioantropológica e os dados sobre as práticas funerárias, foi possível construir um novo modelo de leitura do sítio Justino que decorresse, ao invés da individualização das camadas escavadas, a individualização de áreas no sítio que poderiam ter sido ocupados em momentos distintos.

Dessa forma, Silva (2017) identifica que, nas camadas que estariam relacionadas aos cemitérios B e A, havia três momentos de ocupação, classificados como Intervalo I, Intervalo II e Intervalo III (Quadro 4). Para tal classificação, a autora buscou compreender os espaços preenchidos através da medição dos remanescentes esqueléticos, especialmente o crânio, e dos vasilhames cerâmicos, mesmo alertando que tais mensurações poderiam sofrer variações.

**Quadro 4.** Novos intervalos de enterramentos entre as decapagens 14-4.

Intervalos	Decapagens	Número de sepultamentos
I	40-70	32
II	70-100	67
III	100-140	26

Fonte: Silva (2017)

Apesar dessa nova divisão apontada por Silva (2017), não há maiores discussões acerca da temporalidade dessas concentrações de enterramento, visto que esse não é o ponto central do seu trabalho. No entanto, a autora apresenta através dos dados alcançados que a chegada dos colonizadores e o intercâmbio com os nativos trouxe a possibilidade de um conjunto de artefatos anteriormente desconhecidos pelos indígenas e que, compreender a presença desses elementos faz-se pertinente para que se possa discernir as tensões causadas por esse novo aspecto sociocultural na vida dessas populações originárias.

Ainda que não discutindo de forma explícita uma temporalidade mais recente para o sítio Justino, Silva (2017) expõe através dos subsídios apresentados, corroborando com o que já havia desenvolvido em 2013, que houve, pelo menos nos últimos intervalos de ocupação e/ou de sepultamentos do Justino, certo contato com uma cultura “estrangeira”. A autora, ainda neste sentido, descarta que tais elementos sejam intrusivos, visto a associação direta aos esqueletos humanos anatomicamente preservados.

Para além desses achados, outros dados relevantes do sítio podem corroborar a hipótese de troca entre nativos e povos europeus e africanos, embora essas informações ainda necessitem de maior averiguação. Vieira Junior e Palmeira (2006) trabalhando com as medidas cranianas dos remanescentes esqueléticos, alcançaram resultados que fogem do padrão da morfologia dos crânios para os grupos pré-coloniais, sendo estes mais similares aos traços raciais negroides, ainda que Carvalho (2006) demonstrasse que os sujeitos do Justino tivessem crânios poucos alongados (mesocrânio) e que coincidiria com os resultados provenientes para outros contextos pré-coloniais do Brasil.

Por outro lado, o número de indivíduos identificados com treponematoses no Justino, sendo um total de 8, de acordo as avaliações paleopatológicas de Carvalho (2006), indicam valores discrepantes ao cenário pré-colonial brasileiro. De acordo estudos realizados com remanescentes esqueléticos de sítios costeiros (sambaquis) e apresentados por Filippini (2012), Mello *et al.* (1991) e Okumura (2013), o número de infecções acometidas pela bactéria *Treponema pallidum*<sup>6</sup> é mínimo, sendo uma estimativa de 2,9% de mais de 700 remanescentes esqueléticos amostrados em 45 sítios (FILIPPINI, 2013).

Para Walker *et al.* (2005), a ocorrência de contágios relacionados à treponematoses está ligada à grupos com maior densidade demográfica, fato este que ainda não possui evidências claras para ser afirmada acerca das ocupações do sítio Justino. Desta maneira, é possível elencar que a presença dessa infecção, ainda que necessite de maior atenção em pesquisas futuras, possa estar diretamente atrelada a um período de contato e troca cultural entre os nativos, africanos e colonizadores europeus, corroborando com as datações mais recentes estipuladas através dos estudos de Silva (2013, 2017) com as contas de vidros.

## 2.2. DAS PESQUISAS COM AS CERÂMICAS E OS SEPULTAMENTOS

Durante as escavações realizadas no sítio Justino, um número expressivo de sepultamentos humanos foi identificado (aproximadamente 160), sendo que esses impressionam pela diversidade de formas no tratamento mortuário, bem como do conjunto artefactual que contempla o enxoval funerário, como líticos, cerâmicas, adornos, remanescentes faunísticos, dentre outros (CARVALHO, 2006; VERGNE, 2004; SILVA, 2013).

O estudo de Vergne (2004) apresenta uma série de subsídios acerca dos tratamentos que os corpos dos falecidos receberam, como também apresenta os artefatos que compuseram esses enterramentos. Sem maiores informações acerca da localização desses acompanhamentos e das suas avaliações tecno-tipológicas, a autora classifica os elementos líticos, cerâmicos e adornos e faz correlação com informações acerca do sexo, idade de morte, bem como os setores e as camadas que esses foram identificados no sítio, perpassando pelos quatro cemitérios anteriormente descritos.

No Justino, em específico, pudemos observar categorias de hierarquização social e distinção de gênero e idade nos cemitérios A, B e C (sobretudo no B), sendo que no cemitério D não há distinções visíveis arqueologicamente tanto

---

<sup>6</sup> As treponematoses são enfermidades (Bejel, Framboesia, Pinta e Sífilis) transmitidas pela bactéria *Treponema pallidum* através de relações sexuais e que causam uma grande variedade de lesões que incluem desde patologias cutâneas até lesões terciárias sífilíticas que acometem o cérebro e os ossos (FILIPPINI, 2013).

por meio das análises dos vestígios associados aos enterramentos, como nas demais categorias aqui aplicadas (VERGNE, 2004, p. 344).

Dentre as apresentações de Vergne (2004), chama a atenção a abundante presença de sepultamentos que contam em sua mobília artefatos cerâmicos (Tabela 1): vasilhames que cobrem os mortos dispostos próximos aos corpos e urnas funerárias, fragmentos com diversidade técnica e decorativa, além dos cachimbos. Apesar do número, pouco se discute a precisão desse conjunto artefactual nos sepultamentos, especialmente no que confere aos materiais fragmentados, algo que necessita ser melhor explorado futuramente.

**Tabela 1.** Quantitativo de sepultamentos e elementos cerâmicos por cemitérios do Justino.

Fases	Número de sepultamentos	Fragmentos	Cerâmicas inteiras ou remontadas	Cachimbos
C	27	154	3	3
B	49	195	19	4
A	19	75	8	-
Total	95	424	34	7

Fonte: Vergne (2004), Dantas e Andrade Lima (2014) e Alcântara (2018).

Diante da variabilidade e formas que esses materiais foram encontrados, apenas aqueles que cobrem ou foram encontrados inteiros próximos aos falecidos, além das urnas, receberam maior atenção de pesquisadores, ainda que tais investigações perpassassem apenas por questões relacionadas aos aspectos tecno-tipológicos e funcionais desses vasos, sem aprofundamentos acerca dos significados simbólicos que esses vasilhames poderia ter para com o ritual funerário e para com o falecido, sendo estes fatores o foco do desenvolvimento desta dissertação.

O trabalho de Luna (2001), desenvolvido para compreender os sítios com presença de cerâmica às margens do baixo São Francisco, traz os primeiros resultados acerca do perfil tecno-tipológico desses artefatos, incluindo avaliações acerca dos diversos fragmentos mencionados por Vergne (2004) e os vasilhames inteiros que estavam associados aos mortos. Para Luna, não há hegemonia nas formas e tipos de decoração, apesar da recorrência técnica que esses foram confeccionados: vasos acordelados com antiplásticos compostos por areia e mica e queima do tipo oxidante incompleta, tratamento de superfície externo e interno alisado. Do ponto de vista interpretativo, a autora menciona que “o controle técnico (...) levaria a se obter um produto de maior resistência e qualidade técnica” (p. 258).

No entanto, em descrição acerca da queima dos vasilhames, Luna (2001, p. 182) demonstra que esses artefatos, quando associados aos mortos, apresentam-se mal queimados e são friáveis e que, em alguns casos, “chegam a esfarelar-se no manuseio”. Com tal resultado, a

autora sugere que essas cerâmicas foram confeccionados às pressas, com finalidade única de servir como enxoval funerário, e que portanto não havia necessidade de que sua queima fosse prolongada.

Resultado similar aparece em Dantas e Lima (2014) que, ao avaliarem as marcas de fuligens nesses vasilhames, demonstram que esses artefatos não somente tiveram contato com as chamas do fogo, mas que cozinham alimentos. Todavia, o fato dessas marcas estarem esparsamente depositada em cavidades existentes nas suas superfícies sugere que o contato com o fogo não foi contínuo, tal como ocorre em vasos utilizados para fins domésticos. Dessa maneira, os autores argumentam que os mesmos artefatos cerâmicos que foram utilizados para cozinhar alimentos, também foram incorporados aos sepultamentos como acompanhamentos funerários.

Apesar do avanço referente aos aspectos tecno-tipológicos e funcionais desses materiais cerâmicos associados aos mortos, muito pouco se discute sobre os possíveis motivos pelos quais esses artefatos acompanham os falecidos e as formas que foram colocados nos sepultamentos, tendo apenas sugestões que tais evidências estivessem atreladas às questões de gênero, idade ou *status* social, como infere Vergne (2004). Ainda sobre essa relação artefatural e morto, Luna (2001) demonstra que o padrão técnico observado nesses vasilhames indica uma continuidade cultural ou étnica, visto a repetição de formas que tais vasilhames foram depositados nos sepultamentos, em geral esférica ou semiesférica, sendo esses fatores observados entre 3280 e 1280 anos AP, de acordo a autora.

Uma característica que não foi verificada nos estudos sobre os sepultamentos com cerâmicas é a variabilidade de formas que os vasilhames foram colocados nessas áreas sepulcrais. Alguns indivíduos receberam dois artefatos, cobrindo o crânio e o abdômen ou região pélvica, outros são identificados com apenas um vasilhame cobrindo o crânio ou próximo ao corpo e, para esse último caso, também alojados na região craniana. Há também vasilhames cerâmicos que cobriram corpos de crianças por inteiro e que, possivelmente, seriam uma forma destinada aos pequenos falecidos

Além, é possível observar a presença das urnas que foram escavadas e identificadas para um mesmo período ocupacional, entre 2650 e 1780 anos AP (LUNA, 2001; VERGNE, 2004), mas não se apresentam como o mesmo tamanho e volume e não foram destinados a sujeitos que se encaixariam em uma mesma faixa etária, sendo plausível observar desde crianças recém-nascidas até adultos com idades mais avançadas.

O esquema abaixo (Figura 6) demonstra a variabilidade de formas dos vasilhames cerâmicos associados aos mortos do sítio Justino: a) sobre o crânio e região do abdômen (sepultamento 33); b) em urna funerária (sepultamento 165); c) cobrindo completamente o corpo (sepultamento 138); d) próximo ao corpo (sepultamento 142).



**Figura 6.** Formas de associação cerâmica com os mortos do sítio Justino.

Essa variabilidade, apesar de ser identificada na literatura acerca das práticas funerárias do Justino (LUNA, 2001; CARVALHO, 2006; SILVA, 2017; VERGNE, 2004), não foi levada em consideração para a compreensão da relação entre os falecidos e a cerâmica e que poderia ser o principal elemento para, de fato, entendermos as hipóteses que Vergne (2004) sugere para essas associações: questões de gênero, etárias e funções sociais.

Diante da evidente lacuna exposta, utilizamos desses sepultamentos com cerâmicas para compreendermos questões de gênero, que apesar de ter sido utilizado em inferências relacionadas às diferenças entre os sexos (VERGNE, 2004), não foi devidamente pesquisado

seguindo as abordagens dessas vertentes de estudo. Além disso, em diálogo com a Arqueologia Funerária e da História Indígena de Longa Duração, apresentadas nos próximos capítulos, acreditamos ser possível expandir as inferências até então atribuídas aos enterramentos que se apresentam com vasilhames.

\*\*\*\*\*

Entre 9 mil anos até o século XVII, as margens do São Francisco, em sua porção baixa, alguns grupos indígenas e posteriormente outros grupos, fizeram daquele espaço, arqueologicamente conhecido como sítio Justino, um lugar importante para a realização das práticas funerárias. Ao longo desses milhares de anos, não somente os corpos dos mortos foram ali depositados em rituais funerários bastante elaborados, mas como uma série de fatores sociais também materializados, materializações essas que nos possibilitam discernir diversos aspectos acerca dos primeiros ocupantes dessa região.

Da sua descoberta à escavação, entre 1990 e 1994, o sítio Justino já chamava a atenção pelo seu enorme quantitativo de sepultamentos humanos, sendo uma das necrópoles pré-coloniais (e de contato) à céu aberto mais densa do Brasil. Com essa densidade, nos últimos 30 anos, tal sítio foi estudado de forma significativa para a compreensão dos aspectos relacionados à ocupação e função, bem como tantas outras questões referentes, não somente os aspectos tecno-tipológicos do conjunto artefactual e das informações contidas nos remanescentes esqueléticos, mas de uma série de abordagens que fizeram com que os grupos que enterraram seus mortos na necrópole pudessem ser entendidos em suas mais variadas facetas.

Do avançar das pesquisas, hoje temos uma realidade que não mais coloca o sítio Justino enquanto um espaço limitado ao período pré-colonial, mas sobremaneira, achados de contas em vidro nos sepultamentos demonstram que o Justino permaneceu como um espaço simbólico para as práticas funerárias, mesmo com o processo violento da colonização. Essa realidade, para tanto, nos permite pensar a paisagem enquanto um elemento importante de significados para aquelas populações, como também de aproximá-las com as histórias indígenas do baixo São Francisco.

Remanescentes esqueléticos, líticos, adornos, vasilhames cerâmicos e, muitas vezes, as suas relações nas estruturas mortuárias, também receberam inúmeras investigações. Com relação aos sepultamentos com vasilhames cerâmicos, estudados também nesta dissertação, as pesquisas conseguiram delimitar algumas possibilidades: 1) tal associação poderia elencar uma

possível hierarquização entre grupos de gênero e idades; 2) a fabricação desse material seria realizado às pressas para servir ao ritual funerário e, por esse motivo, seriam menos resistentes que aqueles fragmentos cerâmicos encontrados em outros setores do sítio; 3) as marcas de fuligens encontradas nesses vasilhames indicam que tais utensílios até poderiam ter sido utilizados para cozinhar alinhamentos, mas por serem indícios esparsos, isso teria acontecido durante as celebrações funerárias e, após, incorporados aos sepultamentos.

Ainda que com algumas inferências, estudos que buscassem entender as relações entre as cerâmicas e os mortos e os motivos pelas quais apenas alguns sepultamentos receberam esse tipo de acompanhamento ainda permaneceram obscuros na literatura. É diante dessa lacuna que estudamos o sítio Justino e, com abordagens de gênero e de leituras realizadas a partir dos métodos e técnicas da Arqueologia das Práticas Mortuárias, indicadas no próximo capítulo, que propomos responder certas questões relacionadas as formas que os vivos estavam entendendo esses mortos e, de tal forma, como que o gênero dos indivíduos falecidos e enterrados na necrópole era compreendido socialmente.

## **MORTOS COM CERÂMICAS E A ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA**

---

“The dead do not bury themselves, but are treated and disposed of by the living.” (Mike Parker Pearson, 1999, p. 3)

Ao pensar nos estudos arqueológicos ligados aos gestos mortuários do passado, bem como todos os seus embasamentos, podemos realizar certo paralelo com as teorias arqueológicas que norteiam as pesquisas com os vestígios relacionados à morte. Inicialmente<sup>7</sup>, com as abordagens histórico-culturais, os espaços com remanescentes funerários foram averiguados seguindo a ótica de difusão e migração, buscando compreender as origens e as transferências de determinados ritos entre distintos grupos (PEIXOTO, 2018).

Esta realidade inicial, no entanto, passa a receber críticas com os estudos imbuídos na *New Archaeology*, especialmente com a publicação de Binford (1971) que demonstra que os vestígios funerários do passado, em consonância ao que seria observado na prática etnográfica (UCKO, 1969), tornariam tais contextos excepcionais para a leitura da vida social daquele conjunto em específico, como também seria possível elucidar a persona social do morto, onde os espaços e a variabilidade nas formas de inumar os falecidos demonstrariam os papéis e as possíveis hierarquias sociais.

O pós-processualismo, por outro lado, amplia o debate introduzindo maior diversidade de pensamentos relacionados à Arqueologia Funerária. Se antes os espaços mortuários eram compreendidos como um reflexo direto das leis gerais dos grupos dos vivos, agora é possível explanar uma série de aspectos que fazem dos vestígios (e espaços) fúnebres uma arena que varia de acordo com situações geográficas, cronológicas e culturais, de modo que não seria possível criar grandes regras ou esquemas explicativos para o seu entendimento total (PARKER PEARSON, 1999).

É exatamente com essa vertente teórica que surgem as primeiras reflexões de gênero para os contextos funerários do passado, onde pesquisadores demonstram que a forma que o corpo é preparado para ser enterrado, bem como todos os aparatos fúnebres, para além de demarcar os *status* sociais desses sujeitos mortos, poderiam elucidar desde as construções de

---

<sup>7</sup> Antes dessas pesquisas, as investigações em cemitérios arqueológicos eram realizadas por amadores e/ou curiosos que atribuíam interpretações vagas sobre as origens das religiões e dos mitos (PEIXOTO, 2018).

gênero socialmente atribuídas pelos grupos vivos, como também podem demonstrar as performatividades de gênero dos falecidos (ARNOLD, 2006; GASPAR *et al.*, 2011; LIMA *et al.*, 2013; PARKER PEARSON, 1999, SØRENSEN, 1991).

Importante mencionar que, independentemente da abordagem a ser seguida, Parker Pearson (1999) apresenta que pesquisas arqueológicas no cerne das práticas funerárias não necessariamente tendem a expressar as atribuições acerca dos mortos, mas reforçam que os gestos são realizados pelos vivos. Tal exposição demonstra, para tanto, que investigações nesse ínterim devem buscar compreender os contextos históricos e explicar os motivos pelas quais essas práticas foram realizadas nas formas que se apresentam *in situ*.

Desse modo, a presente dissertação versa acerca dos sepultamentos que apresentam vasilhames cerâmicos sobre ou próximos aos corpos dos falecidos do sítio Justino. Compreendendo que as cerâmicas mortuárias do Justino, como observado em Luna (2001) e Dantas e Andrade Lima (2014) foram produzidos especificamente para os rituais funerários, podemos refletir que este tipo de associação, a localização junto aos falecidos, além das urnas, poderiam ter caráter simbólico que levasse em consideração a percepção do corpo e as performatividades de gênero dos sujeitos sepultados no Justino, hipóteses estas levantadas durante a produção dessa dissertação e melhor apresentada no capítulo seguinte acerca das ontologias indígenas acerca da produção e utilização de cerâmicas, especialmente para as populações Kariri.

Durante a coleta das informações na documentação produzida em campo, bem como na bibliografia publicada, incluímos outros sepultamentos que se apresentaram com cerâmicas sobre ou próximas aos corpos (Apêndice 3), para além daqueles destacados por Dantas e Lima (2014) e Luna (2001). Todavia, por serem remanescentes esqueléticos e materiais cerâmicos que não foram contemplados com análises anteriores, optamos por investigar somente aqueles sobre os quais já houvesse registros técnico-morfológicos disponíveis<sup>8</sup>. Ademais, outros sepultamentos com vasilhames já analisados, mas que não contaram com descrições acerca da localização artefactual associada ao morto, impossibilitaram, até o presente momento, avaliarmos essas relações, bem como apresentar resultados satisfatórios, sendo esses incluídos no Apêndice 2.

---

<sup>8</sup> A não inclusão desses vasilhames se deu por fatores pandêmicos, pois não tivemos tempo suficiente para averiguarmos a documentação completa, bem como de realizamos as avaliações nos materiais cerâmicos.

Inicialmente, através da revisão bibliográfica, buscamos as informações referentes acerca dos sepultamentos. Trabalhos como de Carvalho (2006) e Silva (2013, 2017) apresentam dados robustos acerca das avaliações dos remanescentes esqueléticos. Também buscamos compreender os elementos referentes a deposição dos mortos no seu espaço final: posição e inumação do corpo, tipos de covas e acompanhamentos funerários (além dos vasilhames cerâmicos já discutidos). A pesquisa realizada por Vergne (2004), por meio dos dados de campo, apresenta a maneira pelas quais as práticas funerárias foram realizadas, subsidiando as informações sobre os lugares e as formas que os corpos foram enterrados. No entanto, por se tratar de informações alcançadas durante as escavações do sítio, fez-se necessário compreender na documentação tais descrições, visto que, não há informações claras acerca de como os acompanhamentos funerários foram observados em seu contexto original e, quando de escavações realizadas em sepultamentos alojados nos casulos<sup>9</sup>, constatamos algumas discrepâncias no que foi descrito na literatura. Os vasilhames cerâmicos foram submetidos a análises acerca do perfil tecno-tipológico nos trabalhos de Luna (2001) e Dantas e Lima (2014). Dessa forma, utilizamos desses dados e reavaliamos de forma pontual a morfologia e decoração, visto que essas informações não se apresentavam com descrições aprofundadas. Destarte, através dos relatórios das escavações, bem como das fotografias dos sepultamentos, buscamos compreender a forma que tais vasilhames se apresentavam nessas estruturas funerárias.

Para finalizar, decidimos compreender a distribuição espacial e cronológica dos sepultamentos, visto que as práticas funerárias realizadas no Justino tiveram longa duração (entre 9 mil anos AP até o século XVII), sendo justificável pensar que mudanças nos tratamentos mortuários tivessem acontecido durante esses milhares de anos. Assim, buscamos na Reserva Técnica do MAX as plantas baixas das camadas escavadas para compreender as áreas que os corpos foram evidenciados, bem como a profundidade para discernir possíveis concentrações de sepultamentos, como também se a prática de associar vasilhames aos mortos estivesse atrelada a determinadas áreas e períodos específicos.

Como forma de facilitar a leitura dos dados, um quadro foi criado (Quadro 5) contendo todas as informações alcançadas durante a revisão literária, bem como as avaliações acerca dos remanescentes esqueléticos, vasilhames cerâmicos e documentação de campo.

---

<sup>9</sup> Escavações de sepultamentos alojados em casulos de gesso na Reserva Técnica do MAX aconteceram durante os campos do PROBASÃO entre 2016 e 2019. O autor participou e escavou diversos sepultamentos entre 2016 e 2018.

**Quadro 5.** Organização dos dados alcançados durante a pesquisa.

Sep.	ELEMENTOS BIOLÓGICOS			POSIÇÃO E TIPO DE INUMAÇÃO						MORFOLOGIA DAS CERÂMICAS						Outras associações funerárias	
	Sexo	Idade	Patologias	Inumação	Corpo	Membros Superiores	Membros Inferiores	Crânio	Face	Tipo de Cova	N. do Vasilhame	Forma	Tratamento de Superfície	Decoração	Diâmetro		Altura
34	M	40-49	Osteoartrite	Primário	Dorsal	Levemente alongados	Alongados	SE	NO	Preenchida	34p	Forma 2	Alisado	Ausente	26 cm	14 cm	Ossos de ave falconiforme
											34gr	Forma 1	Alisado	Ausente	35 cm	25 cm	
31	Ind.	30-39	Não observado	Primário	DLE	-	-	N	L	Preenchida com espaços vazios	11.596	Forma 2	Alisado	Ausente	30,5 cm	11 cm	Colar de contas de origem faunística
											11.597	Forma 1	Alisado	Ausente	33 cm	13 cm	
33	M	40-49	Trauma e Osteoartrite	Primário	Dorsal	Alongados	Alongados	NE	L	Preenchida com espaços vazios	12.647	Forma 1	Alisado	Ausente	31 cm	10 cm	Ossos faunísticos
											12.648	Forma 1	Alisado	Ausente	38 cm	22 cm	
138	Ind.	± 1,5	Infecção e displasia congênita	Primário	Sent.	Fletidos	Fletidos	-	-	Vazia	138	Forma 1	Alisado	Ausente	33 cm	21 cm	contas de vidro; colar de contas de origem faunística; 1 flauta
140	Ind.	± 5	Infecção	Primário	Sent.	Fletidos	Fletidos	SE	NO	Vazia	140	Forma 1	Alisado	Ausente	36,5 cm	21 cm	1 tembetá em amazonita; 1 colar de contas de vidro
109	M	50-59	Trauma	Primário	Dorsal	Levemente alongados	Fletidos	N	L	Preenchida com espaços vazios	20.069	Forma 1	Alisado	Ausente	23,5 cm	12,5 cm	3 tembetás em amazonita; 1 colar de contas de origem faunística
132	M	30-39	Infecção e displasia congênita	Primário	Dorsal	Alongados	Alongados	SE	NO	Preenchida com espaços vazios	24.075	Forma 2	Escovado	Ausente	37 cm	14 cm	1 tembetá
											24.076	Forma 2	Alisado	Ausente	45 cm	11 cm	
165	Ind.	± 1	Não observado	Primário	-	-	-	-	-	Não identif.	26.390	Forma 3	Alisado	Ausente	29,5 cm	20 cm	-
167	Ind.	Adulto Ind.	Não observado	Primário	Sent.	-	-	-	-	Não identif.	26.654	Forma 1	Alisado	Ausente	38 cm	17 cm	-
166	Ind.	40-49	Não observado	Primário	-	-	-	-	-	Não identif.	26.655	Forma 1	Alisado	Ausente	32 cm	13,5 cm	Ossos de 1 ave de rapina
142	Ind.	15-19	Não observado	Primário	Dorsal	Levemente fletidos	Alongados	SE	NE	Preenchido	27.324	Forma 3	Engobo	Ausente	12,5 cm	12 cm	Flauta de origem faunística; 1 tembetá em amazonita
55	M	Ind.	Não observado	Primário	DLD	Fletidos	Fletidos	O	S	Preenchido	12.646	Forma 1	Alisado	Ausente	33 cm	17 cm	Contas em vidro
118	M	50-59	Distúrbio de desenvolvimento; trauma; osteoartrite; infecção	Primário	Dorsal	Fletidos	Fletidos	NO	SE	Preenchida com espaços vazios	20.630	Forma 1	Alisado	Ausente	39 cm	23,5 cm	Adornos de origem faunística (ave, cervídeo e molusco); flauta
											20.631	Forma 1	Alisado	Ausente	41 cm	24,5cm	
119	M	59-59	Trauma; osteoartrite	Primário	Dorsal	Fletidos	Fletidos	L	N	Preenchida com espaços vazios	21.996	Forma 1	Alisado	Ausente	32,5 cm	17 cm	Osso faunístico da espécie <i>Galictis cuja</i> ; ossos longos de fauna (sem identificação taxonômica), 1 tembetá
											21.997	Forma 1	Alisado	Ausente	39 cm	20 cm	
116	F	15-19	Distúrbio de desenvolvimento; Osteoartrite	Primário	Dorsal	Alongados	Alongados	L	S	Preenchida com espaços vazios	20.773	Forma 1	Alisado	Ausente	39,5 cm	21,5 cm	Adornos de origem faunística (colar, bracelete, tornozela); 1 tembetá em amazonita
164	Ind.	5-9	Não observado	Primário	Sent.	Fletidos	Fletidos	-	-	Vazia	27.709	Forma 1	Alisado	Ausente	41 cm	25 cm	1 tembetá em amazonita; 1 bracelete de origem malacológica

Legenda: (M) Masculino; (F) Feminino; (Ind.) Indeterminado; (Adulto Ind.) Adulto com idade indeterminada; (DLE) Decúbito Lateral Esquerdo; (DLD) Decúbito Lateral Direito.

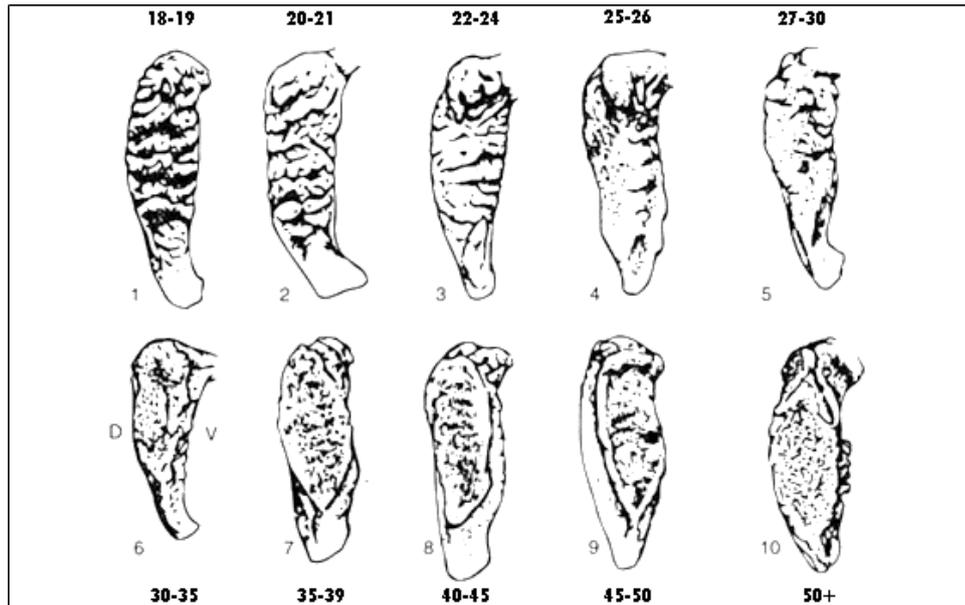
### 3.1. BIOARQUEOLOGIA E OS REMANESCENTES ESQUELÉTICOS HUMANOS

O estudo de remanescentes esqueléticos provenientes de contextos arqueológicos, conhecido como Bioarqueologia, é capaz de apresentar informações sobre saúde, práticas alimentares, estilo de vida, ancestralidade e principais atributos biológicos (idade e sexo) que são utilizados para construir perfis demográficos no passado (BUIKSTRA; UBELAKER, 1994; LARSEN, 2002; SOUZA, 2009; SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013). No entanto, mais do que essas reconstituições biológicas para considerações paleodemográficas, essas informações também são utilizadas para considerar aspectos culturais, inclusive de gênero (BUIKSTRA; BECK, 2003; AGARWAL; GLENCROSS, 2011).

Utilizamos categorias de análise relacionadas à idade, sexo e patologias dos remanescentes esqueléticos para compor uma base de dados (Apêndice 1) que, em consonância com os tratamentos mortuários, os acompanhamentos fúnebres, em especial os vasilhames cerâmicos, permitisse criar interpretações acerca das práticas funerárias do sítio Justino em relação às performatividades de gênero. Apesar de não termos realizados análises bioarqueológicas com os remanescentes humanos do Justino, mencionamos alguns aportes metodológicos, sobretudo relacionados à identificação das estimativas de idade e sexo e os possíveis marcadores patológicos que foram avaliados e descritos por Carvalho (2006) e Silva (2013, 2017).

Em relação as estimativas de idade, podemos apresentar que os ossos humanos passam por mudanças ao longo da vida: se fundem, metamorfoseiam e se degeneram. Durante a infância e adolescência, os dentes surgem e as epífises se formam e, mesmo após os 20 anos, os ossos continuam se alterando (BUIKSTRA; UBELAKER, 1994). Constatar essas alterações em remanescentes esqueléticos demonstram, para tanto, a faixa etária que indivíduos recuperados em depósitos arqueológicos faleceram.

Para a determinação de indivíduos imaturos e infantis, autores mencionam que o tamanho ósseo, a dentição e a fusão das epífises são fatores essenciais para um diagnóstico adequado (MAYS, 1998; WHITE; FOLKENS, 2005). Para indivíduos adultos, diversos aspectos dos remanescentes esqueléticos devem ser considerados. No entanto, como informam Buikstra e Ubelaker (1994), as alterações morfológicas que ocorrem na sínfise púbica (parte anatômica da pélvis) são consideradas um dos critérios mais confiáveis para estimar a idade de morte, pois essas mudanças continuam ocorrendo em todo o processo de envelhecimento, como possível de observar na Figura 7.



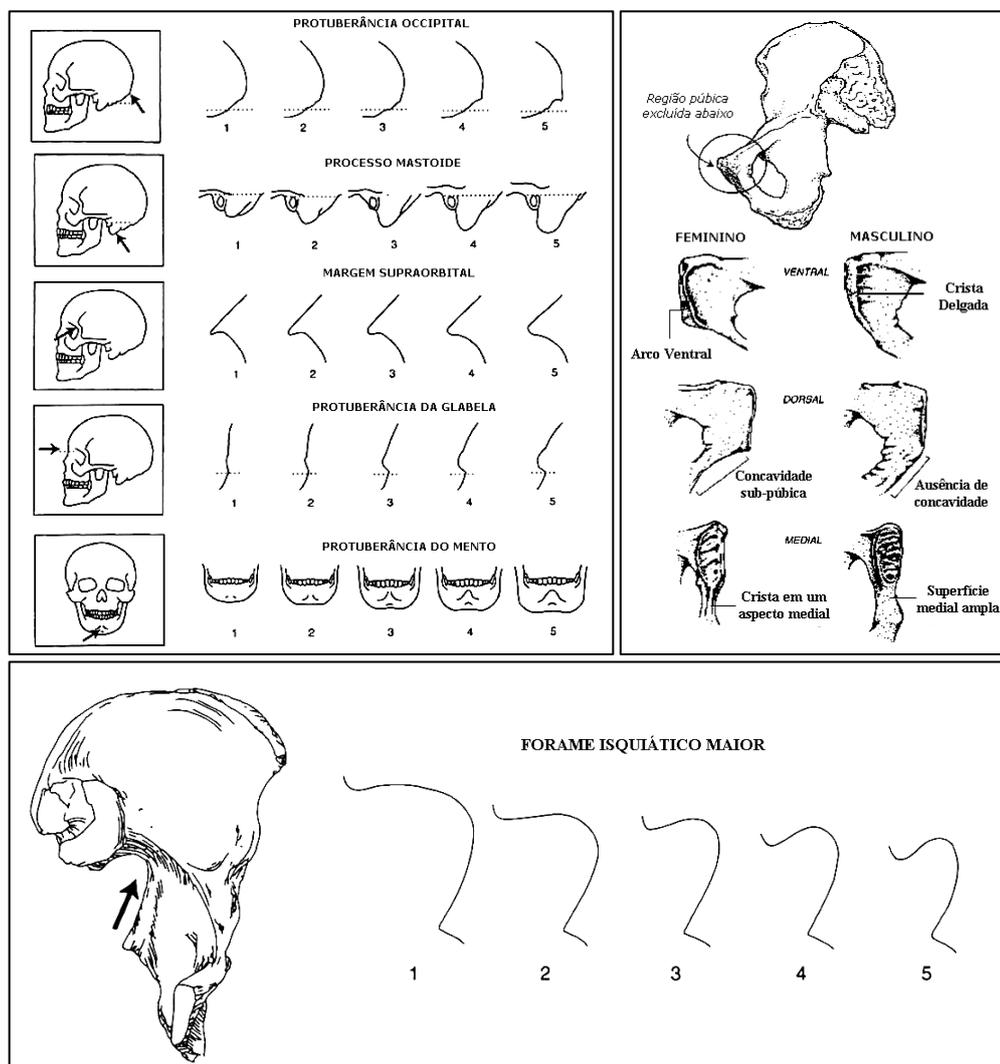
**Figura 7.** Alterações na face da sínfise púbica de acordo a idade (Fonte: Buikstra e Ubelaker, 1994).

Em relação a estimativa do sexo, White e Folkens (2005) apresentam que o estudo detalhado da morfologia dos remanescentes ósseos, especialmente partes anatômicas específicas, como a pélvis e o crânio, além do grau elevado (ou falta) de robustez óssea pode apresentar resultados pertinentes. No entanto, para os autores, essa precisão só é possível caso os mortos apresentem-se com maturidade suficiente (a partir dos 15 anos), alto grau de preservação e experiência dos pesquisadores.

Para Mays (1998) as diferenças anatômicas entre indivíduos masculinos e femininos se dão por alguns fatores: no crânio, a distinção tem origem na testosterona, principal hormônio sexual masculino, que cria um efeito de crescimento, tanto no sistema musculoesquelético quanto em outros tecidos, fazendo com que haja o desenvolvimento mais robusto dessas partes da anatomia craniana; para a pélvis, a diferença está relacionada à funcionalidade de reprodução de indivíduos femininos e, por este motivo, suas pélvis são mais largas que as dos sujeitos masculinos. De acordo Mays (1998), essa distinção entre a pélvis de sujeitos masculinos e femininos muito possivelmente tenha origem na evolução e seleção natural humana, já que indivíduos femininos com a fossa ilíaca muito estreita estariam mais propensos a experimentar problemas potencialmente fatais durante o parto.

O esquema de imagens abaixo (Figura 8) demonstra as diferenças básicas para a estimativa do sexo através da pélvis e do crânio: acima e à direita, partes específicas do crânio, bem como o grau de robustez (quanto mais protuberante, maior a possibilidade de ser masculino); acima e à esquerda, diferenças entre os sexos na região sub-púbica; abaixo,

distinção no forame isquiático maior, sendo que quanto mais largo, maior as chances de ser feminino.



**Figura 8.** Diferenças sexuais através de partes específicas dos ossos (Fonte: Buikstra e Ubelaker, 1994).

Além dos fatores mencionados, indivíduos quando acometidos em vida por doenças podem desenvolver diversas marcas nos ossos que podem ser compreendidas através da avaliação paleopatológica (MCKINLEY & ROBERTS, 1993; SOUZA, 2011; WALDROM, 2009). As enfermidades observadas nos remanescentes esqueléticos podem ser classificadas, de acordo Mays (1998), Waldrom (2009) e White e Folkens (2005), em diversas categorias, como os traumas, doenças infecciosas, degenerativas e dentárias. Para Buikstra e Ubelaker (1994), estimar a patologia através das anomalias ósseas faz-se importante para compreender o *status* de saúde do indivíduo.

No entanto, outros pesquisadores estipulam que, em uma análise contextual, é possível compreender diferentes aspectos sociais, para além do seu *status* de saúde (GRAUER, 2018).

Desde que os paradigmas das teorias sociais impactaram nas produções acerca das doenças no passado, avaliações que buscaram compreender o comportamento humano apresentaram que o processo patológico pode também ser um produto das interações sociais. Dessa forma, faz-se necessário estender as análises ósseas do domínio biológico e patológico, para compreender como que tais ocorrências foram compreendidas socialmente e os impactos que essas tiveram na vida cotidiana das pessoas, alerta Grauer (2018).

Aqui utilizamos os subsídios oriundos das avaliações bioarqueológicas realizadas por Carvalho (2006) e Silva (2013, 2017), como destacado anteriormente, para organizar um banco de dados que facilitasse a investigação sobre os corpos dos falecidos do Justino. Apesar dos fatores tafonômicos terem impedido a averiguação de parte significativa dos remanescentes esqueléticos do sítio (CARVALHO, 2006), essas razões não apresentou impacto significativo a amostra pesquisada, como possível de ser observado no Quadro 4.

**Quadro 6.** Dados sobre as análises dos remanescentes esqueléticos do sítio Justino.

Sepultamento	Sexo <sup>10</sup>	Idade <sup>11</sup>	Patologias Ósseas <sup>12</sup>
34	M	40-49	Osteoartrite da ATM
31	IN	30-39	Sem lesões
33	M	40-49	Trauma (clavícula e falange direita) e osteocondrose e hiperostose vertebral
138	IN	± 1,5	Alto grau de infecção, sugerindo treponematose
140	IN	±5	Marcas atípicas nas faces internas e externas do crânio, porém sem diagnóstico
109	M	50-59	Trauma craniano no parietal esquerdo
132	M	30-39	Sinais de infecções com reação periosteal na clavícula e tíbia direita; displasia congênita na articulação úmero-rádio-ulna
165	IN	±1	Sem lesões observadas
167	A/IN	IN	Sem lesões observadas
166	IN	40-49	Sem lesões observadas
142	F	15-19	Sem lesões observadas
55	M	IN	Sem lesões observadas
118	M	50-59	Perfuração do olecrano umeral direito e esquerdo; trauma craniano na órbita esquerda; osteocondrose e hiperostose na vertebra lombar; sinais de infecções (treponematose)
119	M	50-59	Osteoartroses (osteocondrose e hiperostose na vertebra lombar)
116	F	15-19	Perfuração do olecrano umeral direito e esquerdo); Osteoartrose (sacralização da L5)
164	IN	5-9	Sem lesões observadas

Fonte: Carvalho (2006); Silva (2013, 2017).

<sup>10</sup> (M) Masculino; (F) Feminino; (IN) Indeterminado; (A/IN) Adulto com estimativa de sexo não indeterminada.

<sup>11</sup> Idade configurada por anos; (IN) Indeterminado.

<sup>12</sup> (Sem lesões observadas) Remanescentes esqueléticos que não receberam observações sobre as patologias por motivos de preservação óssea.

### 3.2. DAS FORMAS AOS ESPAÇOS DE SEPULTAR OS MORTOS

O estudo sobre a morte, como exposto por Duday *et al.* (1990), torna-se relevante para o conhecimento das práticas sócio simbólicas que permeiam as representações coletivas das sociedades do passado. As maneiras pelas quais o corpo é tratado, enterrado e, em muitos casos, submetido a um novo enterramento, além das posições que é, finalmente, depositado em suas covas, demonstram as complexidades inerentes aos rituais fúnebres, mas também uma série de questões ideológicas dos grupos vivos que preparavam tais eventos (PEARSON, 1999).

Grupos originários do Brasil apresentam-se com ritos funerários de forma bastante distintas das quais nós, imbuídos pela cultura ocidental cristã, estamos acostumados. Esses rituais incluem desde a maneira pela qual o corpo vai ser inumado, os espaços escolhidos para sua deposição, bem como a associação de bens fúnebres que, em suas cosmologias, acompanham os falecidos em suas passagens para o outro mundo e que poderiam lhes representar em vida, bem como o seu meio social (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; NOVAES, 2006; VIDAL, 1977; VIVEIROS DE CASTRO, 1986). O diálogo, para tanto, entre terminologias arqueológicas e o conhecimento acerca dessas práticas funerárias em comunidades nativas são indispensáveis, ressaltam Beltrão e colegas (2015).

No sítio Justino, a partir da literatura apresentada, buscamos as formas nas quais os mortos foram depositados no seu contexto final: posição do corpo, dos membros superiores e inferiores, orientação do crânio e da face, além do tipo de inumação (Quadro 5). As informações foram alcançadas através das publicações de Carvalho (2006), Silva (2013, 2017) e Vergne (2004). Também consultamos o acervo de fotografias e croquis disponíveis na Reserva na Técnica do MAX, já que alguns dos sepultamentos elencados nesta dissertação não haviam sido previamente estudados ou ainda se encontram alojados em blocos, os quais sofreram as primeiras evidências em campo e, portanto, apresentam-se com registro inicial.

**Quadro 7.** Posição dos remanescentes esqueléticos nas suas estruturas funerárias.

Sep.	Corpo	Membros superiores	Membros inferiores	Crânio	Face	Tipo de inumação
34	Dorsal	Levemente alongados	Alongados	Sudeste	Noroeste	Primário
31	DLE	-	-	Norte	Leste	Primário
33	Dorsal	Alongados	Alongados	Nordeste	Leste	Primário
138	Sentado	Fletidos	Fletidos	-	-	Primário
140	Sentado	Fletidos	Fletidos	Sudeste	Noroeste	Primário
109	Dorsal	Levemente alongados	Fletidos	Norte	Leste	Primário
132	Dorsal	Alongados	Alongados	Sudeste	Noroeste	Primário
165	-	-	-	-	-	Primário

167	Sentado	-	-	-	-	Primário
166	-	-	-	-	-	Secundário
142	Dorsal	Levemente fletidos	Alongados	Sudeste	Nordeste	Primário
55	DLD	Fletidos	Fletidos	Oeste	Sul	Primário
118	Dorsal	Fletidos	Fletidos	Noroeste	Sudeste	Primário
119	Dorsal	Esquerdo fletido; direito alongado	Fletidos	Leste	Norte	Primário
116	Dorsal	Alongados	Alongados	Leste	Sul	Primário
164	Sentado	Fletidos	Fletidos	-	-	Primário

Além da posição dos corpos, também verificamos se os espaços que receberam os falecidos foram devidamente preenchidos pelos sedimentos ou se a decomposição do cadáver ocorreu em espaço vazio, de acordo Duday *et al.* (1990) e Duday (2009). Nesse sentido, utilizamos fotografias, bem como descrições de Carvalho (2006) e Silva (2013, 2017), para compor o levantamento de dados acerca das covas que os remanescentes esqueléticos amostrados nesta pesquisa foram enterrados e desenvolvemos um quadro descritivo com as informações obtidas, sendo esse apresentado no Apêndice 4.

Também consideramos a distribuição espacial e cronológica dos sepultamentos com cerâmicas do Justino, haja vista ser esse um sítio com uma longa duração. Dessa forma, as perguntas que norteiam este aspecto da pesquisa são: a) enterrar os mortos com vasilhames cerâmicos era uma prática relacionada a um determinado período da ocupação do sítio Justino? b) há espaços bem definidos para sepultar os mortos com vasilhames cerâmicos, em contraste àqueles que não receberam tais acompanhamentos fúnebres? c) a diferenciação espacial dos enterramentos no Justino pode ser um fator que corresponde as performatividades de gênero dos mortos?

Dessa forma, buscamos compreender os sepultamentos com cerâmicas do Justino através das áreas e setores que os mesmos foram identificados durante a escavação do sítio, bem como as datações alcançadas. Tais dados foram recuperados através da documentação presente no Acervo da Reserva Técnica do MAX, como os croquis das camadas dos dois setores de escavação e dos trabalhos de Carvalho (2006), Fagundes (2007, 2010); Silva (2017); Vergne e colegas (2002) e Vergne (2004), dentre outros.

É importante destacar que as datações utilizadas são relativas a partir de materiais provenientes de fogueiras que faziam parte da mesma camada de escavação e/ou do mesmo período ocupacional, associação esta realizada por Vergne e colegas (2002). No entanto, como já destacado anteriormente, foi recuperada uma série de contas de vidros associadas aos enterramentos 55, 138 e 140, ambos com presença de vasilhames cerâmicos e avaliados nesta

pesquisa, demonstrando que a atribuição de vasilhames cerâmicos aos mortos do Justino continuou mesmo após o contato com os colonizadores, como possível de observar no quadro a seguir (Quadro 6).

**Quadro 8.** Informações acerca da distribuição espacial-temporal dos sepultamentos com cerâmica do Justino levantadas na literatura.

Setor	Camadas	Quadras	Sepultamentos	Datações
1	4-10	AE30-35	34	±1780 AP - 2650±150 AP
		FL15-20	31	
		FL25-30	33	
		FL40-45	109	
		FL50-55	167; 166	
	10-14	AE30-35	55	±1780 AP - Séc. XVII
FL40-45		116; 118	2650±150 AP - 3270 ± 135 BP	
SX25-30		119		
2	6-10	MR1-5	164	2530±70 AP - 2650±150 AP
		MR5-10	142; 137 138; 140	2650±150 AP - Séc. XVII
	8-12	SX 1/10-1/6	165	±1780 AP - 2650±150 AP
		SX 5/6-6/10	132	

Após o levantamento dos dados relacionados à distribuição espaço-temporal, seguimos com o entendimento das formas que os corpos dos falecidos foram tratados e enterrados no Justino. Para tanto, utilizamos as terminologias arqueológicas relacionadas aos gestos mortuários, sendo essas definidas por Duday *et al.* (1990). Assim, observamos se os sepultamentos são primários ou secundários e as práticas realizadas, tal como o polimento ou pinturas nos ossos; a posição estabelecida para a deposição do corpo (Decúbito Lateral Esquerdo ou Direito, Ventral ou Dorsal); os tipos de covas; e aqueles enterramentos que dispõem de dois ou mais indivíduos (múltiplos ou coletivos).

Sepultamentos primários são aqueles que os corpos foram depositados logo após a sua morte (DUDAY *et al.*, 1990). Seu reconhecimento pode ser feito na observação das conexões anatômicas, sobretudo, das articulações e suas posições no contexto que o morto foi finalmente enterrado. No entanto, alguns sepultamentos podem ser realizados em espaços vazios e, mesmo que tenham sido primários, os ossos e as articulações se movem, tornando as avaliações arqueológicas mais difíceis durante as escavações, mas não impossíveis (DUDAY *et al.*, 1990; DUDAY, 2006).

Já para os corpos que se decompõem em espaços devidamente preenchidos por sedimento, Duday (2006) afirma que as análises conseguem identificar a posição que o morto foi originalmente depositado, através das conexões anatômicas e do “efeito parede”, sendo os mais comuns aqueles classificados em Decúbito Lateral Esquerdo e Direito, Dorsal e Ventral.

Além desses fatores, Duday e colaboradores (1990) mencionam a possibilidade de observar a orientação do crânio e face, pois diversas comunidades vivas, em suas cosmologias, enterram os seus mortos posicionados de forma que tanto o crânio quanto a face sugerem regularidades e elucidam questões importantes sobre os eventos funerários.

Como exemplo, Lux Vidal (1977) com sua obra ‘Morte e Vida de uma Sociedade Indígena’ traz descrições interessantes sobre os rituais funerários dos grupos Kayapó-Xikrim, falantes do tronco linguístico Macro-Jê. Em uma de suas descrições acerca dos rituais funerários, a autora apresenta a forma que o corpo é enterrado, a posição do crânio, bem como o espaço escolhido pelos vivos para o enterramento, dados esses que corroboram com as indicações de Duday *et al.* (1990) acerca da leitura dos remanescentes esqueléticos em suas respectivas covas, como é possível de observar:

(...) o corpo é colocado em uma cova arredonda ou retangular, localizada em um cemitério a trezentos metros da aldeia. O morto é envolvido em uma rede ou esteira e colocado deitado com as pernas dobradas e com o tronco inclinado, como se estivesse sentado. Sua cabeça é colocada em direção a leste porque a aldeia dos mortos está sempre localizada a leste. (VIDAL, L. 1977, p. 171)

Viveiros de Castro (1986) também apresenta algumas formas que a morte é percebida pelos Araweté, povo indígena falante da família linguística Tupi-Guarani, como também a maneira pela qual o corpo morto é tratado e enterrado. Destarte, o autor demonstra que a localização do enterro é distinta de acordo com a faixa de idade dos falecidos. Já para a maneira pela qual ocorre o enterramento, o presente pesquisador expõe que os Araweté:

Abrem-se covas circulares (...); elas são forradas com esteiras de babaçu (*tipe*) velhas; o cadáver, dentro da rede, é acomodado deitado, de lado, com as pernas fletidas, um dos braços sob a cabeça, o outro cruzado sobre o peito – esta é a posição em que os Araweté se deitam, no chão. Seu rosto deve ficar virado para o poente, pois o caminho de subida da alma até o céu se estende a W; à parte disso, o lado sobre que o morto repousa – *i.e.* a direção de seu corpo – é indiferente. Sobre o corpo se põe outra esteira, ou pano velho, e então se cobre de terra; as covas são um tanto rasas, com no máximo um metro de profundidade. (p. 486)

Em contrapartida, algumas sociedades possuem práticas específicas relacionadas à transformação do corpo realizadas em dois tempos separados, de modo que o corpo recebe um primeiro enterramento/processamento e sua destinação definitiva é dada em um segundo momento (Duday *et al.*, 1990). Nesses casos, conhecidos na literatura como sepultamentos secundários, o corpo passa por estágios de liberação que, segundo Campillo e Subirà (2004), são realizados da seguinte maneira: separação da carne através de decomposição livre (modo

passivo) ou a partir de trabalhos de descarne (ativo); os ossos que foram previamente enterrados são retirados e preparados, sejam pintados, cortados ou polidos, e um novo enterramento é realizado, podendo este ser individual ou coletivo.

Os casos mais conhecidos de rituais funerários indígenas que perpassam estágios de transformação do corpo são certamente aqueles realizados pelos povos Bororo, integrantes da família linguística Macro-Jê. Para Novaes (2006), os ritos fúnebres dos Bororo podem se estender por três meses, passando pela figuração do corpo e sua desfiguração, além de diversos atos simbólicos que são realizados no cerne dessa celebração aos mortos (queima dos pertences, cantos, danças, caças e pescas, ornamentação corporal dos vivos, dentre inúmeros outros aspectos).

Em relação ao preparo do corpo do falecido, os estágios desse ritual são descritos por Novaes (2006) da seguinte forma:

1. Seus cabelos são cortados do modo tradicional, seu corpo é untado de urucum, seu rosto é pintado e em sua cabeça são colocados adornos plumários de acordo o clã do falecido. É preciso identificar nitidamente o corpo que posterior a morte será desfigurado;
2. O corpo do morto é enrolado em uma esteira e enterrado em cova rasa no pátio central da aldeia, iniciando o processo de decomposição da carne do morto, sendo este diariamente molhado para acelerar tal procedimento;
3. De tempos em tempos, a cova é aberta para examinar o estado do corpo e dos odores exalados, numa série de questões cosmológicas marcadas pelo sentido do olfato;
4. Após essas etapas, os ossos do morto são lavados, pintados e arranjados em um grande cesto, que é então levado a uma baía, perfurado para que a água penetre mais facilmente e enterrado.

Além de enterramentos individuais, há ainda aqueles sepultamentos que agregam dois ou mais indivíduos, conhecidos como duplos (para dois corpos), triplo (para três) e múltiplos (para 4 ou mais) (DUDAY, 2006). Para o Duday e colegas (1990), esses sepultamentos dificultam as leituras arqueológicas, sendo que para entender tais contextos, é necessário recorrer a métodos particularmente distintos dos quais já foram mencionados. O procedimento mais importante é aquele que faz a contagem do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), sobretudo quando o complexo funerário abrange um período longo de deposição de novos

mortos ocasionando a desarticulação óssea e criando impactos às posições originais dos falecidos enterrados anteriormente (Duday *et al.*, 1990).

Acerca das deposições funerárias que agregam vários corpos em um mesmo espaço, Duday *et al.* (1990) apresentam duas questões a serem destacadas pelas leituras arqueológicas: 1) estabelecer os momentos nos quais os diferentes mortos foram colocados na sepultura (mesmo tempo ou em tempos distintos?); 2) estabelecer se são sepultamentos múltiplos (ou seja, partilham a mesma sepultura) ou sepultamentos associados (partilham um espaço mas não uma sepultura). Para os autores, os métodos clássicos (datações da mobília funerária e estratigrafia) certamente entram na discussão, mas os parâmetros osteológicos também são de grande importância.

Si la constitution de l'ensemble funéraire couvre une période relativement longue, on doit observer des remaniements liés à la mise en place de chaque nouveau défunt, au contact direct d'un ou plusieurs corps dont les articulations étaient déjà détruites. A l'inverse, si les cadavres ont été déposés simultanément, ces déplacements doivent faire défaut. On comprend aisément que les articulations labiles sont une fois encore plus pertinentes que les articulations persistantes. (...) il n'est pas possible de différencier des dépôts lorsque le délai qui les sépare est inférieur au temps nécessaire à la dislocation des articulations les plus labiles. (DUDAY *et al.*, 1990, p. 46)

Para casos que os espaços funerários se encontram com vários corpos, percebe-se que não há muitos relatos na etnologia indígena. No entanto, Becker (1994) salienta que para os Kaingang do Rio Grande do Sul em situações de guerra, os falecidos eram enterrados num mesmo local, gerando assim covas coletivas. É importante ressaltar que outras características simbólicas e percepções acerca dos locais de enterramento pudessem orientar enterros coletivos, já que há na literatura arqueológica a presença recorrente desses enterramentos coletivos que incluíam adultos de sexos e idades distintas, além das crianças (CASTRO, 2009; SILVA, 2006; STRAUSS, 2010; VERGNE, 2004).

### 3.3. DAS CERÂMICAS AOS OUTROS BENS FUNERÁRIOS

O momento que os corpos são preparados durante o ritual funerário é carregado de elementos sócio simbólicos das comunidades que participam dessas ocasiões, enquanto os materiais ofertados (acompanhamentos fúnebres) aos falecidos podem reforçar tais subsídios (GASPAR, 1994; GASPAR *et al.*, 2007; PEARSON, 1999; SILVA, 2006). Para Duday (2006), o significado dessas associações pode derivar da escolha dos bens ofertados ao morto à posição do corpo no sepultamento .

Acerca desses significados, Breternitz e colegas (1971) sustentam que essas materialidades podem ser entendidas através de três concepções: a) itens usados como adornos pessoais; b) itens preparados especialmente para os ritos fúnebres; c) utensílios utilizados (talvez para fins práticos) durante o tempo em que o falecido esteve vivo, não necessariamente por ele. Do mesmo modo, tal como Binford (1971) menciona, existe a possibilidade de que alguns artefatos associados aos mortos representem questões de *status* e isso não pode ser ignorado.

Parker Pearson (1999), ainda em relação aos significados, menciona que associações funerárias podem incluir tantos os itens que pertenciam ao falecido como podem ser oferecidos pelos vivos como forma de luto, poderiam também servir como uma forma de preparar o morto para o universo pós-morte ou para evitar que os mortos voltem para “assombrar” os vivos. Também podem sugerir como lembretes dos atos ou caráter de uma pessoa. Sendo várias as possibilidades representativas dos bens funerários, sendo que o estudo desses acompanhamentos seria uma espécie de quebra-cabeças com muitas peças faltando (PARKER PEARSON, 1999).

Além dessas possibilidades, Peixoto (2018) destaca que os aparatos funerários podem ser compreendidos através do seu significado implícito, interpretados a partir de determinado conjunto de relações, em contextos culturais específicos. Ainda para o autor, o tema das representações pode ser amplamente explorado, uma vez que tais elementos são encarados como um momento que o morto, sua família e sociedade são apresentados e representados durante o ritual mortuário.

No Justino, os bens funerários são heterogêneos, indo desde adornos corporais, (braceletes, tornozeleiras e colares de materiais malacológicos, além daqueles em vidro), esqueletos de animais, cerâmicas, até uma alta variabilidade lítica que impressiona por suas características físicas e tipológicas (FAGUNDES, 2007; LUNA, 2001; SILVA, 2013, 2017). Apesar das descrições, parte considerável desses acompanhamentos foi pouco explorada e, especificamente no caso do material cerâmico, raras são as interpretações que busquem a compreensão dos aspectos mais simbólicos acerca da relação entre o morto e os acompanhamentos, embora pesquisas já indicassem que esses elementos foram produzidos especialmente para os rituais fúnebres, como destacado anteriormente.

Cerâmicas em contextos mortuários no Brasil são abundantes, sendo as urnas funerárias amplamente distribuídas em todo o território nacional. Em levantamento etnográfico e etno-

histórico, Carvalho (1983) demonstra, além dos enterramentos em vasilhames cerâmicos realizados pelos Tupinambá, outros grupos que tal ocorrência se manifesta. Para a autora, tais sepultamentos seriam reservados aos mortos guerreiros, no entanto, com estudos antropológicos e arqueológicos (BARRETO, 2009; CRISTANTE, 2017; SCHAAN, 1997, 2001, 2003; VIVEIROS DE CASTRO, 1986), esses artefatos passam a ser concebidos a partir de outros significados simbólicos, como a própria representação da pessoa, do corpo e até mesmo gênero, sendo esses mesmos artefatos considerados enquanto corpos.

Em estudos sobre a figuração do corpo na Amazônia pré-colonial, Barreto (2014) discute como os objetos cerâmicos, incluindo as urnas funerárias, são frequentemente pensados, descritos e decorados como corpos e são apresentados com diferentes estados de subjetividade. Para a autora, a fabricação de vasilhames cerâmicos para contextos funerários parece enfatizar com bastante coerência as distintas formas nativas de conceber o corpo e, destarte, parece ser um bom índice, não somente para traçar as identidades culturais através dos territórios, mas de conceber diferentes maneiras de humanidade e corporalidade, incluindo gênero.

Em outras áreas das terras baixas da América do Sul, como explana Barreto (2014), a representação humana nas tradições artefatuais são ausentes, no entanto, outros aspectos técnicos e morfológicos dos vasilhames podem estar relacionados as questões simbólicas do corpo e gênero dos indivíduos, especialmente quando esses são encontrados em áreas funerárias. Além, considerando os “objetos-gatilho”, isto é, aqueles que ativam processos mentais da memória e do imaginário, como estatuetas, instrumentos sonoros e vasilhames decorados (BARRETO; OLIVEIRA, 2016), talvez exista uma maior potencialidade interpretativa para as questões relacionadas às corporalidades e performatividade de gênero que buscamos com esta pesquisa.

Dessa forma, fez-se necessário compreender as particularidades dos vasilhames associados aos mortos: morfologia, tratamento de superfície externa e interna, decorações e dimensão, aspectos esses já considerados por Dantas e Lima (2014) e Luna (2001). Escolhemos essas características, pois podem associar-se com a “aparência” do corpo, visto que consideramos as cerâmicas como corpos e esses poderiam, além de carregar suas próprias subjetividades, serem também uma extensão e representação do corpo humano do morto.

Tais considerações foram realizadas após identificarmos que a percepção do vasilhame em sociedades indígenas seria mais ampla que aquela assinalada por sua utilidade (VELTHEM, 2010). Uma vez que vasilhames também são corpos, tópico que exploramos no próximo

capítulo, e as discussões de gênero que propomos realizar aqui não se desvinculam da maneira mundana que esses corpos são apresentados socialmente, acreditamos na possibilidade que esse conjunto artefactual presente nos contextos funerários do Justino serem, para além da sua relação utilitária no mundo dos vivos, uma forma de representar ou ser complementos desses corpos que se decompõem e perdem as suas características físicas.

Importante salientar que não utilizamos dos dados relacionados às técnicas de produção artefactual, pois como é possível de observar na literatura produzida, esses subsídios apresentam-se com as mesmas características para todos os vasilhames amostrados nesta pesquisa: cerâmicas acordeladas com antiplástico mineral composto especialmente por quartzo, conforme Dantas e Lima (2014) e Luna (2001). No que se refere a aparência do artefato, realizamos avaliações pontuais em vasilhames cerâmicos que foram possíveis de serem encontrados no acervo da Reserva Técnica do MAX, seguindo os procedimentos de análise apresentados por Shepard (1985) e Orton e Hughes (2013).

Nos quadros 7 e 8 apresentamos as características das cerâmicas associadas aos sepultamentos amostrados nesta pesquisa, sendo considerado as formas dos vasilhames, expostas no quadro 8, os tratamentos de superfície, as decorações e os tamanhos.

**Quadro 9.** Aspectos morfológicos das cerâmicas associadas aos mortos do sítio Justino.

<b>Seqs.</b>	<b>Vasilhame</b>	<b>Forma</b>	<b>Tratamento de superfície</b>	<b>Decoração</b>	<b>Diâmetro</b>	<b>Altura</b>
<b>34</b>	34p	Forma 2	Alisado	Sem decoração	26 cm	14 cm
	34gr	Forma 1	Alisado	Sem decoração	35 cm	25 cm
<b>31</b>	11.596	Forma 2	Alisado	Sem decoração	30,5 cm	11 cm
	11.597	Forma 1	Alisado	Sem decoração	33 cm	13 cm
<b>33</b>	12.647	Forma 1	Alisado	Sem decoração	31 cm	10 cm
	12.648	Forma 1	Alisado	Sem decoração	38 cm	22 cm
<b>138</b>	138	Forma 1	Alisado	Sem decoração	33 cm	21 cm
<b>140</b>	140	Forma 1	Alisado	Sem decoração	36,5 cm	21 cm
<b>109</b>	20.069	Forma 1	Alisado	Sem decoração	23,5 cm	12,5 cm
<b>132</b>	24.075	Forma 2	Alisado	Escovado	37 cm	14 cm
	24.076	Forma 2	Alisado	Sem decoração	45 cm	11 cm
<b>165</b>	26.390	Forma 3	Alisado	Sem decoração	29,5 cm	20 cm
<b>167</b>	26.654	Forma 1	Alisado	Sem decoração	38 cm	17 cm
<b>166</b>	26.655	Forma 1	Alisado	Sem decoração	32 cm	13,5 cm
<b>142</b>	27.324	Forma 3	Engobo	Sem decoração	12,5 cm	12 cm
<b>55</b>	12.646	Forma 1	Alisado	Sem decoração	33 cm	17 cm
<b>118</b>	20.630	Forma 1	Alisado	Sem decoração	39 cm	23,5 cm
	20.631	Forma 1	Alisado	Sem decoração	41 cm	24,5cm
<b>119</b>	21.996	Forma 1	Alisado	Sem decoração	32,5 cm	17 cm
	21.997	Forma 1	Alisado	Sem decoração	39 cm	20 cm
<b>116</b>	20.773	Forma 1	Alisado	Sem decoração	39,5 cm	21,5 cm
<b>164</b>	27.709	Forma 1	Alisado	Sem decoração	41 cm	25 cm

**Quadro 10.** Formas dos vasilhames cerâmicos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino.

Forma	Imagem	Descrição
FORMA 1		Esférica com contorno simples e boca aberta
FORMA 2		Semiesférica com contorno simples e boca aberta
FORMA 3		Esférica com contorno simples e boca constricta

Fonte: Dantas e Lima (2014); Fagundes (2007); Luna (2001).

Também consideramos as maneiras nas quais os vasilhames foram colocados sobre ou próximo aos corpos dos falecidos como um fator importante da pesquisa, visto que é possível observar que alguns indivíduos receberam dois recipientes/vasilhas, sendo um sobre o crânio e outro sobre o abdômen, alguns recebendo um sobre o crânio ou sobre abdômen ou cobrindo completamente o corpo, e outros alojados próximos aos corpos. Nesse sentido, utilizamos das fotografias e dos croquis disponíveis nas Reserva Técnica para conseguir compreender as maneiras pelas quais os vasilhames cerâmicos foram alojados nas estruturas funerárias (quadro 9).

**Quadro 11.** Formas dos vasilhames associados aos mortos.

Formas dos vasilhames associados aos mortos	Sepultamentos
Sobre o crânio	33; 34; 55; 109; 116; 118; 119
Sobre o abdômen	31; 33; 34; 116; 118; 119
Cobrindo todo o corpo	138; 140
Urna	164; 165; 166; 167
Próximo ao corpo	142, 138
Fragmentado sobre o corpo	132

Fator interessante é a relação de outros materiais que foram associados a esses mortos que receberam vasilhames sobre ou próximos aos corpos. Nesse sentido, realizamos um levantamento na literatura produzida do sítio Justino acerca dessas associações (Quadro 10). Importante mencionar que Vergne (2004) apresenta que muitos indivíduos receberam materiais líticos e foram também identificados com uma alta variabilidade de cerâmicas fragmentadas,

contudo essas informações precisam ser melhor averiguadas, visto que não há descrições precisas de tais associações.

**Quadro 12.** Outros acompanhamentos funerários presentes nos sepultamentos amostrados.

Sepultamentos	Acompanhamentos
34	Ossos de ave falconiforme
31	Colar de contas de origem faunística
33	Ossos faunísticos
138	1 peça lítica (sem informações); contas de vidro; colar de contas de origem faunística
140	1 tembetá em amazonita; 1 colar de contas em vidro
109	3 tembetás em amazonita
132	1 tembetá em arenito
165	-
167	-
166	-
142	1 flauta; 1 tembetá em amazonita
55	Contas em vidro
118	Adornos de origem faunística (ave, cervídeo e molusco)
119	Ossos faunístico da espécie <i>Galictis</i> cuja; e ossos longos de fauna sem identificação taxonômica; flauta
116	Adornos de origem faunística (colar, bracelete, tornozeleiras); 1 tembetá em amazonita
164	1 Tembetá; 1 bracelete de origem malacológica

\*\*\*\*\*

Remanescentes esqueléticos, espaços, formas de deposição dos mortos, artefatos atribuídos aos mortos, todos esses elementos em um contexto são capazes de serem lidos e interpretados de acordo aportes teóricos e metodológicos da Arqueologia das Práticas Funerárias. Tais leituras nos permitem compreender, não somente os aspectos relacionados aos mortos, mas sobretudo, os modos de vida das populações no passado e, de sobremaneira, os eventos ligados aos rituais funerários, esses, sem sombra de dúvida, idealizados e materializados pelos vivos nos momentos fúnebres.

No sítio Justino centenas de sepultamentos foram identificados e, dentre esses, buscamos compreender aqueles que constavam com vasilhames cerâmicos em seus enxovais funerários. A ideia, para tanto, busca compreender de que forma a presença desses vasilhames podem indicar as possíveis performatividades de gênero desses indivíduos mortos, mas especialmente, identificar se as sociedades que utilizaram tal espaço compreendiam gênero da maneira que nós perigosamente costumamos naturalizar, através dos sexos, ou se outras identidades fizessem parte das construções sociais desses grupos.

Dessa forma, discernir os aspectos relacionados ao corpo biológico dos falecidos é de suma importância: estimativas do sexo, faixa etária que tal sujeito morreu e as patologias que deixam sinais nos ossos. Tais diagnósticos só podem ser realizadas através de análises osteológicas minuciosas, como descrito ao longo do capítulo.

Sobre o sítio Justino, os lugares de deposição dos mortos e as formas pelas quais os corpos foram ali enterrados também são informações necessárias para compreendermos se houve alguma diferenciação em sepultar mortos de grupos similares, tais como o sexo e a faixa etária, mas também de entendermos mudanças e permanências ocorridas ao longo dos milhares de anos da utilização da necrópole enquanto espaço funerário, não somente na maneira que os sepultamentos foram idealizados para serem ali inumados, mas de uma série de comportamentos sociais dos grupos que ali decidiram ritualizar os seus falecidos.

Por outro lado, repensar os vasilhames cerâmicos que se encontram em algumas estruturas funerárias também é relevante para compreendermos os motivos pelas quais alguns falecidos receberam tais acompanhamentos e as diferenças que esses são incorporados aos sepultamentos em suas diferentes formas. Destarte, outros bens funerários, como adornos, instrumentos de sopro, animais, nos ajudam a discernir de forma ainda mais profícua as possibilidades de interpretações para esses corpos e para as construções sociais dos grupos que ocuparam o baixo São Francisco entre 9 mil anos AP ao século XVII.

Desse modo, objetivar o estudo de uma necrópole, ainda que com o alvo na compreensão de gênero, faz-se necessário levar adiante as estratégias de leituras desses espaços. Faz-se importante compreender os aspectos biológicos dos corpos que ali foram enterrados, como também se torna necessário compreender como que as sociedades dos vivos prepararam esses corpos, o ambiente a receber tais falecidos, bem como toda a parafernália atribuída em suas mais variadas funções e de significados. Todas essas questões, certamente, precisam estar vinculadas ao que é descrito para as populações que viveram/vivem na região do baixo São Francisco, algo que demonstraremos no capítulo a seguir.

## **POVOS E CULTURA MATERIAL NO BAIXO SÃO FRANCISCO**

---

“Aqui nesta região do mundo, que a memória mais recente instituiu que se chama América, aqui nesta parte mais restrita, que nós chamamos de Brasil, muito antes de ser “América” e muito antes de ter um carimbo de fronteiras que separa os países vizinhos e distantes, nossas famílias grandes já viviam aqui. (...). Nos lugares onde cada povo tinha sua marca cultural, seus domínios, nesses lugares, na tradição da maioria das nossas tribos, de cada um de nossos povos, é que está fundado um registro, uma memória da criação do mundo. Nessa antiguidade desses lugares a nossa narrativa brota, e recupera os feitos dos nossos heróis fundadores.” (Ailton Krenak, 1992, p. 201)

O baixo São Francisco, do ponto de vista da etnografia indígena, tem uma diversidade de grupos culturais e linguísticos, apesar do impacto da colonização ter sido significativo no que concerne à extinção de muitas práticas culturais dessas populações e, sobretudo, da língua, sendo possível indicar a sobrevivência do Yathé, uma ramificação linguística Macro-Jê associada aos povos Fulni-ô.

Robert E. Meander produziu um relatório em 1978 acerca dos grupos indígenas do nordeste brasileiro e, em suas descrições, inclui algumas relações entre as línguas faladas pelas populações que vivem especificamente às margens do submédio e baixo São Francisco. Para o pesquisador, é possível sugerir que determinados grupos teriam afinidades com línguas Tupi, como os Pankarurú, enquanto outros estariam relacionados aos Fulni-ô, como os Kariri. Essas aproximações linguísticas, conclui Meander, podem ser entendidas através do forte intercâmbio cultural e que essas semelhanças estariam relacionadas mais a uma questão de ‘empréstimo’ do que de afiliação linguística.

Mesmo com esse conglomerado de povos com línguas supostamente isoladas, como observado no mapa etno-histórico e linguístico (Figura 9) de Nimuendaju (1944), é possível pensar que esse território que compreende o baixo São Francisco esteja relacionado ao tronco linguístico Macro-Jê, ao menos em parte das ocupações, argumento este desenvolvido por diversos linguistas e antropólogos (HOHENTAL, 1960; MEANDER, 1978; RODRIGUES, 1986). Apesar dessa possibilidade, os estudos arqueológicos realizados no nordeste e, especialmente na região de Xingó, não buscaram compreender os aspectos culturais arqueológicos que considerasse a história indígena de longa duração, algo que Schuster e colaboradores (2020) demonstram com veemência tal problemática e apontam para um fazer

arqueológico que pode ter ainda mais robustez quando da inserção das histórias indígenas e, especificamente, da história indígena Kariri.



**Figura 9.** Conglomerado de grupos indígenas no baixo São Francisco e localização do sítio Justino em vermelho. (Adaptado de Nimuendaju, 1949).

Apesar de ser um dos primeiros passos para compreender a história de longa duração no baixo São Francisco em relação aos povos Kariri (algo que buscamos complementar com esta pesquisa), Schuster *et al.* (2020) apresentam uma série de similaridades existentes entre a etno-história e a etnografia desses grupos para com o registro arqueológico identificado na região: ornamentos labiais esverdeados, protagonismo feminino e aspectos relacionados à produção cerâmica, fato este também compreendido através da observação etnoarqueológica das louceiras Xoko.

Com os dados apresentados por Schuster *et al.* (2020) e com a premissa que a língua Kariri, embora já desaparecida, esteja mais próxima do tronco linguístico Macro-Jê, como atesta Rodrigues (1986) a partir de documentos do século XVII, trabalhamos nessa dissertação com a hipótese de que as ocupações do baixo São Francisco, ao menos em parte, terem relação com os povos Macro-Jê, sendo o sítio Justino pensado, para tanto, como um espaço funerário pertinente para essa história de longa duração dos povos que viveram e resistem na região, embora seja necessário salientar que suas culturas e línguas foram extremamente apagadas com o processo colonizador.

As premissas que se seguem são justificativas utilizadas para compor esta hipótese.

- a) Localização geográfica do sítio Justino próxima a áreas habitadas pelas famílias linguísticas incluídas no tronco Macro-Jê, como Kariri e Yathé;
- b) Considerando uma série de detalhes sobre as cerâmicas dos sepultamentos, Almeida e Kater (2017) observam semelhança com os vasilhames da Tradição Una do alto São Francisco: paredes finas, antiplástico mineral, predileção por pastas escuras, formas simples e bases aplainadas (por vezes côncavas);
- c) A presença de cachimbos nos enterramentos do sítio Justino pode demonstrar que os rituais ali realizados estariam mais atrelados ao consumo de tabaco, cenário este descrito pela etnografia Jê do Brasil Central (ALMEIDA; KATER, 2017).

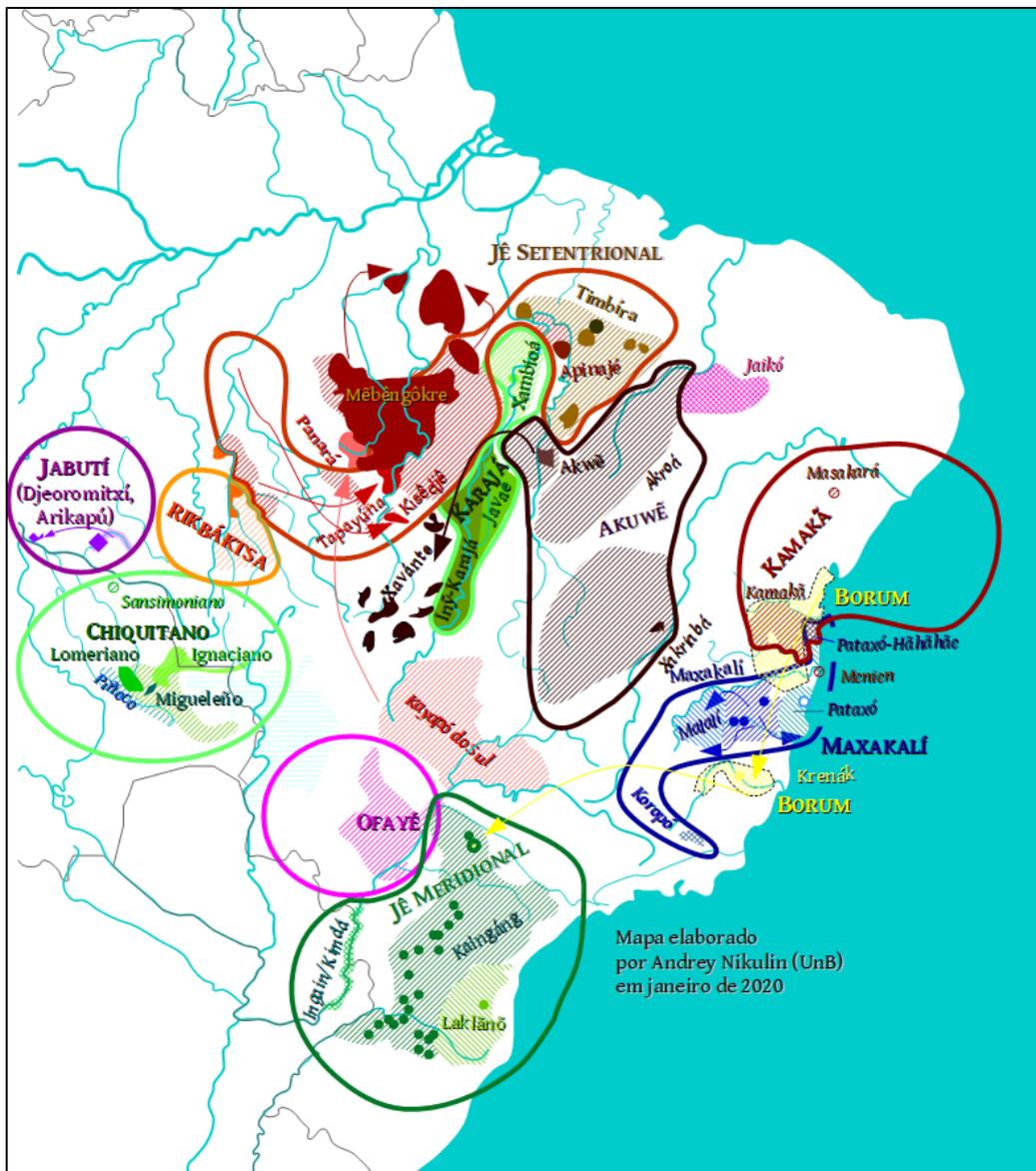
Desse modo, o presente capítulo traz reflexões sobre os povos falantes da língua Macro-Jê, em especial dos grupos Kariri do Nordeste, para compreender alguns aspectos culturais, incluindo a produção de materiais cerâmicos e as possíveis considerações de gênero, demonstrando a partir de relatos etno-históricos e antropológicos, as performatividades de gênero que possam orientar os resultados referentes aos sepultamentos com vasilhames do sítio Justino.

#### 4.1. OS FALANTES MACRO-JÊ E OS SEUS MARCADORES CULTURAIS

O tronco Macro-Jê compreende a família Jê e várias outras famílias linguísticas possivelmente relacionadas, cuja classificações realizadas por Rodrigues (1986, 1999) são as mais aceitas pelos linguistas brasileiros. Nesse grande grupo etnolinguístico estão presentes 12 diferentes famílias: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yaté, Karajá, Ofayé, Bororo, Guató e Rikbaktsa (Figura 8), sendo estas faladas no território brasileiro, apesar de no passado haver dois outros grupos de línguas extintas, Otúke (Bororo) e Ingaín (Jê Meridional), falados na Bolívia e Argentina (RIBEIRO, 2006).

Para Urban (1992), o surgimento linguístico da família Jê teria acontecido há 3 mil anos AP e o tronco Macro-Jê, que a inclui, há 5 ou 6 mil anos AP, sendo possível supor que o ponto de dispersão inicial teria ocorrido entre os rios São Francisco e o Tocantins. Todavia, o pesquisador demonstra que, como uma série de línguas no nordeste brasileiro foram extintas, caso relacionadas ao Macro-Jê, essa dispersão poderia indicar uma origem mais a nordeste, ainda em região alta. Essa hipótese pode ser melhor explorada de acordo a datação bastante antiga atestada para o surgimento da cerâmica no sítio Justino, por volta de 5 mil anos AP (VERGNE, 2004), e as suas particularidades tecno-funcionais.

Melatti (2020) apresenta que a distribuição geográfica do tronco linguístico Macro-Jê no Brasil (Figura 10) pode ser entendida da seguinte maneira: a porção central do território brasileiro está a família Jê que se estende entre os estados Maranhão e o Pará até o Rio Grande do Sul, incluindo os Karajá que se concentram ao longo do Araguaia. À oeste da família Jê encontram-se as populações localizadas nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Rikbaktsá, Bororo, Guató e Ofayé). As famílias que se concentram a leste são os Kariri que ocupam desde a Paraíba até o São Francisco; Yathé (língua falada pelos Fulni-ô) em Pernambuco; Kamakã no sul da Bahia e norte do Espírito Santo; Maxakalí, entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo; Botocudo no interior de Minas Gerais; e Purí entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.



**Figura 10.** Abrangência de populações Macro-Jê nas terras baixas sul-americanas (Fonte: Andrey Nikulin, 2020).



Retornando sobre as relações entre os povos Macro-Jê, Melatti (2020) expõe que não há muitas regularidades culturais entre as famílias que compõem esse tronco linguístico, apesar de certas semelhanças, como o formato das aldeias geralmente circulares, salvo exceção dos grupos Karajá, cuja organização é formada por uma ou mais fileiras de casas dispostas à beira do rio e um pátio ritual, sendo este um fator comum. Essa possível regularidade entre as aldeias anelares dos falantes Macro-Jê também é possível de ser observada no registro arqueológico, sendo essas identificadas através das concentrações típicas de materiais cerâmicos, por vezes marcadas com solos mais escuros que circundam uma grande área vazia, segundo Wüst e Barreto (1999).

A organização das aldeias anelares para as populações do Brasil Central, está diretamente atrelada a uma série de significados sociais e cosmológicos. Um fator importante relaciona-se à organização dualista de tais culturas, algo observado por Nimuendaju (1944) e desenvolvido mais profundamente por Lévi-Strauss em 1958 com observação do grupo Bororo, no qual as estruturas sociais se desenvolvem através de oposições, como “centro” e “periferia”, “baixo” e “cima”, “sagrado” e profano”, mas também relacionadas aos sujeitos entre “masculino” e “feminino”, “crianças” e “adultos”.

Essa dualidade também foi observada através da organização das casas, sendo que essas são formadas por residências uxori-locais<sup>14</sup> na periferia e um pátio central com a presença de uma casa dos homens (virilocal), onde são desenvolvidas a vida pública e ritual, [LÉVI-STRAUSS, 1973(2008)]. Essa organização dual das aldeias, mas que também tem forte relação com o sistema de parentesco<sup>15</sup>, tornou-se um elemento chave para a caracterização das populações Jê (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; SEEGER, 1980; TURNER, 1979; VIDAL, 1977), mas ao mesmo tempo evidenciou um clássico problema relacionado ao desinteresse pela vida social das mulheres nessas sociedades, visto que elas sempre foram vistas enquanto seres apolíticos por estarem na periferia das aldeias, algo que Lea (1999), em estudo relacionado aos Kayapó, problematiza com maior profundidade, sem atribuir essa visão a um *bias* masculino.

Na medida em que tudo de mais valioso na sociedade *Mêbengôkre*, os nomes e *nekretx*, constitui a propriedade das matri-casas, não faz sentido argumentar que a esfera jural seja masculina. Mesmo quando os homens ocupam o palco cerimonial, no centro da aldeia, o script é proveniente das Casas. Os papéis cerimoniais desempenhados e os enfeites que adornam os dançarinos são

---

<sup>14</sup> A residência uxori-local, de acordo Hamberger (2005), implica no afastamento do homem da sua aldeia natal para ser incrementado às casas das mulheres.

<sup>15</sup> Para maiores informações acerca do sistema de parentesco Jê, indicamos o texto ‘Por uma teoria espacial do Parentesco’ de Klaus Hamberger (2005).

provenientes da herança das matri-casas. A cerimônia de nomeação realizada mais frequentemente hoje em dia (*kwary kango*) envolve a participação de ambos os sexos. As mulheres nunca foram excluídas das cerimônias *Mëbengôkre*, e há até uma versão feminina de uma das principais cerimônias (*mëiibiôk*), embora menos elaborada do que a masculina. (LEA, 1999, p. 192)

Além dos aspectos relacionados à organização social das aldeias e dos sistemas de parentesco que demarcam a estruturação das sociedades Jê, outros aspectos das famílias que estão inclusas nesse grande tronco linguístico relacionam-se, dentre os elementos culturais mais recorrentes, as corridas de toras e o uso de batoques e/ou adornos auriculares e labiais, informa Melatti (2020).

Um dos trabalhos mais relevantes no que concerne às corridas de toras é o de Nimuendaju (2001) acerca da família Timbira que ocupa áreas limítrofes entre o Maranhão, Pará, Goiás e Piauí. Para o renomado pesquisador, diversos grupos realizam esse tipo de ritual até então atrelado ao casamento, visto a interpretação de que o jovem timbira, ao conseguir carregar uma pesada tora em passos acelerados e em uma determinada distância, estaria apto para se casar. Nimuendaju (2001), entretanto, informa que tais práticas estariam mais relacionadas a uma competição esportiva entre duas equipes, visto que a sua realização é sempre concretizada através de duas toras, sendo essas de madeiras que se diferenciam entre as famílias linguísticas Macro-Jê. Ainda em complemento, menciona que a origem dessa prática esportiva poderia estar relacionada a situações de combate, no empenho de não deixar nenhum companheiro ferido ou morto nas mãos dos inimigos: “a corrida de toras poderia ter nascido do reconhecimento da necessidade de exercitar-se para semelhantes circunstâncias” (NIMUENDAJU, 2001, pp. 182).

Outro aspecto cultural que faz parte do tronco linguístico Macro-Jê relaciona-se ao uso de batoques auriculares e labiais, apesar desses não serem exclusivos de tais grupos (MELATTI, 2020; SEEGER, 1980). Para Seeger, diversas famílias Jê do Brasil Central exibem uma grande variedade de adornos labiais e outros adereços corporais de vários tipos e dimensões e, embora o estudo esteja em particular voltado às sociedades Suyá, a finalidade do autor é constituir um campo de entendimento mais amplo acerca da utilização dos batoques incluindo os grupos Jê setentrionais, indicando que a ornamentação de um órgão, como boca e orelha, pode estar relacionada com o significado simbólico da audição e fala na medida que tais faculdades expressam as diretrizes de uma sociedade.

Dessa forma, comparando os Suyá com outras sociedades Jê do Brasil Central, Seeger (1980) demonstra que os ornamentos corporais, como os discos auriculares e labiais, são símbolos que unem os polos dos fenômenos naturais (os órgãos e os sentidos) com os componentes da ordem social e moral. Esses últimos estão, de acordo o autor, internalizados em uma série de capacidades sociais que perfazem questões etárias e de sexo e que são inseridos através dos ritos de iniciação e constituem marcas de *status* e, certamente, estão atreladas à etnicidade desses povos conectados pela origem linguística.

Apesar de diversas as famílias e dialetos que fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê e, certamente, as particularidades inerentes a cada grupo, vários são os pontos culturais que lhes conectam, assim como para outras populações das terras baixas da América do Sul. Por essa dissertação se tratar de um estudo arqueológico realizado em um contexto funerário do baixo São Francisco, buscamos aproximar a Arqueologia da História Indígena regional, especialmente aos grupos Kariri que, mesmo com os inúmeros processos de apagamento da sua cultura, permanecem ocupando parte significativa do nordeste brasileiro e ainda vivem em áreas onde o recuo de datas alcançadas em sítios arqueológicos, como no caso do Justino, demonstra essa história de longa duração.

#### 4.2. UMA BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE OS KARIRI

Os Kariri, por muito tempo, foram retratados em ensaios etnológicos como sociedades de línguas isoladas e/ou que perderam parte elementar dos seus atributos culturais pelo forte processo de colonização que ocorreu (e ocorre) na região nordestina do país. É diante dessas perdas que, em 1957, Alfonso Trujillo Ferrari descreve tais agrupamentos indígenas como “povo sem história”, apesar desses, em conjunto com os Tupi, terem sido extremamente relevantes para a nacionalidade brasileira, apresenta o autor.

Embora o título desanimador de sua obra (*Os Kariri, o crepúsculo de um povo sem história*), Ferrari (1957) busca apresentar uma série de elementos culturais dos Kariri que, mesmo que sejam aspectos alterados pelo “processo civilizatório” e específicos para aqueles aldeados em Porto Real do Colégio em Alagoas, ainda demonstra práticas que remontam às suas raízes e podem ser aplicadas a outros grupos Kariri do nordeste brasileiro, especialmente no que concerne a produção de vasilhames cerâmicos, algo que apresentaremos adiante.

Em revisão etno-histórica, como dos relatos de Frei Bernardo de Nantes (1706), Ferrari (1957) menciona uma série de elementos que caracterizam a cultura Kariri. Para o autor, tais

grupos viviam uma economia de subsistência da caça, coleta e pesca e, para aqueles que ocupavam áreas mais férteis, como no vale do São Francisco, havia prática de horticultura, apesar de rudimentar. Sobre a caça, Siqueira (1978) apresenta que essa prática era orientada pelos *Bisamu* (alguém que detinha habilidades simbólicas ou místicas) que previam os lugares com maior abundância de animais. Outro aspecto mencionado acerca das ocupações dos Kariri se dá em relação às habilidades femininas: as mulheres fiavam o algodão e teciam grandes redes de dormir que eram capazes de conter quatro pessoas, além de fabricarem os *Ruño* (potes de barro) (FERRARI, 1957).

Não há menção se a caça, coleta e pesca eram realizadas por pessoas do sexo masculino ou feminino ou se havia algum tipo de colaboração. A única identificação para os sexos se dava durante os ritos de iniciação com a finalidade de diferenciar as funções sociais dos homens e das mulheres, apesar das práticas realizadas serem semelhantes: os iniciados tinham o corpo modificado através de dentes afiados de peixes e insertos de cera e eram induzidos a beber um suco de ervas amargas, sendo que se esperavam que os rapazes se tornassem bons caçadores ou pescadores e as meninas tinham por propósito que se tornassem boas fiandeiras (FERRARI, 1957).

Acerca das características físicas do Kariri, Siqueira (1978), através dos relatos de Ellias Herckman, demonstra não somente os aspectos do corpo, mas também uma série de subsídios que dizem respeito aos comportamentos. Para o autor, os homens são robustos e de grande estatura, possuem ossos grandes e fortes e a cabeça grande e espessa, a cor natural é ‘atrigueirada’, o cabelo é preto e colocado em volta do pescoço. No caso do ‘Rey’, o cabelo é cortado dando a aparência de uma coroa e nos polegares as unhas são compridas, sendo que somente eles poderiam assim deixar, continua informando Siqueira. Acerca das mulheres, elas são mais baixas do que a estatura masculina, porém possuem a mesma tonalidade de cor e são ‘muy bonitas de cara’.

O fator etário dos Kariri também recebe a atenção, onde Siqueira (1978) menciona a longevidade e a grande consideração para os mais velhos, sendo que esses poderiam alcançar idade superior aos 100 anos. Em relação às crianças, o autor apresenta um fato curioso relacionado ao período em que começam a andar: entre 9 e 10 semanas, algo que vem acompanhado com o aprendizado de nadar, sendo que os meninos e meninas Kariri desenvolvem bastante aptidão, visto que estas eram populações absolutamente ribeirinhas.

Acerca do conjunto artefactual utilizado pelos Kariri (Quadro 11), Ferrari (1957) menciona a presença de ferramentas, bem como apresenta descrições detalhadas acerca dos seus aspectos técnico-tipológicos e morfológicos, algo que também foi observado nos relatos de Siqueira (1978).

**Quadro 13.** Artefatos e seus respectivos nomes para os falantes Kariri.

Material/Ferramenta	Nomenclatura Kariri
Cavadeira	<i>Dehehá</i>
Machados de pedra	<i>Bodzó</i>
Arcos	<i>Seridze</i>
Panelas	<i>Runhú</i>
Ralador	<i>Erú</i>
Peneira	<i>Kyhiki</i>
Jirun/Moqué	<i>Merehá</i>
Pente	<i>Balciribu</i>
Cachimbo	<i>Paewi</i>
Banquinho	<i>Pycá</i>
Anzol	<i>Yacró</i>
Rede de pesca	<i>Muhé</i>
Jangada	<i>Eyemé</i>
Fornos subterrâneos	<i>Creyá</i>

Acerca das ferramentas Kariri, nota-se a presença das pontas de flechas que, segundo as colocações de Ferrari (1957), eram confeccionadas através de material vegetal<sup>16</sup>. Essa informação parece ser interessante para pensarmos sobre o sítio Justino, visto a ínfima frequência de pontas líticas na necrópole. Até o presente momento, as análises líticas identificaram um único projétil na coleção (FAGUNDES, 2007; SILVA *et al.*, 2001; VERGNE, 2004), sendo este localizado como acompanhamento funerário de um indivíduo feminino com idade entre 15 e 19 anos (OLIVEIRA; KLOKLER, 2019). Levando em consideração que as pontas de flechas de origem vegetal dificilmente se conservam em depósitos arqueológicos, é possível pensar que a presença desse artefato único possivelmente estaria relacionada a uma série de faculdades subjetivas acerca do indivíduo que o recebeu como acompanhamento.

Outros tipos de artefatos identificados por Ferrari (1957) também foram identificados no sítio Justino, como por exemplo, cachimbos (ALCÂNTARA, 2019; VERGNE, 2004), machados de pedras, raladores e cavadeiras, ambos também encontrados nos sepultamentos e outros setores do Justino (FAGUNDES, 2007). Além desses, potes de barros (panelas) de

<sup>16</sup> Os arcos eram de tamanho reduzido e mediam aproximadamente 1.20 m a 1.40 m), feitos geralmente de "espinheiro" e do "pau de arco" (*Tacoma ipe*). A corda era feita de caroá (*Neogluciwiovia vwriegata* Mez). ou de "algodão". As flechas com pontas dentadas eram de "arueira branca" e o corpo de taquara (*Gynerium sagittatum*) em formato helicoidal (FERRARI, 1957).

formas e finalidades diversas, utensílios também encontrados no sítio Justino (DANTAS; LIMA, 2014; LUNA, 2001).

Acerca dos cachimbos utilizados pelos Kariri, Antunes (1973) faz uma breve descrição sobre o *Quaki*, o qual menciona que esse seria o elo misterioso da tribo, algum tipo de reminiscência do passado, sendo um cachimbo que se usa na fumada. Para o autor, que conseguiu a proeza de receber tais informações, visto que, segundo o relato, tratar-se-ia de um segredo que só era transmitido entre os próprios indígenas, a fumada seria uma prática realizada para obter alguma coisa do “Índio Encantado”.

A fumada é realizada de noite quando a gente quer obter alguma coisa do Índio Encantado. A fumada se fuma no "quaki" com a dança do toré. O "quaki" é um cachimbo de barro feito pelos próprios índios. A fumada se fuma quando se deseja sair de alguma encrenca ou doença. Há dias em que se tem obrigação de fumar o "quaki" para haver mais união na tribo. Durante a dança do toré na fumada, o caboclo coloca folha de catigueira; defuma o "quaki", que de boca em boca vai ser fumado pelos voluntários presentes no ritual "CRUZA-PÉ ou fumar cruzado" persignando-se com o cachimbo ao passar uns para os outros. O fumo do cachimbo é um fumo especial comprado na feira misturado com imburana de cheiro ou alecrim de caboclo; é sinal de paz, de purificação do corpo para o encontro com os "encantados". (ANTUNES, 1973, p. 109).

Os Kariri, assim como outros grupos falantes Macro-Jê, também adornavam seus corpos com botoques auriculares e labiais (SEEGGER, 1980). Para Ferrari (1957), os Kariri utilizavam enfeites que consistiam no que podemos denominar de brincos e botoques (sem especificar os tipos de matéria-prima usadas para a confecção desses elementos). Também há presença de colares de ossos que mais tarde foram substituídos por contas (*Myghy*); interessante há o aparecimento tanto de colares de ossos como contas de vidros (essas últimas em sepultamentos mais recentes) no sítio Justino (SILVA, 2017).

Adicionalmente, Gabriel Soares de Souza [1587(2001)] apresenta que os Tapuias (termo genérico para agrupar todos os grupos indígenas não Tupi, incluindo os Kariri) apresentavam-se com o lábio inferior furado e que ali era colocado “umas pedras verdes roliças e compridas”. Tal aspecto pode ser conferido também no sítio Justino, quando da verificação de tembetás esverdeados, possivelmente amazonitas, encontrados em sepultamentos (SILVA, 2013; VERGNE, 2004). Beatriz Velloso (2022) identifica três tipos de matéria-prima utilizadas na confecção, sendo aqueles em amazonita e quartzo verde, tal qual observado nos relatos por sua coloração esverdeada, mas também uma variedade de tembetás em arenito. Segundo suas interpretações, esses tembetás de matéria-prima distintas poderiam estar atrelados a funções

diferentes, sendo aqueles em cores esverdeadas relacionados aos ritos de passagem e os em arenito para a vida cotidiana, como melhor apresentado no capítulo V.

Em relação a organização da aldeia, não encontramos relatos contundentes para afirmar se grupos Kariri concebiam o espaço de suas vivências de forma circular, apesar de uma breve descrição mais detalhada para o formato das casas, provavelmente feitas de pau a pique, denominadas “casas de barro”, com tetos recobertos por palhas de palmeiras ou de outras folhagens (LOWIE, 1946). Informações similares foram encontradas em Antunes (1973), Ferrari (1957) e Siqueira (1978).

No entanto, relatos em Nantes (1979 [1706]) nos permitem inferir algumas aproximações com as aldeias circulares do Brasil Central. De acordo com o autor, havia uma cabana ao centro da aldeia para finalidades ritualísticas e políticas para as sociedades Kariri e ali apenas homens mais velhos poderiam adentrar, sendo que esses ficavam ao redor de uma fogueira fumando cachimbos. Fora da cabana, os homens mais jovens, que já haviam passados pelos ritos de iniciação, dançavam coreografias organizadas pelos chefes que carregavam cabaças vazias e furadas e tocavam flautas feitas de ossos (talvez similares aos instrumentos de sopro encontrados em sepultamentos do Justino) (OLIVEIRA DE JESUS, 2014; SILVA, 2013).

Outro relato interessante se deu através da observação de Hohental (1966) acerca de algumas cerimônias realizadas pelos Xocó, no baixo São Francisco, que podemos presumir certa associação com a organização das aldeias circulares Macro-Jê e de espaços utilizados para indivíduos masculinos, femininos e crianças. Para o autor, em todo início de ano, os indígenas criavam um acampamento em uma clareira no mato onde celebravam seu “Ouricuri” ou período de cerimônias sagradas. Esse acampamento era erguido em estruturas compridas e baixas, feitas de varas e madeiras da localidade. Todas essas estruturas cercavam a praça central, onde somente os homens poderiam frequentar (HOHENTAL, 1960).

A partir da breve descrição do sistema de parentesco dos Kariri feita pelos jesuítas, Ferrari (1957) não chega à conclusão se as aldeias eram formadas por modelos uxorilocais ou virilocais, Antunes (1973) e Siqueira (1978) também não avançaram neste tópico. No entanto, em uma passagem do relato de Nantes (1979 [1706]) fica nítido o domínio da mulher para com os homens, algo que Ferrari, durante sua reconstituição do sistema de parentesco Kariri busca enfatizar. Tal informação, ainda que não seja robusta para afirmar que tal família linguística se constituía enquanto sociedade uxorilocal, sugere o papel feminino perante a organização social

e se aproxima de dados arqueológicos do Justino que apresentam sepultamentos de indivíduos femininos bastante pujantes (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018).

Algo bastante relevante de considerarmos são as práticas espirituais dos Kariri, algo bastante enfatizado nos relatos apresentados por Antunes (1973), Ferrari (1957) e Siqueira (1978) e que, sem sombra de dúvida, foi um dos aspectos que as missões religiosas mais se atentaram e buscaram apagar, como possível de observar em diversos relatos de Nantes (1979 [1706]).

Havia entre eles feiticeiros ou, para dizer melhor, impostores, que adivinhavam o que eles pensavam. Prediziam coisas futuras, curavam doenças, quando não as produziam. Podia-se acreditar que alguns deles tinham entendimento com o Diabo, pois não usavam, como remédio, para todos os males, senão a fumaça do tabaco e certas rezas, cantando toadas tão selvagens quanto eles, sem pronunciar qualquer palavra. (NANTES, 1979[1706], p. 4)

Apesar das tentativas dos jesuítas para o apagamento dessa prática, ainda é perceptível a sua continuidade, como observado nos relatos aqui averiguados. Mota (1987) e Martins (2000) demonstram que este é um fenômeno que revela como as minorias políticas (no caso dos Kariri-Xocó) resistem às dominações e mantém a sua consciência étnica. Para as autoras mencionadas, os Kariri-Xocó praticam o xamanismo relacionado ao ritual Ouricuri e é associado à saúde-doença-cura, algo observado em uma série de grupos indígenas do Nordeste, como outras famílias Kariri e os Fulni-ô.

Tanto para Mota (1987) e Martins (2000), essas práticas estão relacionadas, principalmente, aos sistemas de crenças, rituais e lógica animista e xamanista, onde os vegetais têm importante destaque. Para Martins (2003), de acordo as ontologias Kariri, o mundo vegetal faz parte de um universo onde as plantas são as encarnações de divindades ancestrais, sendo que os especialistas xamãs, também reconhecidos como “rezador”, “rezadeira” e “curandeiro”, além do conhecimento etnobotânico, possuem conhecimento do seu próprio corpo, em um saber corporificado que sente, percebe e descobre a natureza dos problemas de saúde dos pacientes, sendo também sua função o diagnóstico e tratamento das doenças, aspectos esses que têm forte ligação com a percepção simbólica do corpo *versus* o sexo dos sujeitos que participam e realizam essas práticas.

De acordo com o que foi exposto, fica visível a forte relação entre os Kariri para com o grande grupo linguístico Macro-Jê, mas também as várias possibilidades que podem ser utilizadas como fonte de interpretação para os registros arqueológicos e, destarte, ajudar-nos na difícil tarefa de escrever a história de longa duração das populações indígenas no baixo São

Francisco. Estas informações, como as que também serão apresentadas a respeito dos processos de fabricação da cerâmica e da percepção ontológica sobre o conjunto artefactual e corpo, foram de suma importância para compreender os enterramentos com vasilhames cerâmicos do sítio Justino, que aprofundamos no Capítulo V.

#### 4.3. CERÂMICA, POVOS MACRO-JÊ E OS KARIRI...

Ainda que pouco se discuta as relações entre as tradições arqueológicas de grupos ceramistas para com os grupos falantes de determinadas línguas e culturas indígenas, alguns pesquisadores buscam corroborar tais dados com as informações descritas na etnologia ameríndia, aqui especificando as pesquisas realizadas com os ocupantes do Brasil Central (ALVES, 2018; BROCHADO, 1984; ROBRAHN-GONZALES, 1996; SILVA; NOELLI, 2016). Não obstante, tradições conhecidas como Una, Uru, Aratu, Taquara-Itararé, passam cada vez mais a serem associadas às populações pertencentes ao ramo linguístico Macro-Jê (BROCHADO, 1984; ROBRAHN-GONZALES, 1996).

Antes de apresentarmos os marcadores tecnológicos, especialmente das tradições ceramistas mencionadas, faz-se necessário compreender o que podemos chamar de “virada epistemológica das tradições arqueológicas às etnicidades”, algo que observamos através da publicação de Noelli e Silva (2016), e aplicada em diversos estudos que buscam, segundo as Histórias Indígenas, discutir a relação entre povos, cultura material e língua, aqui destacando pesquisas realizadas com os grupos do tronco linguístico Macro-Jê (ALVES, 2018; BESPALAZ, 2015; DE OLIVEIRA, 2003; NOELLI, 1999; WÜST; BARRETO, 1999).

Nessa relação entre língua, povo, cultura material e as possibilidades relacionadas à etnicidade, Noelli e Silva (2016) trazem para o debate uma cara questão apresentada por Gosselain (2000): a materialização do vasilhame cerâmico de acordo o modo de vida das populações ceramistas. Para os autores, a tecnologia cerâmica é resultado de um processo de aprendizado, pois a execução correta das etapas da cadeia operatória exige habilidades e um desenvolvimento léxico específico. Para tanto, produzir artefatos cerâmicos está relacionado à verbalização e demonstração de quem detém o conhecimento técnico (o instrutor) e da imitação e reprodução das fases produtivas por parte do aprendiz.

É através dessa troca de ensino-aprendizagem que o conhecimento da tecnologia cerâmica é passado de geração para geração (NOELLI; SILVA, 2016), e, mesmo em uma simples analogia entre potes, línguas e povos, há contextos em que esta relação é possível,

demonstrando-se, para tanto, características ímpares de determinadas populações e contextos socioculturais.

De acordo com Gaspar (2019) o conceito de etnicidade é construído através do *habitus*: disposições subliminares compartilhadas por agentes sociais que moldam e são modeladas nas práticas sociais. Além disso, é resultante das negociações de diferenças e semelhanças entre os coletivos, podendo ser atravessada por outros domínios sociais de identidade, tal qual *status*, gênero, classe, entre outros, que nem sempre coincidem com uma língua única, localização ou cultura material (MESKELL, 2007).

De volta às tradições ceramistas, apresentamos um quadro informativo e descritivo (Quadro 12) para melhor compreendermos os aspectos referentes aos vasilhames cerâmicos, cronologia e distribuição geográfica, com base nos estudos de Brochado (1984) e Robrahn-Gonzalez (1996).

**Quadro 14.** Descrição das tradições ceramistas relacionadas aos povos Macro-Jê<sup>17</sup>.

Cerâmica	Datação	Distribuição geográfica	Descrição dos vasilhames
Una	±2.990 A.P. a ±811 A.P.	Planalto Oriental – compreende as cabeceiras dos rios Paraná, São Francisco e Araguaia, também foi identificada no vale do rio Paraíba.	A cerâmica constitui algumas variações locais, mas pode ser definida como predominantemente lisa, com vasilhames pequenos e médios e paredes espessas (4 a 10 mm), superfícies bem alisadas nas cores preto, marrom e cinza. As formas correspondem a recipientes globulares e cônicos, tigelas rasas e potes com gargalos. Aparecem raras decorações plásticas, havendo algumas peças com engobo vermelho.
Uru	±1.220 A.P.	Alto e médio Araguaia, alto Tocantins e vale do São Lourenço (Alto Paraguai).	A indústria cerâmica é caracterizada pela presença de tigelas mais rasas com bases planas e com pedestal, paredes infletidas e ocasionalmente reforçadas, assadores e grandes jarros. O antiplástico é constituído por diferentes tipos de cariapé. Ocorrem poucos elementos decorativos.
Aratu	±1.220 A.P até o contato	Estende se desde Pernambuco até o estado de São Paulo	Caracteriza-se com grandes jarros cônicos, recipientes globulares e semi-globulares com contornos simples e, em menor grau, infletidos. Há também vasilhames de forma dupla com reforço na borda. As bases são convexas e a decoração plástica se restringe à pequenos apêndices, uma ou duas linhas incisadas paralelas à borda e uma decoração angulada sobre a borda ou bojo. Os vasos são bem alisados, com superfícies avermelhadas e amarronzadas. Apresentam-se elementos como fusos, cachimbos tubulares e urnas funerárias.

<sup>17</sup> As tradições Itararé e Taquara, expostas no quadro, foram alvo de intensos debates, em consonância com outras tradições do Planalto Meridional. Pela razão da pouca diferença entre os artefatos cerâmicos, Araujo (2007) menciona, com base em revisão literária aprofundada, que ambas poderiam ser consideradas uma única tradição: Itararé-Taquara.

Itararé	±1.220 A.P. até o séc. XIX	Entre os rios Parapanema e Iguaçu, bem como o trecho adjacente da costa.	O antiplástico das cerâmicas Itararé é constituído por grânulos de quartzo e, com menor frequência, hematita. A maior parte dos vasilhames é roletada e raramente modelada, sendo as paredes finas, bem alisadas ou quase polidas. A cor da superfície geralmente varia de preto a marrom claro, vermelho ou cinza escuro. A maioria dos vasos tem bordas distintas, externamente espessadas e chanfradas no lábio, as bases são ligeiramente arredondadas, achatadas ou côncavas.
Taquara	± 1.520 a 721 A.P.	Extremo sul do Planalto, no baixo Iguaçu e na região adjacente litorânea.	O antiplástico se constitui por grânulos de quartzo e hematita. A cor da superfície varia de vermelho claro a um marrom médio ou escuro e cinza, as cores mais escuras, como o preto, predominam. A cerâmica é bem alisada, às vezes até polida e as paredes são finas. Os vasos foram produzidos através de roletes ou modelados. Geralmente, o diâmetro das bordas é inferior a 22 cm e a profundidade dos vasos menor que 30 cm. Em apenas alguns casos os vasilhames atingem diâmetros e profundidades de até 40 cm.

Como já mencionado, essas tradições ceramistas do Brasil Central têm sido utilizadas como elementos relevantes para traçar as histórias indígenas de longa duração, como as tradições Taquara e Itararé associadas aos grupos Kaingang e Xokleng (NOELLI, 2000; SILVA; NOELLI, 2016). No entanto, essa prática de considerar o conjunto artefactual cerâmico de depósitos arqueológicos do Nordeste relacionados à Tradição Aratu em consonância com as populações indígenas, nunca teve a mesma atenção, como se houvesse uma ruptura entre o registro arqueológico e os grupos nativos dessa região, algo problematizado por Schuster e colegas (2020) no que tange a avaliação dos contextos pré-coloniais. Para os pesquisadores, o interesse pelas ocupações antigas e o distanciamento cronológico para com a documentação do período do contato surgem como justificativas implícitas para o descaso com as histórias de longa duração.

Como trabalhamos com a hipótese de que as ocupações pré-coloniais do baixo São Francisco, ou pelo menos parte delas, tenham relação com os Kariri, buscamos compreender os processos de confecção da cerâmica dessas populações nativas, algo que Almeida e Kater (2017) e Schuster e colegas (2020) já exploraram. Ferrari (1957) menciona que a produção cerâmica é o principal aspecto de resistência cultural Kariri, sendo essa relativa às técnicas e crenças da sua execução, apesar de elementos advindos dos colonizadores terem sido incorporados às cerâmicas, como determinados tipos de decoração, modificações observadas no registro arqueológico de Xingó (SCHUSTER; GARCIA; ALMEIDA, 2020).

Importante mencionar que a fabricação da cerâmica entre os Kariri, como o conhecimento técnico, a habilidade da mão e do corpo no que tange à construção de um “corpo de barro” é semelhante ao descrito em toda a etnologia sul-americana: uma prática feminina (ALMEIDA, 2003; BARRETO, 2010; FERRARI, 1957). Todavia, algo interessante apresentado por Ferrari (1957) se deu na constatação de uma cooperação entre adultos de ambos os sexos e as crianças, especialmente no momento de obtenção e preparo da argila para, em seguida, iniciar a modelagem, sendo esta última uma atividade de realização feminina, como observado na citação a seguir.

As ceramistas dedicam-se a outras operações conhecidas por "froiar" (afrouxar) que consiste em colocar um pouco de água na argila quando esta começa a endurecer, tornando-a, desta forma, mais maleável, para dar-lhe então uma forma arredondada; finalmente confeccionam a bôca da cerâmica ("botar a bôca ") quando o barro está endurecido. Esta operação também é realizada com o auxílio de um "tapuco" (sabugo) de milho que serve para: elevar e alisar a bôca. Mas, é principalmente trabalhando com o polegar e o indicador, técnica em que as mulheres são peritas, que se modela a cerâmica, dando-lhe forma. (FERRARI, 1957, p. 74).

Nesta simples descrição da etapa de modelagem, Ferrari (1957) apresenta algumas informações relevantes na produção de artefatos cerâmicos entre os povos Kariri: as diferentes técnicas e utensílios utilizados são de domínio feminino; as formas arredondadas dos vasilhames cerâmicos em muito se assemelham com o que é descrito na etnografia Macro-Jê e nas tradições ceramistas do Brasil Central (Quadro 12), bem como nos vasilhames presentes nos enterramentos do Justino; a constatação de que a cerâmica também é um corpo, vide denominação atribuída para a borda como boca, algo mais bem aprofundado no próximo tópico.

Após o processo de modelagem do vasilhame cerâmico, as ceramistas Kariri dão o toque final aos potes e tigelas com a técnica de alisamento, consistindo em deixá-los polidos ou brunidos com o uso de uma semente graúda chamada “*Mucuna*” (FERRARI, 1957). Nessa etapa observa-se que, tradicionalmente, as cerâmicas dos Kariri não possuíam decoração rebuscada, apenas o tratamento de superfície com uma pintura em amarelo sendo que, após a aplicação da tinta, os potes eram secos para que o alisado alcançasse o resultado esperado.

Ainda no que tange a cadeia operatória<sup>18</sup>, Ferrari (1957) menciona que o ato de decorar os vasilhames foi incorporado através dos “estilos modernos brasileiros”, sendo que eram quase sempre padronizados. Ademais, o processo de queima também descrito pelo autor, deixa claro

---

<sup>18</sup> Uma avaliação mais aprofundada sobre a cadeia operatória cerâmica do grupo indígena Xocó foi publicada em 2020 por Schuster e colegas (2020).

uma série de postulados que indicam a inserção de elementos dos colonizadores, como o fato de haver fornos privados nos quais as mulheres ceramistas deveriam pagar para fazer a cocção dos vasilhames cerâmicos.

Diante do que foi apresentado sobre a diversidade de categorias incluídas no conceito de etnicidade (GASPAR, 2019), e na pluralidade existente entre as famílias que compreendem o tronco linguístico Macro-Jê, talvez esta seja mais uma opção, além das datações e distribuição geográfica das tradições ceramistas do Brasil Central, para as diferentes formas de se fazer cerâmica entre essas populações que compartilham uma língua de origem. Além disso, utilizando os vasilhames presentes nos enterramentos do Justino, o processo de confecção das cerâmicas entre os Kariri e as tradições ceramistas arqueológicas, acreditamos na possibilidade do Justino ser um importante espaço no que concerne à História de Longa Duração dos povos Kariri.

#### 4.4. CERÂMICA, CORPO E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Algo importante de consideramos no processo da manufatura cerâmica para os grupos indígenas do Brasil está no fato dessa ser de responsabilidade feminina, sendo as mulheres detentoras desse conhecimento técnico (LEVI-STRAUSS, 1985; RIBEIRO, 2000. ALMEIDA, 2003; BARRETO, 2010; DANTAS; ANDRADE LIMA, 2014). No entanto, como bem pontuado por Wichers (2017), as mulheres indígenas foram constantemente silenciadas nas narrativas arqueológicas produzidas sobre esses artefatos. Apesar de não ser o ponto focal da nossa proposta, esta informação indica as performatividades das mulheres e sugere a participação na elaboração dos rituais funerários do Justino, ponto esse que deve ser considerado e que dialoga com a realidade dos povos Kariri (ALMEIDA, 2003; FERRARI, 1957; SCHUSTER *et al.*, 2020).

Esta realidade acerca de vasilhames cerâmicos Kariri podem ser relacionada às práticas mortuárias, como verificado em um dos poucos relatos acerca sobre esses gestos: seus mortos eram sepultados em urnas de acordo Antunes (1973). Infelizmente não há maiores informações acerca desse aspecto social na literatura conhecida. O pouco que nos é apresentado refere-se às causas das mortes, seja por velhice ou por comportamentos relacionados à feitiçaria, o que justificaria doenças e mortes repentinas, algo que Nantes (1979 [1706]) descreve com maior profundidade.

Se acontecesse que o doente não melhorasse, atribuíam a culpa a alguém que o houvesse enfeitado e que estava impedindo o efeito do remédio, e

designavam o culpado, como se tivessem certeza, e logo os parentes do doente, sem qualquer outra prova que a acusação, iam matar o acusado, sem que ninguém comumente se opusesse, com o receio de serem também acusados; de sorte que, se acontecia que morresse alguém muito estimado e que houvesse chamado esses impostores para curá-lo, era raro que não ocorressem outras mortes, antes ou depois de seu falecimento, o mais das vezes antes, com o desejo de contribuírem para a sua cura, pois não acreditavam que estava morrendo naturalmente, mas por força do enfeitiçamento, mesmo quando morria de doença, exceto quando vítima de extrema velhice. (NANTES, 1979 [1706], p. 5).

Além do atributo relacionado à cerâmica e sua utilidade doméstica/ritual, outro fator interessante seria a percepção e cosmovisão que muitos grupos indígenas tiveram e/ou têm no que tange a construção do corpo do barro, constituindo-se assim vasilhames que apresentam subjetividades, como explicam Alberti (2001, 2012), Velthem (2010) e Vidal (2000). Para Velthem (2010), corpos humanos e objetos, incluindo os vasilhames de argila, são igualmente pensados, confeccionados e decorados, isto porque compartilham uma série de faculdades, uma vez que para muitos grupos indígenas “os artefatos são compreendidos enquanto seres corporificados ou antes representam corpos ou partes deles” (pp. 62).

Essa perspectiva do vaso enquanto representação (e ou incorporação) do corpo humano, incluindo gênero, não é algo inédito na arqueologia brasileira, sobretudo nos estudos realizados em contextos amazônicos, sendo válido mencionar os estudos de Barreto (2009), Carmo e Gomes (2017), Gomes (2016) e Schaan (2001, 2003). No entanto, a cosmologia e relação corporal para com os vasilhames não parece ser algo específico dos contextos amazônicos, apesar destes chamarem a atenção pelas suas iconografias e morfologias icônicas e, logo, as suas possibilidades de interpretação, como possível de observar no trecho de Velthem (2003) sobre as decorações corpóreas entre os Wayana.

A mais inclusiva diferenciação operada pela ornamentação corporal e, entretanto, aquela que permite distinguir diferentes domínios: a cultura da natureza e da sobrenatureza, uma vez que a cada um desses âmbitos corresponde uma forma decorativa que é específica: o unicolor, o pontilhado e o listrado. Essas formas decorativas são iconográficas porque descrevem com precisão a estética corporal de um ser paradigmático, identificando-o e, paralelamente, ao domínio a ele associado. (VELTHEM; 2003, p. 236)

De tal modo, os objetos seguem a mesma lógica de decoração, incluindo a possibilidade de mudanças que ocorrem nas pinturas do corpo, sendo que esses congregam duas possibilidades decorativas: ‘permanentemente decorados’ atrelados aos seres que possuem decorações intrínsecas, isto é, um repertório decorativo que se confunde com o próprio

envoltório (como observado no reino animal) e ‘temporariamente pintados’ que relaciona-se à decoração corporal aplicada aos humanos que é cambiável, apresenta Velthem (2003).

Para as sociedades de língua Macro-Jê, e especialmente os Jê do Brasil Central, explica Rodrigues (2011), o pote cerâmico está associado à criação do universo e se torna equivalente ao corpo humano, “uma noção de consubstancialização entre a cultura material e artesão”. Neste sentido, não são as decorações, que no caso das cerâmicas Jê são simples em relação as outras tradições ceramistas, como demonstramos no tópico anterior, mas os antiplásticos que são concebidos em uma série de relações ao fortalecimento do corpo. Nesse caso em particular, uma associação direta com a importância dos temperos adicionados para fortalecer a argila durante a produção de vasilhames (RODRIGUES, 2011).

Em levantamento bibliográfico, Rodrigues (2011) destaca o estudo etnoarqueológico realizado com os Maxakali por Oliveira (1999), nessa investigação, é nítido que existe uma equivalência de corpos cerâmicos e o corpo da oleira, sobretudo através da mitologia, uma vez que as mulheres, ceramistas, também são provenientes do barro, tal como os artefatos cerâmicos

Ainda em relação às cerâmicas dos grupos Macro-Jê, Turchetti (2018) demonstra que a ausência de decoração e tratamentos de superfície rebuscados poderiam indicar que esse grupo linguístico prioriza os artefatos em seu caráter mais utilitário. No entanto, a autora complementa que cada etapa da produção possui um significado respeitado pelas oleiras e que também recebe um significado para a comunidade e para quem vai fazer uso do produto.

Especificando o teor simbólico e a percepção dos vasilhames enquanto corpos, notamos algumas possibilidades no que tange à cadeia operatória da confecção cerâmica por nós apresentada acima. É possível compreender, mesmo que não haja informações claras sobre tais concepções, a relação entre o corpo da ceramista Kariri para com o corpo do vasilhame, também demonstrando que o discurso proferido pelas mulheres acerca dos vasilhames indica que os potes possuem bocas, talvez indicando essa equivalência e consubstancia para com o corpo humano e das suas possíveis características subjetivas.

Em relação à consubstancialização do artefato e a ceramista, alguns aspectos técnicos parecem ir além de algumas ferramentas utilizadas para moldar e dar forma ao corpo de barro, sendo que este só se torna um vasilhame (ou um corpo) quando do contato direto entre as mãos das ceramistas com a argila, demonstrando que mesmo que uma série de aparatos sejam necessários, somente o corpo da oleira seria relevante para a atribuição do formato do corpo cerâmico.

Inserido nessa discussão, Silva (2017) demonstra, através de uma oficina realizada pelas ceramistas Kariri-Xocó, a relação profícua entre a consubstancialização entre cultura material e artesã, demonstrando que todas as produtoras (e naquele momento instrutoras do fazer artefactual) nasceram e se criaram no barro, tal qual os Maxakali (OLIVEIRA, 1999). Em uma fala mais especificamente a consubstancia se torna presente: “nasci, minha mãe me dando de comer do barro. Ainda hoje dou de comer aos meus filhos do barro, ainda continuo trabalhando nisso” (informação verbal da ceramista Valdete apresentada por Silva, 2017, p. 1070).

Certamente, muitos dos aspectos simbólicos que envolvem a cadeia operatória da fabricação cerâmica para os povos Kariri se perderam no processo de colonização, ou não receberam a devida atenção por partes dos pesquisadores, no entanto, os saberes e práticas decorrem de suas raízes que vão muito além do momento de ruptura marcado pela catequese jesuítica, como informa Almeida (2003). Contudo, é nítido que no imaginário indígena, parte dessa memória e dos atributos simbólicos permanecem guiando o fazer artefactual ceramista que, de certo modo, também faz a ceramista.

\*\*\*\*\*

O passado pré-colonial nordestino sempre foi pensado enquanto algo limitado ao seu tempo, como se a partir das primeiras investidas dos colonizadores nesse território, uma ruptura tivesse acontecido, como se não fosse possível que grupos indígenas, portugueses e africanos integrassem e disputassem os mesmos espaços. No baixo São Francisco, por exemplo, o conglomerado de povos linguísticos distintos, como os Macro-Jê e Tupi, não foram suficientes para que as investigações atestassem para a longa duração desses grupos nesta região, algo que poderia ser entendido com as datações bastante antigas de vários sítios arqueológicos ali identificados, bem como a correlação de uma série de artefatos arqueológicos que se assemelham com aqueles etnográficos.

Essa realidade vem sendo mudada com as pesquisas realizadas, especialmente, na região de Xingó, quando começam a ser notados em vários sítios arqueológicos a presença tardia (de acordo as datações de sítios anteriormente colocados enquanto pré-históricos) de artefatos históricos, como as contas de vidros nos sepultamentos do sítio Justino. Tal realidade, não somente demonstra o contato entre diferentes povos, como também demonstra que uma série de práticas culturais permaneceram após a colonização, demonstrando que essa ideia de histórias rompidas é infundável.

Essas possibilidades, para tanto, tornaram-se relevantes para o entendimento étnico dos grupos que viveram na região. No sítio Justino, por exemplo, as formas dos vasilhames, a presença desses em sepultamentos, outros artefatos, como os adornos diversos e flautas, a maneira pela qual os vivos ritualizaram seus mortos, dentre outros aspectos, permitem-nos aproximar daquilo que é descrito para etnologia Macro-Jê, povos falantes que ocuparam/ocupam parte interessante do território central brasileiro. Mais especificamente, é possível ainda aproximar a realidade arqueológica de Xingó com as histórias Kariri, um grupo cuja língua é Macro-Jê e que ocupou/ocupa parte abundante do nordeste do Brasil.

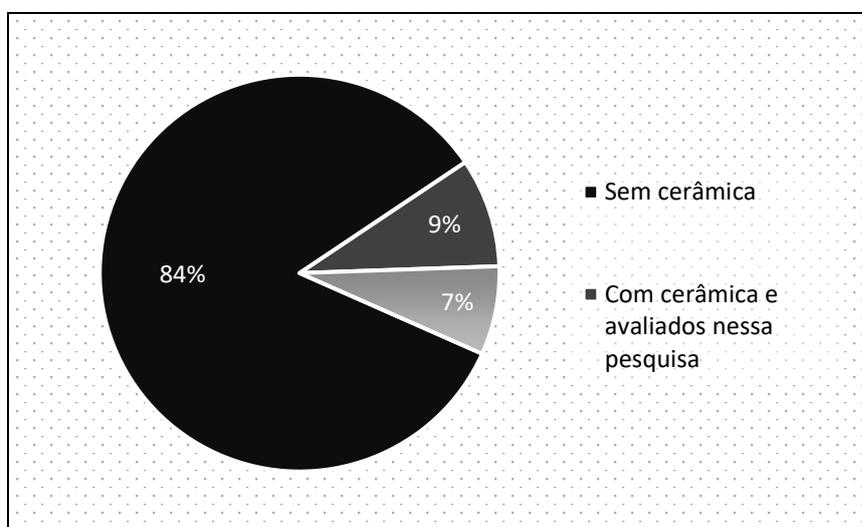
Esta aproximação entre o registro arqueológico de Xingó e a história indígena Kariri só foi possível com apontamentos diretos entre a materialidade identificada e resgatada nos sítios arqueológicos e as informações subsidiadas por ensaios etnológicos e etno-históricos. Não somente a característica dos artefatos aproximam com essas histórias indígenas, mas as suas relações, muitas vezes, em sepultamentos, como é o caso do sítio Justino, nos possibilitam pensar essa histórica de longa duração no baixo São Francisco e refletir esse espaço como também um espaço de permanência entre os Kariri do período pré-colonial ao presente e, mesmo com as violações de suas culturas, muitos dos seus aspectos culturais continuam acontecendo, ainda que com certas mudanças.

## **CERÂMICA, CORPO E GÊNERO: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

“Humanos e objetos são igualmente decorados porque compartilham uma série de faculdades, entre as quais a antropomorfia, uma vez que para muitos povos indígenas os artefatos são compreendidos enquanto seres corporificados ou antes representam corpos ou partes deles.” (Lucia Hussak Van Velthem, 2010, p. 26. Grifo do autor)

Ao compreender a cerâmica enquanto corpo e esse corpo cerâmico em conjunto com o corpo humano, pensamos em uma série de hipóteses que podem estar atreladas aos acompanhamentos funerários e os mortos sepultados no sítio Justino. Estabelecendo essas combinações com os atributos relacionados aos sexos, faixas etárias, marcas patológicas, tratamentos mortuários e as associações, especialmente os vasilhames cerâmicos, acreditamos na possibilidade de demonstrar que os gestos fúnebres poderiam ressaltar as performatividades de gênero percebidas pelos vivos para com os mortos.

Nos chama a atenção, quando de uma leitura mais completa sobre o sítio Justino, que dentre os 165 sepultamentos, apenas uma parcela apresentou vasilhames cerâmicos sobre ou próximos aos corpos, como também em urnas, sendo esses representados por 16% dos sepultamentos (Gráfico 1). A partir desse número reduzido, avaliamos uma amostra de 9% dos enterramentos, pois é desse quantitativo que conseguimos o maior número de dados referentes às sepulturas e os seus contextos. Certamente, com avanço das pesquisas e a finalização da exumação dos casulos restantes, esse número tende a sofrer mudanças.



**Gráfico 1.** Totalidade dos sepultamentos do Justino com aqueles que apresentam vasilhames cerâmicos.

Mesmo com essa amostra reduzida, é possível inferir que esses corpos tenham sido preparados, sepultados e associados com vasilhames para demonstrar alguma singularidade relacionada aos falecidos, e avaliamos essa distinção enquanto um possível demarcador das performatividades de gênero. Importante salientar que desenvolvendo essa pesquisa com base na possibilidade apresentada, outros aspectos relacionados aos ritos de passagem que diferenciam esses enterramentos dos demais do sítio Justino podem (e devem) ser explorados em outros trabalhos.

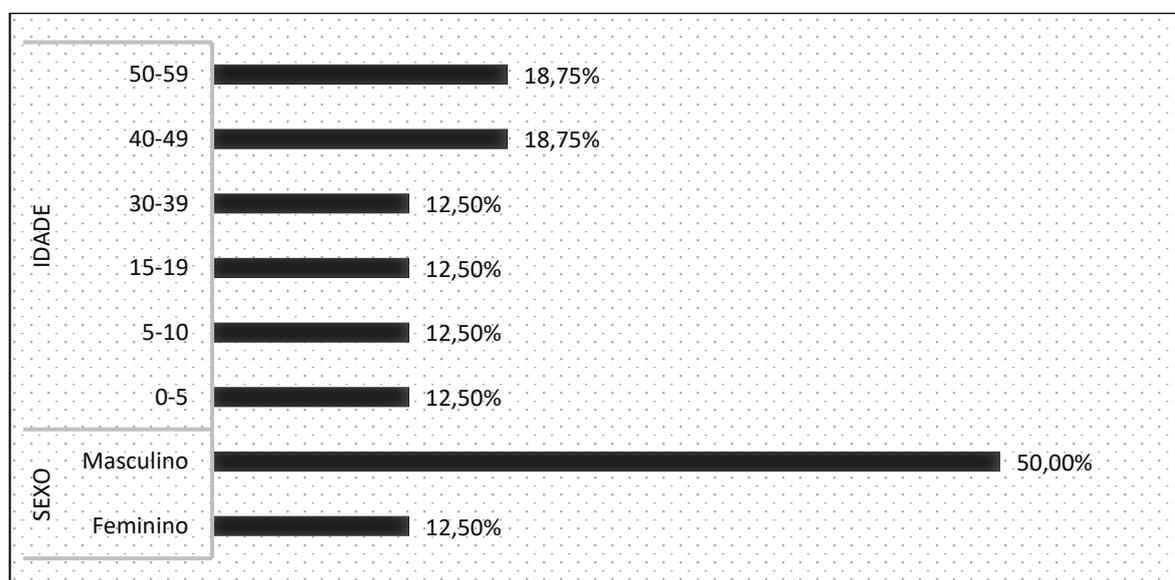
### 5.1. O CORPO BIOLÓGICO DAS/DOS FALECIDAS/DOS

Iniciando a compreensão desses enterramentos diferenciados do sítio Justino, avaliamos o perfil biológico dos remanescentes esqueléticos através da estimativa do sexo, idade de morte e sinais patológicos, de acordo as informações publicadas por Carvalho (2006), Santana (2013) e Silva (2013, 2017). Importante reforçar que somente as diferenças biológicas não produzem, necessariamente, o gênero de tais indivíduos, como foi discutido nos Capítulos 1 e 3.

Mesmo que o sexo não seja um parâmetro para discutirmos gênero em sociedades com culturas distintas das nossas, não podemos descartar a ideia de que a performatividade de gênero enquanto norma social e discursivamente aplicada, como bem explana Butler (1988, 1993, 2003), pudesse ter sido compreendida, ao menos durante os rituais funerários, seguindo as diferenças entre sujeitos masculinos e femininos, de crianças e idosos, de pessoas que foram acometidas em vida por doenças que pudessem “desconfigurar” o corpo visto pelo coletivo. Por essa forma que não descartamos a possibilidade de que dados biológicos possam subsidiar muitos dos aspectos que buscamos retratar.

Com relação à estimativa de sexo, percebemos que no conjunto de sepultamentos que contém cerâmicas (Quadro 4 – Capítulo 3), metade dos indivíduos (50%) apresentou-se como masculino, enquanto apenas dois indivíduos são femininos (12,5%), como indicado no Gráfico 2. Outro percentual a ser destacado está relacionado àqueles que não se apresentaram com dados da estimativa de sexo (37,5%). Para esse último caso, no entanto, é válido ressaltar a presença de indivíduos infantis que estão presentes na amostra (25% dos sepultamentos), dos quais a faixa de idade varia entre recém-nascidos e 10 anos. Como discutido no capítulo 3, remanescentes esqueléticos de crianças não demonstram marcadores evidentes do dimorfismo sexual, portanto tal análise não foi possível de ser realizada.

Como perceptível no gráfico 2, sepultamentos que contém vasilhames cerâmicos concentram-se em associação a indivíduos masculinos com idade entre 30-39 e 50-59 anos, interessante um grupo de adultos e, especialmente, aqueles com idades supostamente avançadas para as populações indígenas que viveram no baixo São Francisco entre 2.600 anos AP e o século XVII. Seria, então, essas associações relacionadas aos sujeitos adultos do sexo masculino e idade avançada um importante elemento? Apesar desse número, faz-se importante elencar a presença de quatro sepultamentos de indivíduos infantis e dois jovens-adultos (indivíduos femininos), sendo que para as crianças, suas idades não seriam compatíveis para os ritos de iniciação, momentos esses que marcam a divisão sexual e de gênero nas sociedades indígenas e que só ocorriam na puberdade dos sujeitos iniciados, como demonstrado no capítulo IV.



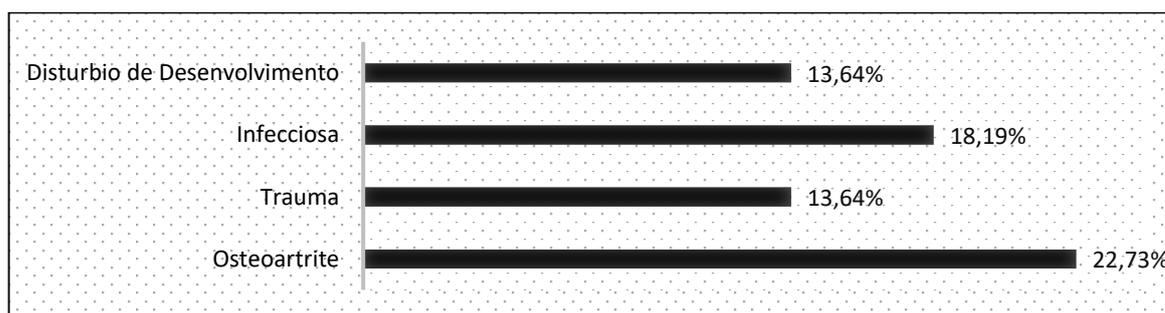
**Gráfico 2.** Estimativa de sexo e idade dos indivíduos com vasilhames cerâmicos do Justino.

Dois sepultamentos de destaque (116 e 142) se apresentaram como sujeitos sexualmente femininos. Nesses casos em específico, a faixa etária da morte também é um fator que chama a atenção: ambos os indivíduos morreram com idade entre 15 e 19 anos. A presença da cerâmica nesses sepultamentos talvez não esteja necessariamente relacionada ao sexo e a idade, mas uma série de funções sociais que esses indivíduos desempenhariam em vida e a forma pelas quais eram vistos pelo coletivo, apesar de Lima (2012) apresentar que tais indivíduos tivessem alguma relação com o grupo dos homens, uma avaliação bastante androcêntrica.

Além dos indivíduos com diagnóstico do sexo, 12,5% dos indivíduos adultos não apresentaram com tal informação, certamente por fatores tafonômicos, já que Justino está localizado em um ambiente aluvial sujeito a sofrer alagamentos com grande frequência,

prejudicando a preservação óssea dos remanescentes esqueléticos (CARVALHO, 2007). Outro fator pertinente para essa perda de dados pode estar associado às patologias ósseas encontradas em 56% da amostra (dados apresentados no quadro 4 e melhor explorado no gráfico 3). Os desgastes e mudanças na morfologia dos ossos causados principalmente por infecções, osteoartrites, osteoartroses e distúrbios do neurodesenvolvimento – discutidos por Carvalho (2003) e Silva (2013, 2017) – possivelmente afetaram as características primárias utilizadas para as estimativas do sexo e idade, algo que ainda precisa ser avaliado em pesquisas futuras, sobretudo em relação aos graus desses sinais patológicos nos ossos.

Ainda em relação às patologias observadas nos remanescentes esqueléticos (Quadro 4 – Capítulo 3), temos o fato de que essas, em sua grande maioria (Gráfico 3), poderiam causar mudanças bruscas na aparência física dos sujeitos a depender do grau. É possível observar a presença de sinais infecciosos (possivelmente treponematoses), como também distúrbios do neurodesenvolvimento, dos quais as consequências seriam indivíduos que carregavam características na pele e na postura que se diferenciavam do restante de comunidade. Seria, para tanto, os vasilhames associados a esses indivíduos possíveis extensões desses corpos acometidos por doenças? Seriam formas de simbolizar esses corpos marcados e vistos socialmente de forma distinta daqueles corpos que não traziam consigo tais marcas? Ambas as possibilidades não parecem ser irreais, visto que vasilhames cerâmicos mortuários tendem a apresentar esses aspectos simbólicos do corpo para os grupos dos vivos, sendo algo observado tanto em contextos etnográficos e arqueológicos (BARRETO, 2009, 2014; STEFFENSON, 2007).

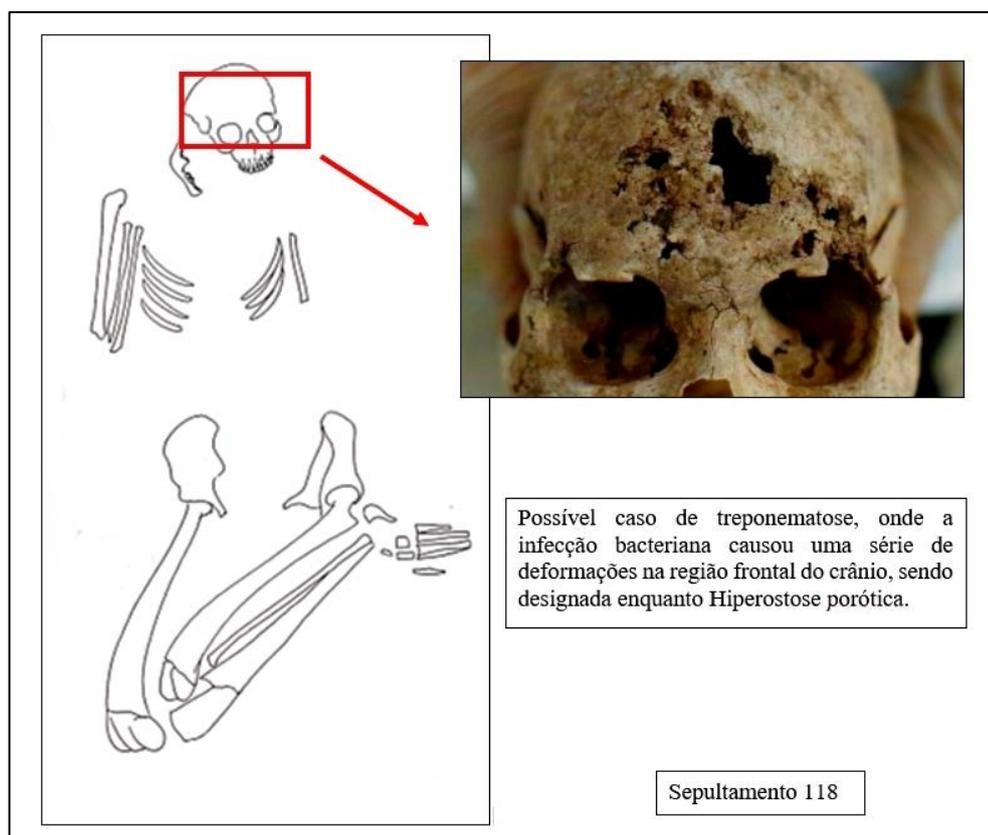


**Gráfico 3.** Proporção de patologias ósseas identificadas na amostragem averiguada.

Em comparação aos demais sepultamentos do Justino, Carvalho (2007) apresenta que foi possível identificar grande incidência de marcas que indicassem algum grau de alteração causada por doenças e/ou alimentação irregular, especialmente acerca das patologias dentárias, como hipoplasias e cáries. No caso das patologias que acometeram os ossos, os dados

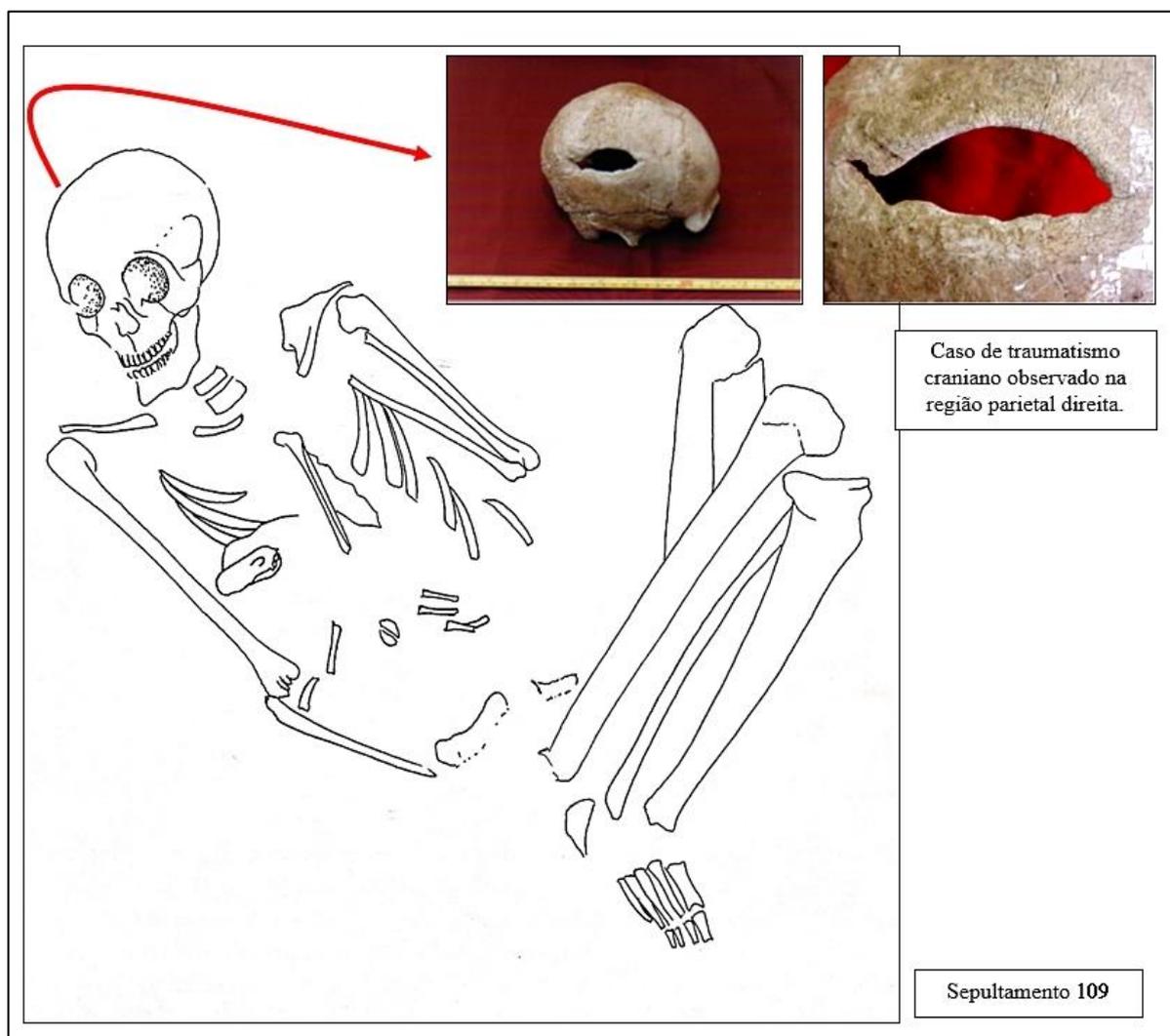
apresentados pela pesquisadora coincidem, com poucas exceções, com os sepultamentos amostrados em nossa pesquisa, podendo-se, mais uma vez, denotar o fato de serem sujeitos acometidos por enfermidades em vida e, por esse fator, terem recebido peças cerâmicas sobre os seus corpos, visto que a presença de patologias só foi possível de ser identificado nos sujeitos com vasilhames que cobriam partes específicas do corpo ou completamente, como no caso do sepultamento 138 (dados cruzados entres os Quadros 4 e 9).

Dentre os sinais de infecções, podemos associar casos com as treponematoses, principalmente entre os sujeitos dos sepultamentos 118 (Figura 9) e 132, ambos do sexo masculino, sendo que o primeiro teve idade estimada entre 50 e 59 anos e o segundo entre 30 e 39 anos. Outro indivíduo que apresentou possíveis sinais de treponematoses, o enterramento 138, como observado na averiguação de Silva (2017), pode estar correlacionado a um admissível caso de patologia congênita, já que tal indivíduo faleceu com idade estimada entre 1 e 2 anos. Além de ser uma criança recém-nascida com essas marcas, o sepultamento 138 também se insere nas discussões sobre ocupações recentes do Justino, visto a presença de contas de vidro em sua mobília funerária (SILVA, 2013, 2017).



**Figura 12.** Demonstração da patologia infecciosa (treponematoses) que acometeu o indivíduo do sepultamento 118. (Fonte: Acervo do MAX; Carvalho, 2007)

Dos traumas, dois indivíduos (sepultamentos 109 e 118) se destacam por terem sofrido traumatismo craniano, sendo que os dois apresentaram-se com um vasilhame cobrindo a região da cabeça, o que nos indica algum tipo de vínculo entre a patologia traumática e a cerâmica alojada sobre tal área do corpo. Infelizmente o estudo de Carvalho (2007) não se detém nos traumas do indivíduo 118, e afirma que a patologia do sujeito localizado no sepultamento 109 (Figura 10) teria acontecido durante ações de combate e, conseqüentemente, a sua morte. Ambos os indivíduos discutidos são do sexo masculino e morreram com idade entre 50 e 59 anos.



**Figura 13.** Demonstração da patologia traumática identificada no indivíduo do sepultamento 109 (Fonte: Acervo do MAX; Carvalho, 2007).

Por outro lado, patologias relacionadas as osteoartroses, isto é, um processo articular multifatorial (LESSA, 2013), foram identificadas em quatro indivíduos (sepultamentos 34, 118, 119 e 116). Dentre esses casos, os sujeitos registrados nos sepultamentos 118 e 119

apresentaram-se com artroses lombares, indicando a manutenção de uma postura inadequada ao longo da vida, salientando que ambos os indivíduos tiveram estimativa de idade acima dos 50 anos, sendo este um dos possíveis fatores para o acometimento das osteoartroses, visto que com o envelhecimento e a realização de atividades repetitivas ao longo dos anos suas articulações pudessem degenerar. Esta realidade, para tanto, precisa ser melhor averiguada em pesquisas futuras, especialmente no que tange aos graus que esses sinais se apresentam.

Para o sepultamento 34, a patologia identificada no remanescente esquelético é descrita como a alteração da articulação temporomandibular. O processo de envelhecimento pode ter sido um fator relevante, visto que tal sujeito apresentou com estimativa de idade entre 40 e 49 anos. A relação entre osteoartroses com idade avançada é discutida por Líryo (2008) e Lessa (2013), no entanto outras hipóteses possam ser aplicadas, como o estresse físico, atividades repetitivas, dentre outros aspectos, como explica Lessa (2015).

O sepultamento 116 (Figura 11) é um caso excepcional que exibiu uma patologia



denominada em sacralização da quinta vértebra lombar (CARVALHO, 2007), sendo caracterizada como uma fusão entre o osso sacral e a L5 (RIZZI *et al.*, 2015). Essa fusão óssea ocorre por diversas formas, mas está mais intimamente relacionada à movimentação e o suporte do peso corporal, demonstrando uma série de prejuízos à função normal da coluna vertebral. No caso do enterramento 116, podemos supor um tipo de distúrbio congênito, já que esse tipo de osteoartrose só ocorre em pessoas com idade avançada e aliada à repetição de atividades e/ou realização de trabalhos pesados, entretanto o indivíduo em questão faleceu com idade entre 15 e 19 anos, ou seja, antes da idade adulta. Acerca de suas consequências, é possível elucidar que a anomalia de transição lombossacral causa dores agudas e, por afetar o sistema nervoso,

**Figura 14.** Sepultamento 116 que se apresentou com sacralização da L5.

causa uma série de déficits que afetam a posição natural dos indivíduos, além de tornar a aparência física assimétrica (GROSMAN *et al.*, 2008).

Anteriormente, aventamos a possibilidade de que o indivíduo disposto no sepultamento 116 pudesse ter atuação social enquanto guia espiritual-xamã, guerreira e/ou seria uma pessoa que não se identificasse seu gênero de acordo as categorias biológicas (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018). No entanto, por se tratar de alguém que em vida teve suas funções corporais e motoras debilitadas por conta das patologias identificadas no estudo de Carvalho (2007) e descritas no Quadro 3, agora defendemos para a possibilidade desse indivíduo ter exercido importante papel enquanto xamã. Exemplos de indivíduos que tiveram patologias degenerativas ou que causam deformações e que foram submetidos a tratamento mortuário diferenciado foram descritos por pesquisadores desde o Paleolítico Superior (FORMICOLA *et al.*, 2001; FRAYER *et al.*, 1988; GROSMAN *et al.*, 2008). E, em relação às doenças crônicas, há forte associação com possíveis xamãs (GROSMAN *et al.*, 2008).

Diante do exposto, foi possível compreender que alguns fatores biológicos poderiam ter sido relevantes na escolha desses corpos para receber vasilhames cerâmicos como acompanhamento funerário. O primeiro fator observado se deu em relação aos indivíduos masculinos, todos com idade superior a 30 anos, uma idade bastante avançada para as populações indígenas no baixo São Francisco. Instiga, no entanto, a presença de dois indivíduos do sexo feminino com idade entre 15 e 19 anos em nossa amostra, sugerindo a possibilidade de pessoas que tinham a capacidade de emergir entre dois mundos enquanto guia espiritual-xamã, especialmente para o sepultamento 116.

As crianças também se apresentaram na amostra e chama a atenção que algumas sejam quase recém-nascidas, possibilitando-nos inferir que o ritual funerário no Justino, especialmente aqueles realizados com acompanhamentos de vasilhames cerâmicos, estariam atrelados a fatores sociais mais complexos, incluindo as performatividades de gênero e corpo, além da relevância social, das quais não podemos correlacionar com as imposições binárias do presente que utilizamos para inferir o passado.

## 5.2. TIPOS DE SEPULTAMENTOS E A POSIÇÃO DO CORPO ENTERRADO

Verificamos os elementos relacionados aos tratamentos realizados com os falecidos, como a posição do corpo, dos membros, da face e crânio, como apresentados no Quadro 5. Também averiguamos os tipos de inumação e covas, se foram preenchidas ou vazias (Apêndice

4). Outros aspectos que consideramos relacionam-se à distribuição horizontal e vertical dos sepultamentos no sítio: se fazem parte de uma mesma área/setor e de um mesmo período de enterramento, sendo esses demonstrados no Quadro 6.

A inumação primária do corpo é forma mais recorrente de sepultar os mortos no sítio Justino (94%), sendo que apenas um sepultamento (166) foi indicado como secundário, um indivíduo adulto de idade entre 40 e 49 anos sepultado no interior de uma urna (CARVALHO, 2006). De acordo as colocações de Carvalho (2006), foram identificados os seguintes ossos: membro superior esquerdo (flexionado e em posição anatômica), fragmentos da mandíbula com alguns dentes, coluna vertebral e fragmentos das costelas esquerdas, do úmero, rádio, ulna e ossos da mão (possivelmente direita). Apesar da identificação desse sepultamento como secundário, ao realizar revisão das descrições, acreditamos tratar-se de um sepultamento primário, visto a preservação de algumas articulações. Infelizmente, as imagens e croquis das escavações, bem como a documentação deste enterramento, não permitem uma definição mais clara da posição dos ossos na urna (Figura 12).

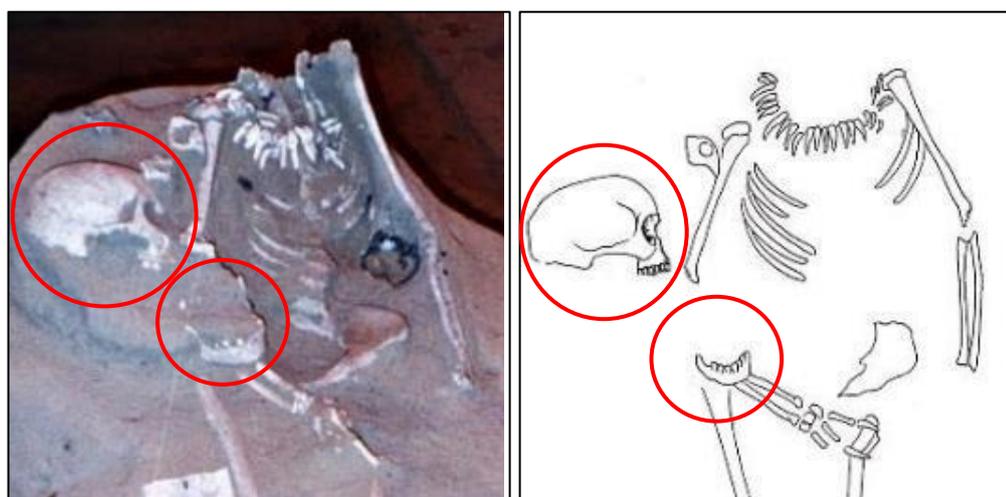


**Figura 15.** Sepultamento 166 e a disposição dos ossos no interior da urna. (Fonte: Acervo do MAX).

As covas são caracterizadas por serem delimitadas em espaços estreitos, fato este identificado através da baixa movimentação óssea e verticalização das clavículas, sendo essa interpretação realizada através do levantamento das fotografias arquivadas no Acervo Técnico do MAX e descritas no Apêndice 4. As covas foram devidamente preenchidas por sedimento, com exceção dos sepultamentos 138, 140 e 164, sendo os dois primeiros alojados abaixo de vasilhames cerâmicos que impediram o contato direto do solo para com o corpo dos pequenos falecidos (indivíduos infantis) e o último sepultado no interior de uma urna, onde possivelmente haveria algum tipo de tampa que impedia a matriz sedimentar de adentrar a urna, fazendo com que durante o processo de decomposição, os ossos se desarticulassem e, com o efeito da

gravidade, caíssem para o fundo do vasilhame. Contudo, não há nenhuma menção na documentação se tal urna se apresentava com algum tipo de tampa que impediu a sedimentação de adentrar o vasilhame.

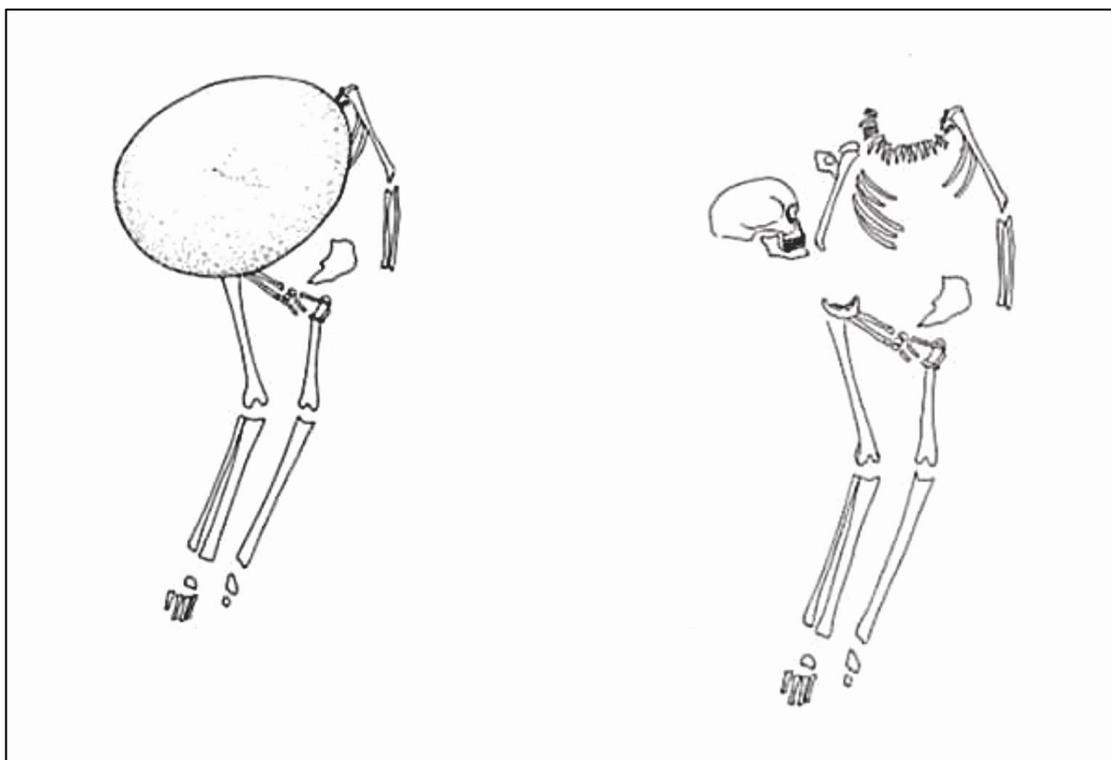
Já para os sepultamentos com vasilhames cobrindo partes específicas do corpo (como crânio, coluna vertebral, ossos da mão e pélvis), foi possível observar certa movimentação e/ou desarticulação óssea, fato que demonstra que esses vasilhames impediram o contato direto do sedimento com o corpo, especialmente durante o processo de decomposição. O sepultamento 116 demonstra muito bem essa realidade, já que é possível observar que a mandíbula foi encontrada afastada da sua posição original, demonstrando que durante a decomposição dos tecidos moles, a articulação temporomandibular se desfez, causando a movimentação da mandíbula, como apresentado na Figura 14.



**Figura 16.** Demonstração da movimentação da mandíbula no sep. 116. (Fonte: Acervo do MAX).

Além da movimentação óssea, o sepultamento 116 também é notável por apresentar um possível caso de decapitação, visto que o crânio foi encontrado alojado ao lado do úmero esquerdo, de acordo as descrições de Carvalho (2006) e documentação de campo. A autora também faz inferência de que tal posicionamento do crânio tivesse relação com algum tipo de violação por parte de curiosos, já que nesse conjunto funerário havia a presença pujante de adornos, contudo não houve descrição sobre movimentação óssea que pudesse complementar tal inferência, apenas o crânio e, em especial a mandíbula, ambos localizados fora de sua posição anatômica, como também não foi possível diagnosticar desorganização nos adornos associados. Excetuando a possível decapitação, sugerimos também que a disposição do crânio estivesse relacionada ao tamanho da cova, sendo menor e mais estreita para a acomodação do corpo inteiro, sendo possível que no momento do enterramento, a cabeça tenha sido separada

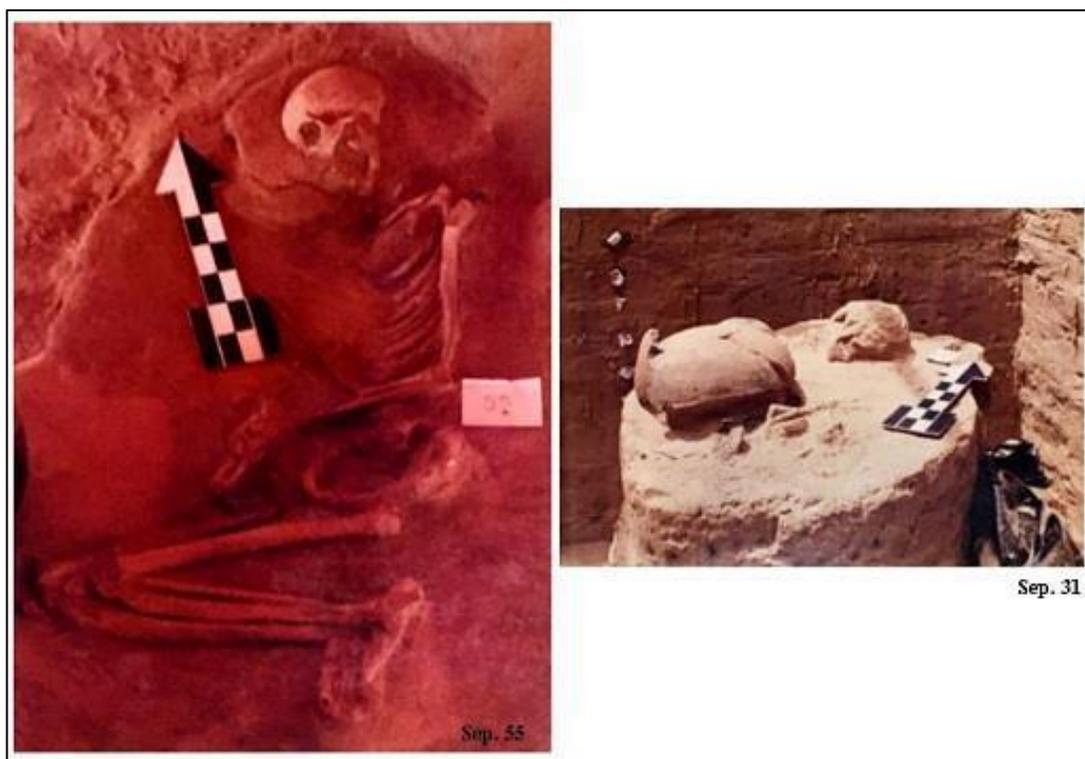
do corpo. Outro fator tem relação com a necessidade do vasilhame cobrir a cabeça e a região abdominal, indicando que essas partes do corpo deveriam ter sido alojadas embaixo da cerâmica e apenas um vasilhame não conseguiria cobri-las em suas posições anatômicas originais (Figura 15).



**Figura 17.** Sep. 116: à esquerda sem o vasilhame e à direita com o vasilhame. (Fonte: Acervo do MAX).

A avaliação da posição dos corpos (Quadro 5) mostra que a forma preferencial de depositar os mortos em seu destino mortuário se deu em decúbito dorsal (50%), seguida de sepultamentos sentados (25%) que correspondem aos indivíduos infantis presentes no interior de urnas funerárias ou embaixo das cerâmicas. Nesses casos, os pequenos foram colocados sentados no interior e embaixo dos vasilhames e por se tratar de sepultamentos nos quais tais artefatos cerâmicos impediam o preenchimento por sedimentos, os remanescentes ósseos se desarticularam durante o processo de decomposição, mas ainda assim mantendo os padrões relacionados a sepultamentos sentados, como observado nas interpretações realizadas para os tipos de covas (Apêndice 4).

Dois casos da amostra, enterramentos 31 e 55, foram depositados e enterrados, respectivamente, nas posições decúbito lateral esquerdo e decúbito lateral direito, sendo esses dois adultos e do sexo masculino, como observado na figura 15.

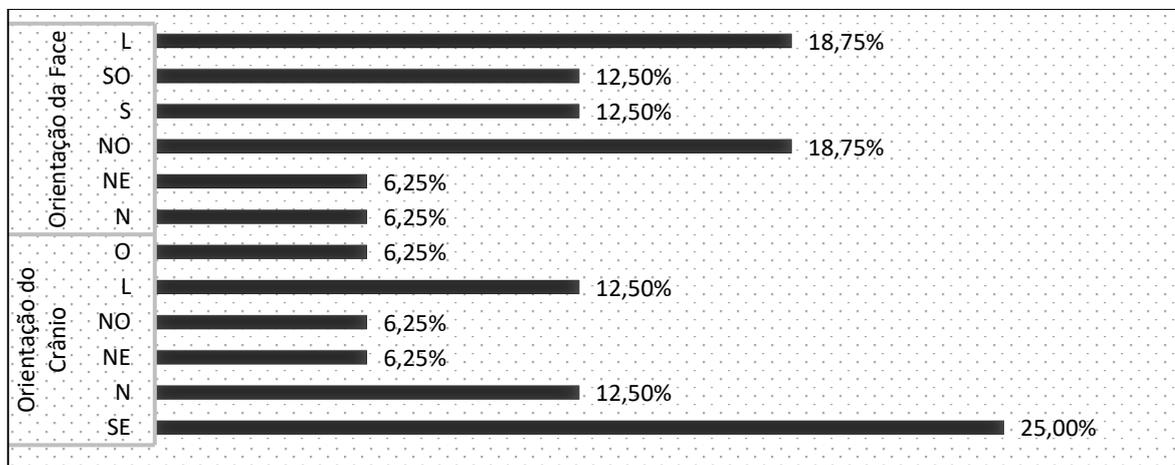


**Figura 18.** Sepultamentos do Justino em decúbito lateral esquerdo e direito (Fonte: Acervo do MAX).

Na Gruta do Gentio II, em Minas Gerais, Sene (2007) demonstra diferenças claras entre sujeitos masculinos e femininos no que concerne a posição e o ângulo dos membros inferiores e superiores. Nos sepultamentos com cerâmicas do Justino, contudo, o número entre sepultamentos que tiveram os membros superiores e inferiores estendidos e fletidos é bastante equilibrado, com percentual um pouco maior para aqueles com membros fletidos (43,75%) em contraste dos que se apresentaram com membros estendidos (31,25%). Outros enterramentos, por questões tafonômicas, não tiveram dados concretos acerca do posicionamento dos membros (25%). Quanto ao grau que esses foram posicionados, se mais fortemente fletidos ou menos, os dados apresentados na literatura produzida sobre o Justino não levaram em consideração esse possível fator de diferenciação.

Anteriormente verificamos que não havia um direcionamento claro para as posições da cabeça e da face dos falecidos do Justino em suas covas (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018). Agora, com uma amostragem reduzida, averiguamos novamente tais dados em relação aos sepultamentos com cerâmicas, algo que também não apresentou resultados claros para uma possível regularidade em direcionar a cabeça dos falecidos em suas respectivas covas (Gráfico 4). Quanto a orientação do crânio, identificamos que não houve escolhas relacionadas a algum marcador espacial, como possível de ser observado em certos contextos etnográficos (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; VIDAL, 1977; VIVEIROS DE CASTRO, 1986). Já para a

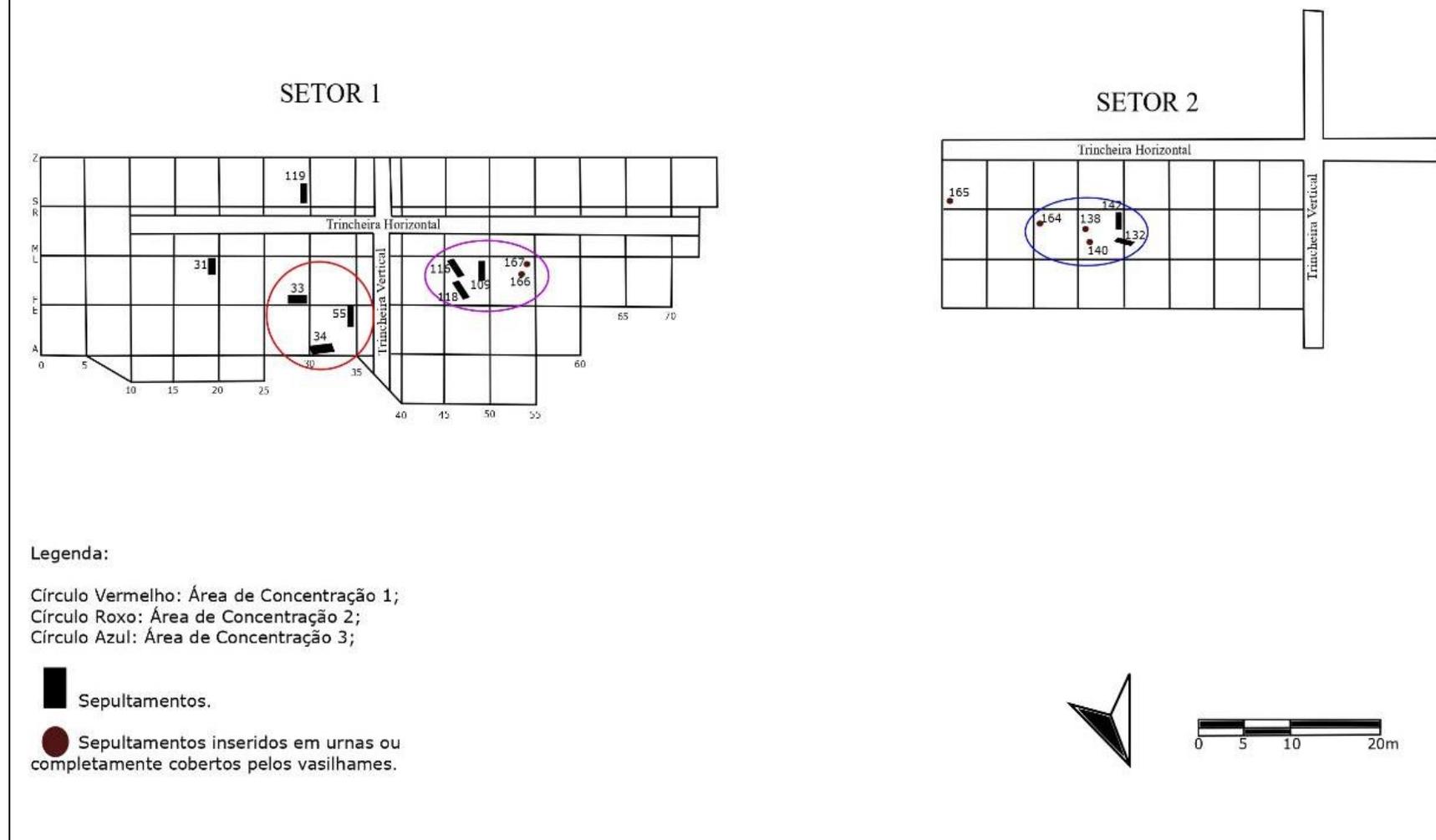
direção da face não obtivemos resultados pertinentes, visto que alguns métodos que poderiam ser aplicados para a leitura da posição anatômica da face, sugeridas por Duday *et al.* (1990) e Duday (2006), não foram realizadas durante a escavação do Justino, apenas a forma que se direcionava, sendo possível indicar que as possibilidades em posicionar o rosto dos falecidos não fosse similar ao que foi observado durante a exumação dos esqueletos *in situ*, visto que tal inferência é realizada através da observação da articulação temporomandibular e das cervicais (DUDAY, 2006). Também se faz necessário elucidar que parte da amostra não apresentou dados significativos sobre o direcionamento do crânio (31,25%) e da face (31,25%) e, por esse motivo, não temos como apresentar inferências claras nas escolhas dos vivos em posicionar a cabeça e o rosto dos falecidos em suas covas.



**Gráfico 4.** Proporção na orientação do crânio e da face dos sepultamentos com cerâmicas do Justino.

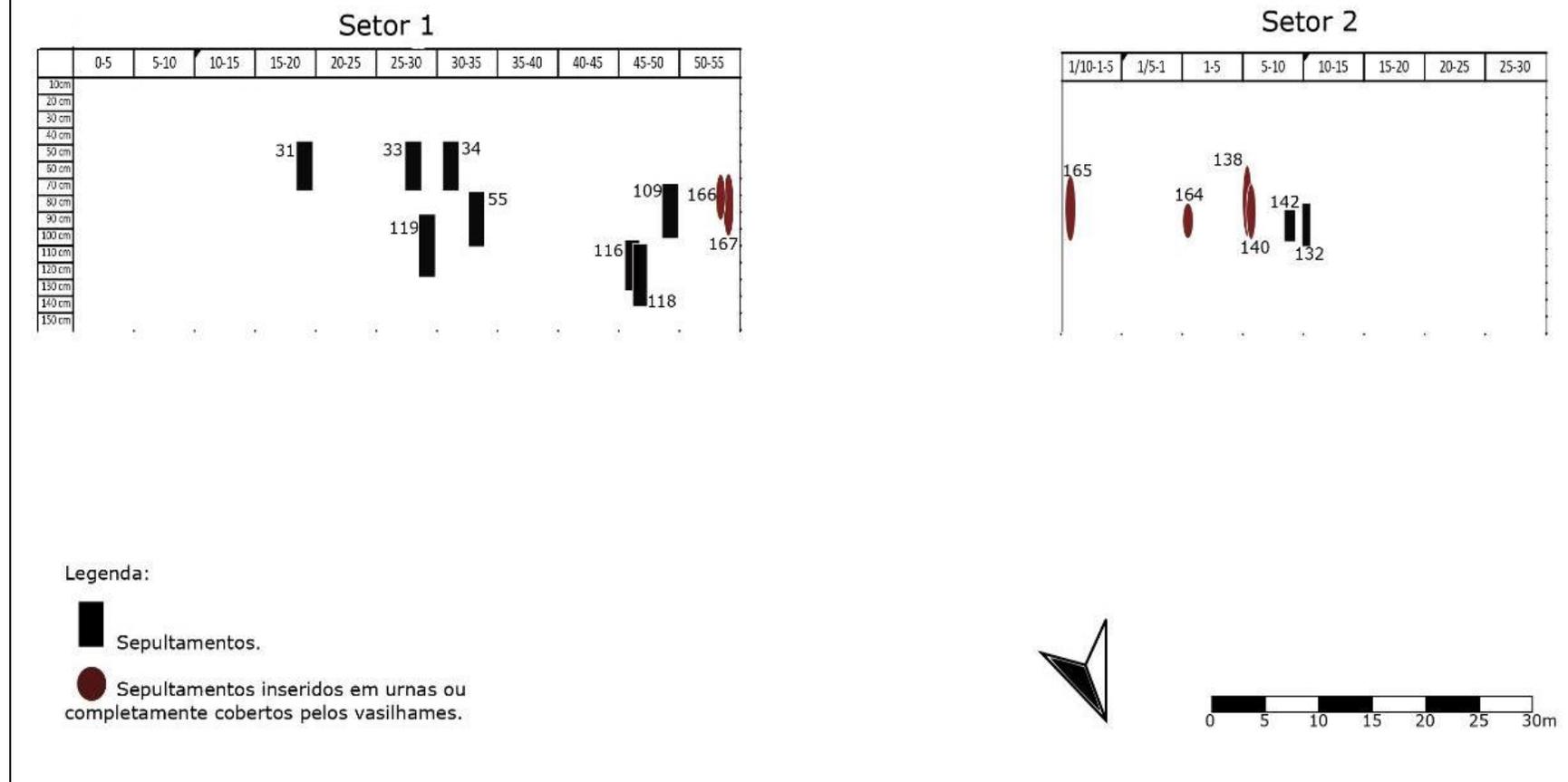
Outro fator que buscamos compreender sobre os espaços dos mortos se deu com a distribuição dos sepultamentos no sítio (Quadro 6). Após a leitura atenta dos croquis desenvolvidos durante a escavação para localizarmos os setores, quadras e profundidade nos quais os sepultamentos foram identificados, desenvolvemos dois mapas, sendo um referente ao plano horizontal (Figura 16) e outro sobre o plano vertical (Figura 17) para facilitar o nosso entendimento acerca da distribuição dos enterramentos no Justino. Observamos que há sepulturas com vasilhames cerâmicos nos dois setores escavados, e podemos identificar três áreas de concentração que apresentam três ou mais corpos em um espaço que varia entre 5 m e 10 m, sendo duas áreas no Setor 1 e uma no Setor 2. Também notamos algumas incongruências no que se refere às datações relativas às camadas artificiais de escavação, a profundidade que tais corpos foram identificados e alguns adornos que são compatíveis com períodos mais recentes, de acordo as pesquisas realizadas por Silva (2013, 2017), como melhor descrito adiante.

## DISTRIBUIÇÃO HORIZONTAL DOS SEPULTAMENTOS COM CERÂMICA DO SÍTIO JUSTINO



**Figura 19.** Distribuição espacial dos sepultamentos com cerâmicas do sítio Justino no plano horizontal.

## DISTRIBUIÇÃO VERTICAL DOS SEPULTAMENTOS COM CERÂMICA DO SÍTIO JUSTINO



**Figura 20.** Distribuição espacial dos sepultamentos com cerâmicas do sítio Justino no plano vertical.

Na Área de Concentração 1 (AC1) (identificada pelo círculo vermelho na Figura 16) estão presente os sepultamentos 33, 34 e 55, todos do sexo masculino, sendo a faixa etária dos enterramentos 33 e 34 entre 40 e 49 anos. Não houve resultados sobre a idade do sepultamento 55. Desse conjunto, apenas o identificado com número 55 é discrepante, por apresentar-se com apenas um vasilhame cerâmico sobre a sua cabeça e por ter sido sepultado em decúbito lateral direito, diferente dos sepultamentos 33 e 34, bastante similares em decúbito dorsal e com duas peças cerâmicas localizadas uma acima da cabeça e outra sobre o abdômen. Outro fator que reforça a diferença entre os sepultamentos 33 e 34 para com o 55 está na profundidade estratigráfica, sendo que os primeiros foram recuperados entre 40 e 70 cm, enquanto o segundo foi escavado entre 80 e 100 cm (Figura 17).

Tais informações, observadas em conjunto, sugerem que os sujeitos identificados nos enterramentos 33 e 34 tinham algum grau de proximidade e/ou poderiam ter sido sepultados em momentos próximos, no entanto devemos considerar que o sepultamento 55 apresentou-se com contas de vidros em seu enxoval funerário (SILVA, 2017), demonstrando-se assim que essa área de concentração tenha sido utilizada em períodos diferentes, considerando a possibilidade que os sepultamentos 33 e 34 sejam mais antigos que o sepultamento 55 ou, caso possível sugerir que aqueles que não constaram com contas vítreas em suas mobílias fossem também da época do contato e que a sepultura 55 tenha sido mais profunda.

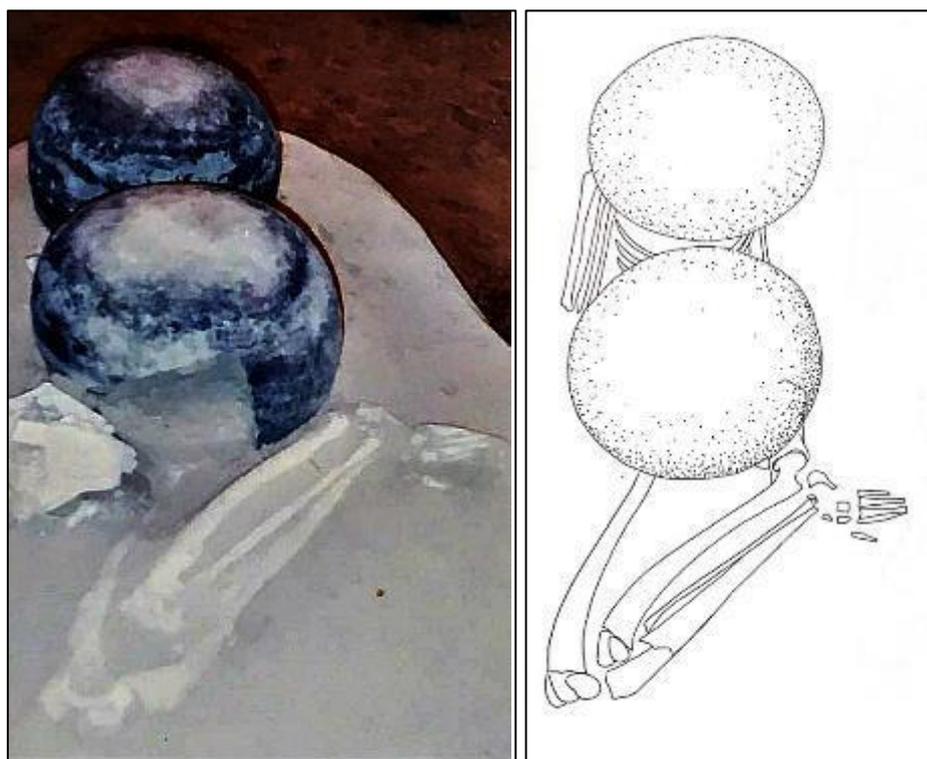
Na Área de Concentração 2 (AC2) (identificada pelo círculo roxo na Figura 16), contamos com cinco sepultamentos (109, 116, 118, 166 e 167) que apresentam algumas diferenças entre si. Os enterramentos 109 e 116 contêm apenas um vasilhame cerâmico sobre o crânio. No caso do 116, tal peça também cobre a região torácica/abdômen. O sepultamento 118 tem dois vasilhames cerâmicos, um sobre a cabeça e outro sobre a região abdominal (Figura 18). Os sepultamentos 166 e 167, um pouco mais afastados dos demais (na quadra FL50-55), apresentaram-se acondicionados em urnas funerárias, tendo a maior distinção dentre os enterramentos dessa área.

Todos os enterramentos foram identificados entre as profundidades de 60 cm a 140 cm, sendo que aqueles apresentados em 109, 166 e 167 situados entre 60 cm e 100cm. Os identificados em 118 e 116, por outro lado, foram escavados em camadas mais profundas, entre 100 cm e 140 cm. As datações indicam um intervalo entre 3.280 anos AP e 1.280 anos AP<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Assim como a Área de Concentração 1, tais dados precisam ser melhores explorados.

(Quadro 6). Estariam esses enterramentos relacionados à algum evento funerário próximo? Teriam esses indivíduos algum tipo de afinidade (familiar ou não)? Infelizmente, os dados disponíveis não nos permitem lançar respostas sobre esse conjunto de forma contundente, porém é plausível pensar que as práticas funerárias foram pensadas de diferentes formas para cada um dos indivíduos presentes nessa área de concentração, certamente respeitando a individualidade desses sujeitos e o que cada um representaria para a comunidade da qual faziam parte.



**Figura 21.** Sepultamento 118 com vasilhames sobre a cabeça e o abdômen (Fonte: Acervo do MAX).

Em relação à Área de Concentração 3 (AC3) (identificada pelo círculo azul na Figura 16) e presente no Setor 2 de escavação, constatamos a presença de cinco sepultamentos com vasilhames cerâmicos, sendo este o conjunto mais diferenciado dentre as outras áreas. Trata-se de três sepultamentos infantis (138, 140 e 164) e dois adultos, 132 e 142, ambos apresentados na figura 19. Aqueles identificados em 138 e 140 estão totalmente alojados abaixo do vasilhame cerâmico, sendo que o primeiro também se apresentou com uma pequena vasilha abaixo do vasilhame maior que lhe cobria; 164 estava no interior de uma urna funerária. O sepultamento 142 trata-se de um indivíduo feminino com idade entre 15 e 19 anos, com a maior diferença na forma de associação do vasilhame, sendo sua base localizada na região posterior do crânio. O sepultamento 132, indivíduo masculino com idade entre 30 e 39 anos, inclui dois vasilhames fragmentados e localizados sobre e próximo aos membros inferiores, sendo que um deles tem

tratamento de superfície externa no tipo escovado, único artefato cerâmico que possui tais marcas na amostra estudada, como exposto no tópico a seguir.



**Figura 22.** Sepultamento 142 e 132 com a presença dos vasilhames mortuários. (Fonte: Acervo do MAX).

Ainda em relação à AC 3, temos um outro fator que chama a atenção: a presença de contas de vidros nos sepultamentos 138 e 140 associadas diretamente ao enxoval funerário de tais indivíduos, podendo-se afirmar com clareza que tais enterramentos fizessem parte do período de contato (SILVA, 2017). Outro fator importante é que foram encontrados na mesma profundidade de escavação (entre 70 cm e 100 cm) e relativamente próximos, sendo possível sugerir que compartilhassem de algum tipo de afinidade social e/ou momentos próximos de inumação.

Outros três enterramentos, distantes dessas áreas de concentração e identificados pelos números 31, 119 e 165 (Figura 16), correspondem a indivíduos inumados de formas diferentes entre si, embora similares aos sepultamentos identificados nas áreas acima descritas. O sepultamento 31, situado na quadra de escavação FL15-20 entre 50 cm e 70 cm de profundidade, apresenta-se com dois vasilhames cerâmicos, porém tem aspectos que destoam dos demais que receberam duas peças. Por se tratar de um remanescente esquelético com um baixo grau de preservação, não foi possível compreender muitos dos aspectos relacionados a posição do corpo, mas é possível especular que a cabeça estava descoberta, diferente dos demais

sepultamentos da amostra que, quando tinham dois vasilhames, um deles cobria a cabeça. Nesse caso, um vasilhame maior cobria a região do abdómen e do quadril e outro menor localizava-se sobre a região dos ombros<sup>20</sup>.

O sepultamento 119 escavado na quadra SX25-30 entre 90 cm e 120 cm de profundidade, por outro lado, é bastante similar ao sepultamento 118 (AC2): ambos foram posicionados em decúbito dorsal e com os membros inferiores bastante fletidos, e com a presença de dois vasilhames cerâmicos sobre o crânio e sobre o abdómen, sendo que para o sepultamento 118, tais vasilhames apresentam-se tamanhos distintos, diferentemente do sepultamento 119, com vasilhames de tamanhos praticamente iguais (Gráfico 5). Um dos recipientes (número 21.996) tem dois furos em sua borda (Figura 20), possivelmente relacionados à sua suspensão, apesar de não ter sido observado furos similares do outro lado do vasilhame, também é possível sugerir que tratar-se-ia de um reparação a algum tipo de quebra do artefato, como notado pela área fragmentada entre os dois furos.



**Figura 23.** Vasilhame 21.996 identificado no sep. 119. Nota-se a presença de furos próximos a borda.

Para finalizar a apresentação dos sepultamentos que se encontram fora das áreas de concentração, temos o enterramento 165, escavado no Setor 2 (Quadra SX 1/10-1/6 entre 60 cm 100 cm de profundidade), um indivíduo infantil com idade de aproximadamente um ano e inserido em uma urna funerária (tal qual os sepultamentos 164 da AC3, e 166 da AC2).

---

<sup>20</sup> É possível que esse vasilhame (identificado pelo número 11.596) pudesse estar sobre a cabeça do indivíduo e por fatores de movimentação da matriz sedimentar ou fatores que ainda precisam ser mais explorados, tal peça tenha se locomovido e encontrada sobre a região do ombro.

As averiguações acerca das formas de enterrar os mortos, posição dos corpos, bem como da distribuição espacial de tais sepultamentos demonstram não haver distinções relacionadas aos sexos e fatores etários. Também não foi possível observar se havia evidências claras nos sepultamentos identificados pelas áreas de concentração, sendo possível sugerir que em alguns casos os rituais funerários pudessem ter sido realizados em momentos próximos e, com pesquisas futuras, observar a possível relação entre esses sujeitos, visto a similaridade observada na forma de inumar esses mortos, os acompanhamentos cerâmicos, bem como a partilha de espaços e profundidades.

### 5.3. VASILHAMES, SUAS FORMAS E OUTROS ACOMPANHAMENTOS

Os sepultamentos acompanhados de vasilhames cerâmicos apresentam, em alguns casos, similaridades, no entanto, alguns desses artefatos e as formas de associação demonstram distinções entre si. Como observado em Dantas e Lima (2014) e Luna (2001), os vasilhames recuperados inteiros aparentam-se bastante homogêneos, apresentando a mesma técnica de confecção e mesmo tipo de antiplástico mineral, sobretudo quartzo. Também é observado que tais peças apresentam-se em sua quase totalidade (95%) com o tratamento de superfície alisado, sendo apenas um conjunto de fragmentos encontrados com o sepultamento 132 que tem a superfície externa escovada (Figura 21).



**Figura 24.** Tratamento de superfície escovado do vasilhame encontrado no sep. 132.

Em relação aos dados da morfologia dos vasilhames (Quadros 7 e 8), verificamos três tipos: esférica com contorno simples e boca aberta (Forma 1); semiesférica com contorno simples e boca aberta (Forma 2); esférica com contorno simples e boca constricta (Forma 3),

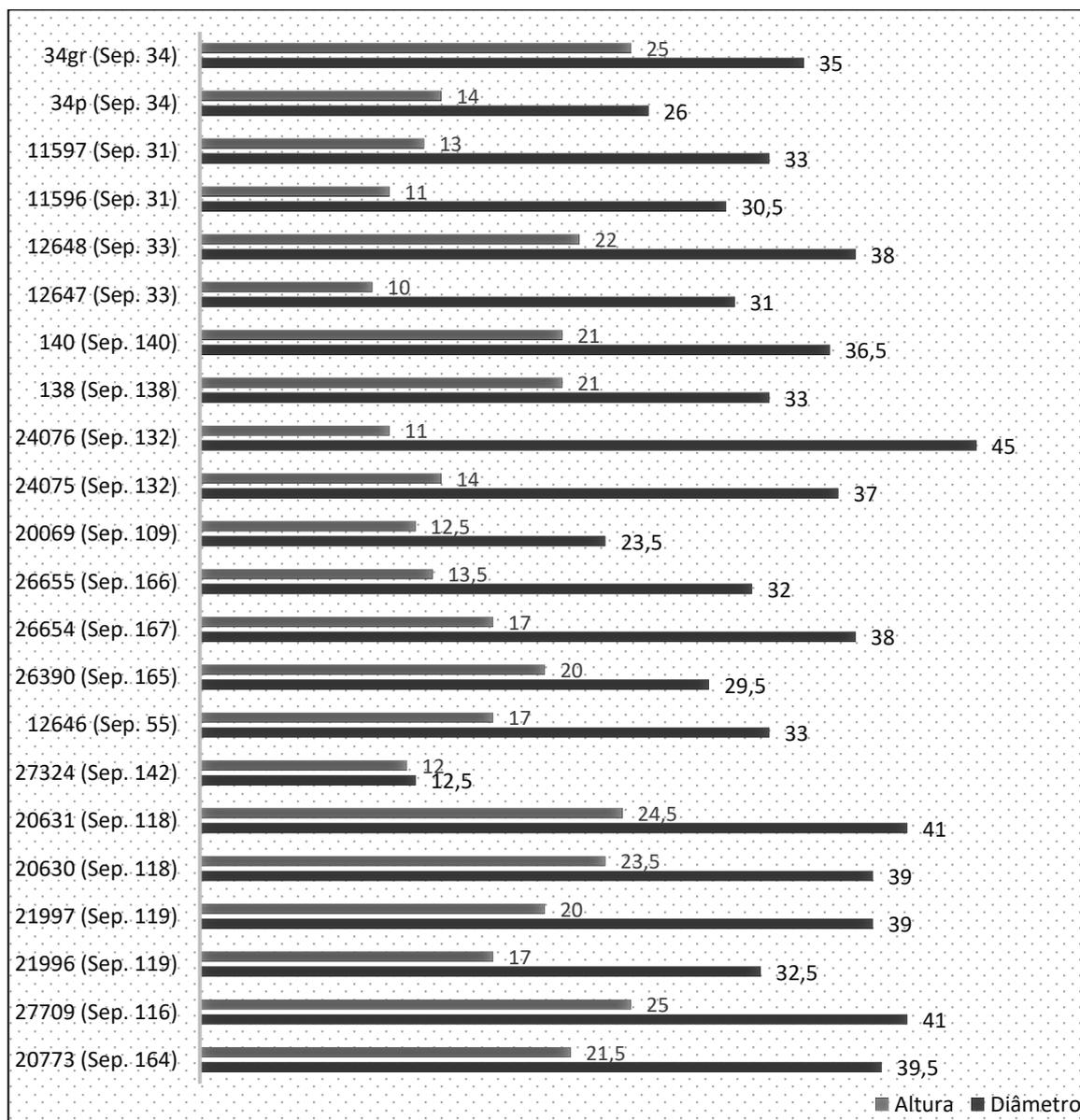
todas essas formas ainda persistentes nas cerâmicas produzidas pelos atuais grupos indígenas do baixo São Francisco (ver Schuster *et al.*, 2020). Nesse sentido, observamos que aqueles vasilhames esféricos com a Forma 1 compreendem a maioria dos associados aos enterramentos, com 50% da totalidade, seguidos da Forma 2 com 33% e Forma 3 (17%).

Existem, no entanto, associação de formas diferentes para um mesmo sujeito, como é o caso dos enterramentos 34 e 31, onde as cerâmicas de Forma 1 foram vinculadas aos abdomens e aquelas de Forma 2 cobrindo a cabeça (Sepultamento 34) e para o segundo (Sepultamento 31), entre a cabeça e a região torácica, provavelmente sobre o ombro. Não foi possível vincular a Forma 1 exclusivamente para cobrir a região abdominal, uma vez que identificamos vasilhames com a forma 1 cobrindo a cabeça dos indivíduos identificados nos sepultamentos 33, 55, 118, 119 e 116 (Quadro 8). O mesmo acontece com a Forma 2 que cobre a cabeça do indivíduo 109, demonstrando não haver padrão claro nas formas dos vasilhames a determinadas partes dos corpos dos indivíduos. Dois vasilhames, 27.324 do sepultamento 142 e 26.390 do sepultamento 165, apresentaram-se com a Forma 3, sendo a boca mais constricta do que as outras formas, e ambas as vasilhas demonstram funcionalidade funerária diferente, sendo a primeira colocada como oferenda próxima a cabeça do indivíduo e a segunda apresentou-se como invólucro mortuário (urna).

Em relação ao vasilhame de número 27.324 (enterramento 142), notamos que a sua coloração é bastante enegrecida, diferente dos demais artefatos cerâmicos da coleção avaliada. Essa cor pode ter sido alcançada através de algum tipo de banho, embora pesquisas mais aplicadas sejam necessárias. Além disso, é a menor vasilha da amostra, com diâmetro de 12,5 cm e altura de 12 cm (Gráfico 5). Essa diferença entre coloração e a forma que se apresenta na estrutura funerária, além do tamanho (que discutiremos a seguir), pode estar atrelada a uma oferenda com significado diferente, não sendo possível observar relação direta ao corpo do falecido, como observado entre aqueles que tiveram partes específicas do corpo cobertas pelos vasilhames.

Diferentemente dos outros aspectos técnico-morfológicos, observamos certa variação no tamanho das vasilhas, com peças que apresentam altura de 25 cm e diâmetro da boca de 45 cm, até recipientes menores (Gráfico 5). Desse modo, percebemos que nem as dimensões dos vasilhames, nem as formas, parecem estar exclusivamente associadas a indivíduos de um sexo e faixa etária específicos (dados cruzados entre os Quadros 4 e 7). Não detectamos conexão entre tais aspectos e as posições escolhidas para sepultar os falecidos, também não foi

observado que as dimensões estivessem relacionadas a indivíduos de uma mesma área de concentração.



**Gráfico 5.** Dimensões dos vasilhames cerâmicos (identificados pelos seus números de tomo e sepultamentos no eixo vertical) associados aos enterramentos.

Também avaliamos a maneira que tais vasilhames foram depositados sobre os mortos (Quadro 9): temos indivíduos que receberam dois vasilhames, sendo um cobrindo a cabeça e outro a região abdominal (sepultamentos 33, 34, 118, 119), e outros que tiveram apenas a cabeça coberta por vasilhas (109, 55). Também temos o sepultamento 116 que teve a região da cabeça e abdômen cobertos por um mesmo artefato cerâmico e, no caso do enterramento 31, um menor foi alojado provavelmente sobre a região dos ombros. Outras duas sepulturas apresentaram-se com vasilhames com algum caráter de oferenda (sepultamentos 138 e 142),

sendo o primeiro com uma pequena vasilha<sup>21</sup> alojada abaixo do vasilhame que cobria por inteiro o corpo da criança, e 142 com o artefato colocado próximo a região da cabeça. Por fim, temos seis estruturas que podemos classificar os vasilhames com função de urna: os sepultamentos 138 e 140, onde os corpos foram depositados abaixo dos artefatos cerâmicos (as urnas estariam emborcadas?) e os indivíduos identificados pelos enterramentos 164, 165, 166 e 167, todos inseridos em urnas funerárias viradas para cima.

Um primeiro aspecto a chamar a atenção está na necessidade de cobrir partes específicas do corpo, especialmente a cabeça e o abdômen dos indivíduos adultos, com exceção dos sepultamentos 142 e 132<sup>22</sup>. Os corpos de crianças, todos eles, tiveram um atributo em comum: a proteção contra o contato com o sedimento, fato este observado através da elaboração de sepultamentos em urnas funerárias, nas quais, provavelmente haveria um tipo de tampa que cobrisse a boca de tais artefatos. Também é possível pensar nos casos em que os pequenos falecidos foram alojados abaixo dos vasilhames cerâmicos (sepultamentos 138 e 140), em uma tentativa similar de proteger esses corpos. Essa realidade, pode estar atrelada, possivelmente, ao fato de que crianças indígenas, como observado sobre o levantamento etnográfico, ainda não tivessem passados pelos ritos de iniciação, logo suas funções sociais não tivessem sido homologadas e, para tanto, seus corpos deveriam ser protegidos, embora nem todas as crianças do sítio tenham sido sepultadas dessa maneira, demonstrando que esses enterramentos pudessem demarcar outras funções ou relações a indivíduos adultos com funções relevantes.

Dois casos desses sepultamentos inseridos em urnas (166 e 167) chamam a atenção, pois tratam-se de indivíduos adultos, embora as pesquisas com os remanescentes esqueléticos desses enterramentos não apresentarem resultados claros sobre o sexo e a idade (CARVALHO, 2006). No entanto, por se tratar de adultos depositados em urnas, podemos correlacioná-los às crianças em algum tipo de afinidade (familiar ou não) ou de que os corpos desses indivíduos, por fatores que não nos permitem afirmar categoricamente, sejam de pessoas com relevância social entre aqueles que realizaram tais rituais funerários.

Além dos vasilhames depositados com e sobre os mortos, além das urnas com função de envoltório, outras materialidades também foram designadas enquanto acompanhamentos

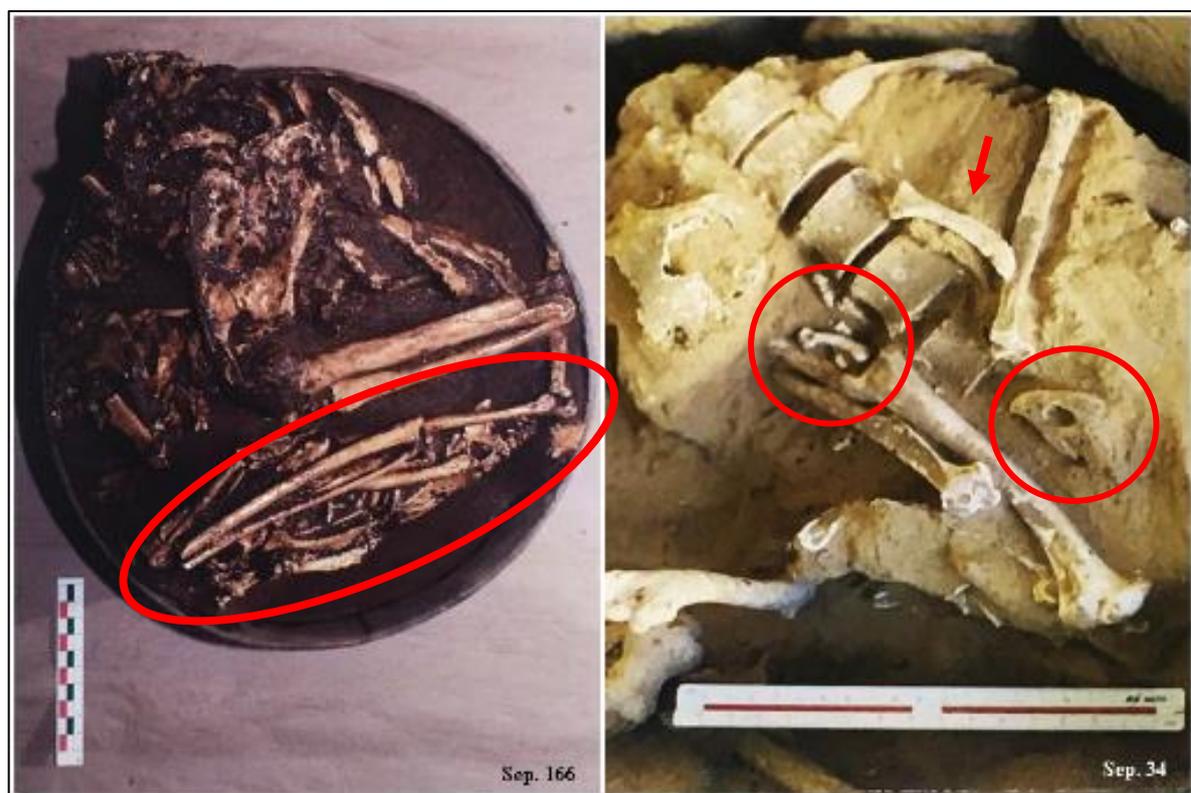
---

<sup>21</sup> Não há informações precisas sobre esse pequeno vasilhame.

<sup>22</sup> Verificamos na documentação a disposição dos fragmentos sobre o remanescente esquelético do sep. 132 para compreendermos se esses vasilhames foram atribuídos de forma inteira e se quebraram após o enterramento, no entanto, não tivemos êxito, pois as imagens não são claras o suficiente para realizarmos tal inferência e não houve descrição desses detalhes durante a escavação desse sepultamento.

funerários (Quadro 10). Identificamos treze dos 17 sepultamentos que constam com descrições acerca de tais elementos. Dessas associações, podemos destacar a presença de ossos de animais em 19% dos sepultamentos amostrados, adornos (em 69% dos enterramentos) e instrumentos musicais de sopro (possíveis flautas) em 3 enterramentos (12%).

Quatro enterramentos apresentaram-se com a presença de fragmentos ou remanescentes faunísticos inteiros. No sepultamento 119, tais vestígios correspondem à espécie *Galictis cuja* (furão), um pequeno mamífero. Nos sepultamentos 34 e 166 (Figura 21), os vestígios faunísticos identificados são de aves do tipo falconiforme e rapina, respectivamente. O esqueleto de ave de rapina foi depositado junto com o morto na urna funerária, enquanto no sepultamento 34, os ossos faunísticos foram identificados sobre o seu abdômen e abaixo de um vasilhame cerâmico. O sepultamento 33, está acompanhado de ossos de ave, de acordo observamos durante as escavações desse sepultamento em casulo na Reserva Técnica do MAX (Campanha do PROBASÃO em 2017), apesar da identificação taxonômica ainda não ter sido realizada.



**Figura 25.** Vestígios de fauna nos sepultamentos com cerâmicas. (Fonte: Carvalho, 2006; Acervo do MAX).

O material faunístico presente em sepultamentos do Justino já foi alvo de alguns trabalhos, como o estudo de Carvalho *et al.* (2002) que apresenta inferências acerca da relação entre os falecidos e os animais, destacando que poderiam ter sido animais de estimação ou

marcadores simbólicos que seriam levados em consideração durante os rituais funerários. Os autores, no entanto, não se aprofundam nas possibilidades apresentadas.

Além dos ossos faunísticos, a amostra tem a presença de instrumentos de sopro (Figura 22) em três sepultamentos: 118, 138 e 142, sendo que aqueles encontrados nos enterramentos 118 e 142 apresentaram-se com um bom estado de conservação, diferente da peça encontrada na sepultura 138, bastante fragmentada (JESUS, 2014). Relevante é o fato que as flautas estão associadas a sujeitos de idades muito destoantes e não há relação com o sexo, sendo o sepultamento 118 masculino adulto, o sepultamento 138 sendo uma criança entre 1 e 2 anos de idade e, por fim, o indivíduo do sepultamento 142 sendo feminino jovem (dados cruzados entre o quadro 10 e o quadro 4).

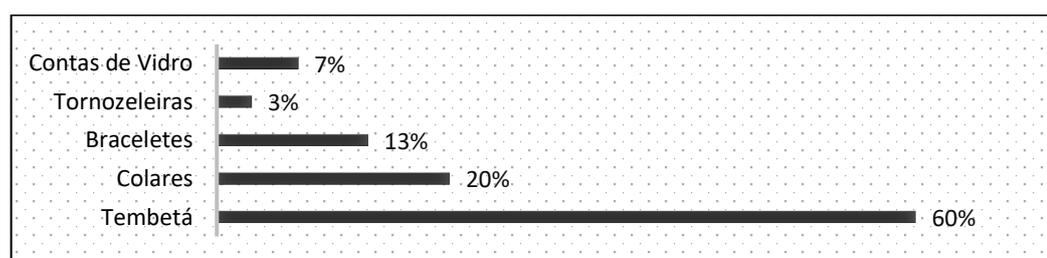


**Figura 26.** Flautas identificadas nos sepultamentos estudados (Fonte: Jesus, 2014).

Apresentar uma discussão sobre essas flautas, bem como a correlação para com os falecidos, requer um exame mais profundo no que tange a percepção simbólica dessa cultura material e como as sociedades indígenas nas terras baixas da América do Sul encaram os efeitos sonoros produzidos por tais elementos. Podemos, de certo modo, trazer as discussões de Hill (2013) que demonstra que flautas (e outros instrumentos de sopro) devem ser compreendidas, especialmente, dentro do universo xamânico. Para o autor, a respiração enquanto símbolo de

estar vivo é um dos aspectos centrais na relação com esses artefatos, haja visto que seu funcionamento ocorre através do controle preciso da respiração por aqueles que detém o domínio e as habilidades de tocar esses instrumentos, geralmente xamãs. No Justino é possível que ao menos os sujeitos dos enterramentos 118 e 142 tivessem uma performance social enquanto xamã. Enquanto para a criança do 138, podemos conceder o aspecto simbólico das flautas e o ato de “assoprar/respirar” como forma de controle da vida e da morte, como exemplifica Hill (2013). Esta possibilidade também pode ser aplicada aos indivíduos adultos.

Para finalizar a relação com as outras associações funerárias, apresentamos os tipos de adornos (Gráfico 7) que aqui podemos dividir entre aqueles labiais de origem mineral (tembetás em amazonita e arenito), de origem faunística (colares, braceletes e tornozeleiras produzidos com conchas de moluscos e de outras espécies), além de contas de vidros observados em 3 dos sepultamentos da amostragem (55, 138, 140).



**Gráfico 6.** Proporção da tipologia de adornos associados aos sepultamentos com vasilhames do sítio Justino.

Em uma primeira instância, nota-se a abundância de adornos labiais, de origem mineral, em especial a amazonita, uma rocha de cor esverdeada, tal qual mencionado nos relatos de Gabriel Soares de Souza [2001(1587)]. Os sepultamentos contendo tembetás em seus enxovais funerários são: 109, 119, 132, 140, 142, 116 e 164, sendo que no enterramento 109 foram identificados três tembetás, sendo dois confeccionados a partir de quartzo arenito, adereços igualmente observados nos enterramentos 119 e 132. A presença de tembetás em quartzo arenito nos sepultamentos mencionados, faz Beatriz Velloso (2022) acreditar que se trata de elementos produzidos para o ritual funerário, visto que esses não apresentam com desgastes compatíveis ao uso labial, são assimétricos e o acabamento não apresenta uniformidade, apresentando possíveis sinais de picoteamento na parte distal de tais adereços.

Pensando nesses adornos como objetos relacionados à iniciação da vida adulta e utilizados por homens, conforme é corriqueiramente apresentado sobre as sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul, destacamos os sepultamentos 116 e 142 que receberam

tembetás. Ambos se apresentam com a estimativa de sexo feminino, demonstrando que outras esferas sociais estariam relacionadas ao uso desses adornos, a exemplo de suas possíveis identidades de gênero ou que foram depositados pelos donos/usuários como forma de oferenda. Velloso (2022) apresenta, de acordo com a revisão de estudos etnográficos, que essa perspectiva masculinista está atrelada à visão europeia e patriarcal e deve ser averiguada de forma crítica e não generalista, visto que em algumas sociedades indígenas homens e mulheres utiliza

Aqui apresentamos, talvez, a maior potencialidade de interpretação acerca da performatividade de gênero no Justino, compreendendo que gênero é constituído pela mudança e estilização dos corpos, inclusive com a utilização de adornos corporais e, nos casos das sociedades indígenas, labiais. Se as narrativas produzidas sobre tais adereços especificam seu uso aos homens, arqueologicamente podemos refletir que o gênero desses indivíduos estivessem relacionados com outras questões (além sexo) e que pessoas de sexos distintos também pudessem adornar os seus lábios por fatores de identidade, tal qual observado em alguns grupos do tronco linguístico Tupi e Macro-Jê (VELLOSO, 2022).

Adornos de origem faunística também estão presentes na amostra estudada (Tabela 2). Colares de material malacológico e de ossos de cervídeo estão presentes nos sepultamentos 31, 109, 138, 118, 116; braceletes confeccionados a partir de conchas de gastrópodes nos sepultamentos 116 e 164; e tornozeleira (sem especificação da classe faunística) no sepultamento 116.

**Tabela 2.** Tipos de adornos recuperados nos sepultamentos amostrados.

Adornos faunísticos	Sep. 31	Sep. 109	Sep. 138	Sep. 118	Sep. 116	Sep. 164	Total
Colar	1	1	1	3 <sup>23</sup>	8		14
Bracelete					1	1	2
Tornozeleira					1		1
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>17</b>

Fonte: Silva (2010).

Por fim, os adornos de vítreos (Figura 24) foram identificados em três sepultamentos da amostra (138, 140, 55), sendo que a descrição acerca dessas associações com o sepultamento 55 é vaga, como expõe Silva (2013, 2017). Tais adereços sugerem não somente uma ocupação mais recente do sítio, ao invés de um espaço que foi exclusivamente utilizado em períodos pré-coloniais, como afirmam Vergne *et al.* (2002), Vergne (2004) e Fagundes (2007, 2010), mas

<sup>23</sup> Não temos informações disponíveis para afirmarmos se as peças apresentadas por Silva (2010) são colares ou outros tipos de adornos. O mesmo se aplica a quantidade de colares identificados no Sep. 116.

demonstram, como mencionado anteriormente, a relação entre a cultura nativa com a europeia, este encontro sendo materializado nas práticas funerárias do sítio.



**Figura 27.** Contas de vidros identificadas nos sepultamentos averiguados (Fonte: Silva, 2017).

Como já discutido acerca dos outros elementos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino, os adornos também representam aspectos simbólicos do corpo e da sociabilidade das pessoas indígenas. Para Vidal e Müller (1986), esses adereços, muito mais que apenas objetos estéticos, representam e marcam a relevância social dos indivíduos em suas comunidades, as características desses ornamentos mudam de acordo os estágios da vida e, para os falecidos do Justino, as diferenças tipológicas (observadas e publicadas por Silva em 2013) podem estar relacionadas à fatores etários e não necessariamente ao gênero desses indivíduos, algo que já demonstramos anteriormente (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018). Certamente, esses adornos estariam expressando as categorias de pessoas e os papéis assumidos por esses sujeitos.

#### 5.4. DA CERÂMICA AO CORPO, DO CORPO AO GÊNERO: ALGUMAS INFERÊNCIAS!

Os estudos prévios realizados com os vasilhames cerâmicos recuperados nos sepultamentos do Justino demonstram que esses foram fabricados para o ritual funerário (LUNA, 2001; DANTAS; LIMA, 2014). Para os autores, esse conjunto artefactual não apresentou uma elaboração requintada, sendo que em alguns casos seria perceptível a fragilidade dos vasos, apesar da preservação de algumas peças que foram encontradas inteiras. Igualmente, os sinais de uso identificados por Dantas e Lima (2014) denotam que essas vasilhas foram utilizadas poucas vezes, possivelmente durante os rituais fúnebres, sugerindo a realização de banquetes com esses vasilhames que posteriormente foram incorporados às estruturas mortuárias de 16% dos indivíduos escavados no sítio.

Antes de adentrarmos nas interpretações sobre a relação dos vasilhames para com os corpos dos falecidos e as possibilidades para o estudo de gênero, faz-se necessário elencar que a produção de potes cerâmicos em comunidades indígenas é de responsabilidade feminina, incluindo os povos Kariri (ALMEIDA, 2003; ANTUNES, 1973; FERRARI, 1957; LOWIE,

1946; SIQUEIRA, 1978). Desse modo, é inegável reconhecer a participação ativa das mulheres nos ritos de passagem, as colocando como pessoas importantes nesses momentos fúnebres.

Infelizmente, durante a coleta de informações sobre os Kariri, não conseguimos informações robustas sobre como os rituais funerários seriam realizados por esses grupos, apenas a descrição sucinta que os falecidos eram depositados em urnas (ANTUNES, 1973), o que novamente coloca o vasilhame cerâmico (e a participação feminina na fabricação desses envoltórios mortuários) como essenciais nas práticas funerárias desses povos que ainda resistem no baixo São Francisco, mas não ritualizam seus mortos como antigamente.

Algo relevante de ser mencionado e que foi observado no estudo de Ribeiro (2002) refere-se aos tratamentos realizados com os mortos no que tange à pintura corporal e a atribuição de adornos, sendo que em algumas sociedades indígenas, incluindo aquelas do tronco linguístico Macro-Jê, as mulheres vivas somente poderiam preparar e adornar o corpo das mulheres falecidas, enquanto os homens vivos responsabilizavam-se pelos corpos dos homens falecidos. Em relação às crianças, as descrições da autora atribuem que essas não recebiam um ritual tão elaborado como aqueles realizados para os adultos. Essas realidades, no entanto, variam de grupo para grupo.

No Justino, por outro lado, vimos que não houve muita distinção no que concerne ao tratamento mortuário para indivíduos masculinos e femininos, bem como para as crianças, sendo possível refletir que a elaboração dos rituais funerários incluísse a cooperação entre membros do grupo, onde as mulheres seriam responsáveis pela fabricação dos vasilhames utilizados nos banquetes fúnebres e, em seguida, colocados com os mortos, enquanto os homens tivessem outras funções nas celebrações relacionadas à morte. Também é possível observar um tratamento mortuário bem elaborado para as crianças, denotando que não houve distinção em ritualizar os mortos segundo a faixa etária.

Em relação a associação das cerâmicas, não vemos diferenciação no que tange aos aspectos técnico-morfológicos desse conjunto artefactual, mas podemos distinguir três formas que esses foram colocados com os mortos: (1) sobre o corpo, onde a cabeça e o abdômen seriam partes que deveriam ser cobertas; (2) apresentavam-se com função de envoltório mortuário onde os falecidos seriam colocados no interior ou abaixo dos vasilhames; (3) eram colocados próximo ao corpo, servindo como algum tipo de oferenda.

Quanto a presença dos vasilhames que cobriam partes específicas dos mortos, notamos certa predominância em cobrir a cabeça, em seguida daqueles falecidos que receberam um

segundo vasilhame sobre a barriga. Referente a essas formas de atribuição artefactual aos falecidos, podemos sugerir que tanto a cabeça quanto a barriga seriam partes simbólicas desses mortos que receberam esse tipo de acompanhamento.

Relacionando com as noções expostas por Seeger *et al.* (1979) acerca da construção de pessoas em sociedades indígenas, bem como a concepção que tais populações regiam o seu entendimento de mundo através do corpo, compreendemos essas partes específicas (cabeça e barriga) como de extrema relevância simbólica. De acordo as sugestões dos autores supracitados, certos órgãos seriam valorizados e serviam como um idioma francamente social. Desse modo, podemos sugerir, para tanto, que cabeça e barriga seriam órgãos de valor social para aqueles que sepultaram seus mortos no sítio Justino, visto a necessidade de proteção mesmo após a morte, pensando que tais vasilhames serviriam como protetores desses corpos mediante o contato com o sedimento.

Ao buscarmos na etnografia sobre as sociedades indígenas que identificassem a cabeça e a barriga enquanto partes simbólicas, não obtivemos sucesso. Contudo, encontramos informações relevantes que podem corroborar com o que observamos no sítio Justino, sobretudo quando da presença de adereços e a relação direta a determinados órgãos localizados especificamente na cabeça, sendo que a utilização desses ornamentos estaria intrinsicamente relacionado à percepção dos corpos e os sentidos que alguns órgãos teriam para as populações nativas da América do Sul (SEEGGER, 1980).

No Justino, não foi raro observar a presença de tembetás nos sepultamentos, especialmente entre aqueles que receberam vasilhames que cobriam a cabeça e o abdômen. Para Seeger (1980), adornos labiais e auriculares estão, consecutivamente, relacionados a importância simbólica da fala e audição, também podemos correlacionar as flautas nesse interm dos sentidos, visto a sua função de sopro e som (boca e ouvidos). Para o autor, homens, mulheres e crianças são socialmente definidos pelo ato de ouvir e falar, enquanto os feiticeiros (termo utilizado pelo próprio pesquisador) seriam reconhecidos pela sua visão extraordinária.

Torna-se pertinente, para tanto, mencionar que a boca, orelha e olhos, como citados por Seeger (1980), são órgãos integrantes da cabeça, sendo essa parte a mais valorizada dentre aqueles sujeitos que se apresentaram com cerâmicas sobre os seus corpos. Com exceção do sepultamento 31 do qual não tivemos informações mais robustas sobre a localização do

vasilhame 11.596<sup>24</sup>, todos os sujeitos que receberam cerâmicas sobre os corpos, tiveram a cabeça cuidadosamente coberta por vasilhas (sepultamentos 33, 34, 55, 109, 116, 118, 119), sendo possível inferir a importância simbólica da cabeça e a possível correlação com um ou mais dos órgãos mencionados por Seeger (1980). A importância da boca para as sociedades do baixo São Francisco pode ser inferida especialmente pela presença dos tembetás em alguns enterramentos estudados (109, 119, 132, 140, 142, 116 e 164) e das flautas (sepultamentos 118, 138 e 142).

Outro aspecto que reforça a atenção para com o corpo dos sujeitos sepultados no sítio Justino se deu em relação aos sinais patológicos identificados em 56% dos sepultamentos avaliados (sepultamentos 34, 109, 116, 118, 119, 138). Não é inédito, nem na etnografia nem na arqueologia, que vasilhames mortuários tendem a representar os corpos dos mortos (BARRETO, 2009, 2014; LAGROU, 2007; STEFFENSON, 2007; VELTHEM, 2010; VIDAL, 2000), estando relacionados à decoração corporal, e em algumas sociedades indígenas, os corpos cerâmicos são decorados tal qual os corpos humanos (VELTHEM, 2003). Não temos como identificar se esses sujeitos sepultados no Justino receberam algum tipo de decoração em suas peles e não observamos decoração nos vasilhames, com exceção dos fragmentos cerâmicos com tratamento escovado (vasilhame 24.075) encontrados sobre o indivíduo do sepultamento 132.

Nesse sentido, podemos aventar a possibilidade de que esses vasilhames tivessem certa relação para com as patologias identificadas nos sepultamentos ou representar possíveis percepções simbólicas dos vivos para com esses falecidos que em vida tiveram sinais em suas peles, visto que as enfermidades constatadas nos remanescentes esqueléticos (infecções e/ou doenças degenerativas) podem causar mudanças bruscas na pele e nas posturas desses indivíduos que viveram com essas patologias.

Outra forma de associação cerâmica para com os remanescentes esqueléticos amostrados em nossa pesquisa se deu na importância desses apresentarem-se enquanto invólucros funerários (sepultamentos 164, 165, 166 e 167). Também podemos realizar uma leitura similar para os sepultamentos 138 e 140, sendo os vasilhames encontrados emborcados sobre os corpos e exercendo a mesma função de envoltório. Algo interessante sobre esse tipo de enterramento se deu com relação a idade dos indivíduos, sendo possível elencar a presença

---

<sup>24</sup> Pelas fotografias, percebemos que o vasilhame foi encontrado na região entre a região do tórax e a cabeça, provavelmente sobre os ombros.

de dois adultos (sepultamentos 166 e 167), enquanto os outros são de crianças com idade entre 1 e 10 anos (sepultamentos 164, 165, 138, 140).

Buscamos na etnografia dados sobre os aspectos simbólicos relacionados às urnas funerárias, mas só observamos o propósito de proteção dos corpos, já que esses envoltórios impediriam o contato do sedimento para com os mortos, algo que também é refletido sobre estruturas de madeira, suspensão em rede, esteiras, jiraus e folhas de babaçu, exemplos esses verificados em sepultamentos de membros dos grupos linguísticos Tupi e Macro-Jê (RIBEIRO, 2002). O que nos chama a atenção, no entanto, é que uma pequena parcela dos falecidos do sítio Justino tiveram o corpo completamente protegido, diferentemente dos indivíduos que receberam vasilhames sobre partes específicas do corpo e dos 84% dos sepultamentos que não constaram com nenhuma vasilha sobre ou próxima aos seus corpos.

Um outro elemento que nos instiga sobre os sepultamentos em urnas está relacionado a prevalência desses serem primários, bem como as posições que esses corpos foram depositados no interior das urnas ou abaixo dos vasilhames (todos sentados). Diferentemente do que é apresentado na literatura etnográfica e arqueológica, esses envoltórios funerários eram geralmente produzidos para receber os corpos que foram “desfigurados” e “refigurados”, dos quais denominamos como enterramentos secundários (BARRETO, 2009; CARNEIRO DA CUNHA, 1978; NOVAES, 2006 E RIBEIRO, 2002).

Entre os Tupi, Cézár (1972) apresentou uma classificação tipológica das urnas que menciona haver envoltórios grandes para os enterramentos primários de adultos e menores para aqueles secundários. No Justino, por outro lado, os vasilhames, especialmente as urnas, não se apresentaram com grandes dimensões, se compararmos com aquelas encontradas, por exemplo, em contextos Aratu no nordeste (BROCHADO, 1984; FERNANDES, 2006; ROBRAHN-GONZALES, 1996). Essa realidade demonstra, novamente, que a realização dos rituais funerários no sítio Justino tinha particularidades em relação àquelas assinaladas em outros contextos arqueológicos e etnográficos.

Embora não tenhamos subsídios robustos para discorremos sobre as escolhas em sepultar esses mortos no interior das urnas ou abaixo dos vasilhames, podemos aventar algumas possibilidades além da proteção desses corpos. Primeiro, podemos sugerir que os sepultamentos de crianças em urnas estivessem relacionados à necessidade de proteção desses pequenos corpos, visto que ainda não se apresentaram com idade suficiente para os ritos de iniciação, logo ainda não tiveram suas funções sociais reconhecidas publicamente pelo grupo, como bem

explanado no capítulo IV. Em relação aos adultos sepultados em urnas, podemos sugerir, sem maiores informações etnográficas e arqueológicas, que esses pudessem fazer parte de uma categoria de pessoas importantes socialmente e, que por esse motivo, seus corpos tivessem uma deposição diferenciada dos demais sujeitos do Justino. Nesses dois casos, é perceptível que esses partilham um espaço bastante próximo de enterramento no Justino e foram recuperados na mesma profundidade.

Para finalizar as interpretações acerca dos sepultamentos com vasilhames cerâmicos, temos aqueles onde tais artefatos não se apresentaram com função de invólucro ou de cobrirem partes específicas do corpo do morto. No caso do sepultamento 142, o vasilhame foi encontrado próximo à cabeça, sendo a sua base encostada sobre a região posterior do crânio (occipital). Já para o sepultamento 138, temos o registro de um pequeno vasilhame encontrado abaixo do vasilhame maior que lhe cobria, porém não obtivemos resultados referentes às análises tecno-tipológicas do mesmo, nem conseguimos encontrá-lo na reserva técnica do MAX. Infelizmente também não há descrições precisas sobre como tal peça foi alojada no contexto identificado.

Outros sepultamentos que identificamos durante a coleta de dados e em escavações dos casulos (campanhas do PROBASÃO entre 2015 e 2017) que não foram incluídos nesta pesquisa (sepultamentos 47 e 82) também continham vasilhames pequenos próximo aos corpos, demonstrando que pesquisas futuras poderão gerar entendimento mais completo acerca desse tipo de associação.

Nesses casos, nota-se que o tamanho dos vasilhames são menores, quando comparado às dimensões daqueles que estiveram sobre partes específicas do corpo ou que serviram como invólucro funerário. Também foi possível observar, especialmente para o vasilhame 27.324 do sepultamento 142 que a técnica de confecção teria sido melhor elaborada, e a coloração e tratamento de superfície denotam um trabalho mais minucioso em tornar tal artefato diferenciado. Podemos tratar tal bem funerário, como discutido por Williams (2009), enquanto portador de uma agência mnemônica, fazendo com que as memórias referentes à identidade ancestral do morto, bem como o papel social que esse desempenharia em vida, fossem mantidos ou esquecidos.

Também podemos correlacionar a presença desses vasilhames incluídos nas estruturas funerárias e que não tiveram a intenção de cobrir/proteger o corpo ou partes específicas com o conceito de “objetos-gatilhos” apresentado por Barreto e Oliveira (2016), algo bastante presente em contextos funerários das terras baixas da América Sul. Os processos que se desencadeiam a

partir desses elementos, correlacionado com as perspectivas mnemônica sugeridas por Williams (2009), ativam os processos mentais da memória e do imaginário, bem como podem representar o desempenho do corpo e a categoria de pessoa quando em vida.

Como o número de indivíduos que recebeu esse tipo de associação cerâmica é baixo na amostra avaliada, não conseguimos assegurar se a manutenção da memória, bem como as possibilidades de representação do corpo, esteja conectada a indivíduos de grupos particulares, como homens, mulheres ou crianças. Todavia, por ser uma quantidade restrita (esta realidade pode ser alterada com pesquisas futuras), acreditamos que depositar pequenos vasilhames cerâmicos próximo aos corpos dos falecidos, tenha relação direta como a forma em que esses indivíduos viviam em sociedades, suas funções sociais relevantes e, que por tais motivos, deveriam ser reconhecidos e diferenciados durante os rituais fúnebres.

Entendendo a produção dos artefatos cerâmicos para os rituais funerários e as formas de associação para com os mortos, chegamos no ponto central que esta pesquisa se propõe: o gênero. Importante mencionar, no entanto, que discutir as identidades de gênero de cada indivíduo nos sepultamentos com vasilhames do Justino não nos é possível, visto que não dominamos as formas pelas quais as identidades e as performatividades do corpo foram construídas e, quando do levantamento da literatura etnográfica e etno-histórica, compreendemos a extrema subjetividade de como essas questões operam em diferentes contextos, como também observamos que as realidades apresentadas dizem mais respeito às configurações e construções sociais dos autores do que das populações que foram alvos dessas crônicas.

O sexo sempre foi um fator utilizado para o entendimento das relações de gênero, especialmente em contextos funerários, onde o dimorfismo sexual sempre foi considerado sinônimo para a identidade de gênero dessas pessoas (GONTIJO; SCHAAN, 2017). Dessa forma, muitos detalhes que poderiam apresentar noções mais amplas de gênero foram deixados de lado, em uma clássica inferência que aplica as noções do presente ao passado. No sítio Justino, a não relação de vasilhames cerâmicos para um mesmo grupo de categorias sexuais demonstram que outros aspectos sociais poderiam operar nas identidades de gênero desses falecidos, como também é possível elucidar que o desempenho social desses indivíduos, bem como a performatividade de gênero, não fossem relacionadas ao sexo.

Aplicando a diferença no tratamento mortuário referente a 16% dos sepultamentos do Justino, sendo esses indivíduos agrupados através dos vasilhames cerâmicos que se

apresentavam nas estruturas funerárias, utilizamos a hipótese de que esses acompanhamentos poderiam assinalar as performatividades de gênero desses indivíduos. Com o levantamento de dados, compreendemos que esses sujeitos representariam categorias de pessoas que fossem importantes em suas comunidades. Voltamos, portanto, para as indicações de Seeger e colegas (1979) sobre a construção de pessoas em sociedades indígenas, as concepções de corpo e os papéis sociais desenrolados socialmente.

Sendo tais sepultamentos bastante elaborados, não somente pela presença dos vasilhames, mas também por outros acompanhamentos (adornos diversos, remanescentes esqueléticos de animais, tembetás e flautas), é possível refletir que esses sujeitos tivessem certa oposição com o coletivo, visto que 84% dos enterramentos do Justino não se apresentaram com as particularidades observadas na amostragem aqui estudada<sup>25</sup>, embora seja necessário considerar a possível distância cronológica entre os sepultamentos do sítio. Essa oposição, para tanto, é apresentada por Seeger *et al.* (1979) sobre pessoas que apresentariam papéis tradicionais, tais como líderes, heróis, xamãs ou cantadores, algo que, como discutido sobre as patologias e as associações fúnebres, não parece estar distante do que observamos no Justino, como a presença do indivíduo feminino (sepultamento 116) como possível xamã ou daqueles que receberam flautas como possíveis músicos e xamãs (sepultamentos 118 e 142).

Se nos é possível correlacionar os indivíduos presentes nos sepultamentos aqui averiguados nessas categorias de pessoas importantes socialmente, como bem indicado por Seeger *et al.* (1979) sobre as sociedades indígenas, é igualmente possível afirmar que o sexo não foi uma diferença básica para assinalar a relevância sócio simbólica desses indivíduos no baixo São Francisco. Outrossim, quando da avaliação com os sepultamentos adultos e com a estimativa do sexo identificada, notamos que os acompanhamentos e as formas de manipulação do corpo na sua estrutura funerária foi bastante proporcional (OLIVEIRA; KLOKLER, 2018). Esta realidade não se faz discrepante de outros contextos funerários já estudados, como os trabalhos de Schaan (2001 e 2003) e Gaspar e Escórcio (2005, 2007 e 2011), onde foi possível observar que não havia, necessariamente, escolhas em tratar os falecidos de acordo os sexos, algo que nos parece bastante perspicaz e que, novamente, rompe com as abordagens que reduzem o gênero dos mortos às meras distinções fenotípicas.

---

<sup>25</sup> Certamente há outros indícios funerários que poderiam apresentar certas particularidades dos 84% dos sepultamentos que não foram avaliados nesta pesquisa e que, em trabalhos futuros, poderíamos compreender de forma mais aprofundada.

Ainda que na etnografia o sexo também tenha sido um parâmetro nas descrições sobre o estilo de vida dos homens e mulheres, é notável observar a variabilidade de papéis e a importância entre indivíduos masculinos e femininos, como também “desvios” das normas sociais, onde indivíduos de um determinado sexo desempenhariam atividades mencionadas para outros sexos, colocando as performatividades de gênero de forma bem mais ampla do que somente aquelas refletidas pelas características biológicas (AMANTINO, 2011; CALLENDER; KOCHEMS, 1983; CLASTRES, 1978; FERNANDES, 2015; MELATTI, 2007; ROSCOE, 2016).

Averiguar as práticas funerárias dos mortos com vasilhames possibilitou-nos compreender que interpretações de gênero fossem possíveis de serem aplicadas em vários momentos do ritual fúnebre do sítio Justino. Inicialmente, podemos atribuir o papel ativo das mulheres durante os ritos de passagem, sendo elas importantes para a confecção dos vasilhames cerâmicos que serviram como banquetes e incorporados aos sepultamentos. Também é cabível inferir que essas vasilhas, especialmente aquelas que não tiveram função de invólucro, foram colocadas nas sepulturas, pois representariam os corpos dos falecidos e os desempenhos sócio simbólicos dessas pessoas em vida.

Se os sepultamentos amostrados são de sujeitos socialmente relevantes, não conseguimos distinguir essa importância a grupos sexualmente definidos, apresentando que outras possibilidades de gênero, para além do sexo, estariam operando nessas sociedades que ocuparam o baixo São Francisco ou que os comportamentos sociais de homens e mulheres não fossem tão rígidos como no presente.

\*\*\*\*\*

## DA CERÂMICA



É inegável pensar nas cerâmicas indígenas sem pensar no protagonismo das mulheres nesse fazer artefactual. São elas as detentoras desse conhecimento técnico. Se, para tanto, as cerâmicas que acompanharam os corpos dos falecidos do sítio Justino foram produzidas para o ritual funerário, podemos elencar a participação efetiva das mulheres durante esses eventos. Foram elas que pensaram sobre as suas formas, os seus tamanhos, os tratamentos de superfície, dentre outros aspectos, que estariam relacionados aos artefatos que foram atribuídos a determinados indivíduos.

## AO CORPO

Nem todos os indivíduos sepultados no sítio Justino receberam vasilhames cerâmicos sobre partes específicas do corpo, ou foram colocados no interior de urnas, nem receberam pequenos vasilhames próximos aos seus corpos. Sem dúvidas, a presença de vasilhames colocados intencionalmente sobre a cabeça e o abdômen indicam que estas são partes anatômicas simbólicas, não muito diferentes do que se é observado em sociedades indígenas das terras baixas sul-americanas. Os corpos de crianças também foram cuidadosamente protegidos por esses vasilhames. Os pequenos vasilhames que acompanham tais corpos, embora poucos na amostra estudada, sugerem que esses falecidos teriam papéis sociais relevantes.



## AO GÊNERO



Embora na amostra estudada o quantitativo de indivíduos masculinos seja maior, algumas nuances precisam ser refletidas, especialmente dois casos de indivíduos femininos que, não somente receberam peças cerâmicas sobre e próximas aos seus corpos, como também outros bens funerários: flautas, adornos, incluindo labiais animais, peças líticas, dentre outros. Tais indivíduos demonstram também uma discrepância quanto aos masculinos, uma vez que esses morreram com idades superior, entre 30 e 50 anos, enquanto as possíveis mulheres tiveram idades entre 15 e 20 anos. Tais resultados sugerem para dimensões de gênero bem mais complexas do que aquelas assinaladas somente pelas categorias sexuais.

Fonte das imagens: (01) [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/31/album/1527780124\\_810341.html#foto\\_gal\\_3](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/31/album/1527780124_810341.html#foto_gal_3); (02) <https://bororo.museuvirtual.unb.br/index.php/pt/blog/baito-a-casa-do-homens>; (03) <https://nacaomestica.org/blog4/?p=6654>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O sítio Justino é uma necrópole com um longo período de ocupação que remonta desde um longínquo passado pré-colonial, por volta de 9 mil anos AP até o momento com contato com os europeus (possivelmente século XVII). As diversas formas de ritualização relacionadas às práticas funerárias recebem pesquisas constantes que avançam, não somente na caracterização dos eventos mortuários, mas também de uma série de questões culturais que permeavam as escolhas dos vivos para com os mortos.

Avaliar os sepultamentos com vasilhames cerâmicos nos possibilitou compreender uma série de relações sócio simbólicas na associação desses artefatos em 16% das estruturas fúnebres do Justino. Visando uma leitura desse tipo de acompanhamento enquanto diferenciação e performatividade de gênero, além de utilizar das Histórias Indígenas, especialmente dos grupos Kariri, conseguimos compreender que o ritual funerário elaborado para esses falecidos perpassaria desde a assimilação social dos seus corpos, bem como a construção de pessoa e seus papéis sociais performados em vida.

Um fator primordial se deu com base nos estudos de Luna (2001) e Dantas e Lima (2014) que observaram que os vasilhames recuperados com os mortos foram confeccionados para o ritual funerário, inicialmente para os banquetes sendo posteriormente usados para acompanhar os mortos. Como é amplamente registrado nas sociedades ameríndias, as mulheres são as detentoras na produção dos artefatos cerâmicos e, para tanto, devem ser reconhecidas como figuras essenciais na organização e elaboração das práticas mortuárias do sítio Justino.

No que tange à relação entre os vasilhames cerâmicos e as formas que esses foram encontrados com os mortos, podemos apresentar que, nos casos de indivíduos acometidos por patologias visíveis em seu corpo ou que desfigurariam sua postura, as cerâmicas poderiam assumir um papel de extensão e representação dos corpos, já que como bem observado na etnologia indígena das terras baixas da América do Sul, vasilhames também podem ser caracterizados enquanto corpos e, logo, são capazes de obter subjetividades (BARRETO, 2009, 2014; LAGROU, 2007; STEFFENSON, 2007; VELTHEM, 2010; VIDAL, 2000). No entanto, diferentemente do corpo humano que se decompõe e é alterado por enfermidades, artefatos cerâmicos, pensando em sua característica de durabilidade, poderiam assumir o papel dessas perdas e mudanças dos corpos dos falecidos, sendo, para tanto, também corpos.

Ainda sobre a localização dos vasilhames cerâmicos junto aos mortos, compreendemos que a ampla maioria dos indivíduos tiveram o crânio e o abdômen cobertos por tais artefatos, talvez em uma tentativa de proteger e impedir o contato direto do sedimento para com essas partes específicas dos corpos. Essa realidade, apesar de investigações mais aprofundadas ainda serem necessárias, pode se aproximar com o que é descrito acerca da percepção simbólica do corpo (e alguns órgãos) entre os grupos indígenas (SEEGER *et al.*, 1979; SEEGER, 1980). No caso daqueles que celebraram os mortos no Justino, podemos elencar a cabeça e a barriga como partes dos corpos que seriam reconhecidos com maiores valores simbólicos, onde ornamentos corporais e instrumentos de sopro identificados nesses enterramentos podem reforçar essas concepções, embora não tenhamos dados suficientes nos relatos históricos e estudos etnográficos para afirmarmos com clareza tal interpretação.

Outro dado relevante na associação cerâmica para com os corpos foi com os sepultamentos com indivíduos infantis, onde todos esses apresentaram-se com covas delimitadas pelo próprio artefato de argila, tanto como urna funerária ou cobrindo completamente os pequenos falecidos. Apesar dessa realidade não ser unicamente associada às crianças, visto a presença de dois indivíduos adultos depositados em urnas, podemos elencar que tais corpos, por não terem um desenvolvimento social mais duradouro e não terem passados pelos ritos de iniciação, fossem concebidos inteiramente como simbólicos e, para tanto, protegidos e impedidos do contato para com o sedimento. No caso dos adultos, é plausível pensar em algum demarcador de diferenciação social, ainda que não tenhamos dados bioarqueológicos e dos seus tratamentos mortuários suficientes para extrapolarmos tal inferência.

A relação com outros aparatos funerários, tais como adornos confeccionados em ossos, minerais e vidros, além de flautas, corroboram para um maior entendimento das performances sociais desses sujeitos que receberam vasilhames cerâmicos, sobretudo quando tais elementos também são compreendidos na etnologia indígena enquanto portadores de aspectos simbólicos para a sociabilidade daqueles que detinham das habilidades, como nos casos das flautas, de produzir os efeitos sonoros dessas materialidades, especialmente em momentos de rituais (HILL, 2013). Infelizmente não temos como expressar se tais instrumentos fizeram parte da vida cotidiana de tais indivíduos ou se foram elaborados especificamente para o ritual fúnebre, contudo, como essa materialidade é rara no sítio Justino, é possível pensar que os sujeitos que receberam tais associações tivessem alguma relação com o universo da música e xamanístico,

certamente, em diversos momentos sociais relevantes, como entre os Kariri durante os ritos de iniciação e a celebração do Ouricuri (MARTINS, 2000, 2003).

Também é plausível que a presença dos tembetás nos direcionem acerca da percepção simbólica do corpo, sendo esses elementos excepcionais nas ocasiões que marcam o crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos na sociedade (momentos estes realizados através dos ritos de iniciação) e que, de acordo as descrições proferidas para as populações originárias, seriam ornamentos utilizados por homens (SEEGER *et al.*, 1979). Também são elementos que caracterizam as percepções simbólicas de determinados órgãos e os sentidos (SEEGER, 1980). Contudo, observamos a presença de tembetás em indivíduos infantis que ainda não se apresentavam com idade suficiente para passar pelos rituais de iniciação e em sujeitos femininos, demonstrando que a percepção de gênero e os fatores pelas quais os tembetás seriam utilizados fossem bem mais amplas do que aquelas assinaladas nos relatos etno-históricos, mesmo que tenham sido materialidades utilizadas unicamente para fazerem parte do enxoval funerário.

Todos esses aspectos observados nos sepultamentos com cerâmicas do sítio Justino demonstram que tais indivíduos, em algum grau, eram reconhecidos enquanto pessoas importantes socialmente, podendo ser tanto líderes, quanto xamãs e músicos. Para tanto, acreditamos que o corpo, o vasilhame cerâmico e os outros aparatos funerários, mesclados durante o sepultamento, demonstraria o caráter simbólico dessas pessoas e dos seus corpos, bem como as performances individuais que certamente ressoaria na coletividade existente no baixo São Francisco.

Tais possibilidades, em uma conclusão sobre as performatividades de gênero, demonstram que não é possível essencializar as categorias de pessoas com gêneros pré-estabelecidos através do sexo e que, caso possível uma compreensão mais aprofundada de gênero, especialmente no que concerne as suas performances, teríamos que nos desprender das atuais convenções sociais que legitimam o sistema binário nas nossas relações humanas como ordens que devem ser seguidas.

Repensar essas imposições faz-se extremamente necessário em pesquisas arqueológicas de contextos funerários, não necessariamente na possível atribuição do gênero dos indivíduos mortos, visto que seria presunçoso de nossa parte atribuir a identidade alheia, mas de compreender e naturalizar que identidades diversas fizessem parte de outras culturas e em outros tempos. Resultado significativo de nossa rota é demonstrar e trazer à tona a

representatividade para os grupos considerados minorias sexuais e de gênero que não se reconhecem nas narrativas produzidas pela arqueologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARWAL, Sabrina C.; GLENCROSS, Bonnie A. (Ed.). **Social Bioarchaeology**. Ed. John Wiley-Blackwell, 2011.
- ALBERTI, Benjamin. De género a cuerpo: una reconceptualización y sus implicaciones para la interpretación arqueológica. **Intersecciones en antropología**, n. 2, p. 61-72, 2001.
- ALBERTI, Benjamin. Archaeology, men, and masculinities. In NELSON, Sarah M. (Org.); **Handbook of gender in archaeology**, Ed. Altamira Press, Lanham, 2006, p. 401-434.
- ALBERTI, Benjamin. Queer prehistory: bodies, performativity and matter. In BOLGER, D. (Ed.). **A companion to gender prehistory**; John Wiley & Sons, p. 86-107, 2012.
- ALBERTI, Benjamin. Designing Body-Pots in the Formative La Candelaria Culture, Northwest Argentina. In. HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim (org.). **Making and Growing: Anthropological Studies of Organisms and Artefacts**. Routledge, 2016.
- ALCÂNTARA, Emanuel V. G. T. **Cachimbos do Xingó: análise técnica e primeiras interpretações**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio de; KATER, Thiago. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**, v. 37, p. 39-67, 2017.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de. As ceramistas indígenas do São Francisco. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 255-270, 2003.
- AMANTINO, Márcia. E era pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. In. DEL PRIORE, Mary. **História do corpo no Brasil**. Ed. UNESP, p. 15-43, São Paulo, 2011.
- ANDRADE LIMA, Tania. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, v. 5, n. 1, p. 93-129, 1997.
- ANDRADE LIMA, Tania. Estudos de gênero na arqueologia brasileira: por que não?. **Revista Habitus**, v. 1, n. 1, p. 129-139, 2003.
- ANTUNES, Clovis; **Wakona-Kariri-Xukuru**; Universidade Federal de Alagoas – Imprensa Universitária, 1973.
- ARAUJO, ASTOLFO G. de M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. **Revista de Arqueologia**. v. 20, n. 1, p. 09-38, 2007.
- ARNOLD, Bettina. Gender and Archaeological Mortuary Analysis. In NELSON, Sarah (Ed.) **Handbook of gender in archaeology**. Ed. Altamira Press, Lanham, 2006, pp. 137-170.
- ALVES, Márcia Angelina. Tradições arqueológicas ceramistas de dois povos Jê: Kayapó meridional e Kaingang da região centro norte de São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 31, p. 1-21, 2018.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. The (De)animalization of Objects: Food Offerings and Subjectivization of Masks and Flutes among of Southern Amazonia. In. SANTOS-GRANERO, Fernando (Ed.). **The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood**. The University of Arizona Press, 2009.

- BARRETO, Cristiana. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga.** Museu de Arqueologia e Etnologia (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BARRETO, Cristiana. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. **Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de arqueología amazónica**, v. 1, p. 123-132, 2014.
- BARRETO, Cristiana; OLIVEIRA, Erêndira. Para além de Potes e Panelas: cerâmica e ritual na Amazônia antiga. **Revista Habitus**, v. 14, n. 1, p. 51-72, 2016.
- BARRETO, Hélia M. de P. **Produção cerâmica Xocó.** A retomada de uma identidade. São Cristóvão/Aracaju: EDUFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.
- BARRETO, Amanda da S. **Pessoas, corpos e lugares: estudo de gênero no Baixo São Francisco pré-colonial.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2020.
- BECKER, Ítala Irene Basile. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 1, p. 61-74, 1994.
- BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos; CUNHA, Mainá Jailson Sampaio; MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré; DOMINGUES, William César Lopes; TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. Vida & morte entre povos indígenas. **Espaço Ameríndio**, v. 9, n. 1, p. 206, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BERROCAL, María Cruz. Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica. **Trabajos de Prehistoria**, 66, n. 2, 2009.
- BESPALÉZ, Eduardo. Arqueologia e história indígena no Pantanal. **Estudos Avançados**, v. 29, p. 45-86, 2015.
- BINFORD, Lewis R. Mortuary practices: their study and their potential. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, p. 6-29, 1971.
- BRETERNITZ, David A.; SWEDLUND, Alan C.; ANDERSON, Duane C. An early burial from Gordon Creek, Colorado. **American Antiquity**, p. 170-182, 1971.
- BROCHADO, José Joaquim Justiniano Proenza. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America.** University of Illinois at Urbana-Champaign (Tese de Doutorado), 1984.
- BUIKSTRA, Jane E.; COOK, Della C. Pre-Columbian tuberculosis: an epidemiological approach. **Medical College of Virginia Quarterly**, v. 14, n. 1, p. 32-44, 1978.
- BUIKSTRA, Jane E.; UBELAKER, Douglas H. **Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains: Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History.** Arkansas Archaeological Survey, Arkansas, 1994.
- BUIKSTRA, Jane E.; BECK, Lane A. (Ed.). **Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains.** Routledge, 2017.
- BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre journal**, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.

- BUTLER, Judith. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALLENDER, Charles; KOCHEMS, Lee. The North American Berdache; **Current Anthropology**, Vol. 24, No. 4. August-October, 1983.
- CÂMARA NETO, Ruy Rodrigues. **Cânticos de cura dos Kariri-Xocó**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Música), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- CAMPILLO, Domènec; SUBIRÀ, M. Eulàlia. **Antropología física para arqueólogos**. Grupo Planeta (GBS), 2004.
- CASTRO, Viviane M. C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil**. Tese de Doutorado – Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- CARMO, Renata V. da S.; GOMES, Denise M. C. Identidade e sexo: a construção do gênero através do corpo na iconografia Moche. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 86-105, 2017.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Os Mortos e os Outros: Uma Análise Do Sistema Funerário e Da Noção De Pessoa Entre os Índios Krahô**. SP: Hucitec, 1978.
- CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, A. N. de; VERGNE, Cleonice; A diagnose de sexo e idade dos esqueletos humanos em sepulturas com ossos de animais no Sítio Justino (Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil). **Rev. Canindé**, xingó, nº 2, dezembro de 2002.
- CARVALHO, Olívia A. **Contribution a l'archéologie bresilienne: Etude paléanthropologique de quelques nécropoles de la région Nord-est du Brésil**. Tese de Doutorado. Université de Genève, UNIGE, Suíça, 2006.
- CARVALHO, Olivia A. Associação de vasos cerâmicos e ossos de animais: ritual funerário ou resto de cozinha em populações do passado provenientes da região nordeste do Brasil?. **ETNOBIOLOGIA**, v. 17, n. 2, p. 76-88, 2019.
- CARVALHO, Silvia M. S. de. A cerâmica e os rituais antropofágicos. **Revista de Antropologia**. USP, São Paulo, vol. 26, p. 39-52, 1983.
- CÉSAR, José Vicente. Enterros, em urnas, dos Tupi-Guaranis. SCHADEN, Egon (org.). **Homem, cultura e sociedade no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 26-51. (Seleções da Revista de Antropologia).
- CHAPMAN, R.; KINNES, I.; RANDSBORG, K.; **The Archaeology of death**. Cambridge University Press Cambridge; New York, 1988.
- CITELI, M. T.. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 131-145, 2001.
- CLAASSEN, Cheryl. Questioning gender: an introduction. **Exploring gender through archaeology**, p. 1-10, 1992.
- CLAASSEN, Cheryl. JOYCE, Rosemary A. (Ed.). **Women in Prehistory: North America and Mesoamerica**. University of Pennsylvania Press, 1997.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

- COLLING, L.; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A. dos S.; OLIVEIRA, G. F. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. **Revista de Arqueologia**, 32(1), 24-41, 2019.
- CONKEY, Margaret W.; GERO, Joan M. Programme to practice: Gender and feminism in archaeology. **Annual review of anthropology**, v. 26, n. 1, p. 411-437, 1997.
- CONKEY, Margareth W.; SPECTOR, Janet D. Archaeology and the study of gender: an introduction. **Reader in gender archaeology**. London: Routledge, p. 11-45, 1998.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- CRISTANTE, Mariana Alves Pereira. **Práticas funerárias de grupos de línguas tupiguarani: análise de contextos das regiões do Paranapanema e Alto Paraná**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.
- DANTAS, V. J.; LIMA, T. A. **Pausa para um Banquete: análise de marcas de usos de vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe**; Editora UFS, São Cristóvão, 2014.
- DE OLIVEIRA, Jorge Eremites. **Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. Revista de arqueologia, v. 16, n. 1, p. 71-86, 2003.
- DOBRES, Marcia-Anne; HOFFMAN, Christopher R. Social agency and the dynamics of prehistoric technology. **Journal of Archaeology Method and Theory**, 1(3):211-258, 1994.
- DOBRES, Marcia-Anne. Gender and prehistoric technology: On the social agency of technical strategies. *World Archaeology*, 27:1, 25-49, 1995.
- DOBRES, Marcia-Anne. Gender in Prehistory. In SMITH, Bonnie G. (Ed). **The Oxford encyclopedia of women in world history**. Vol. 1. Oxford University Press, USA, 2008.
- DOBRES, Marcia-Anne. Archaeologies of technology. **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, n. 1, p. 103-114, 2010.
- DUDAY, Henri ; COURTAUD, Patrice ; CRUBEZY, Éric, SELLIER, Pascal, TILLIER, Anne-Marie. L'Anthropologie «de terrain» : reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. In: **Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris**, Nouvelle Série. Tome 2 fascicule 3-4, 1990.
- DUDAY, Henry. **The Archaeology of Death: Lectures in Archaeoethanatology**, Oxford Books, Oxford, UK, 2009.
- ESCÓRCIO, Eliana; GASPARGAR, Maria Dulce. Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores-coletores que ocuparam a região dos Lagos-RJ. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 2, n. 3, p. 46-64, 2005.
- ESCÓRCIO, Eliana M. **Pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro: um olhar sobre idade e gênero**. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ESCÓRCIO, Eliana; GASPARGAR, Maria Dulce. Um olhar sobre gênero. **Revista de Arqueologia**, v. 23, n. 1, p. 72-89, 2010.
- FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil**. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007.

- FAGUNDES, Marcelo. Análise intra-sítio do sítio Justino, baixo São Francisco—as fases ocupacionais. **Revista de arqueologia**, v. 23, n. 2, p. 68-97, 2010.
- FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades**: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- FERNANDES, Henry L. A. **Os sepultamentos do sítio Aratu de Piragiba-Ba**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- FERRARI, Alfonso T. **Os Kariri**: o crepúsculo de um povo sem história. Escola de Sociologia e Política, São Paulo, 1957.
- FILIPPINI, José. **Treponematoses e outras paleopatologias em sítios arqueológicos pré-históricos do litoral sul e sudeste do Brasil**. Tese de Doutorado (Instituto de Biociências, Departamento de Genética e Biologia Evolutiva). Universidade de São Paulo, 2012.
- FORMICOLA, Vincenzo; PONTRANDOLFI, Antonela; SVOBODA, Jiri. The upper paleolithic triple burial of Dolni Vestonice: pathology and funerary behavior. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 115, n. 4, p. 372-379, 2001.
- FRAYER, David W.; MACCHIARELLI, Roberto; MUSSI, Margherita. A case of chondrodystrophic dwarfism in the Italian late upper Paleolithic. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 75, n. 4, p. 549–565, 1988.
- GASPAR, Maria Dulce. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 2, p. 221-237, 1994.
- GASPAR, Maria Dulce; HEILBORN, Maria Luiza; ESCORCIO, Eliana. A sociedade sambaqueira vista através de sexo e gênero. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 17-30, 2011.
- GASPAR, Meliam Viganó. **Arqueologia e história de povos de línguas Karib**: um estudo da tecnologia cerâmica. Tese de Doutorado (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), São Paulo, 2019..
- GASPAR, Maria Dulce; BUARQUE, Angela; CORDEIRO, Jeanne; ESCÓRCIO, Eliana. Tratamento dos Mortos entre os Sambaqueiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 169-189, 2007.
- GASPAR, Melian Viganó. **Arqueologia e História de Povos de Línguas Karib**: um estudo da tecnologia cerâmica. Tese (Doutorado em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Entologia, Universidade de São Paulo, 2019.
- GELLER, Pamela L. Identity and difference: complicating gender in archaeology. **Annual Review of Anthropology**, v. 38, p. 65-81, 2009.
- GERO, Joan M. Feasts and females: gender ideology and political meals in the Andes. **Norwegian Archaeological Review**, v. 25, n. 1, p. 15-30, 1992.
- GERO, Joan M. Blood relations: Menstruation and the origins of culture. **American Ethnologist**, v. 25, n. 1, p. 11-12, 1998.
- GILCHRIST, Roberta. Sex and gender. In CUNLIFFE, B.; GOSDEN, C.; JOYCE, R. **The Oxford Handbook of Archaeology**. Oxford University Press, 2009.

- GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise P. Sexualidade e Teoria Queer. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 51-70, 2017.
- GOSSELAIN, Olivier P. In Pots we trust: the processing of clay and symbols in Sub-Saharan Africa. **Journal of material culture**, v. 4, n. 2, p. 205-230, 1999.
- GOSSELAIN, Olivier P. Materializing identities: an African perspective. **Journal of archaeological Method and Theory**, v. 7, n. 3, p. 187-217, 2000.
- GOULET, J. A. The 'Berdache/Two-Spirit': A Comparison of Anthropological and Native Constructions of Gendered Identities Among the Northern Athapaskans. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, p. 683-701, 1996.
- GRAUER, Anne L. Paleopathology: from bones to social behavior. In: KATZENBERG, M. Anne; GRAUER, Anne L. (Ed.). **Biological anthropology of the human skeleton**. John Wiley & Sons, 2018.
- GROSMAN, Leore; MUNRO, Natalie; BELFER-COHEN, Anna. A 12,000-year-old Shaman burial from the southern Levant (Israel). **PNAS**, v.105, n. 46, p. 17665-17669, 2008.
- HEMMILÄ, Anita. **Ancestors of two-spirits**: representations of native American third-gender males in historical documentation – a critical discourse analysis in anthropology. Tese (University of Jyväskylä), 2005.
- HILL, Jonathan D. Instruments of Power: Musicalising the Other in Lowland South America. **Ethnology Forum**, v. 22, n. 3, p. 323-342, 2013.
- HOENTHAL Jr, W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. In: **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, 12. São Paulo. 1960.
- HOLLIMON, Sandra E. Sex, gender and health among the Chumash: an archaeological examination of prehistoric gender roles. In **Proceedings of the Society for California Archaeology**, v. 9, p. 205-208, 1996.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. Psychology Press, 2000.
- JESUS, Layra Blenda Oliveira de; **Um som no Justino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.
- JOYCE, Rosemary A. Archaeology of the body. **Annual Review of Anthropology**, v. 34, p. 139-158, 2005.
- JUSTAMAND, Michel; FUNARI, Pedro Pablo. Representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara, PI, Brasil, **Anuario de Arqueología**, 8:29-44, Rosario, 2016.
- LAGROU, Els; **A fluidez da forma**: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LARSEN, Clark Spencer. Bioarchaeology: the lives and lifestyles of past people. **Journal of Archaeological Research**, v. 10, n. 2, p. 119-166, 2002.
- LEA, Vanessa Rosemary. Desnaturalizando gênero na sociedade Mebengôkre. **Revista Estudos Feministas**, p. 176-194, 1999.
- LEA, Vanessa Rosemary. **Riquezas intangíveis de pessoas partíveis**: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central. Edusp e Fapesp. São Paulo, 2012.

- LESSA, Andrea. Novos aportes teórico-metodológicos para o diagnóstico de osteoartrose em séries esqueléticas e sua importância para a arqueologia brasileira: I. Registro dos processos tafonômicos e dos marcadores ósseos. **Bol. Mus. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 567-583, set-dez, 2013.
- LESSA, Andrea; Rodrigues-Carvalho, Claudia. Marcadores de estresse ocupacional, atividades cotidianas, ambiente e escolhas culturais: uma discussão sobre estilos de vida diferenciados em três sambaquis do litoral fluminense. **Bol. Mus. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 10, p. 489-507, 2015.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1958). **Antropologia Estrutural**, São Paulo, Cosac Naify, 2008.
- LIMA, Danúbia V. R. de. **Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- LIMA, D. V. de; CASTRO, V. M. C. de; AGUIAR MORAES, F. A. de. O sítio Furna do Estrago em Pernambuco: uma análise de gênero. **Revista de Arqueologia**, v. 32, n. 2, p. 104-118, 2019.
- LOWIE, Robert H. The “Tapuya”. **Handbook of South American Indians**, v. 1, p. 553-556, 1946.
- LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco–Brasil**. Tese de Doutorado (Pós-graduação em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- LÍRYO, Anderson. **Osteoartrose Temporomandibular em Crânios de Brasileiros e Portugueses de Coleções Históricas**. Tese de Doutorado (Saúde Pública), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.
- MACHADO, Juliana Salles. Arqueologia e história nas construções de continuidade na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 4, p. 57-70, 2009.
- MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). **Clio-Série arqueológica-UFPE**, v. 1, n. 13, p. 9-41, 1998.
- MARTINS, Sílvia Aguiar Carneiro. Shamanism as Focus of Knowledge and Cure Among the Kariri-Shoco. In: ALMEIDA, L. S. de; GALINDO, M.; ELIAS, J. L. (Orgs.); **Índios do Nordeste: temas e problemas 2**; Maceió: EDUFAL, 2000, p. 301-314.
- MARTINS, Sílvia Aguiar Carneiro. **Gender and reproduction: embodiment among the Kariri-Shoco of northeast Brazil**. Tese de Doutorado, University of Manitoba, 2003.
- MAYS, Simon. **The archaeology of human bones**. Routledge, 1998.
- MCKINLEY, J. I.; ROBERTS, C. A. Excavation and post-excavation treatment of cremated and inhumed human remains. **Birmingham: Institute of Field Archaeologists**, 1993.
- MEANDER, Robert E. **Índios do Nordeste**. Série Linguística, n. 8, 1978.
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.
- MELATTI, Julio Cezar. Aspectos culturais (não linguísticos) dos povos falantes de línguas do tronco Macro-Jê. In. MIRANDA, Maxwell; BORGES, Águeda A. da C.; SANTANA, Áurea

- C.; SOUZA, Suseile A. (Org). **Línguas e Culturas Macro-Jê**: Saberes entrecruzados. Gedelli, Barra das Garças, 2020.
- MELLO E ALVIM, M. C.; UCHÔA, D. P.; GOMES, J. C. O. Cribra orbitalia e lesões cranianas congêneres em populações pré-históricas da costa meridional do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 1, p. 21-53, 1991.
- MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, [S. l.], n. 115, p. 103-117, 1983
- MESKELL, Lynn. Archaeologies of identity. In: **The archaeology of identities**. Routledge, 2007. p. 37-57.
- MOTA, Clarice Novaes. **As Jurenza Told us**: Kariri-Shoco Mode and Utilization of Medicinal Plants in the Context of Modern Northeastern Brazil. Ph.D. Dissertation, University of Texas, 1987.
- NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 1979 [1706].
- NIKULIN, Andrey. **Proto-Macro-Jê**: um estudo reconstrutivo. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- NIMUENDAJU, Curt. **Mapa Etnohistórico e Etnolinguístico do Brasil e Regiões Adjacentes**. Plataforma Digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1944.
- NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras dos Timbira. **Mana**, v. 7, p. 151-194, 2001.
- NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas-1872-2000. **Revista USP**, n. 44, p. 218-269, 1999.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo: imagens da refiguração do mundo. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 1, p. 283-315, 2006.
- OKUMURA, Mercedes. Populações Sambaquianas Costeiras: saúde e afinidades biológicas dentro de um contexto geográfico e temporal. **Tempos Acadêmicos**, n. 11, 2013.
- OLIVEIRA, Lucas; KLOKLER, Daniela. Corpos, oferendas, rituais e gênero no Sítio Justino, baixo São Francisco, **Rev. Habitus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 103-124, jun. 2018.
- OLIVEIRA, Luciane M. **A produção cerâmica como reafirmação da identidade étnica Maxakali**: um estudo etnoarqueológico. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, 1999.
- OPPTIZ, Gabriela. **Coisas que mudam**: os processos de mudança nos sítios conchíferos catarinenses e um olhar isotópico sobre o caso do sítio Armação do Sul, Florianópolis/SC, Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2015.
- ORTON, Clive; HUGHES, Michael. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: Manuals in Archaeology, London, 1993.
- PARISOTTO, L., GUARAGNA, K. B. D. A., VASCONCELOS, M. C., STRASSBURGER, M., ZUNTA, M. H., & MELO, W. V. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 25, 75-87, 2003.
- PARKER PEARSON, Michael. **The archaeology of death and burial**. Phoenix Mill, UK: Sutton, 1999.

- PASSOS, Lara de Paula. Gotas de um oceano. **Revista de Arqueologia**, v. 30, p. 130, 2017.
- PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: contribuições, práticas e caminhos possíveis. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 3, n. 6, p. 232-262, 2019.
- RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura Brasileira**. II série. Rio de Janeiro, 2000.
- RIBEIRO, Eduardo Rivail. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 2, n. 1, p. 31-48, 2002.
- RIBEIRO, E. M. J. Macro-Jê. In. BROWN, Keith (Org.). **Encyclopedia of language & linguistics**, Elsevier, 2006, p. 422-426.
- RIBEIRO, Liliane B. **Limpando ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- RIBEIRO, Marily Simões; **Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007. 194 p.
- RIBEIRO, L., FORMADO, B. S. R. D. S., SCHIMIDT, S., PASSOS, L. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(3): 1093-1110, setembro-dezembro/2017.
- RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erica Marion. **Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento**. Tese de Doutorado (Doutorado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Vol. 11. Edições Loyola, 1986.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: Robert M. W. Dixon & Alexandra Aikhenvald (eds.) **The Amazonian Languages**. Cambridge University Press. 1999. p.164-206.
- RODRIGUES, Igor M. Mariano. **Fora das grandes aldeias: a ocupação do recôndito sítio arqueológico Vereda**. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ROSCOE, Will. **The Zuni man-woman**. UNM Press, 1991.
- ROSCOE, Will. **LGBTQ America: a Theme study of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Queer History**. National Park Foundation, Washington, 2016.
- SAMPAIO, Teodoro (1905). **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. Editora Companhia das Letras, 2002.
- SANTANA, Alquizia D. D. **Datação por radiocarbono-MAS do Sítio Arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- SANTANA, Elaine A. **Enterros desviantes no registro arqueológico: identificação de deposições humanas atípicas e sua possível correlação com evidências sinalizadoras de violências**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, 2013.

- SANTOS, Victor S. dos. **As fogueiras do sítio Justino: (re)construindo uma arqueologia do fogo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.
- SCHAAN, Denise P. Evidência arqueológica e organização social na fase marajoara (400 a 1300 AD). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 23, n. 1, p. 97-114, 1997.
- SCHAAN, Denise P. Estatuetas antropomorfas marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 17, n. 2, 2001.
- SCHAAN, Denise P. A ceramista, seu pote e sua tanga. **Revista de arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 31-45, 2003.
- SCHMIDT, Robert A.; VOSS, Barbara L. **Archaeologies of sexuality.** Routledge, 2005.
- SCHUSTER, A J.; GARCIA, Lorena G. ALMEIDA, Fernando O. Da pré-história para a história indígena no baixo São Francisco: arqueologia do período de contato dentro de um contexto Kariri. **Rev. Habitus**, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 18, n. 1, p. 179-206, 2020.
- SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American historical review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.
- SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 2-19, 1979.
- SEEGER, Anthony. **Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras.** Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.
- SEEGER, Anthony. Voices, Flutes, and Shamans in Brazil. **The World of Music**, vol. 30, No. 2, 1988, pp. 22-39.
- SENE, Glaucia A. M. **Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social - o sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais.** Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007.
- SENE, Glaucia A. M. **A infância do gênero: a visibilidade das crianças na pré-história do norte de Minas Gerais,** Rev. Habitus, Goiânia, 16, n.1, p. 54-74, 2018.
- SHANKS, Michael. Post-processual archaeology and after. **Handbook of archaeological theories**, p. 133-146, 2008.
- SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the Archaeologist.** Carnegie Institution of Washington, 11th Ed., Washington, 1985.
- SILVA, Fabíola Andréa; NOELLI, Francisco Silva. **História indígena e arqueologia: uma reflexão a partir dos estudos sobre os Jê meridionais.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 27, p. 5-20, 2016.
- SILVA, S. F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 15-16, p. 113-138, 2006.
- SILVA, Jaciara A. **O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários.** Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

- SILVA, Jaciara A. **Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas**: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. Tese de Doutorado em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.
- SILVA, Mariana de A. A. da. Saberes compartilhados: a socialização da cerâmica das mulheres Kariri-Xocó de Alagoas. **26º Encontro de Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, Memórias e InventAÇÕES**, Campinas, 2017.
- SIQUEIRA, Baptista; **Os Cariris do Nordeste**; Ed. Cátedra, Rio de Janeiro, 1978.
- SOFFER, Olga; ADOVASIO, James M.; PAGE, Jake. **O sexo invisível**. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- SOARES DE SOUSA, Gabriel. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001 [1587].
- SOUZA, Sheila M. F. M. de. Bioarqueologia e Antropologia Forense. **Albuquerque: revista de história**, v. 1, n. 2, 2009.
- SOUZA, Sheila M. F. M. de. Paleopatologia no Brasil: crânios, parasitos e doenças do passado". In: FERREIRA, L. F.; REINHARDT, K. J.; DE ARÁUJO, A. J. G. (orgs.). **Fundamentos da paleoparasitologia**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, p. 53-68, 2011.
- SOUZA, Sheila Mendonça de; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, p. 551-566, 2013.
- STEFENSON, Uffe. The Ritual Use of Mortuary Pottery in Ancient Nubia: some interpretational thoughts on the rituals and symbolism behind the mortuary ceramics of the Ancient Nubian C-Group. **Archéonil**, nº 17 – September 2007.
- STRAUSS, André. **As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG)**: um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo”. Instituto de Biociências (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SØRENSE, Marie L. S. Gender construction through appearance. In. WALD, D.; WILLOWS, N. D. (ed.). **The Archeology of Gender**: Proceedings of the 22<sup>nd</sup> Annual Chacmool Conference. Calgary: Archaeological Association of the University of Calgary, 121-9, 1991.
- TURCHETTI, Natália G. **A “história em cacos”**: a cultura material pré-colonial – sítio lito-cerâmico Mato Seco, São Gonçalo de Abaeté, MG. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de São João Del-Rei, 2018.
- TURNER, Terence S. Narrative structure and mythopoesis: a critique and reformulation of structuralist concepts of myth, narrative and poetics. **Arethusa**, v. 10, n. 1, p. 103-163, 1977.
- UNDERHILL, Ruth M. **Red Man's Religion**: Beliefs and Practices of the Indians North of Mexico. University of Chicago Press, 1965.
- URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In. CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). **História dos índios no Brasil**, v. 2, p. 87-102, 1992.
- UCKO, Peter J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. **World archaeology**, v. 1, n. 2, p. 262-280, 1969.
- VELLOSO, Beatriz de Souza. **Os tembetás do sítio Justino, Sergipe**: construindo uma análise tecnológica. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe, 2022.

- VELTHEM, L. H. V. **O Belo é a fera**: a estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2003.
- VELTHEM, Lucia H. V. Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos. **Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares**, v. 7. n. 7., mai. 2010.
- VERGNE, Cleonice; AMÂNCIO, Suely. A necrópole pré-histórica do Justino/Xingó-Sergipe: nota prévia. **Rev. Clio Arqueológica**, v. 1, n. 8, p. 171-182, 1992.
- VERGNE, Cleonice. O projeto arqueológico de Xingó, em Sergipe e Alagoas. **Clio Série Arqueológica**. Recife: UFPE, n. 11, p. 213-216, 1996.
- VERGNE, Cleonice; CARVALHO, O. A.; QUEIROZ, A. N. Estruturas funerárias do Sítio Justino: distribuição no espaço e no tempo. **Rev. do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 2, Canindé, 2002.
- VERGNE, Cleonice. **Cemitérios do Justino**: estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. MAX, Museu de Arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2004.
- VIDAL, Lux B. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira**: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté. Editora Hucitec, 1977.
- VIDAL, Lux B. **Grafismo Indígena**: estudos de antropologia estética. 2ª edição. Studio Nobel. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2000.
- VIDAL, Lux B.; MÜLLER, Regina A. Polo. Pintura e Adornos Corporais. In. RIBEIRO, Darcy (Org.). **Suma Etnológica Brasileira (Arte Indígena)**, vol. 3, p. 119-143, 1986
- VIEIRA JÚNIOR, A. S.; PALMEIRA, J. A. V. **Grupos Pré-históricos de Xingó**: Um estudo cranioscópico e craniométrico. Canindé do São Francisco: Museu de Arqueologia de Xingó, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté**: os deuses canibais. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- VOSS, Barbara L. Sexuality studies in archaeology. **Annual Review of Anthropology**, v. 37, p. 317-336, 2008.
- VOSS, Barbara L. Looking for gender, finding sexuality: a queer politic of archaeology, fifteen years later. In TERENDY, Susan; LYONS, Natasha (Ed.). **Que(e)rying Archaeology**: Proceedings of the 37th Annual Chacmool Conference, p. 29-39, 2009.
- WALDRON, T. **Paleopathology**. Cambridge University Press, Cambridge, p. 24-45, 2009.
- WALKER, Phillip. L.; LAMBERT, Patrícia M.; SCHULTZ, Michael; ERLANDSON, Jon M. The Evolution of Treponemal Disease in the Santa Barbara Channel Area of Southern California. In: POWELL, M. L.; COOK, D. C. (Eds). **The Myth of Syphilis**: Natural History of Treponematosis in North America. University Press of Florida, pp. 281-305, 2005.
- WATSON, Patty Jo; KENNEDY, Mary C. The development of horticulture in the Eastern Woodlands of North America: Women's role. **Engendering archaeology**: Women and prehistory, p. 255-275, 1991.
- WICHERS, Camila A. de Moraes. Potes sem artesãs? A invisibilidade de mulheres indígenas nos discursos arqueológicos acerca da produção cerâmica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017.
- WHITE, Tim; FOLKENS, Pieter. **The human bone manual**. Elsevier Academic Press, 2005.

Williams, H. **Death and Memory in Early Medieval Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WILLIAMS, Walter. **The Berdache Tradition**. 2010. Disponível em: <<http://crl.ucsd.edu/~elman/Courses/HDP1/2000/LectureNotes/williams.pdf>> acessado em 30 de abril de 2020.

WÜST, Irmhild; BARRETO, Cristiana. The ring villages of central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 1, p. 3-23, 1999.

## APÊNDICES

1. Sepultamentos com cerâmicas descritos na literatura, mas que não foram contemplados nesta pesquisa, visto que não foi apresentado maiores informações acerca da sua localização com o morto.

Sepultamento	Número do Vasilhame	Vasilhame (imagem)
50	18.987	
137	27.702	
131	23.687	
156	156	

127	24.210	
122	2.604	
147	2.702	

Fonte das imagens: Dantas e Lima (2014).

2. Sepultamentos com cerâmicas, vide documentação de campo (croquis e fotografias), que não foram contemplados nesta pesquisa, pois tais vasilhames não foram encontrados no acervo para a realização de novas análises tecno-tipológicas.

Sepultamentos	Descrição da associação cerâmica
1	Presença de borda sobre a região pélvica
47	Nota-se vasilhame virado para cima próximo à região frontal do crânio
82	Vasilhame associado com conjunto de pedras na (possível) região pélvica
89	Dois vasilhames foram encontrados nesse sepultamento durante exumação do casulo de gesso (sem dados mais precisos).

3. Descrição das covas dos sepultamentos com vasilhames cerâmicos do sítio Justino, seguindo as metodologias apontadas por Duday *et al.* (1990) e Duday (2006).

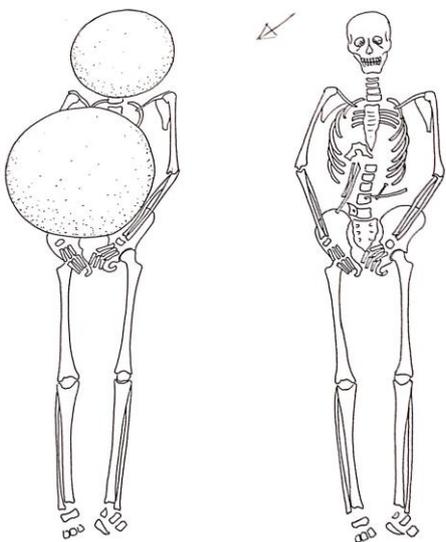
Sepultamento	Tipo de cova	Descrição
34	Preenchida	As conexões anatômicas, mesmo em áreas onde foram alojadas as peças cerâmicas (região craniana e abdominal), além da lateralidade observada para os ossos longos, indicam tratar-se de uma cova preenchida em que não houve espaço para que houvesse movimentação do remanescente esquelético nessa cova.
31	Preenchida com alguns espaços vazios	É possível identificar que o espaço foi preenchido através da conexão entre as cervicais e o crânio, os ossos ilíacos, além da posição dos ossos longos. A não preservação óssea das áreas cobertas por vasilhames cerâmicos, como nas vértebras torácicas e lombares, podem indicar que nestas regiões não houve preenchimento do sedimento, mas deve-se considerar outros elementos tafonômicos.
33	Preenchida com alguns espaços vazios	As conexões anatômicas permaneceram intactas, sendo plausível identificar que se trata de uma cova preenchida. É visto certa movimentação do osso mandibular, possivelmente por conta de um espaço vazio acometido pela presença da peça cerâmica colocada sobre o crânio. Os ossos ilíacos, alojados abaixo de uma peça cerâmica, também sugerem algum tipo de espaço vazio.
138	Vazia (abaixo de um vasilhame cerâmico)	As fotografias indicam que o indivíduo foi colocado sentado abaixo do vasilhame e a organização óssea sugere um espaço inicialmente vazio (antes e após da decomposição dos tecidos moles) e que houve o preenchimento por sedimento de forma tardia que manteve a posição dos ossos de forma que facilitasse a leitura de sua posição original, bem como o processo de “queda” do esqueleto para o fundo da cova.
140	Vazia (abaixo de um vasilhame cerâmico)	É possível observar algumas movimentações ósseas que podem indicar que o espaço tenha sido ligeiramente vazio, talvez pela peça cerâmica ter impedido que o sedimento ocupasse o espaço interno do vasilhame. A forma como os ossos se apresenta em níveis sugerem que este indivíduo tenha sido depositado sentado, fato este que se aproxima do sepultamento 138.
109	Preenchida com alguns espaços vazios	Este sepultamento é interessante, pois é notável que o espaço ocupado pelo corpo se deu em áreas de níveis diferentes: as regiões do abdômen e do quadril apresentam-se abaixo do nível observado para a região do crânio, enquanto os fêmures encontram-se arqueados e as tíbias e fíbula ocupando um espaço mais alto da cova. As conexões anatômicas demonstram tratar-se de um espaço preenchido, no entanto, é observado certa movimentação do crânio, fato este que pode ser explicado pelo alojamento da cerâmica sobre a cabeça, bem como por estar em uma área mais elevada: junção de espaço vazio e topografia da cova, fazendo com que a mandíbula se desprendesse e ficasse mais abaixo da sua posição anatômica original.
132	Preenchida com alguns espaços vazios	As conexões anatômicas se apresentam intactas, demonstrando ter sido um espaço preenchido pelo sedimento. As peças cerâmicas encontradas neste sepultamento estavam fragmentadas o que, neste sentido, não é plausível chegar a resultados precisos acerca de sua localização em relação corpo. Acerca das movimentações ósseas, foi identificado que as áreas abdominais e pélvicas se apresentaram atípicas para a posição original, sugerindo que os vasilhames estivessem localizados sobre essas partes específicas do corpo e criariam espaços vazios.
165	Não identificado (dentro de uma urna funerária)	Carvalho (2006) observa algumas conexões anatômicas presentes nesse indivíduo que foi encontrado no interior de uma urna: membros superiores e inferiores, vértebras e ossos ilíacos. No entanto, a autora não consegue observar a posição clara do tipo de espaço (vazio ou preenchido) e as fotografias também não expressam, de forma intensa, a organização óssea no interior do vasilhame cerâmico.

167	Não identificado (dentro de uma urna funerária)	Sepultamento secundário encontrado no interior de uma urna. É plausível identificar, através das fotografias, três ossos longos, sendo que apenas o fêmur direito foi possível de ser reconhecido. Carvalho (2006) demonstra que existe algumas conexões anatômicas, sendo essas entre ossos longos e os ossos do pé (sem maiores informações). Apesar das conexões anatômicas observadas, não foi plausível identificar o tipo de espaço, no entanto, a cova foi delimitada pelo próprio artefato cerâmico em que os ossos foram colocados.
166	Não identificado (dentro de uma urna funerária)	Também um sepultamento em urna, não foi plausível identificar o tipo de espaço em que este indivíduo tenha sido alojado, apesar de algumas conexões anatômicas estarem visíveis, como demonstra Carvalho (2006). Essas conexões podem ter sido mantidas através do preenchimento do espaço por sedimento ou o preenchimento ter ocorrido de forma tardia, no pós-decomposição. A interpretação inicial realizada por Carvalho (2007) apresenta que tal sujeito tenha sido depositado no interior da urna após o processo de ritual funerário secundário, no entanto, por ser observado conexões anatômicas, sugerimos a possibilidade de que tal indivíduo tenha recebido enterramento primário e, provavelmente, depositado sentado dentro da urna. Faz-se necessário maiores estudos.
142	Preenchida	O esqueleto encontra-se em posição dorsal, com o membro superior levemente fletido sobre o membro superior esquerdo que se encontra levemente estendido. A cova desse indivíduo foi preenchida por sedimento, fato este identificado pelas conexões anatômicas intactas. Além, é perceptível que a cova era estreita: um espaço aberto que coube apenas o corpo do falecido, sendo visto o efeito parede sobre algumas posições ósseas, como a verticalização das clavículas e a posição arqueada dos ossos íliacos. Nota-se que as costelas estão rebaixadas para o fundo da cova, em uma movimentação explicada pelo volume torácico, do qual a decomposição dos tecidos moles, como o pulmão, criou-se um espaço inicialmente vazio e que foi preenchido posteriormente por sedimento que mantivesse tais ossos em sua posição original.
55	Preenchida	Esqueleto em um bom estado de preservação, sendo que suas conexões anatômicas se apresentam também em um bom estado de preservação. A presença dessas conexões demonstra se tratar de uma cova preenchida e, mesmo na região craniana onde foi coberta pelo vasilhame cerâmico, é plausível observar que os ossos se mantêm em sua posição original, não sendo plausível identificar que nesta área houvesse algum espaço vazio que possibilitasse a movimentação óssea.
118	Preenchida com alguns espaços vazios	Não conseguimos muitos avanços, visto que a única fotografia disponível ainda se apresentava com os vasilhames cerâmicos sobre o crânio e a região abdominal. No entanto, foi plausível identificar que os membros inferiores, ambos fletidos, apresentavam-se em uma área da cova mais elevada. No croqui, não identificamos a coluna vertebral, que estaria localizada abaixo de um vasilhame, esta perda óssea pode sugerir, mas não necessariamente, um espaço vazio. Também foi observado que a mandíbula se encontra afastada do crânio, não sendo identificado a conexão temporomandibular, sendo esta também uma indicação que os vasilhames cerâmicos impediram que parte dos remanescentes esqueléticos tivessem contato com a sedimentação.
119	Preenchida com alguns espaços vazios	Indivíduo com a região craniana e o abdominal coberta por vasilhames cerâmicos. O crânio, anatomicamente intacto, apresenta ter sido preenchido por sedimento antes da cerâmica ter sido alojada, diferente da região abdominal que apresenta movimentação óssea, inclusive os ossos do membro superior esquerdo que se encontrava fletido acima das costelas, esterno e vértebras torácicas, também é plausível observar que os ossos de um animal da espécie furão ( <i>Galictis cf. Cuja</i> ) – dado este alcançado através das análises de Chaix e Queiroz (1999) – também apresentaram movimentações, indicando que o espaço abaixo da cerâmica se manteve vazio durante a decomposição dos tecidos moles. Outro fator importante se dá pelos membros inferiores apresentarem-

		se arqueados, sendo que a articulação e dos fêmures, tíbias e fíbulas (o joelho) foi encontrada na camada 9, 3 camadas acima do fundo da cova onde repousava os outros remanescentes do morto.
116	Preenchida com alguns espaços vazios	É possível observar que a mandíbula foi encontrada bastante afastada de sua posição original, mas ainda sim abaixo do vasilhame cerâmico, demonstrando que, por estar em uma área vazia, durante a decomposição dos tecidos moles, a articulação com o osso temporal (Articulação Temporomandibular) se desfez, fazendo com que a mandíbula se movimentasse. Outro fator interessante refere-se à posição do crânio, um possível caso de decapitação, onde este foi encontrado alojado ao lado do úmero esquerdo, de acordo as descrições de Carvalho (2006). A autora também faz inferência de que tal posicionamento do crânio tivesse relação com algum tipo de violação por parte de curiosos, visto que nesse conjunto funerário havia a presença pujante de adornos, contudo, para além da cabeça desse indivíduo ter sido observada fora da sua posição anatômica original, não houve outros tipos de desordens ósseas, como também não foi possível diagnosticar desorganizações nos adornos identificados com tal sujeito. Excetuando a possível decapitação, sugerimos também que a disposição do crânio estivesse relacionada ao tamanho da cova, sendo esta menor e mais estreita para a acomodação do corpo inteiro, sendo possível que no momento do enterramento, o crânio tenha sido separado do corpo; outro fator possível de ter acontecido tem relação com o único vasilhame colocado sobre a cabeça e a região torácica e abdominal, indicando que tais partes do corpo deveriam ter sido alojadas abaixo da cerâmica.
164	Vazia	Sepultamento encontrado no interior de uma urna. Os ossos encontram-se bem-posicionados no fundo do vasilhame cerâmico, demonstrando que tal indivíduo tenha sido colocado sentado na vasilha e, pela razão da gravidade, durante o processo de decomposição, ossos se desarticulassem (não completamente) e se acomodassem ao fundo. É possível observar que o crânio se encontra acima dos membros superiores e inferiores e que a coluna vertebral se encontra arqueada contra a parede do vasilhame, tal realidade nos indica tratar-se de um sepultamento sentado. Outrossim, o espaço é vazio, visto que durante o processo cadavérico, as articulações se movimentaram e o corpo se desprendesse para o fundo da cova, no caso, o vasilhame.

4. Dados referentes aos sepultamentos com vasilhames cerâmicos, de acordo as descrições de Carvalho (2006), Dantas e Lima (2004), Silva (2013 e 2017) e Vergne (2004).

### SEPULTAMENTO 34

<p style="text-align: center;"><b>Croqui:</b></p> 	<b>Setor:</b> AE31/35
	<b>Camadas:</b> 4-6
	<b>Sexo:</b> Masculino
	<b>Idade:</b> 40-49
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal
	<b>Posição dos membros superiores:</b> alongados
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> alongados
	<b>Orientação do crânio:</b> sudeste
	<b>Orientação da face:</b> noroeste
<b>Acompanhamentos funerários:</b> duas peças cerâmicas cobrindo o crânio e o abdômen, além de ossos de ave falconiforme.	

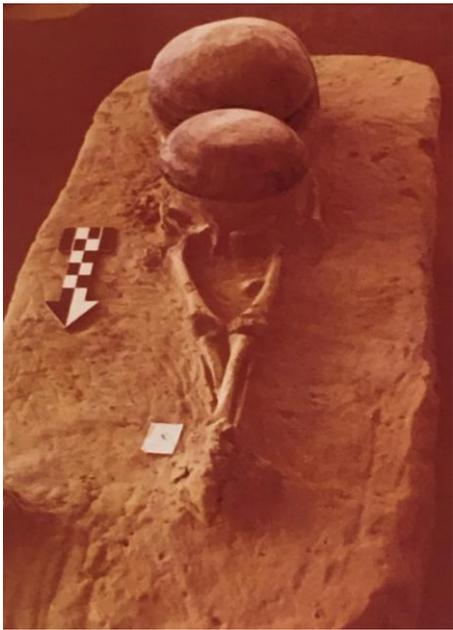
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
34p	semiesférico de contorno simples e borda vertical, lábio arredondado e base côncava. 15 cm de altura e diâmetro da borda de 26 cm. Técnica de confecção acordelada, alisado e sem decoração, antiplásticos minerais como quartzo e mica, com marcas de dedos em alguns pontos da vasilha deixados no momento de confecção da peça.	
34gr	vasilhame associado de contorno simples e borda vertical sem reforço, lábio arredondado e base côncava. 24 cm altura e diâmetro da borda de 40 cm. Técnica de confecção acordelada, alisado e sem decoração, antiplásticos minerais com quartzo e mica.	

## SEPULTAMENTO 31

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> FL16/20
	<b>Camadas:</b> 4-7
	<b>Sexo:</b> Indeterminado
	<b>Idade:</b> 30-39
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito lateral esquerdo
	<b>Posição dos membros superiores:</b> indeterminado
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> indeterminado
	<b>Orientação do crânio:</b> norte
	<b>Orientação da face:</b> leste
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> duas peças cerâmicas cobrindo a região do ombro e do quadril, além de um colar de contas de origem faunística.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>11.597</b>	<p>semiesférico, de contorno simples, borda direta, lábio arredondado e base côncava. Altura de 13 cm e diâmetro da borda de 33 cm. Técnica de confecção acordelada, alisada e sem decorações. Antiplástico mineral composto por quartzo e mica. Pontos escuros da vasilha foram deixados no momento de confecção da peça.</p>	
<b>16.596</b>	<p>semiesférico de contorno simples e borda direta, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. O acabamento da peça apresenta-se pouco acurado, resultando em uma borda bastante irregular, como ressaltos e ondulações. Altura com 22 cm e diâmetro da borda de 38.5 cm. Técnica de confecção acordelada, alisada e sem decoração. Antiplástico mineral composto por quartzo e mica.</p>	

## SEPULTAMENTO 33

<p><b>Imagem:</b></p> 	<p><b>Setor:</b> FL26/30</p> <p><b>Camadas:</b> 5-6</p> <p><b>Sexo:</b> Masculino</p> <p><b>Idade:</b> 40-49</p> <p><b>Tipo de enterramento:</b> primário</p> <p><b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal</p> <p><b>Posição dos membros superiores:</b> alongados</p> <p><b>Posição dos membros inferiores:</b> alongados</p> <p><b>Orientação do crânio:</b> nordeste</p> <p><b>Orientação da face:</b> sul</p> <p><b>Acompanhamentos funerários:</b> duas peças cerâmicas cobrindo a região do crânio e do abdômen, além de ocre e ossos sem determinação da espécie.</p>
---	---

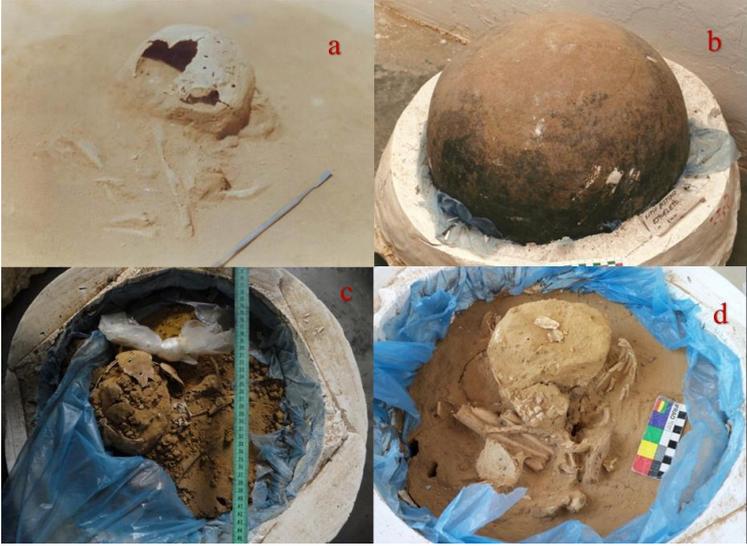
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
12.647	semiesférico de contorno simples e borda direta, com leves ondulações, lábio arredondado, base côncava, porém levemente aplainada. A técnica de confecção é acordelada com tratamento de superfície alisado e sem decoração, sendo os antiplásticos minerais com quartzo e mica. Das dimensões da peça, nota-se que o diâmetro da boca é de 31 cm e a altura do vasilhame de 10 cm.	
12.648	semiesférico de contorno simples e borda direta, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. O acabamento da peça demonstra que essa foi pouco acurada, resultando em uma borda bastante irregular, com ressaltos e ondulações. Das dimensões, a peça tem 22 cm de altura e diâmetro da borda de 38.5 cm. Técnica de confecção acordelada, com tratamento de superfície alisada e sem decoração. Em relação aos antiplásticos, nota-se a presença de quartzo e mica.	

## SEPULTAMENTO 138

<p><b>Croqui:</b></p> 	<b>Setor:</b> MR6/10
	<b>Camadas:</b> 7-10
	<b>Sexo:</b> Indeterminado
	<b>Idade:</b> 12-18 meses
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> sentado
	<b>Posição dos membros superiores:</b> -
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> -
	<b>Orientação do crânio:</b> -
	<b>Orientação da face:</b> -
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este sepultamento encontra-se um vasilhame cerâmico que cobria totalmente o corpo do indivíduo. Abaixo, foram identificados uma peça lítica, um vasilhame cerâmico de pequeno porte, além de contas de vidro e faunístico, sendo este um colar.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
138	<p>semiesférico, contorno simples, borda direta e sem reforço, lábio arredondado e base côncava. O acabamento dispensado à peça é pouco acurado tornando a borda da mesma com ressaltos (?) e ondulações. A técnica de confecção é acordelada, com tratamento de superfície alisado. Das dimensões, nota-se que a altura da vasilha tem 22 cm e o diâmetro da borda é de 34,5 cm. Ao antiplástico, possível conferir que é mineral de quartzo e mica.</p>	

## SEPULTAMENTO 140

<p><b>Imagens:</b></p> 	<b>Setor:</b> MR6/10
	<b>Camadas:</b> 7-10
	<b>Sexo:</b> Indeterminado
	<b>Idade:</b> 12-18 meses
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> sentado
	<b>Posição dos membros superiores:</b> -
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> -
	<b>Orientação do crânio:</b> -
	<b>Orientação da face:</b> -
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este sepultamento encontra-se um vasilhame cerâmico que cobria totalmente o corpo do indivíduo. Abaixo, foram identificados uma peça lítica, um vasilhame cerâmico de pequeno porte, além de contas de vidro e faunístico, sendo este um colar.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
140	<p>Semiesférico de contorno simples, borda direta, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelado, tratamento de superfície alisado e sem decoração, antiplásticos minerais (quartzo, feldspato e mica). Das dimensões, nota-se que altura da peça é de 23 cm e o diâmetro da borda é 39 cm.</p>	

## SEPULTAMENTO 109

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> FL41-45
	<b>Camadas:</b> 8-9
	<b>Sexo:</b> masculino
	<b>Idade:</b> 50-59
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal
	<b>Posição dos membros superiores:</b> levemente estendidos
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos
	<b>Orientação do crânio:</b> norte
	<b>Orientação da face:</b> leste
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> além da peça cerâmica cobrindo o crânio, há 3 tembetás, sendo um em amazonita.</p>	

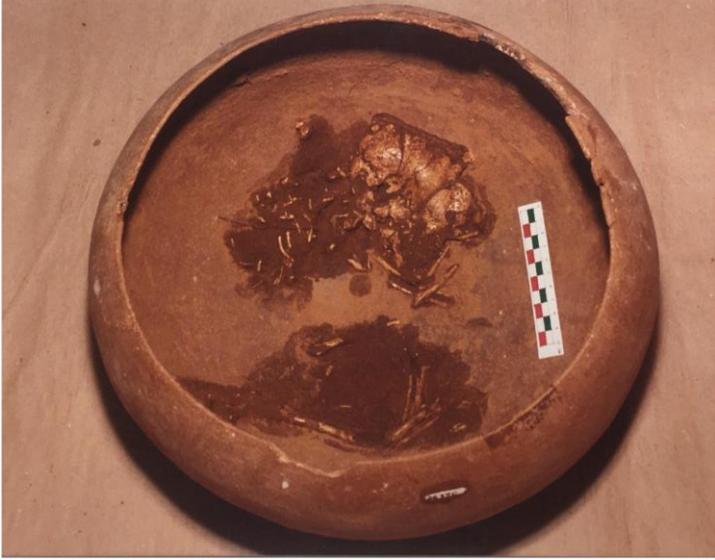
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
20.069	<p>Semiesférico de contorno simples e borda direta, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada, alisada e sem decoração. Antiplástico mineral com presença de quartzo e mica. Das dimensões da peça, nota-se que o tamanho da borda é de 23,5 cm e altura de 12,5 cm.</p>	

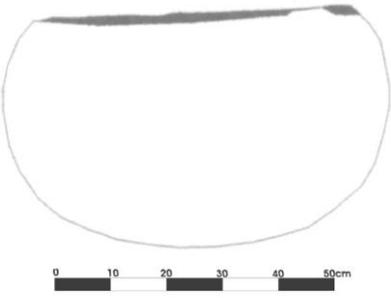
## SEPULTAMENTO 132

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> SX5/10
	<b>Camadas:</b> 8-9
	<b>Sexo:</b> masculino
	<b>Idade:</b> 30-39
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal
	<b>Posição dos membros superiores:</b> alongados
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> alongados
	<b>Orientação do crânio:</b> sudeste
	<b>Orientação da face:</b> noroeste
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> além da peça cerâmica (fragmentada) sobre os membros inferiores, houve presença de 1 tembetá em arenito.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>24.075</b>	<p>Semiesférico de contorno simples e borda direta, sem reforço e levemente ondulado, lábio arredondado e base côncava. Técnica de decoração acordelada com tratamento de superfície alisado e antiplásticos contendo quartzo e mica. Das dimensões, a altura é de 14 cm e o diâmetro da borda é de 37 cm.</p>	
<b>24.076</b>	<p>Semiesférico de contorno simples, técnica do confecção acordelada, borda direta, base convexa, sem decoração, tratamento de superfície alisado em ambas as faces. Seu diâmetro, aproximado, é de 28cm e sua altura de 15cm.</p>	

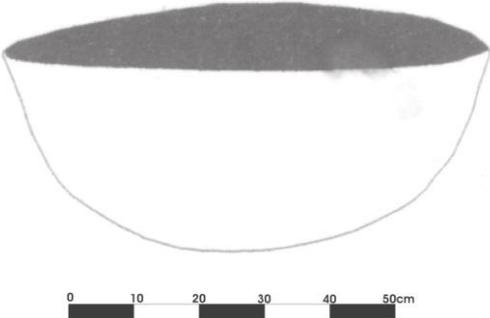
## SEPULTAMENTO 165

<p><b>Imagem:</b></p> 	<p><b>Setor:</b> MR 1/6/1/10</p> <p><b>Camadas:</b> 8-9</p> <p><b>Sexo:</b> indeterminado</p> <p><b>Idade:</b> 0-1</p> <p><b>Tipo de enterramento:</b> primário</p> <p><b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal</p> <p><b>Posição dos membros superiores:</b> alongados</p> <p><b>Posição dos membros inferiores:</b> parcialmente alongados</p> <p><b>Orientação do crânio:</b> indeterminado</p> <p><b>Orientação da face:</b> indeterminado</p> <p><b>Acompanhamentos funerários:</b> há somente a presença da urna funerária onde o indivíduo foi inserido.</p>
--	---

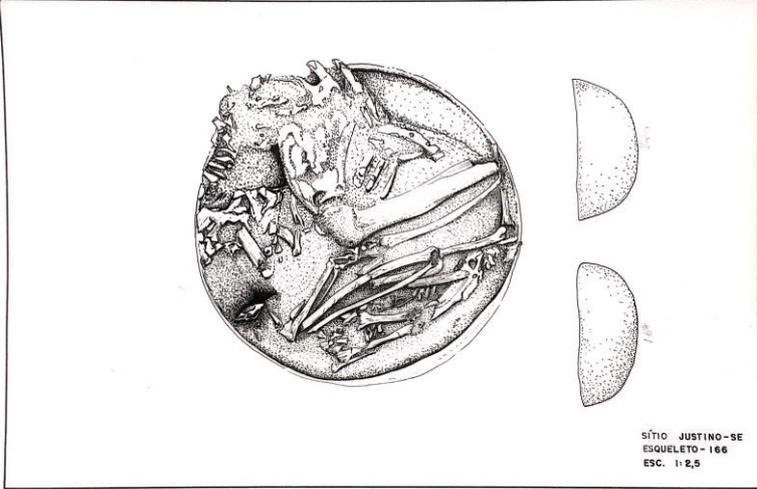
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
26.390	semiesférico de contorno simples e borda introvertida, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. A técnica decorativa é acordelada com tratamento de superfície alisado, sem decoração e antiplástico contendo quartzo e mica. Das dimensões, a altura é de 20 cm e diâmetro da borda de 29,5 cm.	

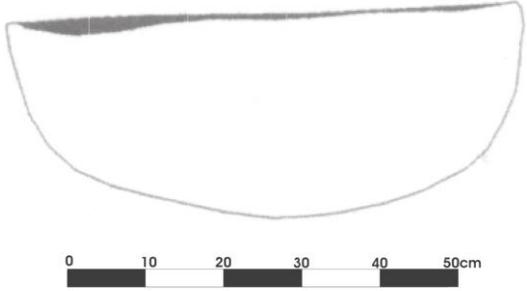
## SEPULTAMENTO 167

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> FL41/45
	<b>Camadas:</b> 6-7
	<b>Sexo:</b> indeterminado
	<b>Idade:</b> adulto indeterminado
	<b>Tipo de enterramento:</b> secundário (?)
	<b>Posição do corpo:</b> -
	<b>Posição dos membros superiores:</b> -
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> -
	<b>Orientação do crânio:</b> -
	<b>Orientação da face:</b> -
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> há somente a presença da urna funerária onde o indivíduo foi inserido.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>26.654</b>	<p>Semiesférico com contorno simples, borda direta com leves ondulações, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada, tratamento de superfície alisado e sem decoração, com antiplástico mineral contendo quartzo e mica. Das dimensões, a altura é de 16 cm e diâmetro da borda 38 cm.</p>	

## SEPULTAMENTO 166

<p><b>Croqui:</b></p> 	<b>Setor:</b> FL41/45
	<b>Camadas:</b> 7-9
	<b>Sexo:</b> indeterminado
	<b>Idade:</b> 40-49
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> -
	<b>Posição dos membros superiores:</b> -
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> -
	<b>Orientação do crânio:</b> -
	<b>Orientação da face:</b> -
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> há somente a presença da urna funerária onde o indivíduo foi inserido.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
26.655	<p>Semiesférico de contorno simples, borda direta, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada com tratamento superfície alisado e sem decoração, antiplástico contendo quartzo e mica. Das dimensões, nota-se a altura de 13 cm e diâmetro da borda de 31 cm.</p>	

## SEPULTAMENTO 142

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> MR6/10
	<b>Camadas:</b> 7-8
	<b>Sexo:</b> feminino
	<b>Idade:</b> 15-19
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal
	<b>Posição dos membros superiores:</b> membro direito fletido e esquerdo parcialmente alongado
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> alongados
	<b>Orientação do crânio:</b> sudeste
	<b>Orientação da face:</b> nordeste
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> há, para além da cerâmica próxima ao crânio, a presença de numa flauta na região torácica próxima ao membro superior esquerdo, e também um adorno labial em cor de verde (mineral não identificado).</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
27.324	<p>Globular de contorno simples e borda direta sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada, com tratamento de superfície alisado e sem decoração, antiplásticos contendo quartzo e mica. Das dimensões, a altura é 11,5 cm e diâmetro da boca de 13 cm.</p>	

## SEPULTAMENTO 55

<b>Imagem:</b> 	<b>Setor:</b> AE31/35
	<b>Camadas:</b> 9-10
	<b>Sexo:</b> masculino
	<b>Idade:</b> indeterminado
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito lateral direito
	<b>Posição dos membros superiores:</b> levemente fletidos
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos
	<b>Orientação do crânio:</b> oeste
	<b>Orientação da face:</b> sul
<b>Acompanhamentos funerários:</b> além do vasilhame cobrindo o crânio, há associado com este indivíduo contas em vidro.	

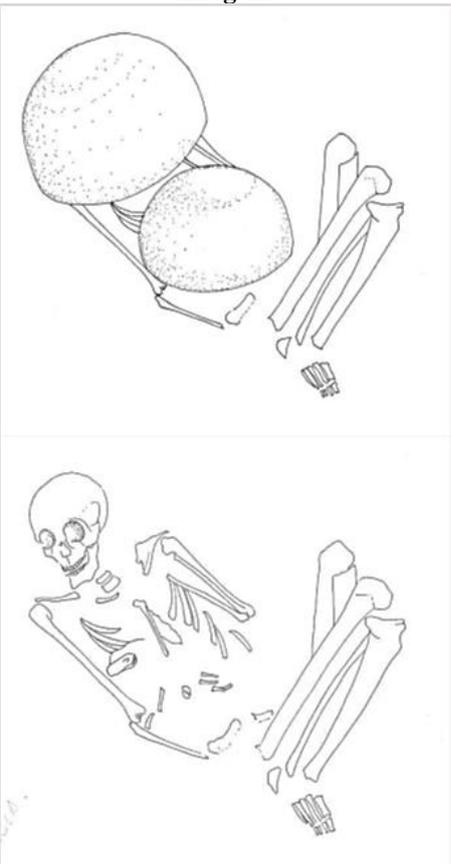
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
12.646	Semiesférico de contorno simples, borda direta, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada, tratamento de superfície alisado e sem decoração, antiplástico mineral (quartzo e mica). Das dimensões, nota-se que o diâmetro da borda é de 33 cm e a altura é de 17 cm.	

## SEPULTAMENTO 118

<p><b>Imagem:</b></p> 	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td><b>Setor:</b> FL41/45</td> </tr> <tr> <td><b>Camadas:</b> 11/14</td> </tr> <tr> <td><b>Sexo:</b> masculino</td> </tr> <tr> <td><b>Idade:</b> 50-59</td> </tr> <tr> <td><b>Tipo de enterramento:</b> primário</td> </tr> <tr> <td><b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal</td> </tr> <tr> <td><b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos</td> </tr> <tr> <td><b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos</td> </tr> <tr> <td><b>Orientação do crânio:</b> noroeste</td> </tr> <tr> <td><b>Orientação da face:</b> sudeste</td> </tr> <tr> <td><b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados adornos com materiais diversos (osso de ave, osso de cervídeo e malacológico).</td> </tr> </table>	<b>Setor:</b> FL41/45	<b>Camadas:</b> 11/14	<b>Sexo:</b> masculino	<b>Idade:</b> 50-59	<b>Tipo de enterramento:</b> primário	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal	<b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos	<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos	<b>Orientação do crânio:</b> noroeste	<b>Orientação da face:</b> sudeste	<b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados adornos com materiais diversos (osso de ave, osso de cervídeo e malacológico).
<b>Setor:</b> FL41/45												
<b>Camadas:</b> 11/14												
<b>Sexo:</b> masculino												
<b>Idade:</b> 50-59												
<b>Tipo de enterramento:</b> primário												
<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal												
<b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos												
<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos												
<b>Orientação do crânio:</b> noroeste												
<b>Orientação da face:</b> sudeste												
<b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados adornos com materiais diversos (osso de ave, osso de cervídeo e malacológico).												

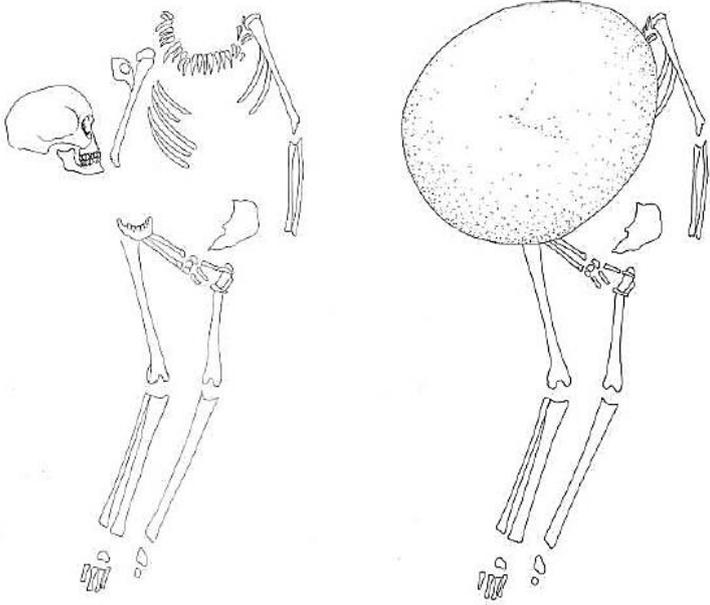
Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>20.630</b>	<p>Semiesférico de contorno simples e borda vertical, sem reforço, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada com tratamento de superfície alisado e sem decorações nas suas faces externas e internas. Do antiplástico, nota-se a presença de quartzo e mica e das suas dimensões, a altura da peça é 23,5 cm e diâmetro da borda de 40 cm</p>	
<b>20.631</b>	<p>Semiesférico de contorno simples, borda vertical, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada com tratamento de superfície alisado e sem decorações em suas faces internas e externas. Do antiplástico, nota-se a presença de quartzo e mica. Das dimensões, a altura é de 25 cm e diâmetro da borda de 42 cm.</p>	

## SEPULTAMENTO 119

<p style="text-align: center;"><b>Imagem:</b></p> 	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Setor:</b> TV26/27</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Camadas:</b> 11-12</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Sexo:</b> masculino</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Idade:</b> 50-59</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Tipo de enterramento:</b> primário</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Orientação do crânio:</b> leste</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Orientação da face:</b> norte</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;"><b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados um filhote da espécie furão sul-americana <i>Galictis Cuja</i> identificado no abdômen do indivíduo e dois membros longos de ave (sem classificação taxonômica) sobre as vértebras torácica.</td> </tr> </table>	<b>Setor:</b> TV26/27	<b>Camadas:</b> 11-12	<b>Sexo:</b> masculino	<b>Idade:</b> 50-59	<b>Tipo de enterramento:</b> primário	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal	<b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos	<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos	<b>Orientação do crânio:</b> leste	<b>Orientação da face:</b> norte	<b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados um filhote da espécie furão sul-americana <i>Galictis Cuja</i> identificado no abdômen do indivíduo e dois membros longos de ave (sem classificação taxonômica) sobre as vértebras torácica.
<b>Setor:</b> TV26/27												
<b>Camadas:</b> 11-12												
<b>Sexo:</b> masculino												
<b>Idade:</b> 50-59												
<b>Tipo de enterramento:</b> primário												
<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal												
<b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos												
<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos												
<b>Orientação do crânio:</b> leste												
<b>Orientação da face:</b> norte												
<b>Acompanhamentos funerários:</b> sobre este indivíduo foi identificado dois vasilhames cerâmicos (sobre o crânio e abdômen), ademais foram encontrados um filhote da espécie furão sul-americana <i>Galictis Cuja</i> identificado no abdômen do indivíduo e dois membros longos de ave (sem classificação taxonômica) sobre as vértebras torácica.												

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>21.996</b>	semiesférico de contorno simples, borda vertical, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada, com tratamento de superfície alisado e sem decoração e antiplástico com quartzo e mica. Das dimensões da peça, nota-se que o diâmetro da peça tem 33 cm e a altura é de 17 cm. Nota-se nesse vasilhame a presença de dois furos, talvez indicando que a peça teria sido reparada visto a fragmentação que se encontra entre os dois furos.	
<b>21.997</b>	Semiesférico de contorno simples, borda vertical, lábio arredondado e base côncava. Técnica de confecção acordelada com tratamento de superfície alisado e sem decorações em suas faces internas e externas. Do antiplástico, nota-se a presença de quartzo e mica. Das dimensões, a altura é de 25 cm e diâmetro da borda de 42 cm.	

## SEPULTAMENTO 116

<p><b>Croqui:</b></p> 	<b>Setor:</b> FL51/55
	<b>Camadas:</b> 12-13
	<b>Sexo:</b> feminino
	<b>Idade:</b> 15-19
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> decúbito dorsal
	<b>Posição dos membros superiores:</b> alongados
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> alongados
	<b>Orientação do crânio:</b> leste
	<b>Orientação da face:</b> sul
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> para além do vasilhame cerâmico cobrindo o abdómen e crânio, apresentou-se com adornos confeccionados a partir de vestígios faunísticos, sendo braceletes, pulseiras, colares e tornozeleiras, além de adornos minerais. Há também descrição de um projétil encontrado no enxoval funerário desse indivíduo, no entanto, não há maiores informações acerca da sua localização junto ao morto.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>20.773</b>	<p>Semiesférico, de contorno simples e borda direta, lábios levemente biselados e base côncava. Técnica de confecção acordelada, tratamento de superfície alisado e sem decoração, antiplástico mineral (quartzo e mica). Das dimensões, nota-se que no diâmetro da borda é de 43 cm e a altura é de 22,5cm. Este vasilhame foi encontrado quebrado e foi reconstituído mediante colagem dos fragmentos recuperados.</p>	

## SEPULTAMENTO 164

<p><b>Imagem:</b></p> 	<b>Setor:</b> MN6/10
	<b>Camadas:</b> 7-10
	<b>Sexo:</b> indeterminado
	<b>Idade:</b> 5-9
	<b>Tipo de enterramento:</b> primário
	<b>Posição do corpo:</b> sentado
	<b>Posição dos membros superiores:</b> fletidos
	<b>Posição dos membros inferiores:</b> fletidos
	<b>Orientação do crânio:</b> -
	<b>Orientação da face:</b> -
<p><b>Acompanhamentos funerários:</b> para além da cerâmica (urna funerária), foi encontrado com este indivíduo um adorno confeccionado a partir de mineral em formato de tembetá.</p>	

Vasilhame	Descrição tecno-tipológica	Imagem
<b>20.709</b>	<p>Semiesférico, de contorno simples, borda direta e lábio arredondado, base côncava, porém ligeiramente aplainada. Técnica de confecção acordelada, tratamento de superfície alisado, antiplástico mineral (quartzo e mica). Das dimensões da peça, nota-se que o diâmetro da borda é de 41,0 cm e altura com 25 cm.</p>	